

ISSN: 1519-8782

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA

Rio de Janeiro, 29 de agosto a 02 de setembro de 2016



CADERNOS DO CNLF, VOL. XX, Nº 01
ANÁLISE DO DISCURSO,
LINGÜÍSTICA TEXTUAL E PRAGMÁTICA



RIO DE JANEIRO, 2016

**UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA
RIO DE JANEIRO – RJ**

REITOR

Arlindo Viana

DIRETOR ACADÊMICO

Eduardo Maluf

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Katia Cristina Montenegro Passos

**PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA E EXTENSÃO**

Maria Beatriz Balena Duarte

DIRETOR DO CAMPUS TIJUCA

José Luiz Meletti de Oliveira

COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS

Flávia Maria Farias da Cunha

COORDENADORA LOCAL DO XX CNLF

Graziela Borguignon Mota

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Boulevard 28 de Setembro, 397/603 – Vila Isabel – 20.551-185 – Rio de Janeiro – RJ
eventos@filologia.org.br – (21) 2569-0276 – <http://www.filologia.org.br>

DIRETOR-PRESIDENTE

José Pereira da Silva

VICE-DIRETOR

José Mario Botelho

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Regina Céli Alves da Silva

SEGUNDA SECRETÁRIA

Eliana da Cunha Lopes

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Anne Caroline de Moraes Santos

VICE-DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Naira de Almeida Velozo.

DIRETORA CULTURAL

Adriano de Souza Dias

VICE-DIRETOR CULTURAL

Agatha Nascimento dos Santos Dias

DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS

José Enildo Elias Bezerra

VICE-DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Dayhane Alves Escobar Ribeiro Paes

DIRETORA FINANCEIRA

Marilene Meira da Costa

VICE-DIRETORA FINANCEIRA

Maria Lúcia Mexias-Simon

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
de 29 de agosto a 02 de setembro de 2016**

COORDENAÇÃO GERAL

*José Pereira da Silva
José Mario Botelho
Adriano de Souza Dias
Agatha Nascimento dos Santos Dias*

COMISSÃO ORGANIZADORA E EXECUTIVA

*Anne Caroline de Moraes Santos
Eliana da Cunha Lopes
Regina Céli Alves da Silva
Maria Lúcia Mexias-Simon
Marilene Meira da Costa
Naira de Almeida Vellozo*

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE APOIO

*Anne Caroline de Moraes Santos
Eliana da Cunha Lopes*

COMISSÃO DE APOIO ESTRATÉGICO

*Marilene Meira da Costa
José Mario Botelho*

COORDENAÇÃO LOCAL

Graziela Borguignon Mota

SECRETARIA GERAL

Silvia Avelar Silva

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

APRESENTAÇÃO

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos apresentou-lhe, na primeira edição deste número 01 do volume XX dos *Cadernos do CNLF*, com os trabalhos relativos a análise do discurso, linguística textual e pragmática apresentados no II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia do dia 29 de agosto ao dia 02 de setembro deste ano de 2016, realizado no *Campus Tijuca* da Universidade Veiga de Almeida, os doze primeiros trabalhos completos entregues pelos autores de acordo com as normas do Congresso, totalizando 179 páginas. Foram acrescentados nesta edição os trabalhos que constam a partir da página 180, relacionados no sumário do final do volume.

Na história das locações deste Congresso, vale lembrar que ele nasceu em 1997, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (São Gonçalo – RJ). Sua segunda edição ocorreu na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – RJ) e, depois disso, quinze edições consecutivas foram realizadas no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – RJ). Por causa disso, muitos participantes frequentes deste Congresso já o consideravam um evento da UERJ, supondo que o CiFEFiL fosse um órgão ou setor daquela instituição.

Somente a partir de 2014 é que ele se realiza fora do âmbito das instituições públicas de ensino superior do Rio de Janeiro, com a adesão da Universidade Estácio de Sá, que gentilmente nos acolheu desde o início daquele ano, quando ali realizamos o VI Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, pelo que agradecemos penhoradamente.

Também em 2014 recomeçamos nossas atividades acadêmicas na Veiga de Almeida, com a IX Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, visto que foi aqui que começaram os primeiros eventos organizados pelo CiFEFiL, quando seu fundador, Emanuel Macedo Tavares era professor de Filologia Românica nesta instituição.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Esperamos retribuir agora, com um evento de alto nível, neste II CILF / XX CNLF, a boa acolhida que tivemos da Universidade Veiga de Almeida, neste retorno a nossas origens, depois de dezoito anos.

Dando continuidade ao trabalho dos anos anteriores, foram editados, simultaneamente, o livro de *Minicursos* e o livro de *Resumos* em três suportes, para conforto dos congressistas: em suporte virtual, na página do Congresso (http://www.filologia.org.br/xx_cnlf); em suporte digital, no *Almanaque CiFEFiL 2016* (DVD) e, no caso dos *Resumos*, *Programação*, *Minicursos* e *Ensaio Dispersos de Paulo de Tarso Galembeck*, também em suporte impresso.

Os congressistas inscritos nos minicursos recebem um exemplar impresso do livro de *Minicursos*, sendo possível também adquirir a versão digital, desde que pague pela segunda, que está no *Almanaque CiFEFiL 2016*.

O *Almanaque CiFEFiL 2016* já traz publicados, além dos referidos livros de *Minicursos*, *Resumos*, *Programação* e *Ensaio Dispersos de Paulo de Tarso Galembeck*, mais de textos completos deste XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, para que os congressistas interessados possam levar consigo a edição de seu texto, não precisando esperar até o final ano, além de toda a produção do CiFEFiL nos anos anteriores.

Haverá uma segunda edição das edições eletrônicas, que deverá sair a partir de dezembro, em que serão incluídos todos os trabalhos relativos aos temas desse número.

Agradecemos aos congressistas participantes e esperamos que esta publicação seja útil a todos os interessados nos temas que ela inclui para o progresso das ciências linguísticas, filológicas e literárias.

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 2016.



II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SUMÁRIO¹

0. Apresentação –	5
<i>José Pereira da Silva</i>	
1. A construção subjetiva promovida pela revista <i>Capricho</i> em 2013 sob um olhar bakhtiniano	9
<i>Olivaldo da Silva Marques Ferreira</i>	
2. Análise da campanha publicitária “contos de fadas” dO Oticário	19
<i>Édina de Fatima de Almeida e Dircel Aparecida Kailer</i>	
3. Dialogismo bakhtiniano e suas interfaces com a sociopragmática	30
<i>Bruno Gomes Pereira</i>	
4. Discurso jocoso em músicas que incitam a violência contra a mulher: materialidade linguística	44
<i>Claudete Carvalho Canezin e Edina Regina Pugas Panichi</i>	
5. Embates discursivos no Congresso Nacional a respeito da implementação (ou não) do novo conceito de família: um olhar midiático	55
<i>Fernanda Pinheiro de Souza e Silva</i>	
6. Gêneros textuais/discursivos e ensino: uma análise de atividades com gêneros orais em coleções didáticas do ensino fundamental II	74
<i>Gilvan Mateus Soares</i>	
7. Lendo o vampiro na contemporaneidade: uma perspectiva queer	85
<i>Elio Marques de Souto Junior</i>	

¹ Este sumário será repetido ao final do volume, onde será incluído o sumário completo da segunda edição, em que serão acrescentados os trabalhos que não foram publicados na primeira.

8. **O funk consciente de Mc Garden 95**
Leonardo Gomes de Souza, Lídia Maria Nazaré Alves, Vithor Pierkaski Maia Alves e Ivete Monteiro de Azevedo
9. **Reflexões sobre a representação de gênero no conto “Imitação da Rosa” de Clarice Lispector e “Uma Carta” de Machado de Assis 116**
Lorena da Fonseca Cavoli e Lídia Maria Nazaré Alves
10. **Representação do ator social Xuxa em uma reportagem da revista *Contigo! Marketing* na linguagem publicitária 128**
Bruno Gomes Pereira
11. **Um pequeno esboço a partir do Samba de Uma Nota Só: da metalinguagem da Bossa Nova e seu arquétipo estético 148**
Manuela Chagas Manhães
12. **“Você não imagina do que uma Duloren é capaz”: um estudo de caso 161**
Rodrigo Cristiano Alves, Larissa Rodrigues Natalino e Sônia Maia Teles Xavier

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA PROMOVIDA PELA REVISTA
CAPRICO EM 2013 SOB UM OLHAR BAKHTINIANO²

Olivaldo da Silva Marques Ferreira (IFES/UFES)
olivaldoferreira@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é, sob a perspectiva teórica do chamado "Círculo de Bakhtin", discutir os processos de formação subjetiva desencadeados pela maior revista brasileira em seu segmento editorial na atualidade, a *Capricho*, a partir de suas edições do ano de 2013. Para isso, elegemos uma parte específica do periódico: a seção intitulada "Terapia de Grupo". Espera-se, nesse breve estudo, elucidar a maneira como a teoria bakhtiniana encara a questão da subjetividade e como uma revista de público segmentado atua nesse processo.

Palavras-chave: Alteridade. Subjetividade. Mídia. Revista *Capricho*.

1. Introdução

Segundo o pensamento bakhtiniano (aqui entendido como a teoria pensada por todos aqueles que compuseram o, hoje denominado, Círculo de Bakhtin), a vida em sociedade é constitutivamente dialógica. Ser, ou ainda, existir em sociedade é, portanto, sinônimo de interagir, de dialogar. Daí que, na perspectiva bakhtiniana, o sujeito se constitui e só pode ser percebido pela (e na) enunciação que produz.

Como o sujeito só existe na comunicação e esta - desde a noção de signo à enunciação concreta em forma de gênero do discurso - é essencialmente social, exterior e dialógica, a constituição do sujeito dar-se-á seguindo o mesmo viés: social, exterior e dialógico, pela *alteridade* (a relação com o outro).

Destaca-se que, com isso, o sujeito não deve ser entendido como algo integralmente determinado pelo outro, definido única e exclusivamente pela exterioridade. Há sempre uma contrapartida pessoal. Compreende-se a subjetividade como o espaço singular formado pelos caminhos que tais estímulos externos percorrem em cada ser.

² O presente texto é uma parte da nossa dissertação de mestrado intitulada "Sujeitos de papel: um estudo bakhtiniano acerca da construção de subjetividade promovida pela revista *Capricho*."

Opondo-se à "identidade", pela qual o sujeito se constituiria enquanto tal graças às faculdades que lhe seriam particulares e intrínsecas, o princípio da *alteridade* admite que o indivíduo se constitui na sua relação (dialógica) com outros indivíduos e sua consciência, formada ideologicamente, o caracteriza como sujeito social. Nesse sentido, Mikhail Mikhailovich Bakhtin explica que "eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro por encontrar um outro em mim". (BAKHTIN, 1961, p. 287 *apud* FARACO, 2010, p. 76)

Em outras palavras, é a convivência com o outro (entendida como interação dialógica, não indiferente) a base para constituição do ser. Sendo esse um elemento inacabado e incompleto, necessita indispensavelmente do outro para existir, em um processo de alteridade no qual o sujeito nunca e o mesmo, mantendo-se em constante mudança por meio da existência compartilhada com o outro, que desperta no sujeito a necessidade de busca por sua completude.

Nesta perspectiva a própria consciência dos sujeitos é fator socioideológico, pois, mesmo que se desenvolva no organismo individual, o conteúdo psíquico, para Mikhail Mikhailovich Bakhtin, é socialmente determinado. Tal posicionamento tem como âncora a premissa de que a consciência é um produto de linguagem, isto é, sem linguagem não há como conceber o psiquismo: "Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção". (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 1981, p. 117-118)

Mikhail Mikhailovich Bakhtin considera que o psiquismo está localizado na fronteira entre o organismo biológico individual e o mundo exterior concreto de modo que o encontro das duas dimensões ocorre sempre mediado pelos signos (estes indissolivelmente ligados à situação social).

O psiquismo, portanto, é uma realidade socioideológica, a qual não é possível fora dos signos. Ou seja, a consciência humana não existe forma da linguagem e esta, por sua vez, é constituída a partir da interação entre sujeitos socialmente localizados. Temos, então, que a consciência é sígnica e os signos, ideológicos; os sujeitos são, portanto, realidades socioideológicas consubstanciadas na linguagem e possíveis graças as suas inter-relações com outros sujeitos.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

2. A seção "'Terapia de Grupo''

Comunicamo-nos por meio de enunciados, produtos das práticas sociais, sempre ligados, portanto, à situação em que são produzidos de modo que, quando uma situação se torna recorrente em um grupo, as necessidades comunicativas relativas a ela também passam a surgir com maior frequência de forma que aquele tipo de enunciado passa a ser cada vez mais usado, o que leva a sua (relativa) estabilização, resultando em um *gênero do discurso*.

As revistas femininas, por possuírem condições de produção e de recepção muitas vezes bastante semelhantes, costumam ser veículo dos mesmos gêneros do discurso; é o caso dos tipos enunciativos com forte apelo na formação e na consolidação de certos valores em suas destinatárias e que, portanto, sugerem determinadas atitudes e comportamentos, tais como os vários tipos de enunciados que, genericamente, chamaremos de "correio sentimental" e aquelas colunas em periódicos que trazem dicas de etiqueta social ou ainda orientações específicas direcionadas às mães, às donas de casa, às mulheres que trabalham fora etc.

Em cada caso, o gênero é reflexo das condições materiais específicas em que é produzido: quem escreve e para quem é direcionado, onde circula, por meio de que veículo e como é feito; e, de modo mais amplo, refletirá todo o contexto social e histórico da cultura em que é produzido e onde circula.

A maneira como a revista *Capricho* é organizada obriga que enunciados nos quais a natureza formativa é mais evidente integrem *Você*, parte que, como o próprio nome já adianta, busca tratar de assuntos que dizem respeito diretamente àquela que a lê e que por isso é composta por enunciados de caráter bem mais intimista e reflexivo, se comparados aos publicados nas outras partes da publicação, além disso, os assuntos tratados nas seções que compõem *Você* são sempre os mais delicados e polêmicos de toda a edição e estão ligados basicamente à vida afetiva, sexual e à postura comportamental das adolescentes contemporâneas.

Perfeitamente integrada às outras seções que compõem a revista, "Terapia de Grupo", mesmo tendo como objetivo tratar de assuntos considerados mais difíceis, por serem vistos como verdadeiros problemas por parte de suas leitoras, apresenta-os de forma descontraída, afetuosa e alegre: as fontes, cores, imagens e linguagem que integram a seção impingem a mesma leveza, delicadeza e jovialidade das outras partes de *Capricho*.

Das vinte e seis edições do ano de 2013, "Terapia de Grupo" foi publicada em dezoito delas; desse montante, apresentaremos cinco que julgamos serem boas representantes para fins analíticos³. Antes da análise, entretanto, apresentamos, sucintamente, os elementos que, segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, estruturam organicamente os gêneros do discurso:

1. *Tema*: questões relativas ao universo íntimo das adolescentes que compõem o grupo a que a *Capricho* direciona seus enunciados;
2. *Estilo*: *familiar*, por vezes, *íntimo*, em que se percebe os interlocutores fora do âmbito das hierarquias e das convenções sociais sendo marcado por uma atitude pessoal e uma informalidade com relação à linguagem;
3. *Construção composicional*: após a identificação da seção pelo nome e de seu título e subtítulo, é apresentado o relato de uma adolescente (identificada apenas pelas iniciais do seu nome, e idade) com uma questão que lhe incomoda. Em seguida, três conselhos (cada um, assim como a questão inicial, delimitado por aspas) são apresentados: os dois primeiros de outras adolescentes (estas identificadas por nome e sobrenome completos e idade) e o último feito pela consultora de imagem e psicóloga Mara Pusch (identificada pelo nome e ocupação profissional). Como cenário ao texto, uma foto apresenta seres inanimados que, graças à intervenção digital do ilustrador, são personificados e dramatizam, em um fundo monocromático fluorescente, que algumas vezes contrasta com as cores das letras e de outras partes da seção, a situação-problema descrita. Ao final, no rodapé da página, o endereço eletrônico para que outras meninas possam participar da seção é apresentado.

3. *Análise do corpus*

Tendo como elemento de seu contexto social, histórico e cultural o *capitalismo*, a revista *Capricho* é gerada e gerida desde a sua fundação, em 1952, seguindo a lógica desse sistema econômico de produção, inclu-

³ "Minha irmã me copia" (ed. 1166, 13 jan.); "Ciúmes da *bff* com o namorado" (ed. 1173, 21 abr.); "A fim de garotas" (ed. 1174, 5 mai.); "Complexo de baixinha" (ed. 1180, 28 jul.); "Duelo de *bests*" (ed. 1183, 8 set.).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sive, adaptando-se às mudanças do próprio sistema capitalista para manter-se competitiva no mercado.

Em primeiro lugar, a própria confecção da *Capricho* está condicionada a uma necessidade do mercado já que, em última análise, trata-se de um bem de consumo que precisa ser adquirido mediante compra. A fim de permanecer atraente àqueles que aspira atingir, despertando-lhes interesse em consumi-la, a Revista ao longo da sua trajetória vem buscando alinhar o conteúdo e a maneira como este é apresentado aos desejos e perfil do público eleito. Conhecendo bem as características essenciais do nicho do mercado que quer atingir, a Revista consegue elaborar um produto que, ao mesmo tempo em que atende os desejos existentes, proporciona o despertar de novas necessidades de consumo, gerando um ciclo ininterrupto e, por consequência, extremamente lucrativo.

Segundo o pensador francês Jean Baudrillard (1995), o desenvolvimento econômico capitalista traz uma contradição: a capacidade ilimitada da produção e limitada do consumo, que faz com que o capitalismo seja obrigado a criar necessidades de consumo incessantemente. Neste aspecto, promovendo a cultura da acumulação, uma maior descartabilidade dos objetos e incitando desejos de consumo, atua a revista *Capricho*.

A lógica capitalista também é determinante na delimitação dos assuntos abordados pela revista, bem como na constituição dos seus gêneros discursivos. No caso específico do gênero produzido na seção "Terapia de Grupo", identificamos a influência do capitalismo em dois pontos, principalmente: em um discurso com forte apelo na filosofia da *autoajuda*, e na defesa que a revista faz ao *individualismo*.

Na dinâmica capitalista, há uma supervalorização do individual. De acordo com sua lógica, o maior responsável pelo sucesso ou fracasso alcançado durante a vida é o próprio indivíduo, de modo que seu esforço, perseverança, resiliência e motivação pessoais representam as condições essenciais para se alcançar determinados objetivos. Assim sendo, a categoria do indivíduo que o sistema econômico capitalista engendra carrega consigo as noções de liberdade, autonomia e, em certo sentido, de autorresponsabilidade: todo ser humano é capaz de, por meio de suas forças e vontades individuais, alcançar a realização pessoal, profissional, estabilidade financeira, um bom relacionamento, vida sexual ativa e satisfatória, uma família feliz, um corpo saudável, atraente, uma bela casa, um carro

novo etc. Portanto, cada um é autor de sua história, dono de sua vida e responsável unicamente por ela.

Em "Terapia de Grupo", a seção "Duelo de bests" da edição nº 1183 exemplifica bem a visão individualista que a Revista veicula. Quando a consulente questiona como proceder numa situação em que dois de seus amigos não se dão bem um com o outro, a *Capricho*, por meio da psicóloga Mara Pusch, deixa claro que todos têm responsabilidades dentro de uma relação, devendo a cada um, individualmente, cuidar da parte que lhe cabe:

Querida A., na verdade, quem tem que resolver esse problema é a sua amiga, que parece não saber lidar direito com o ciúme. (...) cabe a ela saber se conseguiu suportar o ciúme. (...) Sua parte em garantir um clima ok você já está fazendo.

Com esse movimento ao individual, o ser que se percebe único vai em busca de sua *autenticidade*, daquilo que o diferenciara dos demais. Muitas vezes, esse diferencial é buscado não por atitudes ou posicionamentos intelectuais, mas (alinhando-se mais uma vez à ideologia capitalista) àquilo que consome, que é capaz de comprar.

Em "Minha Irmã me Copia" (edição nº 1166), Y. E. se incomoda com o fato de sua irmã mais nova usar roupas e perfumes iguais aos dela e também de imitar suas atitudes, pois acredita que dessa forma a autenticidade, originalidade e singularidade que construiu para si mesma estaria sendo irremediavelmente maculada.

"Acontece com as roupas, com o jeito de falar e até com o meu perfume: minha irmã copia tudo o que eu faço!

(...) Cansei, não quero uma cópia minha andando por aí."

Reconhecendo a individualidade do ser⁴ e que este é o responsável por sua criação, a revista reduz a formação da personalidade da irmã mais nova de Y. E. à compra e uso de roupas, sapatos e perfumes. Afirma-se que há uma redução, pois a consulente afirma ser copiada em tudo o que *faz* e não apenas no que *usa*:

(...) há um lado bem chato, pois você acaba perdendo sua marca registrada e ela não criando a dela. (...) É claro que você sempre vai estar lá para ajudar e dar conselhos, mas ela precisa seguir o caminho dela.

⁴ Interessante destacar a metáfora produzida para representar esta individualidade: "marca registrada", expressão organicamente imbricada à ideologia capitalista, compara implicitamente os sujeitos a produtos comercializáveis, a bens que existem para serem consumidos.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

(...) Sabe como acontece com a Kristen Stewart, com a Selena Gomez ou com a Manu Gavassi? Todo mundo vê o que elas estão usando e quer copiar? (...) Monte looks, escolha um perfume com a cara dela e ajude-a a encontrar o próprio estilo.

Há, portanto, nas seções "Terapia de Grupo" a construção de sujeitos que exigem ser reconhecidos em sua individualidade e originalidade, atributos conseguidos muitas vezes a partir daquilo que conseguem comprar. Como outro aspecto relativo a esse voltar-se para si "Terapia de Grupo" é composto por enunciados com forte caráter de *autoajuda*, no sentido de que defendem o aprimoramento pessoal a partir do conhecimento das potencialidades e superação das consideradas deficiências do indivíduo.

Representando uma das ferramentas que possibilita ao homem o autodomínio, o controle de suas emoções e impulsos e a automotivação, o discurso da autoajuda promete encaminhar aqueles que a ele recorrem a um atalho para o sucesso e para a felicidade.

A *Capricho*, em "Terapia de Grupo", deixa explícito o discurso de autoajuda na forma como aconselha as consulentes a lidarem com seus problemas. Segundo a Revista, a solução está na maneira como as meninas enxergam os problemas, assim, a questão mais importante não seria a situação em si, mas a forma como cada um decide, por conta própria, encará-la.

Em "Ciúme da BFF com o Namorado" (edição nº 1173), a orientação dada à garota que está insegura no relacionamento, pois sabe que seu namorado já foi apaixonado pela melhor amiga dela, é basicamente esta: a melhora está em você, re programe sua forma de ver a situação e mude a maneira de pensá-la.

(...) Portanto, só resta se convencer do que essa possibilidade de o seu namorado ficar com a sua amiga é praticamente nula, ok? Um bom exercício para fazer todas as vezes em que o bichinho do ciúme te morder é repetir para si mesma que ele te ama. Também vale se lembrar de todos os momentos legais que vocês dois viveram juntos. Pode ter certeza de que essa insegurança vai passar mais rápido.

Situação semelhante percebemos em *Complexo de baixinha* (edição nº 1180) em que, somada à noção anterior de que tudo o que é necessário para sermos felizes é mudar a forma como encaramos os problemas, é declarada a importância de gostarmos de nós mesmos independentemente de nossos atributos físicos, e ainda que, à medida que agimos dessa forma, os outros ao redor passariam a nos admirar também.

(...) Você já tentou transformar o que você julga como defeito em qualidade? Comigo funcionou superbem!

(...) O engraçado é que hoje, quando posto minhas fotos de editoriais no Facebook, aquelas pessoas que costumavam me zoar na escola são sempre as primeiras a curtir. Sei que é difícil, mas a aprenda a gostar de si mesma.

A grande sacada está em não brigar com essa característica e tentar achar graça em si mesma. Isso sem falar nas vantagens, né? Ser menor do que qualquer cara com quem você quiser namorar, ficar confortável nas poltronas apertadas do avião, poder usar o maior salto do mundo sem encações... Para cada pensamento ruim sobre sua altura, tenha dois bons!

Por fim, a apresentação de diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto corrobora com a ideia de que não há uma forma exclusiva de se enfrentar determinada situação, confirmando, assim, a noção de que não há um modelo pré-estabelecido que todos devam adotar, ou ainda um guia padrão de vida para todo um grupo. Pelo contrário, tal como o individualismo promovido pelo capitalismo apregoa, cada ser é autônomo para decidir a melhor maneira de orientar sua vida em particular e, seguindo as orientações do discurso de autoajuda, buscar em si e em suas experiências pessoais as respostas para os dilemas cotidianos; experimentando viver a vida sem grandes preocupações de modo que as certezas venham justamente a partir dessas experiências, conforme a seção publicada na edição nº 1174 "A Fim de Garotas" permite compreender:

Minha *bff* e eu vivíamos juntas. A gente estudava na mesma sala, fazia os trabalhos no mesmo grupo e, aos fins de semana, ia ao cinema. A questão é que comecei a achar que estava gostando dela não só como amiga. Eu sentia vontade de beijá-la, juro! Pensei que isso era um sinal de que eu curtia meninas e cheguei até a ficar com uma garota para ver o que eu sentia. E não gostei! Tudo mudou quando entrou um menino novo na escola e, aí sim, me apaixonexi de verdade. Acho que talvez seja só um momento confuso da sua vida.

Eu sou gay, mas a minha história é diferente da sua porque, no fundo, eu sempre soube disso. Fiquei com alguns meninos quando era mais nova, mas minha atração por garotas existe desde sempre. Confesso que no começo foi difícil contar para os meus pais, por exemplo, mas com o tempo as coisas foram se ajustando. Acho que você deve viver sem encações e ficar com quem sentir vontade, sabe? Tudo bem tentar e mudar de ideia depois. Aliás, isso rola sempre na vida, né? Então, acho que não deve ser um problema se acontecer com sua vida amorosa.

(...) Pode até ser que você se descubra gay, mas, para isso, você terá que experimentar ficar com meninas e ver qual é o seu sentimento. De qualquer forma, não tenha medo do que você está sentindo e nem queira ter as respostas de imediato. Te garanto que elas irão aparecer no tempo certo! Então, bora viver a vida!

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A revista promove um discurso fundado na ideologia oficial e hegemônica do capitalismo. Essa superestrutura orienta a elaboração de cada um dos enunciados da publicação e vai, quinzenalmente, repetindo certas representações de mundo, de sociedade, do que é ser adolescente, do papel social da mulher etc. de modo que, lenta e progressivamente, os conteúdos, palavras e representações vão, já nos níveis superiores da ideologia do cotidiano, se mostrando perfeitamente integrados ao sistema da ideologia oficial.

Nesse sentido, as publicações em *Capricho* de modo geral e a seção "Terapia de Grupo", de forma específica, atuam como agentes de organização, regulação e reprodução das relações histórico-materiais nas sociedades capitalistas; promovendo a cultura do individualismo, do liberalismo e do consumismo como caminhos para a realização pessoal e o sucesso social.

Há em suas páginas um verdadeiro culto ao eu. O protagonismo dado às leitoras na produção de parte de seu conteúdo, por exemplo, retrata diretamente o excesso narcísico, marca de nosso tempo. O outro ponto essencial à revista representa a relação imaginária entre o poder e o gozo promovidos pelo consumo de mercadorias.

A aquisição de produtos é relacionada às possibilidades de se alcançar níveis maiores de satisfação, de bem-estar e de sensação de pertencimento ao grupo/classe. Usar os mesmos itens que determinada celebridade é apresentado como um objetivo a ser alcançado, passando a falaciosa impressão de que ao adquirir os mesmos produtos que um artista, a leitora passaria a possuir alguns dos atributos do seu ídolo. Seria uma espécie de aproximação por imitação, sendo o consumismo condição necessária a esta imitação.

4. Considerações finais

Considerado uma realidade possível graças à interação social, o sujeito bakhtiniano é definido pelas possibilidades da linguagem e os valores de ordem ideológica que ela comporta e faz circular e da qual também emerge. Sendo, então, o sujeito um ente da linguagem e da ideologia que essa veicula em dada realidade, os enunciados da *Capricho*, ao serem produzidos e compreendidos de acordo com as coerções de seus contextos sociais e históricos, conclui-se que atuam na promoção e na manutenção da ideologia oficial do sistema econômico da sociedade em que cir-

cula, o *capitalismo*; manifestando-se, principalmente, na defesa do *consumismo*, do *individualismo*, do *liberalismo*, todos valores de uma determinada classe social que detém o poder, através, principalmente, de um discurso de *autoajuda*.

Indissolúvelmente amalgamados, cada um dos pontos representa uma face do mesmo fenômeno discursivo. O consumo, tônica máxima da revista como um todo, é, por vezes, apresentado como a possibilidade do indivíduo se diferenciar dos demais; autenticidade e originalidade são vendidas em forma de produtos, como roupas, sapatos e perfumes. Paradoxalmente, o desejo de ser diferente das demais pessoas é justamente o que padroniza o grupo de meninas leitoras, já que todas elas serão únicas à maneira que a *Capricho* orienta.

Há, desse modo, a difusão de um discurso que tende a contribuir para a construção de subjetividades frágeis. A moça que lê *Capricho* é convocada a acreditar que não pode ser bela, sensível, alegre, por si só. Ela conseguirá essas qualidades se *tiver* determinados objetos. Para *ser*, ela precisa *ter*. Esse deslocamento acaba por dificultar a real possibilidade de crescimento pessoal. Até para se autoconhecer, a menina precisa da mediação do objeto: a própria revista. Em "Terapia de Grupo", encontrará todo o saber que, supostamente, a ensinará como vencer conflitos relacionar-se como seus pares e até consigo mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2010.

BAKHTIN Mikhail Mikhailovich (VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
ANÁLISE DA CAMPANHA PUBLICITÁRIA
“CONTOS DE FADAS” DO BOTICÁRIO

Édina de Fatima de Almeida (UEL)

edifatro@hotmail.com

Dircel Aparecida Kailer (UEL)

ueldirce@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho objetiva fazer uma breve revisão sobre a retórica aristotélica, a nova retórica de Perelman até chegamos à semântica argumentativa representada por Oswald Ducrot. Visa também analisar estratégias discursivas utilizadas na campanha “Contos de Fadas” produzida pela agência AlmapBBDO em 2005, para a rede de perfumes e cosméticos O Boticário, para assim trabalharmos com a argumentação em seu contexto prático, ou seja, estudá-la a partir de sua utilização na publicidade, com o intuito de repassar sua mensagem e conseguir a adesão de seu público-alvo.

Palavras-chave: Retórica. Estratégias discursivas. Semântica.

1. *Introdução*

João Antônio de Santana Neto (2011, p. 974) aborda a retórica aristotélica como sendo aquela que “visava examinar o que era persuasivo para vários tipos de indivíduos, pois, para ele, a retórica é a faculdade de considerar, para cada questão, o que pode ser apropriado para persuadir”. Assim como Oliver Reboul (2004, p. XIV), que define retórica como sendo a arte de persuadir pelo discurso, mesmo que nem todos os gêneros apresentem interesse de persuadir e convencer.

Aristóteles com sua obra *Arte Retórica*, apresentou-nos uma ferramenta de persuasão que desde sua publicação vem sendo imensamente utilizada na comunicação oral ou escrita, e que com o processo de modernização vem a cada dia se tornando essencial para os meios de comunicação, principalmente para o publicitário, para convencimento, persuasão de seu público-alvo, ou seja, a população em geral.

A diferença da retórica de Aristóteles, daquele período para os dias atuais, é em relação a seu público e seu instrumento de aplicação, que naquela época era para o convencimento de seu auditório e comunicação oral, fato este, que com o passar do tempo se enriqueceu, com acréscimo de mecanismos de convencimento e persuasão, como de imagens sugestivas e de discursos apelativos e sugestivos, que favorecem ainda mais os

recursos retóricos, que muitas vezes nem ao menos é de conhecimento de quem os utiliza. Jorge de Souza Martins (1997) corrobora tal afirmação ao declarar que a mensagem publicitária deve utilizar alguns recursos: “recursos argumentativos racionais, ou emocionais; recursos retóricos estilísticos ou estéticos”. (MARTINS, 1997, p. 35)

Além disso, o público-alvo, também se ampliou, visto que, com o uso dos recursos midiáticos atuais, é possível abranger uma gama imensurável de espectadores, que estão à mercê de anúncios publicitários que estão diariamente estampados em todos os meios de comunicação possíveis (rádio, televisão, outdoor, panfletos, revistas). O objeto dos anúncios publicitários é principalmente, convencer e persuadir seu público-alvo da necessidade e importância de seu produto em específico.

Consoante Nellie Santee e Goiamérico Santos (2010), a linguagem publicitária apresenta uma linguagem específica e com a presença de grande quantidade de propagandas presentes na atualidade, está deve apresentar aspectos que as diferenciem das presentes neste meio, ou seja, ela deve se renovar a cada dia e apresentar fatores inovadores para que seja notado e lembrado pelo consumidor, devendo assim apresentar um elemento diferenciador, ou seja, a criatividade.

2. Argumentos utilizados no discurso

A retórica exerce a persuasão por meio de um discurso, mas para entendermos melhor os argumentos que podem ser utilizados em um discurso, devemos primeiramente entender os meios de persuasão (*Ethos*, *Páthos* e *Lógos*).

João Antônio de Santana Neto (2011) acrescenta baseado em Aristóteles, que se trata da relação entre o orador/locutor e o auditório/alocutário por meio da linguagem. O mencionado autor define as três categorias como sendo:

- *Ethos* – é considerada a imagem que o locutor faz de si mesmo e pressupõem-se as imagens que o locutor acredita que o alocutário faça si próprio e que o alocutário faz do locutor;
- *Páthos* – considera-se a imagem que o locutor faz do alocutário e pressupõem-se as imagens que o alocutário faz de si mesmo e que o alocutário acredita que o locutor faça dele;

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

- *Lógos* – tem-se a imagem que o locutor faz do referente e prespõe-se a imagem que o alocutário faz do referente. (SANTANA NETO, 2011, p.974)

Para a propaganda alcançar o objetivo almejado, de chamar a atenção e causar a memorização da mensagem, os meios de persuasão são essenciais, visto que, a propaganda é voltada essencialmente para o público.

Segundo Nellie Santee e Goiamérico Santos (2010)

uma forma linguística voltada para o *Páthos*, além de apresentar uma mensagem “retórica e agradável”, o autor ainda alega que o “ser criativo”, faz parte do *ethos*, pois “à medida que ser criativo o faz ter maior empatia com o público, ele se torna superior, cresce em autoridade e persuade mais facilmente. (SANTEE & SANTOS, 2010, p.15).

Esses conceitos são resumidos por Nellie Santee e Goiamérico Santos (2010), de que o *ethos* (orador) do anúncio se apresenta ao auditório com sua autoridade e simpatia, expõe o *lógos* (argumentos) do anunciante e que o *páthos* (emoções) atua sobre as emoções do público (consumidor), levando-o à conclusão.

3. *Dimensão Argumentativa*

Consoante Geane Cássia Alves Sena e Maria Flávia Figueiredo (2013, p. 6) “Aristóteles inovou os estudos retóricos dando início à sistematização da estrutura do pensamento racional, o que possibilitou a construção de provas argumentativas para persuadir o outro”, além de estabelecer o lugar do auditório no campo da argumentação, apresentou também meios que poderiam ser utilizados para organizar o discurso persuasivo, ou seja, na ordem do racional (*lógos*) e na ordem do emocional (*ethos* e *páthos*), nos levando a crer que na ordem da razão tanto sentimentos como a razão não podem ser separados.

Outra contribuição de Aristóteles para os estudos da Retórica consoante Geane Cássia Alves Sena e Maria Flávia Figueiredo (2013, p. 7-80) foi à divisão do raciocínio em três tipos distintos: analíticos, dialéticos e sofísticos.

- Analíticos – são os raciocínios de caráter científico, verdadeiros e que levam a conclusões corretas;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- Dialéticos – são raciocínios prováveis, de caráter verossímil, que se apoiam nas opiniões, crenças das pessoas e não têm como pretensão conduzir a conclusões totalmente corretas, mas prováveis, pois se baseia na doxa;
- Sofísticos – são raciocínios falaciosos que levam a conclusões incorretas e se mostram como verdadeiros para convencer o auditório.

Aristóteles com seus estudos contribuiu não somente para a relevância, mas também para o desenvolvimento dos estudos da retórica e, conseqüentemente, da argumentação, pois não é possível conceber uma sem a outra. Seus estudos contribuíram tanto para os estudos retóricos, quanto para o desenvolvimento de distintas áreas do conhecimento (gramática, filosofia, filosofia da linguagem, lógica e estilística), além de servir como ponto de partida para a nova retórica, a partir de estudos realizados por Perelman.

Segundo Roziane Marinho Ribeiro (2009) a ideia de auditório presente na retórica aristotélica é retomada pela nova retórica, mas como sendo o elemento fundamental para o desenvolvimento da argumentação, pois segundo esse autor “é a relação entre orador e auditório que constitui o sentido da argumentação”. (RIBEIRO, 2009, p. 27)

Roziane Marinho Ribeiro (2009, p. 27) declara ainda que a concepção de auditório contemplada na Nova Retórica é vista sob a ótica da heterogeneidade, o que pressupõe a existência de vários indivíduos com pensamentos, posicionamentos e conclusões diferentes.

Geane Cássia Alves Sena e Maria Flávia Figueiredo (2013) declaram que além da condução da argumentação, através do modelo lógico, apoiados em Aristóteles, e com Perelman com a nova retórica, surge no cenário da argumentação, a partir de 1970, um novo momento, denominado lógico-linguístico, a teoria da argumentação na língua (TAL), ou semântica argumentativa, que teve seu surgimento a partir de 1970, através de estudos desenvolvidos pelo teórico francês Oswald Ducrot.

Como esta teoria apresenta o foco direcionado para a própria língua, ou seja, apresenta como objetivo principal mostrar que a argumentatividade se encontra presente na própria língua. Neste sentido Roziane Marinho Ribeiro (2009) complementa

Nesse sentido, os conectivos, bem como outros mecanismos da língua, “funcionam como operadores no discurso argumentativo, encadeando e de-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

terminando o valor dos enunciados, comprovando que a própria língua tem seus mecanismos para operar argumentativamente”. (RIBEIRO, 2009, p. 31)

Conforme declara Geane Cássia Alves Sena e Maria Flávia Figueiredo (2013) Oswald Ducrot acrescenta a noção de *tópos*, que segundo o mencionado autor é um princípio argumentativo presente no interior da língua, que está relacionado ao ponto de vista assumido pelo enunciatador dentro de um determinado enunciado, além do conceito de polifonia que foi desenvolvido por Bakhtin e futuramente serviu de base para o desenvolvimento da teoria da argumentação na língua. Futuramente Care e Oswald Ducrot ao verificarem que somente o *tópos* e o conceito de polifonia não eram suficientes para explicar as ocorrências de construções paradoxais na língua, propõem a teoria dos blocos semânticos.

4. *Tipos de argumentos*

Muitos estudiosos declaram que os trabalhos Perelman deram novo impulso aos estudos sobre a argumentação, em oposição à antiga, a nova retórica apresenta discursos dirigidos a todas as espécies de auditórios. Nos basearemos em Perelman para analisar os recursos argumentativos utilizados na campanha publicitária “Contos de Fadas” da rede de perfumaria O Boticário.

Segundo Castro (2009, p. 42), os argumentos são classificados por Perelman em três tipos, a saber, quase-lógicos, baseados na estrutura do real e os que visam fundar a estrutura do real.

- *Argumentos quase-lógicos* – recebem essa denominação pelo fato de serem aparentemente demonstrativos. Classificam-se em: sucessão, causalidade, pragmático, desperdício, direção, superação, autoridade, ad hominem e duplas hierarquias.
- *Baseados na estrutura do real* – não estão ligados a uma descrição objetiva dos fatos, mas as conclusões têm implícita a ideia que são susceptíveis de serem confirmadas. Os principais argumentos são: argumento pragmático, argumento do desperdício, argumentação pelo exemplo, pelo modelo ou antimodelo e pela analogia;
- *Os que visam fundar a estrutura do real* – são empíricos, porém, não se apoiam na estrutura do real, por criarem-na ou completa-

rem-na, podem ser classificados em: exemplo, ilustração, modelo, antímodo, comparação, sacrifício, analogia e metáfora.

A seguir verificaremos quais desses tipos estão presentes na campanha publicitária “Contos de Fadas” da rede de perfumaria O Boticário, além dos recursos argumentativos presentes nos anúncios, com o intuito de atrair seu público-alvo.

5. Análise da campanha “Contos de Fadas” da rede O Boticário

Tendo em mente que um anúncio publicitário é pensado de forma a convencer e persuadir o público a consumir, e a argumentação é exatamente a arte que trabalha esses dois elementos, para isso o discurso publicitário apela aos procedimentos retóricos para atingir seus objetivos.

Analisaremos a seguir quatro propagandas da campanha “Contos de Fadas” produzida pela agência AlmapBBDO em 2005, para a rede de perfumes e cosméticos O Boticário.



Fig. 1 – Chapeuzinho Vermelho. Imagem retirada do site <http://mundofabuloso.blogspot.com/2008/01/o-boticario-e-suas-princesas.html>



Fig. 2 – Branca de Neve. Imagem retirada do site <http://mundofabuloso.blogspot.com/2008/01/o-boticario-e-suas-princesas.html>

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA



Fig. 3 – Rapunzel. Imagem retirada do site
<<http://mundofabuloso.blogspot.com/2008/01/o-boticario-e-suas-princesas.html>>.



Fig. 4 – Cinderela. Imagem retirada do site
<<http://mundofabuloso.blogspot.com/2008/01/o-boticario-e-suas-princesas.html>>

Para esta campanha agência AlmapBBDO responsável pela campanha, levou em consideração à memória do público, visto que, grande maioria do público-alvo teve contato com o gênero conto de fadas em sua infância, no intuito de estabelecer intimidade, com seu público, buscando em suas memórias algo que estava ligado ao seu contexto social, ou por meio de contação de histórias pelos pais, ou por ser um dos muitos conteúdos presentes nos currículos básicos de educação.

Para criar maior empatia com o público a agência abusou da criatividade, visto que, a criatividade faz parte do *ethos* da publicidade, otimizando assim a persuasão do público-alvo, assim como ampliando a autoridade da propaganda.

Já para a apresentação do *lógos* (argumentos) a agência, utilizou das figuras retóricas como metáfora, metonímia, hipérbole, para levar o público a exercer seu papel de decodificador do discurso, além de abusar das cores para enfatizar os elementos apresentados. Assim ao utilizar desses elementos a agência publicitária almejava chegar ao *Páthos* que atua sobre o emocional do público consumidor, levando-os à conclusão

de que deseja e precisa do produto em questão, neste caso, os produtos de perfumaria do Boticário.

Ainda em relação às cores utilizadas pela agência, podemos verificar o uso da cor vermelha, tanto no capuz (da **Fig. 1**), quanto no batom (nas **Fig. 1, 2 e 3**), como da faixa do cabelo e na maçã (**Fig. 2**) dão ênfase ao poder feminino, a paixão e a força presentes no espírito feminino, que como a marca O Boticário que se refaz e se fortalece com o passar do tempo, utilizando assim o argumento de autoridade, pois assim como a marca “O Boticário” a mulher moderna se reinventa todos os dias, enfrentam os problemas de frente sem perder a ternura representada pelas personagens de “princesas” dos contos de fadas, também representada pela cor azul em degrade no fundo dos quatro anúncios, assim como as frases escritas em branco.

Outra aposta da agência de publicidade foi na escolha das frases presentes nos anúncios, visto que a escolha das palavras é fundamental para uma boa argumentação, principalmente em textos publicitários. Na **Fig. 1** “*Use o Boticário e ponha o lobo mau na coleira*”, na **Fig. 2** “*Conto de fadas moderno não tem fadas, mas tem consultoras do Boticário*”, na **Fig. 3** “*Use o Boticário e não deixe o dragão sair de perto*” e na **Fig. 4** “*Para que varinha de cordão quando se tem maquiagem o Boticário*”, além de a agência abusar da intertextualidade (nas imagens e nas frases), ela utiliza de argumentos que fundamentam a estrutura do real.

Podemos verificar na **Fig. 1**, representada pelo capuz vermelho que direciona o público ao conto Chapeuzinho Vermelho, na qual a frase “*Use o Boticário e ponha o lobo mau na coleira*”, é um argumento quase lógico, mais especificamente o argumento de dupla hierarquia, pois segundo os contos de fadas o lobo mau representava algo que delegava risco, perigo, mas na frase, demonstrou que com o uso da maquiagem do Boticário as mulheres modernas impõem seu poder, sensualidade e força.

Na **Fig. 2** representada por uma modelo branca e uma maçã, fato esse que remete o público ao conto Branca de Neve, faz uso da frase “*Conto de fadas moderno não tem fadas, mas tem consultoras do Boticário*”, utiliza do argumento que visa fundar a estrutura do real, nesse caso em específico, o argumento modelo, pois visa levar o público-alvo a buscar uma consultora do Boticário, para assim como a personagem do anúncio ser uma mulher moderna, linda, desejada e bem-sucedida.

Percebe-se ainda na **Fig. 2**, que a imagem da maçã nos remete a figura retórica metonímia, onde se substitui a parte pelo todo, não sendo

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

necessário mostrar a Rainha má, mas somente sua mão, com um esmalte escuro identificando através da cor escura a maldade, ao apresentar a maçã envenenada, que também fora apresentado a “Eva”, na história de Adão e Eva em um contexto bíblico, que simbolizava o pecado e a tentação. Ainda em relação à imagem da maçã e sua cor vermelha, cria uma antítese com a pureza e inocência do branco e do azul representado pelo céu ao fundo dos anúncios.

Na **Fig. 3** o detalhe dos cabelos soltos, diferente das tranças do conto original (Rapunzel) sugere que está mulher não é mais aquela mulher indefesa, ingênua representada nos contos infantis, mas sim uma mulher moderna e sedutora, que leva a figura do dragão representado, metaforicamente, pela tatuagem no braço do modelo ,ao qual ela temia, se tornar manso e protetor, afirmação que pode ser observada pelo abraço que o modelo dá na personagem Rapunzel, mantendo o cavalheirismo e o romantismo, mas sendo inovado com os traços do homem atual, o que pode ser identificado na tatuagem, no corpo musculoso e bronzeado e no cabelo rebelde do modelo presente no anúncio.

Na **Fig. 4** a frase *“Para que varinha de cordão quando se tem maquiagem o Boticário”*, apresenta a comparação como técnica principal de persuasão, pois a mulher ao comparar-se com a princesa Cinderela “fraca e frágil, mas que teve uma mudança extraordinária em sua vida, com a ajuda de sua fada madrinha”, neste caso a fada madrinha aqui personificada pelos produtos do Boticário, transforma-se em uma princesa. Pudemos verificar que ao fundo da propaganda é apresenta um paradoxo com as cores quentes como o vermelho presente em três dos quatro anúncios, pois mostra nuvens e tons de azul em degrade, dando a ideia de suavidade e tranquilidade, assim como as escritas em branco, com os tons de rosa presentes no vestido, nos lábios e nas flores do cabelo da modelo, que confirmam essa percepção de suavidade.

Observa-se ainda neste anúncio (**Fig. 4**), a figura retórica da metáfora da menina que era maltratada pela madrasta, e que com a ajuda de sua fada madrinha, casa-se com um príncipe, representado pela imagem do sapato de cristal. A imagem do sapatinho de cristal nos direciona ao uso de outra figura retórica, a metonímia, que representa a parte pelo todo. Há também o uso da figura retórica, a hipérbole, ou seja, o exagero, representado pelos quatro sapatinhos de cristais, que remetem a ideia de que esta mulher ao usar os produtos do Boticário, consegue deixar vários príncipes aos seus pés. A comparação acontece neste anúncio ao comparar a mulher comum com a personagem da história, que se torna envol-

vente e sedutora com o uso dos produtos do Boticário, que pode escolher seu príncipe dentre tantos que estão aos seus pés.

O slogan “Você pode ser o que você quiser”, que aparece ao lado direto, no topo, logo abaixo do logotipo do Boticário, reforça a ideia presente nos quatro anúncios, que qualquer mulher comum ao usar os produtos do Boticário, poderá se tornar uma princesa, decidida, sensual, poderosa, determinada e bem-sucedida, como as personagens apresentadas pela agência publicitária.

Nas quatro propagandas ficou evidente o arquétipo da mulher moderna, que é representado no olhar direto e sedutor das personagens, que parecem estar olhando no fundo dos olhos de seu público-alvo, os desafiando a comprar os produtos do Boticário, para assim conquistarem seus desejos mais reprimidos. Também está presente nas luzes do cabelo, no vermelho da boca e nos decotes exuberantes apresentados pelas personagens do anúncio.

6. Considerações finais

Foi-nos possível observar, que a linguagem verbal e não-verbal utilizada pela agência AlmapBBDO que produziu a campanha “Contos de Fadas”, apresentou os mais diversos recursos retóricos para seduzir e persuadir o público-alvo, recursos como por exemplo: a retomada da memória do consumidor a partir dos contos infantis, de imagens, de sons e de jogo de cores, utilizou também muitas figuras retóricas como metáfora, metonímia e hipérbole, escolhas feitas em decorrência de sua força persuasiva, porque, mais do que argumentar, é necessário envolver o público no universo criado pelo anúncio, para induzir o público-alvo a adquirir seus produtos, neste caso, os produtos do Boticário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

BRASIL, Cláudio. *O Boticário e suas princesas: fantásticas e empoeiradas*. Disponível em: <<http://mundofabuloso.blogspot.com/2008/01/o-boticario-e-suas-princesas.html>>. Acesso em: 28-08-2015.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

FREITAS, Karina Miranda de. Psicodinâmica das cores em comunicação. *Revista do Núcleo de Comunicação – NUCOM*: Limeira, ano 4, n. 12, out/dez, 2007. Disponível em:

<<http://www.iscafaculdades.com.br/nucom/outros.html>>. Acesso em: 28-08-2015.

MARTINS, Jorge de Souza. *Redação publicitária: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

MEYER, Michel. *A retórica*. Trad.: Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

PACHECO, Gustavo de Brito Freire. Retórica e nova retórica: a tradição grega e a teoria da argumentação de Chaïm Perelman. *Cadernos PET-JUR/PUC-RIO*, Rio de Janeiro, p. 27-47. 1997, Disponível em:

<<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo>>. Acesso em: 22-08-2015.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, Roziane Marinho. *A construção da argumentação oral no contexto de ensino*. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTEE, Nellie; SANTOS, Goiamérico. A linguagem retórica da propaganda: uma análise comparativa. *Comunicação & Informação*, vol. 13, n. 1, p. 10-24, jan./jul. 2010. Disponível em:

<<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/16494/material.pdf>>. Acesso em: 22-08-2015.

SENA, Geane Cássia Alves; FIGUEIREDO, Maria Flávia. Um estudo da teoria da argumentação da retórica aristotélica à teoria dos blocos semânticos. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, vol. 02, n. 01, p. 4-23, jan./jun. 2013.

**DIALOGISMO BAKHTINIANO
E SUAS INTERFACES COM A SOCIOPRAGMÁTICA**

Bruno Gomes Pereira (UFT)
brunogomespereira_30@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar os diálogos teóricos entre os estudos filosóficos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e as teorias interacionais de Jacob Mey. Nesse sentido, parto da articulação entre tais teorias, de maneira a compreender como estas se convergem e ajudam a fundamentar diferentes pesquisas no âmbito dos estudos linguísticos. A metodologia é do tipo bibliográfico, uma vez que mobilizo estudos da literatura ora referida na tentativa de gerar um debate consistente a respeito dessa articulação. Do ponto de vista interacional, acredito que a confluência entre os estudos supracitados parte da ideia de interdiscurso, uma vez que ambos concebem a linguagem como ferramenta imaneamente dialógica.

Palavras-chave: Voz. Dialogia. Interação.

1. Introdução

“A minha consciência tem milhares de vozes, / E cada voz traz-me milhares de histórias, / E de cada história sou o vilão condenado”.

(William Shakespeare)

O processo de interação é algo inerente à linguagem, uma vez que esta, por si só, agrega diferentes vozes de diferentes discursos que são materializados a partir de situações ligadas à esfera pragmática. Prefiro adotar a ideia de interação como algo processual, uma vez que marca a ressignificação de discursos pré-existentes, de maneira a reproduzi-los fielmente, ou mesmo com pequenas diferenças ideológicas, no momento da comunicação.

Como bem pontua a epígrafe deste artigo, a consciência humana é construída a partir de ideologias e discursivos que permeiam o campo contextual do sujeito, sendo este uma espécie de porta voz das demais vozes que ajudam a constituir a anatomia interdiscursiva. Logo, não estou me referindo à voz do ponto de vista biológico, algo que remeta propriamente a um conjunto de sons vocálicos. A ideia de voz que tomo nesta abordagem está relacionada a situações de empoderamento e relação por meio de tensões sociais. Nesse sentido, compreendo o sujeito como uma espécie de porta voz de discursos já existentes, embora, dependendo

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

da situação enunciativa, estas vozes e estes discursos possam ser ressignificados.

Esse trabalho tem como objetivo relacionar os estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin sobre vozes sociais às pesquisas desenvolvidas por Jacob Louis Mey, no campo dos estudos sociopragmáticos. Esta articulação, no entanto, demanda conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento, uma vez que tanto o pesquisador russo, quanto o dinamarquês, problematizam as relações de poder no campo enunciativo. Logo, as teorias enunciativas da linguagem buscam em diferentes fontes explicações que possam problematizar este diálogo.

Esse artigo tem como tipo de pesquisa a base bibliográfica, partindo do pressuposto de que mobilizo toda uma literatura científica que versa sobre a compreensão de voz, polifonia, dialogia e enunciação no tocante à problemáticas sociais concretas. Dessa forma, recorro aos pressupostos de várias áreas do conhecimento, entendendo esse movimento como medida essencial para compreensão de voz além das barreiras apenas linguísticas.

Os estudos enunciativos da linguagem são, conseqüentemente, de cunho filosófico, uma vez que problematizam o uso linguístico além da escolha da sintaxe, ou seja, questões relacionadas à emoção, à escolarização, à situação e tantos outros são pontos de interseção para uma articulação que se mostre satisfatória ao pesquisador nos procedimentos de fazer ciência na contemporaneidade.

Além da *Introdução*, das *Considerações Finais* e das *Referências*, esse artigo é composto pelas seguintes principais seções: *A Sociopragmática*; *Os Estudos Filosóficos Bakhtinianos* e *Mey e Bakhtin: Diálogos (im)possíveis*.

2. A sociopragmática

A sociopragmática é um ramo dos estudos linguísticos que parte do uso concreto da língua em contextos específicos interdiscursivos. Entre os autores desta área, cito o pesquisador dinamarquês Jacob Louis Mey, que problematiza a ideia de vozes sociais, entendendo-as como práticas sociais recriadas a partir de situações interativas concretas, envolvendo enunciadores específicos dentro de contextos específicos. (MEY, 2001)

Nesse sentido, “o aspecto interativo da expressão em palavras é então: como elas e as pessoas chegam a um consenso sobre coisas” (MEY, 2001, p. 25). De acordo com as palavras do autor, é impossível desvincular a pessoa, da palavra e do contexto em que são operadas. Assim, não é possível supor quaisquer manifestações do uso da linguagem de maneira separada de seu contexto concreto de uso. Logo, a pragmática defendida por Jacob Louis Mey é uma nova perspectiva de se investigar os enunciados linguísticos, o que muito se aproxima dos estudos enunciativos e discursivos da linguística mais tradicional, embora esta se revele um tanto quanto anticartesiana.

Concordo com Kanavillil Rajagopalan (2014), quando o autor propõe uma visão global dos enunciados linguísticos ao serem problematizados. Nessa concepção, a teoria pela teoria não é algo que responde de maneira satisfatória as relações de causa e consequência que tornam a sociedade fragmentada. Isso mostra o esforço de uma nova pragmática que tenta se desvincular de um histórico cartesiano, e tenta assumir-se como uma área mais interdisciplinar, dando margem ao diálogo com outras disciplinas.

Logo, a relação entre língua e sociedade é expandida na medida em que o homem se reconstrói e reconstrói o meio social em que está inserido. Com isso, é pertinente pensar que os estudos enunciativos podem estabelecer diálogos coerentes com a pragmática dinamarquesa que, a cada dia, mostra-se mais liberta dos preceitos dicotômicos de uma linguística mais estrutural. (Cf. BENVENISTE, 2006)

Para tanto, devemos pensar que as relações de causa e efeito, agora também problematizadas pelas investigações pragmáticas, são permeadas por ideologias que conferem propriedades de poder ao enunciador, o que é praticado ou desenvolvido no seio social. O empoderamento a que me refiro é condizente com o proposto no trabalho de Jan Blommaert (2014). De acordo com o autor, “o poder inclui e exclui, produz prestígio e estigma, constrói e destrói. Uma compreensão do poder requer uma atenção voltada para esses aspectos duais” (BLOMMAERT, 2014, p. 67). Portanto, pensar nas relações de empoderamento entre enunciadorees em uma situação concreta de uso linguístico é reconhecer que a linguagem é, por si só, um elemento que confere poder a quem melhor a manuseia. Por outro lado, os estudos pragmáticos mais tradicionais não respondem satisfatoriamente essa natureza dual da linguagem, por isso tenta se reformular constantemente, de maneira a acompanhar as demandas mais atuais das pesquisas em ciências humanas e sociais.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O próprio Jacob Louis Mey (2014) tenta situar seus estudos na interface entre pragmática estruturalista e a Sociopragmática, que nada mais é do que uma nova maneira de complexificar a esfera extralingüística como ferramenta capaz de contribuir com novas ações e aptidões aos estudos da linguagem. Por isso, há a necessidade de se considerar a linguagem como elemento de tensão entre domínios sociais diferentes, gerando relações de poder na medida em que o social é delineado.

Entretanto, é necessário considerar que o poder é uma esfera ideológica que é socialmente marcada pela concepção de legitimação. Concordo com Maurizzio Gnerre (1991) quando o autor tenta definir a ideia de legitimação a partir dos estudos textuais da linguagem. Portanto, há a concepção de texto como materialização de vozes, as quais se legitimam na instância social em que opera. Em outras palavras, o poder é resultado da relação de causa e efeito, porém esta relação só é estabelecida a partir do domínio social que legitima as vozes que são materializadas por meio da interação entre enunciadores que adotam o texto e o discurso como veículos que propiciam a relação entre enunciadores em uma situação interativa.

Conforme José Luiz Fiorin (2011), a legitimação é compartilhada por meio da construção enunciativa que se estabelece a partir do envolvimento discursivo do enunciador na esfera interdiscursiva. Nesse sentido, é possível captar as ideologias pragmáticas a partir de determinadas marcas linguísticas que podem revelar a relação de poder e o efeito de causa e consequência.

É partindo dessa concepção que Jacob Louis Mey (2001) tenta definir vozes sociais não como transmissão sonora da fala, mas sim como construções interdiscursivas que, ao serem materializadas, podem diagnosticar as relações de poder que perpassam o meio social. A metáfora da voz, bastante discutida nos estudos enunciativos da linguagem, é que facilita a articulação entre a Sociopragmática e os estudos filosóficos do pesquisador russo, tal como farei em seções seguintes.

A figura abaixo é uma livre adaptação dos estudos do pragmático dinamarquês a partir da ideia tripartídica que fundamenta sua definição de vozes sociais. Para o autor, o contexto social é regido por personagens que se desenvolvem em conformidade com o esquema ilustrativo abaixo.

Conforme a figura abaixo, a concepção dinamarquesa dos estudos pragmáticos sobre vozes sociais é proposta a partir da relação entre a tríade: i) a voz do membro; ii) a voz descritiva; e iii) a voz societal.



Fig. 1: Tríade de vozes na Sociopragmática.

Fonte: Livre adaptação de Jacob Louis Mey (2001, p. 22)

A voz do membro nada mais é do que os movimentos discursivos e ideológicos de um determinado participante social no domínio linguístico a que pertence. Desse modo, trata-se do movimento dialógico que os discursos mantêm entre si, considerando que tais discursos preexistem na imaginação da maioria da população. Já a voz descritiva designa a voz do investigador da linguagem que tenta vê-la de uma maneira científica. Em outras palavras, tratam-se das contribuições que os linguistas teóricos apresentam acerca de investigações que versam sobre a língua e a linguagem, sem dissociá-la de seu contexto natural de uso. Por fim, a voz societal designa as construções ideológicas que se firmam a partir da esfera individual para a esfera coletiva. É nesse movimento de trânsito ideológico, que a voz societal é materializada, uma vez que esta obedece a estratégias dialógicas e dialéticas. Não é minha intenção fazer uma revisão teórica exaustiva acerca dos tipos de vozes sob o olhar da pragmática dinamarquesa. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Jacob Louis Mey (2014; 2001; 1998).

Bruno Gomes Pereira (2015) avança nesse sentido e propõe que “as vozes societais, ao unirem as esferas pragmáticas, constroem objetos discursivos que significam, ou mesmo ressignificam, as práticas linguísticas dos atores sociais” (PEREIRA, 2015, p. 167). Por isso, tomo a expressão “vozes sociais” como sintetizadora do esquema acima, uma vez que agrega todos os tipos de vozes que Jacob Louis Mey menciona em uma só.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Na próxima seção, faço um panorama sobre os estudos filosóficos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin.

3. *Os estudos filosóficos bakhtinianos*

Em sua obra “Problemas da Poética de Dostoyewisky” (1984), Mikhail Mikhailovich Bakhtin problematiza o sentido de polifonia e de dialogia a partir da concepção filosófica de voz. Esta concepção, além de influenciar a própria sociopragmática, influenciou também várias outras correntes de estudos da linguagem e da retórica, tal como é possível enxergar nos trabalhos de William F. Hanks (2008), José Luiz Fiorin (2006), Eni Pulcinelli Orlandi (1996), Teun Adrianus Van Dijk (1996), Pierre Bourdieu (1989), só para citar alguns.

Os estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin influenciaram correntes teóricas distintas por considerar a esfera ideológica de emancipação e materialização discursiva, bem como o próprio nível linguístico como artefato de semiotização de efeitos de causa e consequência bastante ocorridos no contexto social. Nesse sentido, é pertinente falarmos que, no nível do texto, os estudos bakhtinianos não desconsideram a sintaxe textual como uma maneira de se entender a sintaxe social. Logo, concepção de texto enquanto macroestrutura é ponto basilar para dar início a inquietações advindas dos estudos de Mikhail Bakhtin (1999). O teor marxista, imbuído no efeito de causa e consequência, confere potencialidades de todas as naturezas aos enunciadores no processo de empoderamento. Ao ser empoderado, o enunciador passa a ter sua voz legitimada, uma vez que passa a ser ouvido por outros domínios sociais que o tomam como referência. Logo, a ideia de voz em Mikhail Bakhtin é permeada por tensões, conflitos e relações de poder.

Em William F. Hanks (2008), o autor problematiza o texto em seus dois níveis: i) ideológico-discursivo; e ii) linguístico-textual. Na concepção do autor, o texto é a materialização do discurso, logo não pode ser visto como algo neutro. Na verdade, a noção de neutralidade não é algo presente nos estudos de Mikhail Bakhtin e, por conseguinte, nas pesquisas por ele influenciadas.

Do ponto de vista ideológico-discursivo, William F. Hanks (2008) compreende que a esfera discursiva propulsiona efeitos de sentido que levam à materialização do discurso. Portanto, deve-se levar em conta a relação entre língua, cultura e sociedade para compreender e/ou proble-

matizar os efeitos discursivos que a linguagem propõe, a saber a própria constituição de hegemonia e poder social. Tomo esse pressuposto como motivador para compreendermos que a definição de voz depende, também, daquilo que não é linguístico apenas, mas também ideológico. Já do ponto de vista linguístico-textual, o texto passa a ser a célula central de análise por concretizar as ideologias do meio em que opera. No Brasil, esta concepção se assemelha com a proposta de pesquisa da linguística textual, quando propõe o texto como elemento fruto da relação de propriedades de textualidade. Logo, como campo fértil para a análise de vozes sociais.

Já José Luiz Fiorin (2006) opta por ficar na zona fronteira entre texto e sua relação enunciativa. Em outras palavras, o texto é visto como instrumento de mediação entre enunciadores, o que favorece a interação entre usuários da língua. Nesse sentido, o termo “dialogia” é utilizado pelo autor para designar os movimentos dialógicos de construção de efeitos de sentidos do texto ao ser influenciado por quem o produz e por quem o recebe. Nesse sentido, a atribuição de sentido a quaisquer enunciados linguísticos é algo pré-julgado por discursos já existentes que dialogam a partir da visão de mundo dos enunciadores. Dessa forma, entendo que o sentido não está nem no texto, nem em quem o produziu e nem em quem o recebe. O sentido do texto é algo construído a partir da interação de diferentes vozes e discursos que costuram a anatomia social.

Enquanto isso, Eni Pulcinelli Orlandi (1996) destaca-se como grande referência no cenário brasileiro como pesquisadora da análise do discurso de linha francesa. Os estudos da autora são fortemente influenciados pelos postulados de Mikhail Bakhtin ao considerar que tudo que é dito já foi dito por alguém anteriormente. Esse sentido de retomada ajuda a construir os trabalhos de Eni Pulcinelli Orlandi, que tende a ver o sujeito como algo assujeitado ao meio social em que pertence. Em outras palavras, a concepção de leitura de mundo permeia a particularidade discursiva do enunciatador, entretanto não anula as influências de contextos extralinguísticos na construção de vozes sociais. Para a autora, o sentido que atribuímos às vozes sociais sofrem interferências psicossociais, pedagógica, familiares, escolares etc.

Vera Lúcia Pires e Fátima Andréia Tamanini-Adames (2010) parecem ser condizentes com o olhar de Eni Pulcinelli Orlandi, delineado acima. Para estas autoras, a concepção de dialogia e polifonia bakhtiniana é fator basilar para se compreender as relações assimétricas de poder no seio social. Elas afirmam que “o discurso, construído a partir do

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

discurso do outro, nunca está concluso. Então, todo texto é composto de várias vozes que, na polifonia, têm de ser equipolentes” (2010, p. 66). Em síntese, a construção discursiva é multivocálica, no sentido de ser algo em constante construção.

Teun Adrianus Van Dijk (1996), já mais alojado nos estudos que envolvem discurso e cognição, parte dos estudos de Mikhail Bakhtin para problematizar a ideia de interação. Para o autor, há, na verdade, uma espécie de ressignificação discursiva responsável por favorecer as relações dialógicas entre enunciadores. Em outras palavras, o que há, na concepção do autor, é uma nova atribuição de sentido a um discurso que já existe, mas é ressignificado a partir de particularidades emocionais, pragmáticas e cognitivas do enunciador. Logo, o que poderia conferir uma voz de autoridade em um determinado contexto, passa a ter outra denotação a julgar pelos elementos pragmáticos que as circundam.

A pesquisa de Dóris de Arruda Carneiro da Cunha (2011) se aproxima das concepções de Teun Adrianus Van Dijk uma vez que a autora também parte dos estudos enunciativos de Mikhail Bakhtin para problematizar a voz do outro em discursos pré-existentes. Para esta pesquisadora, não há discursos inéditos, uma vez que tudo que é dito passa pela esfera da ressignificação ao conferir-lhe novos sentidos e ideologias. A pesquisa de Dóris de Arruda Carneiro da Cunha revela que a presença da voz do outro em discursos propagados em determinados domínios sociais é marcada pelas tentativas de argumentação e persuasão por meio da linguagem em suas várias multimodalidades.

Já os estudos sociológicos de Pierre Bourdieu (1989) herdaram de Mikhail Bakhtin a ideia de multidiscursividade simultânea, bem como a relação de forças que permeia os atos sociais. Na concepção do sociólogo francês, a sociedade é um palco de disputa entre diferentes discursivos, ideologias e linguagens. O empoderamento conferido a determinado grupo social não acontece de forma tranquila, o que caminha para a ideia de linguagem enquanto elemento de conflito. É em meio a tais conflitos e disputas que as vozes dos personagens sociais são redesenhadas de maneira a revelar-se como algo importante para a vivência do homem em sociedade.

Não é minha intenção fazer uma explanação teórica exaustiva sobre vozes sociais em Mikhail Bakhtin e seus seguidores. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Beth Brait (2014), Irene Machado

(2014), Valdemir Miotello (2014), Paulo Bezerra (2014), Luiz Francisco Dias (2005), Cristóvão Tezza (2005), só para citar alguns.

Na próxima seção, apresento uma breve articulação entre as concepções de estudos em Jacob Louis Mey e Mikhail Bakhtin.

4. Mey e Bakhtin: diálogos (im)possíveis

De acordo com o que apresentei até agora, as concepções de vozes sociais nos estudos da sociopragmática dinamarquesa são condizentes com a visão adota pelo filósofo russo. Entretanto, Mikhail Bakhtin tem um legado inquestionável ao entender que este influenciou de maneira significativa todas as vertentes de estudos das ciências humanas e sociais.

Do contrário do que muitos poderiam pressupor esta seção não se enveredará pela previsibilidade de uma simples articulação entre teorias. Minha proposta tenta avançar com estas discussões que já se encontram em demasia no contexto investigativo universitário.

Para tanto, proponho aqui uma interlocução (im)possível com os estudos aplicados da linguagem que muito tem recebido contribuições dos dois autores agora mencionados. Na linguística aplicada, são comuns a recorrência aos estudos ora investigados na tentativa de responder de maneira satisfatória todas as lacunas deixadas pela problematização apenas da esfera linguística. Como exemplo disso, cito as pesquisas de Marília Curado Valsechi e Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman (2014), Carla Lynn Reichmann (2014), Livia chaves de Melo (2015), Bruno Gomes Pereira (2016), só para citar alguns.

A priori, considero que os estudos desenvolvidos em linguística aplicada são fontes férteis para diálogos com a proposta social dos estudos sociopragmáticos e enunciativos. Para isso, tomo como informação relevante a consideração de ouvir as vozes suleadas nas pesquisas em linguística aplicada.

A forma verbal “sulear” foi cunhada em Luiz Paulo da Moita Lopes (2006), quando o autor se referia à necessidade de levarmos em consideração grupos sociais marginalizados aos olhos da sociedade. Na concepção do autor, a ideia de suleamento traz à baila questões que a hegemonia social considera irrelevante para serem discutidas em pesquisas maiores. Logo, tratam-se de grupos sociais que têm sua voz não ouvida, ganhando o menosprezo de uma sociedade verticalizada e influenciada

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

por preconceitos e estereótipos sem precedentes que possam subsidiar tal feito, a julgar que estamos no século XXI, momento em que todas as partes devem ser ouvidas, justamente para entendermos que tipos de vozes suleadas gritam para serem ouvidas e respeitadas.

Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman (2013) incorpora a ideia de Luiz Paulo da Moita Lopes como significativa, uma vez que também considera esse suleamento como resultado de uma sociedade preconceituosa, mesquinha e que apresenta resistência para ouvir o vozejar de grupos deixados à margem. Segundo a autora, é necessário incorporarmos essas vozes suleadas ao nosso cotidiano, uma vez que isso nos ajuda a entender a própria esfera social que tem mostrado fenômenos linguísticos bastante peculiares, oriundos da demanda social do século vinte.

No campo da educação, esse pressuposto tem ganhado mais notoriedade, uma vez que o curso de formação de professores é, historicamente, marcado pela displicência e pela falta de investimento de políticas públicas que viabilizem uma otimização e um progresso de suas habilidades.

Marília Curado Valsechi e Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman, por exemplo, problematizam a voz do estagiário na escola, sendo este uma espécie de espião infiltrado no ambiente escolar, haja vista que não se encaixa como professor efetivo, nem como aluno regular da escola, nem como em nenhum papel de funcionário da escola básica. Este entrelugar em que o aluno-mestre se encontra é suficiente para neutralizar sua imagem diante do quadro de professores efetivos. A pesquisa das autoras comprova a desvalorização histórica do estagiário nas escolas de educação básica ao revelar uma espécie de anulação do papel do estagiário em exercício no campo de estágio.

Carla Lynn Reichmann (2014), também inserida no campo interdisciplinar da linguística aplicada, ajuda a complexificar o contexto de estágio supervisionado. A autora analisa relatórios de estágio supervisionado, mais precisamente como a voz do professor da educação básica interfere no trabalho do aluno-mestre como estagiário de língua estrangeira. De acordo com a investigação, “análise permitiu constatar que emergem vozes docentes significativas, convocadas do passado e do presente, ressaltando-se a importância vital da voz da professora colaboradora na escola-campo”. (REICHMANN, 2014, p. 33)

Lívia Chaves de Melo (2015) parte dos estudos enunciativos de Mikhail Bakhtin para compreender como a voz do outro é projetada em relatórios de estágio supervisionado de língua portuguesa e inglesa, produzidos por alunos-mestre de uma licenciatura em letras, no interior do Tocantins. Para a autora, a prática de citação pode ser tomada como um recurso semântico ao utilizar-se da voz do outro para legitimar sua própria voz. Nesse sentido, Lívia Chaves de Melo lida com o desalinho entre escola e universidade evidenciados pelo apoio do aluno-mestre às citações de natureza científica e não científica, mas que, na visão do estagiário, ajudava a conferir mais crédito ao que escrevia.

Em minha pesquisa de doutoramento, analisei como a escrita acadêmica de relatórios de estágio e de resenhas acadêmicas podem influenciar na construção de vozes de alunos-mestre, bem como na construção de objetos de ensino que pudessem minimizar as problemáticas da escrita na universidade. (Cf. PEREIRA, 2016)

Tendo apresentado diversas possibilidades de contribuições dos estudos sociopragmáticos e enunciativos da linguagem às pesquisas desenvolvidas em linguística aplicada, passo agora às minhas considerações finais.

5. Considerações finais

Este artigo apresentou diversas possibilidades de articulações entre os estudos dinamarqueses da sociopragmática de Jacob Louis Mey e dos estudos filosófico-enunciativos de Mikhail Bakhtin. Nesse sentido, tomo estas possibilidades como articulações coerentes ao percurso de pesquisa em linguística aplicada, dada sua natureza interdisciplinar por excelência.

Dessa forma, sugiro que a problematização sobre a definição do termo “vozes sociais” seja mais amplamente divulgada, o que renderia interessantes debates de distintas áreas do conhecimento. Nesse sentido, este artigo apresenta as articulações propostas como alternativas interessantes para diálogos teóricos posteriores.

Em síntese, espero ter contribuído, mesmo que minimamente, para as demais pesquisas da área da linguagem, tendo em vista a natureza coerente de aplicabilidade dos estudos enunciativos e pragmáticos a quaisquer outras investigações que versam sobre problemáticas sociais diversas.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. London: University of Minnesota Press, 1984.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 191-200.

BLOMMAERT, Jan. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 67-77.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil, 1989.

BRAIT, Beth. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: _____. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 7-10.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 1, n. 5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

DIAS, Luiz Francisco. Significação, e forma linguística na visão de Bakhtin. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: dialogia e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 99-107.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: _____. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 165-186.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Fontes, 1991.

HANKS, William F. *Língua como prática social: Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

KLEIMAN, Ângela Del Carmen Bustos Romero de. Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Luiz Paulo da. (Orgs.). *Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonietta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 151-166.

MELO, Livia Chaves de. *Formas linguísticas de inscrição do outro e do eu-mesmo na escrita reflexiva acadêmico-profissional de relatórios de estágio de professores de língua*. 2015. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

MEY, Jacob Louis. Sequencialidade, contexto e forma linguística. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 129-144.

_____. *Sequencialidade, contexto e forma linguística*. As vozes da sociedade: seminários de pragmática. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. Sequencialidade, contexto e forma linguística as vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. *DELTA*, vol. 14, n. 2. São Paulo, 1998.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 167-176.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In.: _____. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-44.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1996.

PEREIRA, Bruno Gomes. *Relocalização de saberes acadêmicos de professores em formação inicial na escrita acadêmica convencional e reflexiva*. 2016. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

_____. Jacob Mey e a teoria das vozes sociais: um olhar sociopragmático. *Cadernos do CNLF: Análise do Discurso, Linguística Textual e Pragmática*. Rio de Janeiro, vol. XIX, n. 01, p. 163-170, 2015.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. *Revista Estudos Semióticos*, vol. 2, n. 6, p. 66-76, 2010.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Da arrogância cartesiana à “nova pragmática”. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 11-14.

REICHMANN, Carla Lynn. A professora regente disse que aprendeu muito: a voz do outro e o trabalho do professor iniciante no estágio. *Raído*, Dourados, vol. 8, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2014.

TEZZA, Cristóvão. A construção de vozes no romance. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 209-217.

VALSECHI, Marília Curado; KLEIMAN, Ângela Del Carmen Bustos Romero de. O estágio supervisionado e a voz do outro. *Raído*, Dourados, MS, vol. 8, n. 15, p. 13-32, jan./jun. 2014.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1996.

**DISCURSO JOCOSO EM MÚSICAS
QUE INCITAM A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:
MATERIALIDADE LINGUÍSTICA**

Claudete Carvalho Canezin (UEL)
claudetecanezin@uol.com.br

Edina Regina Pugas Panichi (UEL)
edinapanichi@sercomtel.com.br

**Nem todas as mulheres gostam
de apanhar, só as normais.**

(Nelson Rodrigues)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o discurso jocoso que incita a violência doméstica contra a mulher, sob a perspectiva da materialidade linguística. É de conhecimento que ao longo dos anos as mulheres têm sofrido vários tipos de violência e, por vários motivos, nem sempre essas agressões são denunciadas. É este cenário perdura, infelizmente, nos dias atuais. Espera-se, neste breve estudo, a apreciação e reflexão da violência de gênero praticada contra as mulheres através da análise de letras de músicas que fazem apologia a esta forma de violência. Pretende-se demonstrar que, sob variados ângulos, é possível perceber o discurso da incitação à violência contra a mulher, embora de maneira camuflada, visto que esse discurso jocoso presente em paradas musicais, passa a ser repetido, a ser encarado como *normal* e a esconder uma certa conviência da sociedade para com a violência doméstica.

Palavras-chave:

Materialidade linguística. Violência contra mulher. Discurso jocoso. Músicas.

1. Introdução

A linguagem se reveste de certas características que marcam determinado, povo, cultura e momento histórico, posto que se insere em contextos específicos, produzindo uma ação interativa entre os interlocutores, reflexo do meio e das especificidades de cada comunidade.

Brandão discorre acerca da linguagem, descrevendo-a da seguinte forma:

[...] a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social; ela não é neutra, inocente, (na medida em que está engajada em uma inten-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

cionalidade), e nem natural, por isso o lugar privilegiado da ideologia. (BRANDÃO, 1996, p. 12)

A linguagem, portanto, rompe com a tradição de análises puramente estruturalistas da fala, passando a analisar, também, o interlocutor e a interação deste com fatos sociais e históricos que envolvem o discurso. Assim, da interação entre locutor, fatos e língua é possível vislumbrar a possibilidade de que nossas vozes sejam ouvidas, na medida em que incitam a esperança, o controle, o medo, o preconceito.

É isso que ocorre no cenário musical, uma vez que, como todo produto cultural, os músicos, cada um com seu estilo, apresentam considerações acerca das mais variadas questões que acompanham o cotidiano humano sejam na esfera pessoal, sentimental ou laboral.

Encontra-se, aqui, o objetivo principal do presente estudo, qual seja: a análise de discurso jocoso em letras de música, através da materialidade linguística. Assim, pretende-se demonstrar que algumas músicas parecem “incitar”, ou ao menos fazer transparecer como “normal” a prática da violência de gênero contra a mulher. Igualmente, objetiva-se demonstrar a importância e o poder das palavras ao abordar questão tão polêmica, quanto delicada.

2. *Violência contra a mulher*

Tal como descrito na Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, em dezembro de 1993, a violência contra a mulher é uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, e que conduziram à dominação e à discriminação contra as mulheres. (GRANTHAM, 2009).

De fato, e apesar dos avanços sociais, as mulheres ainda continuam na mira de um crime bárbaro e de efeitos imensuráveis, como se ainda vivêssemos nos tempos das cavernas.

Os grandes avanços nas formas de relacionamento interpessoal nas diversas culturas e nas leis de cada país ainda não são capazes de impedir que crimes primitivos e brutais continuem a acontecer com uma frequência assustadora pelo mundo. É certo que os registros de casos engrossam a cada dia as estatísticas, motivados por políticas que encorajam as vítimas a denunciarem seus agressores, mas ainda não traduzem a realidade.

A violência contra as mulheres, denominada também como violência de gênero, não é assunto recente, é prática antiga e se encontra historicamente ligada ao lugar social que o Estado e a sociedade determinavam para elas, ou seja, eram submissas ao pai e/ou ao marido, consideradas propriedades do esposo, que exerciam sobre elas todo e qualquer poder, nos moldes do antigo poder patriarcal.

Após as grandes revoluções, as mulheres vêm ganhando espaço no cenário social, lutando pela conquista de seus direitos e contra uma cultura de dominação masculina. Atualmente as mulheres ocupam lugares de poder na sociedade, lugares nunca antes conquistados, mas, apesar das muitas conquistas, continuam sendo vítimas de violência doméstica e familiar, de preconceitos e de muitos outros estereótipos. (IZUMINO, 2002)

Nesta seara, resultado de um processo de construção histórica, a brutalidade contra a mulher advém de um amplo cenário de repressão na esfera social e familiar. Tal agressividade consiste em qualquer ato de violência com base na diferença de gênero que cause sofrimento e danos físicos, morais, patrimoniais, sexuais ou psicológicos.

3. A análise linguística

Ao se abordar a linguística e sua materialidade, figura que merece destaque é Saussure, para quem a língua nada mais é do que um sistema de valores puros, ou seja, para o autor a língua deve ser vislumbrada como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social. Saussure assim discorre acerca da linguagem:

O pensamento humano não passaria de uma massa amorfa e indistinta. Por outro lado, os sons de que se serve a língua tampouco se encontram organizados de alguma forma. Porém, a língua seria o intermediário entre o pensamento e os sons, possibilitando, assim, que entre a massa amorfa do pensamento humano e a profusão indeterminada de sons, surja uma espécie de faixa de organização à qual se chamaria língua. Sendo assim, não haveria nem materialização do pensamento, nem espiritualização do som, mas, tão somente a constituição da língua entre duas massas amorfas. (SAUSSURE, 2002, p. 131)

O mesmo autor ainda comenta acerca do sistema linguístico, descrevendo:

Uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois, o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças. (SAUSSURE, 2002, p. 139-140)

Assim, analisando os argumentos acima elencados, é possível entender a língua como um conjunto de elementos que podem ser estudados simultaneamente, tanto na associação paradigmática como na sintagmática, uma vez que um elemento depende do outro para ser formado.

Novamente Saussure abarca o assunto discorrendo que a linguagem é ao mesmo tempo social e individual, psíquica e psicofisiológica. É, portanto, a fusão da língua e da fala. Para o autor, a língua propriamente dita é definida como a parte social da linguagem. E complementa: “[...] a língua é um sistema supra individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “[...] a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua”. (SAUSSURE, 2002)

É possível vislumbrar o conceito e o universo da linguística, que tem por único e verdadeiro objeto a língua, considerada em si mesma. A linguística se preocupa única e exclusivamente com o estudo da língua por ela ser um sistema de regras e organizações utilizadas por uma determinada comunidade para sua própria comunicação e compreensão. Na visão de Saussure, a linguística pretende:

Fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família; procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 1995, p. 13)

Partindo-se da análise da linguística e de sua importância nas comunidades em geral, necessário se faz discorrer aqui o conceito de materialidade linguística, corroborando a importância do tema na análise do objeto do presente estudo.

Bardari compara a língua ao mármore do escultor, às tintas do pintor, ao barro do ceramista. Explicita o autor que “[...] cada um dos diversos tipos de artistas compartilha da mesma matéria-prima, mas com ela fazem obras diferentes”. (BARDARI, 2014)

Assim é a materialidade linguística, termo utilizado para fazer referência às diversas possibilidades que um determinado idioma oferece a quem por meio dele fala ou escreve. Bardari complementa que

Certamente, essa é uma maneira metafórica de dizer que aquele que se apropria da língua encontra nela infinitas opções para forjar um estilo e, dessa forma, fazer de seus textos uma experiência agradável aos ouvintes e leitores com quem pretende interagir. (BARDARI, 2014)

No presente estudo, a materialidade linguística é de extrema importância, uma vez ser utilizada a fim de interpretar os termos utilizados nos discursos jocosos de algumas canções que incitam a violência contra a mulher.

4. Discursos jocosos em algumas canções

As palavras e expressões utilizadas num determinado texto e contexto, adquirem sentido justamente porque inseridas no universo discursivo. Considerando o estudo em questão, interessante discorrer que a ação individual do compositor se efetua na interação com uma intertextualidade, pensando a linguagem em seu caráter histórico, inserida em um tempo-espaço determinado que busca narrar as atividades sociais sob um ângulo psicológico.

Focando o gênero música, necessário se faz conhecer sua condição de uso, sua pertinência e sua eficácia. Bronckart, (1999, p. 48) discorre que o “[...] compositor possui um contexto social e histórico e, dentro destes limites, ele faz suas inferências, recategorizando elementos com o objetivo de produzir sentidos para sua música”. Percebe-se, assim, que os textos das músicas são as únicas realidades empiricamente atestáveis, posto que a língua se apresenta permeável e movediça.

A língua é histórica, uma vez que é o habitat natural do sujeito, é o meio pelo qual ele se constrói. Assim, quando as músicas fazem referência a qualquer tipo de violência contra a mulher, elas acabam por retratar, infelizmente, situações que estão presentes no cotidiano das famílias. Por outro lado, ao externizar certas expressões, as músicas podem passar, erroneamente, a ideia de que determinadas situações são admissíveis, quando na realidade não o são.

Como afirma Marcuschi (2007), se “[...] a língua é uma fonte de possibilidade de trabalhar e retrabalhar as versões públicas do mundo deve-se pensar o domínio da linguagem e o musical como um instrumento

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

não transparente”. Em outras palavras, é preciso pensar as letras das músicas a fim de que as mesmas sejam vistas como instrumento de diversão e, por que não, de informação, nunca de incitação a qualquer tipo de discriminação ou violência de gênero, como é a violência contra a mulher.

É fato que o discurso da violência de gênero circula na sociedade há muito tempo e através de diferentes materialidades linguísticas, como em letras de música e frases de caminhão, como comprova o exemplo: “Mulher feia, cachorro e cobra, comigo é na paulada”. (GRANTHAM, 2009, p. 11). Infelizmente, enunciados como estes constroem uma imagem deturpada da mulher, sendo ela comparada a coisa, e ridicularizada. Isto traz à tona a noção de que, sob diferentes formas, o discurso da violência contra a mulher, embora camuflado, acaba se manifestando nas mais variadas materialidades linguísticas.

As palavras têm poder: elas educam, ensinam e incitam com a mesma voracidade. Devem, portanto, ser utilizadas a fim de denunciar, de promover o fim da violência e contribuir para esgotar ações tão violentas quanto indignas. Não se pode admitir tamanha barbárie, em tempos tão modernos.

Cita-se, a seguir, a letra de duas canções conhecidas no cenário musical nacional e que contêm trechos extremamente violentos e preconceituosos.

Um Tapinha Não Dói⁵ Furacão 2000	Tapa Na Cara⁶ Pagodart
Vai Glamurosa Cruze os braços no ombrinho Lança ele para frente E desce bem devagarinho... Dá uma quebradinha E sobe devagar Se te bota maluquinha Um tapinha eu vou te dar Porque: Dói, um tapinha não dói Um tapinha não dói Um tapinha não dói Só um tapinha... (2x) (grifamos)	Se ela me pedir...o que vou fazer... Meu Deus me ajude em mulher não vou bater Mas ela me pede todo dia toda hora quando a gente faz amor Pedi o quê? Se ela me pedir...o que vou fazer... Meu Deus me ajude em mulher não vou bater Mas ela me pede todo dia toda hora quando a gente faaaaaaaz amooooo Tá tá tapa na cara, tapa na cara Tapa na cara, tapa na cara Tapa na cara mamãe, tapa na cara Na cara mamãe Se você quiser, aí eu vou te dar...

⁵ <https://www.letras.mus.br/furacao-2000/15575/> Acesso em 23/03/2016.

⁶ <https://www.letras.mus.br/pagodart/47912/> Acesso em 23/03/2016.

Podemos ainda citar outras letras de música como: “Se ele te bate/ É porque gosta de ti/ Pois bater-se em quem/ Não se gosta/ Eu nunca vi”. A canção “Amor de malandro”, gravada por Francisco Alves, em 1929, deixa evidente: bater em mulher era tão trivial algumas décadas atrás que, sem cerimônia alguma, virava letra de música. Quase 90 anos depois desta canção e dez anos depois da aprovação da Lei Maria da Penha que protege a mulher contra a violência doméstica, o Brasil ainda mostra resquícios da herança misógina.

Ao se analisar o discurso construído nas letras transcritas acima, é possível perceber que a violência é disfarçada e amenizada na música *Um tapinha não dói*, pelo uso de adjetivos como *glamurosa* e pelo emprego de diminutivos como *ombrinho*, *tapinha*, *devagarinho*, *quebradinha*, *maluquinha* que revestem os gestos de agressão de meiguice e carinho.

Os diminutivos aqui empregados têm conotações sensuais. Aquelas palavras afetuosas que se usam para designar o que é agradável, e segundo Veríssimo⁸, “[...] aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido”. A sensualidade, o excitante, a imaginação e o erótico estão presentes nas músicas de forma explícita.

É nestes sufixos diminutivos que a descarga das emoções e das intenções se dá com maior energia (LAPA, 1982). O sufixo diminutivo é um recurso estilístico que torna a linguagem mais afetiva e mais expressiva, refletindo os nossos sentimentos e intenções pelas coisas e pelas pessoas.

Na letra da música *Tapa na Cara* o autor se coloca em posição de vítima, pois, segundo ele, é a mulher quem insiste na violência contra si mesma. Invoca, inclusive, o nome de Deus, implorando que este o ajude a evitar tal agressão, mas se ela pede todo dia, toda hora, quando faz amor, ele sai da posição de agressor. Com isto o marido ou companheiro tenta se livrar da culpa porque foi ela quem pediu para ser agredida, mascarando de forma velada a violência.

É fácil observar, nas letras dessas músicas, a construção do discurso que tem sido denominado, em nossa sociedade, como “machista” e que pode ser pensado como um discurso que inferioriza a mulher ou ridi-

⁷ <https://www.letras.mus.br/francisco-alves/1743969/> Acesso em 29/03/2016.

⁸ <http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/l-dimi.htm> Acesso em 02/04/2016.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

culariza-a. Nessas músicas é possível vislumbrar a violência contra a mulher associada ao prazer sexual, produzindo a imagem de uma mulher que pede para apanhar porque isso a deixa *maluquinha* e que pede tapa na cara *quando faz amor*.

Ao ser expressa dessa maneira, a violência deixa de ser considerada uma responsabilidade do agressor e passa a ser uma responsabilidade da mulher agredida: é ela quem pede, é ela quem quer, é ela quem gosta; não há culpa, portanto, da parte de quem bate. Quando numa canção de Sidney Magal⁹ "Se te agarro com outro te mato":

Se te agarro com outro
Te mato!
Te mando algumas flores
E depois escapo...,

isso passa a ser esperado socialmente.

Esse discurso jocoso acaba por chancelar a violência do homem contra a mulher e, cantado em paradas musicais, passa a ser repetido, a ser tomado como normal e a esconder uma certa convivência da sociedade para com a violência doméstica. Quando na letra de uma música popular se menciona um comportamento violento, se banaliza a opressão, fazendo parecer que aquele comportamento é normal. De certa forma, isso estimula as agressões.

O Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) sentenciou que as músicas "Um tapinha não dói" e "Tapa na cara" incitam a violência contra a mulher e condenou, em segunda instância, a produtora e a gravadora a pagarem multa de R\$ 500 mil reais, a ser revertida para o Fundo Federal de Defesa dos Direitos Difusos. (TRF-4 Processo 00012332120034047100 e ação Civil Pública nº 2003.71.00.001233-0 (RS)).

Dizer que a música popular brasileira sempre teve uma conotação de incitação a violência contra a mulher não é justificativa. Antes de 2006, não havia a Lei Maria da Penha, não havia conscientização sobre a violência contra a mulher, por isso precisamos ficar atentos às músicas que incitam a violência, para combater as estatísticas alarmantes de ataques ao sexo feminino.

⁹ <https://www.letras.mus.br/sidney-magal/324300/> Acesso 11/04/2016.

O levantamento “Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil”, lançado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), mostrou que 4.762 mulheres foram assassinadas no país em 2013, índice 12,5% maior do que em 2006, quando a Lei Maria da Penha entrou em vigor. A taxa de homicídios de mulheres brasileiras é a quinta maior do mundo.

Os tempos modernos são marcados pela miscigenação cultural e pelo apelo midiático. As propagandas, o apelo sonoro, o apelo visual são armas poderosas na disseminação de regras, de modelos de conduta. É possível, pois, vislumbrar que revistas e músicas reforçam e divulgam os valores de uma determinada comunidade, motivo pelo qual precisam ser repensadas as maneiras como a música dissemina ideias e comportamentos.

5. Conclusão

É possível vislumbrar a importância da linguagem em uma determinada comunidade, posto que o papel da linguagem é *significar*, possibilitando a comunicação, pois depende da interação entre o sujeito e o valor cultural que ele dá ao lugar de onde fala.

Assim os costumes, as tradições, a cultura como um todo, podem ser transmitidos de várias maneiras, inclusive, através das músicas, com discursos jocosos que incitam a violência contra a mulher.

As músicas não são apenas um retrato de uma sociedade que naturaliza a violência doméstica, mas também têm um papel ativo em estimular, em certa medida, o feminicídio. O machismo está tão presente na cultura popular que, muitas vezes, dificulta que a própria mulher perceba que é vítima de relacionamentos abusivos.

Os discursos jocosos nas músicas acabam por chancelar a violência do homem contra a mulher e, apresentadas em paradas musicais, passam a ser repetidos, a serem tomados como algo normal e a esconderem certa convivência da sociedade para com a violência doméstica. Quando na letra de uma música popular se menciona um comportamento violento, se banaliza a opressão. De certa forma, isso estimula as agressões. Por essa razão o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) condenou as músicas “Um tapinha não dói” e “Tapa na cara” por incitarem a violência contra a mulher.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Antes da Lei Maria da Penha, não havia conscientização sobre a violência contra a mulher, mas hoje temos a mídia que trabalha para coibir a agressão feminina, por isso precisamos ficar atentos às músicas que incitam a banalização da violência, para combater as estatísticas alarmantes de ataques ao sexo feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco. *Amor de malandro*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/francisco-alves/1743969>>. Acesso em: 29-03-2016.

BARDARI, Sérsi. *Materialidade linguística*. Disponível em: <<http://sersibardari.com.br/materialidade-linguistica>>. Acesso em: 28-03-2016.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

BRONCKART, Jean-Paul. Atividade social e linguagem. In: _____. *Atividade de linguagem, textos e discursos por um interacionismo sócio discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.

COHEN, Marina. *Especialistas acreditam que letras banalizam a violência contra a mulher*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/especialistas-acreditam-que-musicas-banalizam-violencia-contra-mulher-18067514>>. Acesso em: 26-03-2016.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

FURACÃO 2000. *Um tapinha não dói*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/furacao-2000/15575>>. Acesso em: 23-03-2016.

GRANTHAM, Marilei Resmini. Um tapinha não dói: um estudo da violência de gênero. *Conexão Letras*, Porto Alegre, vol. 4, n. 4, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. Semântica e pragmática. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. (Orgs.). *Introdução às ciências das linguagens: a palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006, p. 113-146.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

IZUMINO, Wânia Pasinato. Os estereótipos de gênero nos processos judiciais e a violência contra a mulher na legislação. Painel 02. In: MORAES, Maria Lígia Quartin de; NAVES, Rubens. (Orgs.). *Advocacia pro bono em defesa da mulher vítima de violência*. Campinas: Unicamp, 2002.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MAGAL, Sidney. Se te agarro com outro te mato. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sidney-magal/324300>>. Acesso em: 11-04-2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PAGODART. *Tapa na cara*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/pagodart/47912>>. Acesso em: 23-03-2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Diminutivos*. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/l-dimi.htm>>. Acesso em: 02-04-2016.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
EMBATES DISCURSIVOS NO CONGRESSO NACIONAL
A RESPEITO DA IMPLEMENTAÇÃO (OU NÃO)
DO NOVO CONCEITO DE FAMÍLIA:
UM OLHAR MIDIÁTICO

Fernanda Pinheiro de Souza e Silva (UNICAP)
fernandapssletras@hotmail.com

RESUMO

Este artigo é fruto da defesa de mestrado em ciências da linguagem que fiz este ano de 2016, e ele tem por objetivo discutir se as entidades jornalísticas trazem, segundo defendem, a informação equilibrada, imparcial e neutra. Pretende-se trazer à consciência orientações ideológicas que norteiam revistas e portais acerca da questão da aprovação ou não do novo conceito de família no Congresso Nacional. O nosso pressuposto é que a depender da qualidade do acesso à informação as pessoas se posicionam de forma distinta. Optou-se por investigar os embates discursivos acerca da implementação ou não do novo conceito de família por ser um evento discursivo polêmico e atual que se instala no Congresso e na sociedade, além do assunto ser constituinte de luta e de poder – pontos chaves para análise da manipulação discursiva. As análises visam compreender, identificar e comparar as estratégias linguísticas e discursivas em função de questões políticas e ideológicas das instituições jornalísticas. Para fundamentar o trabalho lançamos mão da análise crítica do discurso como referencial teórico e metodológico de pesquisa para examinar às construções discursivas relativas ao abuso de poder. O *corpus* são os gêneros discursivos – recortados das revistas *Veja*, *IstoÉ*, *Carta Capital*, *Gospelmais*, *Época* e dos portais G1 e R7. Esses gêneros serão descritos, interpretados e analisados de acordo com as três dimensões de Fairclough (2008): textual, prática discursiva e prática social.

Palavras-chave: Análise crítica do discurso. Discurso da mídia. Leitura.

1. Introdução

Esta pesquisa está interessada na investigação de posicionamentos discursivos e ideológicos de instituições midiáticas sobre um único tema escolhido: a implementação ou não do Estatuto da Família no Congresso. Esse tema foi eleito pelo pesquisador por estar em ampla discussão no Congresso e na sociedade. O Estatuto foi elaborado pelo deputado evangélico pernambucano Anderson Ferreira com o propósito de manter a definição antiga do conceito de família. O deputado defende que essa instituição é, e deverá ser caracterizada pela união entre homem e mulher por meio de casamento ou união estável, ou o núcleo formado por um dos pais mais os filhos, excluindo as demais formações. Contrapondo a essa definição tradicional, há um grupo de parlamentares que defende uma concepção plural de família, as famílias ampliadas, as famílias recompostas (frutos de vários casamentos), famílias monoparentais, adotivas e

homoparentais; e pela possibilidade de poder lincar esse tema com a análise crítica do discurso que é uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas. Ela prover bases científicas para questionamentos críticos da vida social, em termos de justiça social e poder. (FAIRCLOUGH, 2003 *apud* RESENDE & RAMALHO, 2006)

O evento social a ser discutido tem como sujeitos antagônicos, segundo o discurso jornalístico, a bancada evangélica e a bancada não evangélica. Antes de aprofundar a discussão sobre essas bancadas é coerente nesse momento trazer a definição desse termo muito utilizado pela mídia, uma vez que fica mais evidente os grupos que debatem no Congresso. O termo Frente Parlamentar ou bancada, designa um grupo de membros dos poderes legislativos federal, estaduais e municipais que tem sua atuação unificada em função de interesses comuns, independentemente do partido político a que pertençam (WIKIPÉDIA, 2016). A justificativa da pesquisa reside no posicionamento do pesquisador, de forma ativa e engajada, no sentido de pretender detectar as estratégias linguístico-discursivas utilizadas para a criação discursiva de determinados posicionamentos políticos e interpretá-los em termos de construção de sentido a favor ou contra a implementação do PL 6583, de 2013, do deputado Anderson Ferreira. Segundo Meurer (2004) a qualidade do conhecimento construído sobre os acontecimentos noticiados pela mídia interfere no posicionamento do leitor. Diversas perspectivas sobre o mesmo acontecimento é comum verificarmos nos jornais, mas qual é a relação entre os discursos e as práticas sociais? Norman Fairclough (2003) diz que as práticas sociais são realizadas, perpetuadas e modificadas por meio de discursos. Isto acontece especialmente na sociedade atual em que o constante processo de democratização, com as garantias dos direitos individuais e com leis cada vez mais rígidas, torna simbólico um meio importantíssimo para a coerção, por um lado, e para a luta, por outro, em detrimento da força e da violência físicas.

As instituições escolhidas para coleta de textos foram as revistas *Carta Capital*, *Gospelmais*, *Forum*, *Câmara Notícias*, *Agência Brasil*, *Galileu*, *Canaãvip*, *Veja*, *ISTOÉ*, *Época*, além do portal G1. Entretanto, este artigo apresentará a análise apenas de duas instituições midiáticas: a editora Globo, representada pela Revista Galileu e a Revista Gospelmais de cunho evangélico. Contudo, será exposto nas considerações finais o resultado desse trabalho dissertativo maior.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

2. *Panorama da análise crítica do discurso e os significados do discurso*

A análise crítica do discurso estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem em contextos sócio-históricos. Esta pesquisa aborda um tema polêmico e de certa forma de vanguarda para os padrões atuais, pois diz respeito a uma mudança milenar sobre o conceito bíblico de família – optou-se, dessa forma, em utilizar a análise crítica do discurso por debruçar-se sobre temas relacionados à uma modernidade tardia de Anthony Giddens. Segundo Lilie Chouliaraki e Norman Fairclough, a análise crítica do discurso está situada na ciência social crítica e na pesquisa crítica sobre a mudança social na sociedade moderna posterior (1999). O termo 'modernidade posterior' é usado por Anthony Giddens (1991), com referência às transformações econômicas e socioculturais das três últimas décadas do século XX, em que os avanços na tecnologia da informação e na mídia apartaram os signos de sua localização específica, permitindo sua livre circulação nos limites temporais e espaciais. Norman Fairclough (2001) operacionaliza três dimensões na abordagem do discurso: análise dos textos, análise das práticas discursivas e análise das práticas sociais. A análise do discurso dentro desse modelo se dá de maneira simultânea nas três dimensões, não havendo uma que deva ser obrigatoriamente priorizada em relação à outra. Essa abordagem constitutiva do discurso é baseada na gramática sistêmico-funcional de Michael Alexander Kirkwood Halliday (1985), segundo as três macrofunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Norman Fairclough (2003) reelabora essas funções e propõe uma articulação entre as macrofunções de Michael Alexander Kirkwood Halliday e os conceitos de gênero, discurso e estilo, sugerindo, no lugar das funções da linguagem, três principais tipos de significado: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional. Ele operacionalizou essa articulação culminando em três significados: o acional, representacional e o identificacional. Norman Fairclough argumenta que o discurso figura de três principais maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos: como modos de agir, modos de representar e modos de ser. A cada um desses modos corresponde um significado.

O significado acional (gênero) focaliza o texto como modo de (inter) ação em eventos sociais, o significado representacional (discurso) enfatiza a representação de aspectos do mundo em textos, e o significado

identificacional (estilo) refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso Norman Fairclough (2003). Para este trabalho, utilizar-se-á as categorias analíticas que atendem ao estudo dos três significados, a ver: significado acional: gênero discursivo e intertextualidade; significado representacional: interdiscursividade e léxico; significado identificacional: modalização. Importante destacar que esses significados atuam nas dimensões textuais, discursivas e da prática social, dimensões essas que formam a teoria tridimensional do discurso defendida por Norman Fairclough, fundamentos centrais para este trabalho.

3. Significado acional, gênero e intertextualidade

Os gêneros discursivos estão sempre associados a determinadas práticas sociais e o texto é visto como se fosse uma janela para se examinar essas práticas. Portanto, sempre que se fizer referência a gênero, estar-se-á tratando de gênero discursivo. Prosseguindo, Norman Fairclough define gêneros como aspectos discursivos das formas humanas de ação e interação em eventos sociais (2003, p. 65), ou seja, eles são formas particulares de relações sociais entre agentes sociais. Para a análise crítica do discurso, a análise de gêneros engloba o papel dos gêneros nas ações e interações que ocorrem em eventos sociais. Quando se analisa um texto em termos de gênero, a intenção é verificar como o texto figura na interação social e como contribui para ela em eventos sociais concretos (RESENDE & RAMALHO, 2014, p. 62), assim, as práticas sociais definem gêneros específicos.

Quanto a intertextualidade Norman Fairclough (2003) nos lembra de que não pode haver enunciado que não remeta a outro enunciado, de acordo com esse teórico, os enunciados (textos) são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos. Sendo assim, intertextualidade pode ser tida como a presença ou combinação de outras vozes no texto, citadas diretamente ou não. A detecção dessas vozes será feita pelo reconhecimento dos discursos direto, indireto, em forma de paráfrases, citações, relatos etc.

3.1. Significado representacional, interdiscursividade e léxico

O significado representacional está ligado as maneiras particulares de representar aspectos do mundo e está associado ao discurso. Diversos discursos são diferentes perspectivas de ver o mundo e sendo assim, li-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

gam-se a campos sociais distintos. Em relação ao campo que este trabalho se insere, o midiático, é preciso compreender a função de destaque das mídias como instrumento de lutas hegemônicas, que possibilitou grupos cada vez mais restritos a disseminarem seus discursos, suas visões de mundo.

Quanto a interdiscursividade, para Norman Fairclough (2003) ela pode ser considerada uma categoria analítica do significado representacional por representar aspectos do mundo, ou seja, para essa categoria o analista volta a atenção para os discursos articulados ou não nos textos, bem como para a maneira como são articulados. É possível perceber no texto como esses discursos servem para representar/ construir aspectos do mundo, ou melhor, os discursos servem não apenas para representar o mundo, mas de significação do mundo. Mais especificamente em relação à análise crítica do discurso, o foco de análise recai sobre o modo como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas, Norman Fairclough (2001a, p. 105) sugere que as “estruturações particulares das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia”.

3.2. Significado identificacional, estilo e modalidade

O significado identificacional está relacionado ao conceito de estilo por esse se constituir no processo discursivo de identidades, ou melhor, no processo de identificação de atores sociais. A linguagem enquanto discurso é um modo de identificar a si e ao outro. Ela contribui, como afirma Norman Fairclough (2003), para a constituição de modos particulares de ser, ou seja, para a formação de identidades sociais ou pessoais. Neste projeto será investigado também como os autores, jornalistas, se colocam, se engalam explicitamente quanto ao assunto em evidência. Utilizando para isso do uso de modalizadores, como os advérbios. Norman Fairclough (2003) define, então, modalidade como ser o julgamento do falante sobre as probabilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que diz.

4. *Concepção de poder/ hegemonia e ideologia*

Norman Fairclough (2001), em relação ao poder, utiliza a concepção de hegemonia de Gramsci e a concepção da evolução das relações de

poder como luta hegemônica. Norman Fairclough (2001, p. 122) dá a seguinte definição para este processo:

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento.

Nesse sentido, Gramsci (1971), diz que as lutas hegemônicas pelo poder estão baseadas em mudança de foco das relações de dominação, as quais passaram a ser mais calcadas no consentimento ao invés de ter como base a coerção.

Quanto as ideologias, para Norman Fairclough (2001) elas são significações da realidade construídas nas várias dimensões de poder. Uma abordagem multimodal de análise crítica de discurso.

5. Metodologia

A pesquisa compreende dois momentos. No primeiro, acontece a seleção de textos que necessariamente construíssem sentidos a favor e contra o Estatuto da Família de modo que a própria seleção já faz parte da análise. No segundo momento, são identificadas e analisadas as estratégias linguístico-discursivas que criaram esses efeitos. Não se pode perder de vista, no entanto, que esses momentos não são autônomos e nem seguem essa ordem fixa. Por mais objetiva que a pesquisa pretenda ser, o pesquisador-leitor, assim como qualquer outro sujeito, é constituído historicamente. A realização da leitura do texto de uma revista não pode estar (e não está) desvinculada da leitura do texto da outra, como se fosse a primeira leitura, de maneira que a identificação e a comparação acontecem simultaneamente na análise.

5.1. Sobre o corpus e as categorias de análise

Foram oito textos selecionados para compor o *corpus* restrito e outros quinze para o *corpus* ampliado. O restrito é composto pelos textos

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

sobre os quais a análise incidu diretamente, de onde se observou as estratégias linguístico-discursivas em função da construção de sentido. Já o ampliado são os textos que foram analisados em termos discursivos, mas não as estratégias linguístico-discursivas utilizadas. O *corpus* ampliado ajuda a lançar luz sobre os textos do *corpus* restrito, sobre o que se queria investigar – por exemplo, o fato de uma reportagem ter sido anunciada na capa ou retomada em outros textos ao longo da mesma edição, pode revelar uma maior atenção dada a um determinado assunto pela revista. Outra função do *corpus* ampliado é indicial, ou seja, embasar afirmações fora da análise, como a história das revistas de apoio ou rejeição ao PT, por exemplo.

O *corpus* é formado por textos completos apresentados sob a forma de artigos de opinião, reportagens e notícias de nove instituições midiáticas. Essa multiplicidade de instituições acontece devido a oportunidade de o pesquisador poder, mais facilmente, comparar os posicionamentos entre os veículos de comunicação.

Revista/ Portal	Título	Gênero textual	Data de pu- blicação
Veja	A família, um homem e uma mulher, a democracia, os gays e as heterodoxias constitucionais de Barroso.	Artigo de opinião	25/09/2015
<i>Forum</i>	Erika Kokay: “O que define família é o amor”	Artigo de opinião	...
<i>Carta Capital</i>	Até Jesus ficaria de fora do Estatuto da Família de Cunha	Artigo de opinião	28/09/2015
<i>Câmara Notícias</i>	Câmara aprova Estatuto da família formada a partir da união de homem e mulher	Notícias	08/10/2015
<i>Galileu</i>	Uma lei pode determinar o que significa família?	Artigo de opinião	28/05/2015
<i>Gospelmais</i>	Aprovado, relatório do Estatuto da Família reconhece apenas a união de homem e mulher	Notícia	03/09/2015
<i>Canaãvip</i>	O relator do projeto de lei que cria o Estatuto da Família é ovacionado na Câmara após definir família como união entre homem e mulher	Notícia	02/09/2015
<i>Istoé</i>	O Estatuto da Família é um retrocesso	Entrevista	28/10/2015

Quadro 1: *corpus* restrito

Revista/Portal	Título	Gênero textual	Data de publicação
<i>Forum</i>	Ativistas se mobilizam nas redes contra Estatuto da Família	Notícia	24/02/2015
<i>Forum</i>	A inconstitucionalidade do Estatuto da Família	Artigo de opinião	27/07/2015
<i>Forum</i>	Definição de família é aprovada por comissão como “união entre homem e mulher”	Notícia	24/09/2015
<i>Carta Capital</i>	As vítimas da “sagrada família” que o Congresso quer criar	Artigo de opinião	11/03/2015
<i>Carta Capital</i>	Estatuto da Família afugenta casais homossexuais da fila de adoção	Reportagem	28/04/2015
<i>Carta Capital</i>	As vítimas das trevas do Estatuto da Família	Reportagem	23/10/2015
<i>Istoé</i>	Pressionados pelo conservadorismo, deputados adiam a aprovação do código que representa um avanço no direito brasileiro	Entrevista	02/09/2015
<i>Agência Brasil</i>	Relator apresenta hoje substituto sobre Estatuto da Família	Reportagem	02/09/2015
<i>Agência Brasil</i>	Católicos e evangélicos divergem na Câmara sobre Estatuto da Família	Reportagem	25/06/2015
<i>Gospelmais</i>	Jean Willys ataca pastores Feliciano e Malafai: “oportunistas, canalhas e fundamentalistas”	Notícia	26/06/2015
<i>G1</i>	Relator na Câmara define família como união entre homem e mulher	Notícia	...
<i>Veja</i>	Fachin a mente divinal por trás de propostas que transformam a família na casa da mãe joana	Artigo de opinião	30/04/2015
<i>Carta Maior</i>	A felicidade por decreto: o medievalismo do Estatuto da Família	Artigo de opinião	16/03/2015
<i>Carta Maior</i>	Direitos Humanos: contra o fundamentalismo religioso e a vontade crua da maioria	Artigo de opinião	02/04/2015

Quadro 2: corpus ampliado

A análise do *corpus* partiu de uma lista de categorias sugeridas por Norman Fairclough (2003) segundo o conceito de ‘escolha’, ou seja, estratégias linguístico-discursivas que dão certa liberdade de uso ao locutor e, por isso, são capazes de veicular ponto de vista e construir discursos ideologicamente orientados. As categorias a serem analisadas vão do nível macro/social ao micro/linguístico e são representadas pela intertextualidade, interdiscursividade, gênero discursivo, léxico e modalidade. No entanto, muito produtivamente podem revelar informações subtendi-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

das da manipulação por ser um espaço linguístico-discursivo flexível, em que o interlocutor possui escolhas. São as seguintes categorias a serem identificadas e analisadas:

- (a) Gênero discursivo: Adotaremos a concepção de gênero de Norman Fairclough & Lilie Chouliaraki (1999), por defender a ideia de que gênero é um conjunto estável de convenções o qual se associa a um tipo de atividade ratificada socialmente
- (b) Intertextualidade: O intertexto é toda referência a outros textos, por citação (apenas) ou por transcrição.
- (c) Léxico: pode ser feito por nomeação e adjetivação. Os nomes estão a serviço do querer-dizer do sujeito, a serviço dos objetivos comunicativos e ideológicos dele.
- (d) Interdiscursividade: Diversos discursos particulares associam-se a campos sociais, interesses e projetos particulares, por isso podemos associar discursos particulares a determinadas práticas;
- (e) Modalidade: Assim como a adjetivação, a modalidade, dentro de uma elaboração discursiva, descreve ações, possíveis e reais, para caracterizar a realização dos eventos.

A manipulação não está diretamente relacionada a essas categorias, ela está indiretamente correlacionada no sentido de gerar interpretações múltiplas considerando o contexto em que será a informação inserida. Os discursos funcionam como manipulação quando inseridos em contextos sociais e reais de interação; é a maneira como são interpretados pelos leitores que o discurso ganha força manipuladora. Isso é fácil perceber quando consideramos que um determinado discurso é mais ou menos manipulador, ou não possui nenhum efeito manipulador, de um leitor para outro.

5.2. Observação sobre o *corpus*

O corpus a ser analisado é formado por cinco viés midiático e ideológico, ou seja, além do domínio discursivo jornalístico esses gêneros/*corpus* serão formados por domínios discursivos díspares como o do governo, o religioso, o de gênero, o da revista *Istoé* e o da *Veja*. Todos disputando uma única questão: a implementação ou não do Estatuto da Família.



6. *Análise das revistas Gospelmais e Forum*

A. Revista *Gospelmais* de 03 de setembro de 2015.

Aprovado, relatório do Estatuto da Família reconhece apenas a união de homem e mulher¹⁰

Por Tiago Chagas, 3 de setembro de 2015.



O projeto de lei apelidado como Estatuto da Família teve seu relatório aprovado na comissão especial que estuda o texto, e manteve o conceito familiar como o núcleo formado por um homem e uma mulher.

O relator do projeto, deputado federal Diogo Garcia (PHS-PR) afirmou em seu parecer que uma família é “a união de um homem e de uma mulher, por meio de casamento ou de união estável, e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos”. A divulgação do parecer aconteceu na última quarta-feira, 02 de setembro.

O Estatuto da Família, proposto pelo deputado Anderson Ferreira (PR-PE), é apoiado pelos parlamentares da bancada evangélica e visto como polêmico por boa parte dos partidos de apoio ao governo, de orientação esquerdista.

¹⁰ Disponível em: <<https://i0.wp.com/noticias.gospelmais.com.br/files/2015/09/estatuto-da-familia.jpg?fit=798,417&ssl=1>>.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Para os críticos do projeto, seu texto é considerado equivocado por não considerar família as uniões entre pessoas do mesmo sexo e as relações poli-gâmicas, por exemplo. Outro argumento usado é a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de proibir os cartórios de se recusarem a celebrar o casamento civil ou converter união estável em casamento de homossexuais.

Garcia, ciente das críticas, usou um contra-argumento no relatório do projeto:

“Trata-se de competência do Congresso Nacional regulamentar, para maior eficácia, a especial proteção constitucionalmente garantida à família. O estatuto vem para colocar a família, base da sociedade, credora de especial proteção, no plano das políticas públicas de modo sistemático e organizado, como até então não se fizera. Nada impede que os cidadãos, mediante seus representantes políticos, advoguem pela inclusão de novos benefícios a outras categorias de relacionamento, mediante argumentos que possam harmonizar-se à razão pública”.

Por fim, o parlamentar destacou que seu relatório foi formado a partir das impressões colhidas durante os debates e as audiências públicas, quando ouviu representantes da sociedade. O documento, segundo ele, está “alinhado aos preceitos constitucionais e valores morais e éticos de nossa sociedade, com o fim de garantir direitos e o desenvolvimento de políticas públicas para a valorização da família”.

- 1. Gênero discursivo:** O título da notícia é iniciado pelo particípio do verbo aprovar: aprovado, em seguida há uma pausa intencional evidenciada pela vírgula com o intuito de informar primeiramente o resultado do Estatuto da Família – foi aprovado, e posteriormente a complementação dessa aprovação, ou seja, foi aprovado o Estatuto que reconhece família apenas a união de homem e mulher. Não há um título auxiliar uma vez que no título principal já tem as duas informações que o portal Gospelmais quer transmitir. O primeiro parágrafo tem as duas informações principais, a aprovação do Estatuto e a essência dele que é a formação de família segundo um conceito tradicional. O corpo da notícia reforça essa ideia e informa que o Estatuto é defendido pela bancada evangélica, informação muito relevante posto que o público ao qual se destina a notícia são os leitores do portal Gospelmais, ou seja, evangélicos ou simpatizantes com essa ideologia.
- 2. Intertextualidade:** A única voz expressa pela citação direta é a do deputado Diego Garcia, relator do Estatuto, que vem para legitimar a notícia. Outras vozes que têm essa função de legitimação aparecem quando o portal remete o Estatuto ao seu criador o deputado Anderson Ferreira e ao apoio da bancada evangélica.

Todas essas vozes referidas anteriormente estão comprometidas com o Estatuto da Família de Anderson Ferreira. No último e penúltimo parágrafo surge a referência do portal a outras vozes que contra-argumentam com o discurso do Estatuto. Em referência aos partidos de apoio ao governo somente diz que seus posicionamentos não defendem o Estatuto.

3. **Léxico:** A notícia foi pequena e seu texto resumiu-se a duas informações básicas já citadas e comentadas anteriormente: a aprovação do Estatuto e o reconhecimento de família como oriunda da união entre um homem e mulher. Há nessa notícia, o excesso de emprego do verbo ser na forma conjugada do presente do indicativo “é”, como seguem as orações: “(...) família é ‘a união de um homem e mulher’”, “O Estatuto da Família (...) é apoiado pelos parlamentares da bancada evangélica (...)”, “Para os críticos do projeto, seu texto é considerado equivocado por não considerar família a união entre pessoas do mesmo sexo (...)”. Esse emprego do verbo conjugado “é” acontece tanto na argumentação quanto na contra-argumentação, pode-se refletir sobre isso como sendo uma estratégia linguística do portal, dado que essa utilização do verbo ser dar ideia de estado de permanência, algo que não se pode mais alterar ou mudar.
4. **Interdiscurso:** O portal Gospelmais identifica-se por completo com o discurso religioso e com a conduta dos seus políticos promovendo uma junção de discursos. De acordo com Machado (2012) os políticos evangélicos dão maior relevância a identidade religiosa, em detrimento das identidades partidárias que, pelo menos em princípio, deveriam orientar as condutas políticas no sistema da democracia representativa. Observa-se nesta notícia, no terceiro parágrafo, um indício do que Machado (2012) assevera: “O Estatuto da Família é apoiado pelos parlamentares da bancada evangélica (...)”. Ou seja, por que é relevante mencionar a aprovação dessa comunidade?
5. **Modalidade:** A modalidade epistêmica (no sentido de comprometimento com a verdade) - empregada pelo Portal Gospelmais - sendo expressa pelo verbo ser na forma conjugada “é ” aparece em todos os parágrafos dando ideia, como já comentado, de estado permanente aos sujeitos. Como exemplo: “(...) família é a união de um homem e de uma mulher(...)”. Ou seja, está defini-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

do por lei que não há espaço para outro tipo de família que não seja a tradicional e cristã.

B. Viés da editora Confiança com a revista *Carta Capital*, de 28 de setembro de 2015.

7. *Até Jesus ficaria de fora do Estatuto da Família de Cunha*

Projeto é mais um episódio da cruzada contra os direitos individuais dos deputados religiosos e oportunistas

Por Mauricio Moraes — publicado 28/09/2015 08h56



Retrôcesso: Sóstenes Cavalcante (PSD-RJ) e Marco Feliciano (PSC-SP) durante a sessão em que o Estatuto da Família foi aprovado.

Jesus, segundo consta, era filho de uma virgem, concebido por um Espírito Santo. Maria, sua mãe, a mais nova e retrógrada legislação concebida pelos fundamentalistas do Congresso Nacional, capitaneados pelo suposto cristão Eduardo Cunha (PMDB-RJ). O tal Estatuto da Família é mais um capítulo da cruzada contra os direitos individuais que viceja em um Congresso pautado, cada vez mais, por deputados religiosos (e oportunistas). O texto, aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal, considera família vivia com um carpinteiro, José, que se tornou o segundo pai do menino. Em suma, se vivessem no Brasil de 2015, estariam sob risco de ficar de fora do tal Estatuto da Família, a união única e exclusiva entre um homem e uma mulher. Famílias homoafetivas ou poliafetivas (caso da de Jesus, diga-se) estariam, em tese, fora da lei. A comparação com a virgem de Nazaré, o carpinteiro, a pomba divina e o menino Deus pode até soar desrespeitosa. Mas se trata justamente de debater o desrespeito, neste caso do atual Congresso com parte considerável da sociedade brasileira que vive em núcleos familiares dos mais diversos – casais gays, de lésbicas, de pessoas trans-sexuais, polifamílias etc. A escada conservadora tem outros capítulos perversos. Voltou a debate o Projeto de Lei 5069/2013, do próprio Cunha, outra marcha a ré nos direitos humanos e

individuais das mulheres. O texto diz que a vítima de estupro só poderá receber atendimento na rede de saúde se antes tiver passado pela polícia e se submetido a um exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal. Para piorar a história, o texto ainda quer proibir a distribuição da pílula do dia seguinte em casos de violência sexual. Ou seja, querem forçar as mulheres estupradas a levar adiante uma gravidez fruto de um crime (lembrando que esta mesma mãe e filho ainda não poderão ser chamados de “família”, na concepção destes mesmos deputados conservadores). Tudo isso se dá logo após os mesmos fundamentalistas conseguirem barrar, País afora, a inclusão nos Planos Municipais de Educação do debate sobre a questão de gênero nas escolas. Falar sobre gênero é combater o machismo que endossa a violência sexual que as mulheres vivem no seu dia a dia. É combater *bullying* nas escolas, que faz com que adolescentes LGBT estejam no topo dos rankings de suicídios. Ou seja, falar sobre gênero é falar sobre tolerância. E a pressão dos religiosos foi tão grande que até inventaram um termo, a tal “ideologia de gênero”, uma mentira que ganhou ares de verdade no debate raso dos conservadores.

Na Comissão de Constituição e Justiça, o Estatuto da Família foi aprovado com os votos do PSDB, do PV, do PSC, do PSB, do PSD, do Solidariedade, do PP, do DEM. Votaram contra apenas o PT, o PSOL, o PCdoB e o PTN.

Por ora, “transviados” de todo o Brasil não precisam se atemorizar. Caso seja aprovado no plenário da Câmara e do Senado, é praticamente certo que o caso vá parar no Supremo Tribunal Federal, que deve considerar nulo esse ponto do tal Estatuto e derrubar a legislação. É o STF mais uma vez salvando o País da pequenez dos ditos representantes do povo.

Mas é bom lembrar que está justamente aí o ovo da serpente. Há poucos anos, ninguém poderia imaginar que em pleno século 21 deputados e senadores estivessem mais ocupados em legislar sobre o corpo alheio do que sobre questões que realmente importam para o País. Mas aí vieram os deputados pastores, irrigando campanhas com dizimo que não paga imposto e querendo cada vez mais espaço. O resultado está aí: Eduardo Cunha, um dos mais insólitos representantes do conservadorismo religioso brasileiro, na presidência do Legislativo Nacional.

Não se enganem... Depois de conquistarem a mídia, pautarem o Congresso, os fundamentalistas religiosos, logo mais, darão o próximo passo – fazer lobby para a indicação do primeiro ministro evangélico do STF. Tempos obscuros.

- 1. Gênero discursivo:** O gênero adotado para discursar sobre o Estatuto da Família pela revista *Carta Capital* do dia 28 de setembro de 2015 foi o artigo de opinião do jornalista Maurício Moraes. O título: “Até Jesus ficaria de fora do Estatuto de Cunha” aliado ao título auxiliar: “Projeto é mais um episódio da cruzada contra os direitos individuais dos deputados religiosos e oportunistas” já denotam a perspectiva ideológica que será direcionado esse artigo, ou seja, no sentido dos que defendem um estatuto contrário ao do defendido por Eduardo Cunha, dos que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

defendem um estatuto com uma formação diversificada de família. Em outros artigos e notícias da *Carta Capital* que serviram de corpus ampliado para a verificação da tendência discursiva e ideológica da revista, percebeu-se que lá também incide uma ideologia que vai de encontro com a definição de família plural. O primeiro parágrafo explica a citação de Jesus no título, colocando-O como pertencente, na época, a uma família nada tradicional, uma vez que José era considerado o segundo pai de Jesus. O segundo parágrafo confirma o primeiro, afirmando que o Estatuto é mais uma forma de ação contra os direitos individuais humanos. O artigo segue acusando os fundamentalistas, conservadores do Congresso que insistem em negar mudanças nas sociedades contemporâneas.

- 2. Intertextualidade:** A voz que se destaca nesse artigo é a da revista *Carta Capital* que é representada pelo jornalista. A todo momento a opinião do jornalista era colocada de forma argumentativa. Ele, no primeiro parágrafo, utiliza a citação indireta da Família Sagrada como forma de identificá-los como uma família não tradicional e logo em seguida, o jornalista levanta a hipótese de poder se pensar ser desrespeitosa essa ligação, mas informa que se trata de discutir o desrespeito do Congresso atual com parte considerável da sociedade brasileira. Cita o Projeto de lei 5069/2013 de Cunha que não protege a mulher vítima de estupro na tentativa de apresentar argumentos e mais argumentos que tornem Cunha réu.
- 3. Léxico:** O trecho “O tal Estatuto é mais uma cruzada contra os direitos individuais que viceja um Congresso, cada vez mais, por deputados religiosos (oportunistas)”, é formado por palavras e expressões que possuem conotações denegridoras, em relação ao grupo que defende o Estatuto da Família. O emprego da palavra “tal” referindo-se ao Estatuto dá um ar desrespeitoso na medida que o predicativo do sujeito “mais uma cruzada...” confirma esse “tal”, ou seja, a implementação do Estatuto é mais uma forma de se agir contra os direitos humanos. O verbo “vicejar” é empregado ironicamente, uma vez que na maioria do uso desse verbo refere-se ao nascimento de algo, a germinação de algo frutífero, que não é o caso do Estatuto defendido pela *Carta Capital*. Há ainda a possível substituição da palavra religiosos por oportunistas evidenciando a conotação negativa que a revis-

ta dá a bancada evangélica. No trecho: “Por ora, ‘transviados’ de todo o Brasil não precisam se atemorizar” é utilizado o adjetivo transviado como substantivo para ironizar com a forma dos “religiosos” verem que não concorda com o Estatuto.

4. **Interdiscursividade:** No artigo de opinião em análise o discurso da revista *Carta Capital* corrobora com seus outros discursos como visto, por exemplo, no artigo de opinião intitulado: “As vítimas da ‘sagrada família’” que o Congresso quer criar” anterior ao artigo analisado. A revista defende um modelo diversificado de formação familiar, além de especificamente não se identificar com algumas figuras da política como o próprio Eduardo Cunha. Neste artigo, a voz do jornalista é a que direciona as vozes constituídas e marcadas que ele quer ativar para justificar sua verdade.
5. **Modalidade:** Para Norman Fairclough (2003a, p. 166), o estudo da modalidade é relevante para a construção discursiva de identidades, porque ‘o quanto você se compromete é uma parte significativa do que você é’. As formas verbais que constituem esse artigo são formadas em sua maioria por verbos no modo do indicativo, indicando afirmação. O compromisso do jornalista é com a verdade do seu ponto de vista, para isso, ele utiliza verbos no presente do indicativo, indicando certeza, o verbo ser indicando imutabilidade de fatos também é empregado. Ou seja, a modalidade epistêmica no artigo é que se sobressai. Entre a modalidade objetiva e a subjetiva, esse artigo caminha para a subjetiva, uma vez que o seu grau de afinidade com o tema é explicitado, deixando claro, que a afinidade expressa é a do jornalista.

6. *Considerações finais*

Pretendeu-se aqui nesta pesquisa de cunho investigativo-científico discutir e refletir sobre os diversos posicionamentos de entidades jornalísticas que ditam trazer a informação como “realmente é” de forma imparcial, mas que pelo que se observou nas análises, elas de nada têm de imparcialidade. A serviço de suas ideologias, dos seus “patrocinadores” empregam estratégias linguísticas e discursivas semelhantes. A partir da identificação e comparação das estratégias linguístico-discursivas utilizadas na construção discursiva dos textos analisados e responsáveis pela construção dos sentidos identificados – implementação ou não do Estatu-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

to da Família – é possível perceber que as mesmas estratégias linguístico-discursivas podem ser empregadas para transmitir pontos de vista distintos na atividade jornalística de reportar os acontecimentos sócio-políticos. Percebeu-se que as mesmas estratégias linguístico-discursivas eleitas como categorias de análise ajudaram, igualmente, na defesa do Estatuto da Família (revista *Veja*, portal da Câmara e revista *Gospelmais*) e na discordância desse mesmo Estatuto (revista *Istoé*, revista *Carta Capital*, revista *Forum* e a revista *Galileu*). Dessa forma, a análise não apenas confirmou a imagem construída historicamente das revistas enquanto seu posicionamento relacionado à implementação ou não do Estatuto da Família, como mostrou que os fenômenos linguísticos não possuem em si mesmos o poder de manipular a palavra em prol dos interesses específicos dos locutores institucionais, eles estão a serviço de quaisquer valores e posicionamentos. É o contexto de base sociológica, acionado por marcas textual-discursivas, apoiado especialmente no contexto enunciativo e na história das revistas, que norteia a interpretação dos leitores em determinada direção ideológica e não noutra. Nesse sentido, para uma (in)formação mais adequada do leitor, o cotejamento – comparação de textos – do conhecimento elaborado em textos cujas instituições jornalísticas possuam posicionamentos políticos distintos parece ser um caminho produtivo para um conhecimento mais amplo, mais completo. Por exemplo, no caso das notícias e artigos analisados, o leitor que teve acesso aos textos pode construir um conhecimento mais amplo, abarcando possíveis questões políticas e estéticas relacionadas à implementação do Estatuto da Família.

Assim, de modo geral, percebeu-se no fazer desta pesquisa que a ciência linguística vai além da utilização de recursos linguísticos, de teorias, ela é de essência empírica, a base da ciência é o ser humano com todas as suas idiosincrasias. E o pesquisador que é cirurgião dessa ciência não pode se deixar levar pela emoção no ato cirúrgico, tendo que ser direto e diligente, contudo, ao planejar toda a execução tem que ser levado pelo lado humano do problema, no sentido de procurar alternativas na sua área médica que levem seu paciente ao tratamento correto e adequado e isso inicia desde o diagnóstico do sintoma. Sendo nessa analogia, o ato cirúrgico, o trabalho de pesquisa, que tem que ser mais objetiva possível; o planejamento do tratamento médico, a procura pela cura sendo humana remete a necessidade de o pesquisador reconhecer que está também lidando com problemas humanos, não relacionados, talvez, a saúde, mas ao social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BÍBLIA*. Tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002
- BIROLI, Flávia. *Família: novos conceitos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad.: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Unesp/Bomtempo, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Editora da UnB, 2001a, Brasília, 1992.
- _____. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Pontes, Campinas, 2011.
- THOMPSON, John Brookshire. *Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa*. Trad.: Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

TREVISAN, Janine. A Frente Parlamentar Evangélica: força política no estado laico brasileiro. *Numen*, Juiz de Fora, vol. 16, n. 1, p. 581-609, 2013.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e poder*. Tradução e organização de Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

**GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS E ENSINO:
UMA ANÁLISE DE ATIVIDADES COM GÊNEROS ORAIS
EM COLEÇÕES DIDÁTICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II¹¹**

Gilvan Mateus Soares (UFMG)
gilvanso@uol.com.br

RESUMO

Discussões sobre gêneros textuais/discursivos e suas relações com a abordagem da língua portuguesa em sala de aula têm se intensificado desde a publicação dos PCN (1998), constituindo-se, como uma das possibilidades de estudo, a análise do modo como os livros didáticos têm desenvolvido atividades de leitura e escrita. Nesse sentido, se a interação se dá por meio de um gênero que se caracteriza pelo conteúdo específico, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 1997), e, ainda, se o gênero abordado em sala de aula é uma variação do gênero referência (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004), é essencial compreender como os manuais didáticos propõem as atividades, percebendo se os textos têm sido transformados em instrumentos de ação em efetivas situações de usos linguísticos, se articulam as práticas sociais e os objetos escolares e se potencializam a comunicação. Diante disso, este trabalho investiga algumas atividades de transposição de gêneros orais em duas coleções didáticas referentes ao ensino fundamental II, tendo como foco o gênero debate. A análise das atividades propostas nas coleções revelou: a) na primeira, o gênero é concebido como atividade discursiva e interativa (cada capítulo inclui uma abordagem sistematizada de mais de um gênero em diferentes esferas ou condições de produção ou de circulação, articulando a abordagem à leitura de um texto, dando prioridade aos orais formais ou públicos); b) na segunda, o gênero é concebido, de certa maneira, como uma atividade escolar, recaindo o foco no debate, com ênfase em perguntas avaliativas e respostas. É necessário considerar, assim, que as atividades com os gêneros, sejam eles orais ou escritos, impressos ou digitais, precisam levar os alunos a compreender como os gêneros efetivamente operam na sociedade, abordando sua complexidade linguística, estrutural, discursiva e enunciativa, para promover interação, estimular o pensamento e promover a formação de leitores críticos e produtores competentes de textos.

Palavras-chave: Gêneros Oraais. Livro Didático. Atividades pedagógicas.

1. Introdução

O ensino da língua portuguesa, a partir dos gêneros textuais/discursivos, tem despertado interesse desde a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998). Diversas têm sido, por exemplo, os trabalhos que tratam dessa temática, como, por exemplo, “Gêne-

¹¹ Este trabalho é uma releitura de dados de duas tabelas de apresentação em *Power-Point* realizado em parceria com Luciana Cardoso, Dyene Mércia e Juliana Batista, na disciplina Gêneros Discursivos/Textuais e Práticas Sociais, do PROFLETAS/UNIMONTES.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ros do Discurso na Escola” (BRANDÃO, 2000), “Gêneros Textuais e Ensino” (DIONÍSIO, MACHADO & BEZERRA, 2002), “Gêneros: Teorias, Métodos, Debates” (MEURER, BONINI & MOTA-ROTH, 2005), “Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão” (MARCUSCHI, 2008) e “Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino”. (KARWOSKI, GAYDECZKA & BRITO, 2011)

No bojo dessas reflexões, uma das possibilidades de estudo é a análise do modo como os livros didáticos têm desenvolvido atividades de leitura e escrita tendo por base os gêneros textuais/discursivos. Nesse sentido, é essencial compreender como os manuais didáticos propõem as atividades, percebendo se os textos têm sido transformados em instrumentos de ação em efetivas situações de usos linguísticos, se articulam as práticas sociais e os objetos escolares e se potencializam a comunicação, ou se, por outro lado, acabam se constituindo em atividades mecânicas de leitura ou produção de texto, sem vinculação às práticas sociais de uso da língua.

Realizar tal análise demanda compreender as interações sociais em distintas esferas nas quais os gêneros atuam por meio da língua. Isso implica desenvolver uma gama de habilidades e competências orais e escritas tais como capacidade para ações discursivas e linguístico-discursivas cruciais para a produção dos alunos de certos gêneros, em dadas situações de interação.

Requer, também, considerarmos que a interação se dá por meio de um gênero que se caracteriza pelo conteúdo específico, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 1997) e que o gênero abordado em sala de aula é uma variação do gênero referência (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004), de forma que seja fundamental que tais aspectos sejam incluídos nas atividades propostas pelos manuais didáticos.

Cabe, ainda, percebermos que o livro didático, para além dos procedimentos metodológicos, por meio dos quais aborda os conteúdos, é um produto cultural que veicula visões de mundo e valores. Por isso, ele é criticado, rejeitado ou aceito, mas, indubitavelmente, um dos mais importantes materiais didáticos, senão o único, com o qual muitos professores trabalham, embora a importância atribuída a quaisquer recursos didáticos dependa do modo como são utilizados. (MANTOVANI, 2009)

Tendo essas questões em foco, este trabalho investiga a transposição dos gêneros orais, considerando o gênero como prática social e como atividade, em dois livros didáticos adotados no ensino fundamental II,

inscritos no Programa Nacional do Livro Didático (2014). Para tanto, primeiramente delineamos os pressupostos que norteiam a pesquisa e, em seguida, apresentamos a análise das coleções e fazemos nossas considerações finais.

2. Gênero textual/discursivo e ensino

Discutir o conceito de gênero textual/discursivo¹² requer perceber que “todo uso e funcionamento significativo da linguagem se dá em textos e discursos produzidos e recebidos em situações enunciativas ligadas a domínios discursivos da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam socialmente”. (MARCUSCHI, 2008, p. 22)

Essa visão é compartilhada por Irandé Antunes (2010, p. 44), que enfatiza que “eleger o funcionamento da linguagem – que somente acontece em textos – como uma das prioridades significa promover a possibilidade da efetiva participação da pessoa, como indivíduo, cidadão e trabalhador”.

A autora entende por texto o “evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas” (ANTUNES, 2010, p. 31), o que significa pensá-lo como atividade social dotada de um propósito comunicativo que se estabelece numa rede dialógica e que se caracteriza por uma orientação temática e uma escolha de gêneros textuais “determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados disponíveis na cultura, sendo caracterizados por três elementos: conteúdo temático, construção composicional e estilo”. (BRASIL, 1998, p. 21)

Os gêneros, assim, são concebidos como textos que se materializam em situação de comunicação recorrentes, isto é,

são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

¹² Para além da discussão sobre a terminologia “textual” ou “discursivo”, que nos poderia apontar para dimensões teórico-metodológicas diferentes ou complementares, adotamos a nomenclatura “textual/discursivo” como forma de se conceber a importância de um trabalho com o gênero que considere as dimensões linguística, composicional, pragmática, discursiva, social e cultural do texto.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Dessa forma, os gêneros são reguladores dos usos sociais da linguagem, operando como “ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável”, constituindo-se, pois, em “modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem”. (MARCUSCHI, 2008, p. 84)

Mikhail Bakhtin (1997) assevera que as esferas de utilização da língua elaboram enunciados relativamente estáveis, sejam eles orais ou escritos, os quais são denominados gêneros do discurso. Esses gêneros, conforme o autor, se caracterizam por conteúdo temático (assunto abordado, ideologicamente afetado), estilo (seleção dos recursos da língua – lexicais, fraseológicos e gramaticais) e estrutura composicional (elementos da estrutura textual, discursiva e semiótica).

Para Eliana Merlin Deganutti de Barros e Elvira Lopes Nascimento (2007, p. 245), os gêneros são concebidos como “fenômenos sociais concretos e únicos, constituídos historicamente nas atividades humanas, caracterizados por um ‘esqueleto’ mais ou menos estável, porém, suscetível a determinadas modificações/adaptações”.

Nessa discussão, o trabalho com o gênero em sala de aula nos aponta para a compreensão de que “o gênero trabalhado na sala de aula é sempre uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem” (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p. 81). Assim, cabe analisar com os alunos o processo social que envolve o gênero, desenvolvendo “situações de comunicação que sejam o mais próximo possível de verdadeiras situações de comunicação, tenham um sentido para eles, a fim de melhor dominá-las como realmente são. (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p. 81)

Isso implica desenvolver atividades contextualizadas, que possam levar o aluno a perceber as características temáticas, composicionais e estilísticas dos gêneros e que possam fazer sentido, ao inserir dentro de um projeto discursivo de uso efetivo da linguagem.

Especificamente aos gêneros da oralidade, cabe desenvolver atividades que potencializem as competências orais, possibilitando ao aluno “novas descobertas a respeito desse objeto que manipula constantemente” e prepará-lo “para utilizá-la em contextos que não lhe são ainda familiares” (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 150-151), trabalho esse que pressupõe diversificar os gêneros, abordando-se, por exemplo, o debate,

a exposição, a conversa, o seminário, e as estratégias, como resumo oral, crítica e leitura expressiva.

Com base nessas reflexões, apresentamos, a seguir, nossa análise sobre as atividades com gêneros orais em duas coleções didática, focalizando o gênero “debate”.

3. Os gêneros orais no manual didático: o “debate”

Foram analisadas duas coleções didáticas do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) inscritas no Programa Nacional do Livro Didático (2014), a saber: a) “Perspectiva Língua Portuguesa” (2012) e “Projeto Teláris: Português” (2012). O objetivo foi analisar a transposição didática dos gêneros orais, focalizando o “debate”, procurando contrastar a abordagem de um e outro livro.

Na coleção “Perspectiva Língua Portuguesa” (2012), temos que

Na prática da expressão oral, consideram-se não “o oral”, mas os gêneros praticados oralmente. O aluno entende a comunicação oral como determinado comportamento, verbal e somático, concernente a determinada esfera comunicativa, que cobra o uso de determinados gêneros. Com o olhar voltado para os gêneros orais, não se abandona, na prática da expressão oral, a comunicação dada pela modalidade escrita. (DISCINI; TEIXEIRA, 2012, p. 12)

O objetivo é, então, oferecer atividades que considerem o gênero como prática social e, por isso, os gêneros orais devem ser trabalhados considerando o contexto ou a esfera comunicativa em que são produzidos, pois “o gênero é um instrumento confirmador da situação de comunicação” (DISCINI & TEIXEIRA, 2012, p. 13). Nesse sentido, as autoras destacam que são privilegiados os gêneros orais mais formais, o que não significa, claro, que os gêneros orais mais informais, da esfera pública ou íntima, não sejam trabalhados.

Em relação aos gêneros orais mais formais, as autoras postulam que foram selecionados

gêneros pertencentes a diferentes esferas de circulação – documentário, para a esfera televisivo-jornalística; júri simulado, para a jurídica; encenações de cordel e declamação de poema, para a esfera literário-teatral; exposição de um trabalho de colagem verbo-visual realizado por grupos, para a esfera didática. (DISCINI & TEIXEIRA, 2012, p. 13)

Ainda conforme as autoras, são trabalhados também gêneros menos complexos, como o relato e a conversa informal. Esses gêneros orais

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

são abordados, especialmente, na seção “Expressão Oral”, de modo que se torna interessante verificar a relação entre os postulados das autoras e o trabalho de fato oferecido ao aluno.

Então, no “Manual do Aluno”, puderam ser levantados os seguintes dados:

Volume/Ano	Debate	Outros Gêneros	Total
6	3	14 (2) ¹³	17
7	1	15 (1)	16
8	1	10 (1)	11
9	1	11 (1)	12
Coleção	6	50	56
	11	89	%

Tabela 1 – Seção “Expressão Oral” – Coleção Perspectiva

Fonte: Pesquisa do Autor em reanálise de dados de Power-Point, elaborado por Gilvan Mateus Soares; Luciana Cardoso; Dyene Mércia e Juliana Batista (2014)

Podemos perceber que a coleção se preza pela variedade de abordagem dos gêneros orais, embora as próprias autoras afirmem que há certo privilégio de gêneros orais formais e públicos. Assim, são oferecidas atividades a partir de gêneros como, por exemplo, apresentação oral, declamação de poema, leitura dramatizada, exposição oral, explanação, avaliação de texto, discussão regrada, seminário, debate, discussão em grupo, relato de experiência pessoal e radionovela.

Como se pode perceber, a coleção contempla diferentes gêneros orais, de diversas esferas de circulação, oferecendo, em cada capítulo, abordagem sistematizada de mais de um gênero oral. Em muitos casos, a abordagem do gênero é articulada à leitura de texto e a outros recursos, como, por exemplo, as atividades das páginas 47 a 51 do livro referente ao 6º ano, que, dentro da temática do “medo”, articulam diferentes gêneros: o diálogo coletivo; a leitura expressiva de um poema (e o exame do texto); o resgate, pela memória, de conto maravilhoso; discussão sobre o sentimento do medo; discussão comparada de textos; e relato de experiências vividas.

Especificamente ao gênero “debate”, podemos citar, por exemplo, a atividade do volume referente ao 8º ano, da página 293 à 296, em que se apresentam as características do “debate” por meio das seções “A proposta”, “Preparação”, “Debate” e “Avaliação”, articulando essa proposta a

¹³ Entre parênteses, quantidade de atividades que focalizam à oralização de texto escrito.

um texto estudado anteriormente. Assim, a atividade é organizada de forma sistemática, sendo subdividida: “Preparação – Parte 1”, com leitura e discussão sobre texto, “Preparação – Parte 2”, preparando para o debate; “Debate”, apresentando as características do gênero e o modo como será desenvolvido”; e, finalmente, “Avaliação”, em que os alunos, juntamente com o professor, deverão avaliar o desenvolvimento da atividade.

Há, pois, um cuidado em orientar o aluno acerca do planejamento/organização da fala. A atividade aborda um texto atual, mas que pode não despertar o interesse do aluno, cabendo ao professor, claro, desenvolver a atividade e motivar o aluno. Além disso, as características estruturais do gênero poderiam ser mais bem definidas em uma seção própria, o estilo poderia ter isso mais trabalhado, embora tenha sido incentivado, sobretudo na seção ‘Avaliação’, e o conteúdo temático foi bem explorado, por meio de atividades articuladas.

Cabe, ainda, notarmos que a atividade não articula a abordagem do gênero à análise linguística e se constitui em uma prática escolar do gênero, não havendo contato com o gênero de forma natural como circula ou ocorre na sociedade, muito embora a proposta elaborada, frisa-se, contribua para o letramento crítico.

Acerca da outra coleção em análise, “Projeto Teláris”, as autoras afirmam que

saber expressar-se oralmente com os mais diversos propósitos significa não apenas conhecer os diferentes gêneros orais mais comuns na sociedade da comunicação, mas também reconhecer as distinções entre o falar e o escrever e as especificidades de cada um. (BORGATTO; BERTIN & MARCHEZI, 2012, p. 10)

Nesse sentido, as autoras, criticando o pouco espaço que a escola tem destinado à língua falada, apontam para o *status* que vem assumindo no campo dos estudos da linguagem, constatando o crescente volume de análises textuais relativas aos gêneros orais.

Consequentemente, enfatizam a necessidade de a escola tornar a língua falada em objeto de ensino, abordando as suas especificidades, propondo um estudo que considere os gêneros orais como roda de causas, debates, exposição oral. Para tanto, a coleção dedica uma seção específica, “Prática de Oralidade”, que “destina-se à prática sistemática de momentos em que o aluno pode aprimorar, com mediação do professor, a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

língua falada, em contextos e circunstâncias especialmente destinadas a esse fim”. (BORGATTO; BERTIN & MARCHEZI, 2012, p. 30)

Essa seção se divide em dois tipos: a) “Um bom debate”, que propõe debate sobre tema de texto desenvolvido no capítulo; b) e “Outras práticas orais”, que contempla, por exemplo, leituras dramatizadas ou exposição oral.

Em relação ao “Manual do Aluno”, analisando a coleção, obtivemos os seguintes dados:

Volume/Ano	Gênero “Debate”	Outros Gêneros	Total
6	7	6 (4) ¹⁴	13
7	8	3 (2)	11
8	8	4 (1)	12
9	7	2 (1)	9
Coleção	30	15	45
	67	33	%

Tabela 2 – Seção “Prática de Oralidade” – Coleção Projeto Teláris.

Fonte: Pesquisa do Autor em reanálise de dados de *Power-Point*, elaborado por Gilvan Mateus Soares; Luciana Cardoso; Dyene Mércia e Juliana Batista (2014)

Podemos observar que o gênero “debate” é o que é mais contemplado pela coleção, com 30 atividades, que representam 67% do total, ao passo que temos, para a abordagem dos outros gêneros, apenas 15 atividades (ou 33%), dos quais 8 (53%) se referem a atividades de oralização (ou leitura expressiva) de algum texto escrito.

Especificamente em relação ao gênero “debate”, há certo predomínio da concepção do gênero como atividade a ser realizada dentro da sala de aula, não se oferecendo ao aluno o contato com o gênero de forma natural como circula ou ocorre na sociedade e não abrangendo a sua complexidade textual, discursiva e enunciativa. Observamos que um bom número de propostas se constituem apenas como perguntas avaliativas e respostas, cabendo, então, ao professor, (re)direcionar o que se entende por “debate”.

Podemos citar, por exemplo, a atividade da página 239 do volume referente ao 8º Ano, em que os alunos, após a leitura de “A família e a festa na roça”, devem responder à quatro perguntas e, a partir delas, discutir em sala de aula o conteúdo do texto. Outro exemplo dessa prática se encontra na página 34 do livro destinado ao 7º Ano, em que se discute a

¹⁴ Entre parênteses, quantidade de atividades que focalizam à oralização de texto escrito.

questão da poesia e o contexto tecnológico que marca a sociedade atual, orientando o aluno a analisar duas questões sobre a importância dos poemas e a valorização da leitura para, diante disso, “conversar” (e não debater) sobre o assunto, relacionando com os tópicos abordados no capítulo, sem, no entanto, disponibilizar orientações mais precisas sobre isso.

Podemos, ainda, citar mais um exemplo, a proposta que se encontra nas páginas 104 e 105 do volume do 8º ano, que, articulando ao texto “Consumismo”, lido e analisado anteriormente, contribui para o letramento crítico do aluno, que deve refletir sobre seu comportamento consumidor. Assim, a proposta direciona as ações do professor e dos alunos, promove a pesquisa e orienta o aluno sobre o planejamento e organização de sua fala. No entanto, seria interessante que houvesse informações sobre o que se que espera que o aluno aprenda com/sobre o gênero, articulando sua abordagem à análise linguística e considerando a sua complexidade textual, discursiva e enunciativa.

Dessa forma, embora saibamos que o gênero “debate” possa contribuir para a socialização do aluno e desenvolver a argumentação, por meio da apresentação, discussão e defesa de ideias e opiniões, é se de questionar a pouca ênfase a gêneros públicos mais formais e a própria concepção do que seja o gênero em si.

Feitas essas ponderações, apresentamos nossas conclusões.

4. Considerações finais

As atividades com os gêneros, sejam eles orais ou escritos, impressos ou digitais, precisam levar os alunos a compreender como os gêneros efetivamente operam na sociedade, com sua complexidade linguística, estrutural, discursiva e enunciativa, para promover interação, incentivar o pensamento crítico e promover a formação de leitores críticos e produtores competentes de textos.

A abordagem dos gêneros orais, mais formais ou mais informais, promovida pelas duas coleções, representa contribuições para o letramento crítico do aluno, promovendo discussões interessantes sobre temas sociais atuais, como, por exemplo, a questão do consumo.

É necessário, ainda, perceber a importância de se promover, em determinadas atividades, um trabalho com os gêneros orais que analise como o gênero ocorre na sociedade e que discuta sobre o que se que es-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

pera que o aluno aprenda com/sobre o gênero, articulando sua abordagem à análise linguística e considerando a sua complexidade textual, discursiva e enunciativa.

Cabe, finalmente, termos em mente que a relevância de qualquer material didático só existe pelos usos que se fazem dele (MANTOVANI, 2009), de forma que o professor, em sala, deve (re)direcionar o trabalho proposto pelo livro didático, adequando o material às características e demandas da turma, na promoção de um ensino contextualizado da língua portuguesa que promova os letramentos necessários para o exercício mais crítico da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad.: M. E. G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; NASCIMENTO, Elvira Lopes. Gêneros textuais e livro didático: da teoria à prática. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, vol. 7, n. 2, p. 241-270, mai./ago. 2007.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. *Projeto Teláris*: Português. São Paulo: Ática, 2012.

BRANDÃO, Helena Negamine. *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DISCINI, Norma; TEIXEIRA, Lucia. *Perspectiva língua portuguesa*. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.

_____; _____. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 149-185.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygangue, 2005.

MANTOVANI, Katia. *O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD: impactos na qualidade do ensino público*. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos do discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: _____. DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 21-39.

_____; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ____; _____. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad.: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 71-91.

SOARES, Gilvan Mateus; CARDOSO, Luciana; MÉRCIA, Dyene; BATTISTA, Juliana. Os gêneros da oralidade e o livro didático. *Power-Point*. Trabalho em Grupo (Disciplina Gêneros Discursivos/Textuais e Práticas Sociais) – Departamento de Comunicação e Letras – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros – MG, 2014.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
LENDO O VAMPIRO NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA PERSPECTIVA *QUEER*

Elio Marques de Souto Junior (UFRJ)
eliomsj@yahoo.com.br

RESUMO

Desde seu aparecimento na literatura e, posteriormente, no cinema, o vampiro tem sido associado ao erotismo, à sensualidade e à sedução (MELTON, 2008). De fato, como afirma Dyer (2005), o simbolismo sexual do vampiro é o mais óbvio dos significados atribuídos a ele. Ademais, o vampirismo está estreitamente vinculado à sexualidade transgressiva, uma vez que o prazer sexual do vampiro advém do ato de sugar o sangue da vítima (KALIA, 2013). Com efeito, como o vampiro não tem sexo, ele transgride as oposições binárias a partir das quais o gênero e a sexualidade são compreendidos. Isto posto, este minicurso tem por objetivo investigar como a sexualidade do vampiro é construída no romance *Entrevista com o Vampiro*, da autora norte-americana Anne Rice (1991). Para tanto, serão utilizados os postulados da análise crítica do discurso e da teoria *queer*. A análise crítica do discurso é um arcabouço teórico-metodológico que concebe o discurso como prática social, construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, as escolhas linguístico-discursivas do autor constroem o mundo ficcional conforme uma visão de mundo específica, assim como possibilita a legitimação ou marginalização de identidades (COTS, 2006). Da mesma forma, ao enfatizar o caráter constitutivo do discurso, a teoria *queer* compreende o gênero e a sexualidade como construídos nas e pelas práticas discursivas situadas sócio-historicamente (BUTLER, 2003; SULLIVAN, 2003). Com efeito, os teóricos *queer* concebem as identidades sexuais e de gênero como fragmentadas, cambiantes e em constante processo (LOURO, 2004).

Palavras-chave: *Queer*. Vampiro. Contemporaneidade. Literatura. Cinema.

1. Introdução

Seres sugadores de sangue estão presentes em todas as culturas e em todas as épocas (ARGEL & MOURA NETO, 2008). Na tradição folclórica, o vampiro é um morto-vivo de aparência repugnante e fantasmagórica que sai de seu túmulo à noite para sugar o sangue dos vivos.

Para José Luiz Aidar & Márcia Maciel (1986), embora haja divergência entre os linguistas acerca da origem da palavra vampiro, a tese mais aceita é a de que ela teria se originado da palavra húngara *vampir*, sendo traduzida em diversas línguas europeias, tais como o inglês, o francês e o alemão.

Diferente do vampiro folclórico, o vampiro literário é representado como um ser aristocrata, sedutor e sensual (ARGEL & MOURA NE-

TO, 2008). Na literatura, o vampiro constitui um dos mais poderosos arquetipos que têm influenciado a imaginação desde o século XVIII.

Embora tenha aparecido primeiramente na poesia do século XVIII, foi somente no século seguinte que o vampiro estreia na prosa literária no conto de John Polidori (ARGEL & MOURA NETO, 2008). Entretanto, a figura do vampiro literário só se consolidou com a publicação do romance *Drácula* de Bram Stoker em 1897.

Ao longo do tempo, o vampiro tornou-se cada vez mais popular, sendo tema de diversos filmes e romances. O romance *Entrevista com o vampiro* da autora norte-americana Anne Rice, publicado em 1976, foi um marco no gênero, pois retrata vampiros mais humanos e o texto é narrado a partir da perspectiva de um dos vampiros, Louis.

Como a maioria das narrativas cujo tema central é a figura do vampiro, *Entrevista com o vampiro* (RICE, 1992) é uma obra altamente erótica na qual os vampiros passam a imortalidade em busca de amor. Nesse contexto, o romance sugere um envolvimento homoerótico entre Louis e Lestat, os protagonistas da história.

Isto posto, o objetivo deste artigo é analisar como Louis conceitualiza sua relação com Lestat e como constrói sua identidade homoerótica. Assim, na segunda seção, serão discutidos os pressupostos da teoria *queer* que compreende os gêneros e as sexualidades como construções sociais, culturais e discursivas. (SULLIVAN, 2003)

Na terceira seção o foco de análise recairá nas premissas da análise crítica do discurso que concebe a linguagem como prática social e, sendo seu uso atravessado pela ideologia. (FAIRCLOUGH, 2001)

Na seção seguinte, a análise linguístico-discursiva de alguns trechos do romance que retrata uma relação afetivo-sexual de Louis será empreendida.

2. Teoria queer: a construção discursiva dos gêneros e das sexualidades

O termo *queer*, segundo Tamsin Spargo (2000), "antes lançada ou sussurrada com um insulto, é agora orgulhosamente reivindicada como uma marca de *transgressão*" (SPARGO, 2000, p. 3). A transgressão, conforme Jenks (2003), "é aquela conduta que destrói as regras e transgride os limites" (JENKS, 2003, p. 3). No contexto dos estudos *queer*,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

transgredir as regras significa contestar as normas regulatórias de gênero e sexualidade. (BUTLER, 2003)

Nesse sentido, a teoria *queer* questiona a oposição heterossexualidade/homoerotismo, questionando a ideia de que a heterossexualidade é natural e, portanto, compulsória, o que remete ao conceito de heteronormatividade (LOURO, 2004). A heteronormatividade é uma estrutura ideológica onipresente que se refere à noção de que os sujeitos são criados para ser heterossexuais mesmo que não venham a relacionar-se com o sexo oposto. (MISKOLCI, 2012)

Com efeito, a teoria *queer* visa compreender as identidades sexuais e de gênero para além das normas sociais que regulam tais identidades (SULLIVAN, 2003). Assim, os/as teóricos/as *queer* buscam desnaturalizar compreensões heteronormativas das categorias de gênero e sexualidade. De acordo com Guacira Lopes Louro (2004), a teoria *queer* insere-se no quadro do pós-estruturalismo que estuda a relação entre os sujeitos, a vida social e as práticas de construir significado.

Nessa perspectiva, o significado não é visto como pré-existente ao sujeito, mas é construído nas interações sociais mediadas pelo discurso (MOITA LOPES, 2002). Assim, a teoria *queer* encontra na teoria desconstrutivista de Jacques Derrida, nas reflexões de Michel Foucault acerca da construção discursiva da sexualidade e na noção de gênero como ato performativo de Judith Butler meios para embasar a crítica à normalização dos gêneros e das sexualidades.

A desconstrução é uma teoria que, além de destacar o caráter construído do significado, proporcionou um abalo no pensamento metafísico ocidental, uma vez que este se apoiava em oposições binárias, tais como masculino/feminino, heterossexual/homoerótico, para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). Jacques Derrida (1991) pontua que desconstruir significa decompor os discursos com os quais as oposições binárias são estabelecidas, revelando seus pressupostos, suas ambiguidades e suas contradições.

A perspectiva da desconstrução pode sustentar a proposta de problematizar os binarismos e a lógica falogocêntrica, conceito útil para pensar a questão do gênero e da sexualidade (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004). O modelo falogocêntrico da sociedade ocidental atribui significado às coisas e aos sujeitos tomando como base sempre o mascu-

lino, ou seja, considerando o falo como ponto de referência e centro a partir do qual ocorreria todo o processo de subjetivação.

Assim como Jacques Derrida, Michel Foucault (2001a) enfoca o papel do discurso na construção da sexualidade. De fato, a sexualidade é "uma categoria construída de experiência que têm origens históricas, sociais e culturais" (SPARGO, 2000, p. 12), ou seja, ela não é fruto da biologia ou da genética (FOUCAULT, 2001a). Nesse sentido, a sexualidade constitui um dispositivo histórico construído fundamentalmente pelo discurso religioso e médico-psiquiátrico do século XIX.

A doutrina cristã encarregou-se de condenar o homoerotismo, considerando-o um ato transgressivo, uma sodomia (FOUCAULT, 2001a). A explosão de discursos sobre o sexo no século XIX não só atualizou o discurso religioso, mas também transformou o sujeito homoerótico em uma espécie com anatomia e psicologia distintas. Assim, o sujeito homoerótico passa a ser compreendido a partir da sua sexualidade, isto é, "nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas". (FOUCAULT, 2001a, p. 43)

Da mesma forma, Judith Butler (2003) afirma que os gêneros são construtos sociais e discursivos, e, assim, atos performativos. A performatividade, para a autora, diz respeito a um ato discursivo que produz aquilo que ele nomeia, ou seja, a linguagem torna-se um discurso delimitador e formador dos objetos e sujeitos. Nessa perspectiva, a categoria do gênero é resultado de um discurso performativo, o que demonstra que os sexos não têm nenhuma validade intrínseca e ontológica.

A noção dos gêneros como atos performativos permite que se desnaturalize o laço entre sexo e gênero, expondo os mecanismos culturais que produzem a coerência do gênero que, dessa forma, torna-se uma categoria inteligível (BUTLER, 2003). Tal inteligibilidade baseia-se na sequência sexo-gênero-sexualidade na qual o sexo biológico determina o gênero que, por sua vez, determina a sexualidade. Portanto, a concepção butleriana de gênero constitui um modo de desestabilizar as relações normativas que regem os gêneros e as sexualidades.

3. A análise crítica do discurso

Para a análise crítica do discurso, "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, cons-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tituindo e construindo o mundo em significado" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Nessa concepção, o discurso é formado e restrito pelas estruturas sociais, evidenciando a relação dialética existente entre prática discursiva e sociedade. Assim sendo, o uso linguístico reflete processos sociais e ideológicos.

Conforme Norman Fairclough (2001), há três funções da linguagem e dimensões de sentido que interagem em todo discurso, quais sejam, a função identitária, que relaciona-se às formas pelas quais as identidades são estabelecidas no discurso, a função relacional, que refere-se a como as relações sociais entre os participantes do discurso são renegociadas e representadas, e a função ideacional, relacionada a como os textos significam a vida social, assim como contribuem na construção de crenças e sistemas de conhecimento.

Na perspectiva da análise crítica do discurso, as identidades sociais são vistas como construções discursivas e, por isso, são fragmentadas e contraditórias (MOITA LOPES, 2002). Nesse sentido, é por meio da análise da materialidade linguística e das pistas contextuais que se pode compreender como as identidades e relações sociais são (re)construídas e questionadas no discurso.

O discurso, para a análise crítica do discurso, é construído por relações assimétricas de poder e pela ideologia dominante (FAIRCLOUGH, 2001). Ideologia pode ser conceituada como a visão de mundo compartilhada por uma determinada classe social, não podendo, portanto, ser dissociada da linguagem. Na verdade, a linguagem, ao mesmo tempo que expressa a ideologia, é moldada por ela.

A análise crítica do discurso estuda ainda como os textos, literários ou não, significam em um contexto sócio-histórico particular (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, é preciso compreender que, para cada contexto de enunciação, corresponde um contexto ideológico (BAKHTIN, 2004). Nessa ótica, em todo texto literário convive uma multiplicidade de vozes com pontos de vista e crenças contraditórios (BAKHTIN, 1988). De fato, o discurso romanesco constitui uma arena onde diversos interesses sociais estão em conflito.

Os discursos, segundo a análise crítica do discurso, são analisados a partir do modelo tridimensional proposto por Norman Fairclough (2001). Esse modelo trata o discurso sob três perspectivas: como texto que possui uma materialidade linguística, como prática discursiva que se

centra em como os textos são produzidos, distribuídos e interpretados, e como prática social que produz efeitos ideológicos.

Nesse quadro teórico-metodológico, um discurso pode ser abordado com base em uma análise linguística, da produção e interpretação textuais e dos aspectos institucionais do evento discursivo (FAIRCLOUGH, 2001). Como já foi apontado na introdução, o romance em questão será analisado apenas linguisticamente. Assim, a análise recairá na escolha do agente das orações, no uso do vocabulário e dos adjetivos, e em como o ethos homoerótico é construído discursivamente.

4. Uma leitura queer de *Entrevista com o vampiro*

Embora, no romance, não haja qualquer referência explícita sobre a sexualidade dos vampiros, o relacionamento entre eles pode facilmente ser descrito em termos homoeróticos. Logo no início da história, a descrição de Louis de como fora transformado em vampiro por Lestat é intensamente erótica: "ele passou seu braço direito por meus ombros e me aproximou de seu peito [...] agora vou sugá-lo até a verdadeira fronteira da morte" (RICE, 1992, p. 25). Nessa cena, Louis posiciona discursivamente Lestat como ativo, uma vez que este é o agente das ações no relato.

A escolha por um determinado agente da voz ativa reflete fatores ideológicos, culturais, sociais e político que influenciam a construção do significado (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, tendo em vista que, para o vampiro, o ato de sugar o sangue da vítima é semelhante a uma relação sexual, Lestat, ao assumir o papel ativo na relação, é quem penetra. Por outro lado, Louis assume o papel passivo, pois é ele quem sofre o efeito das ações. O papel ativo e passivo assumidos por Lestat e Louis, respectivamente, encontram respaldo nas reflexões foucaultianas acerca da atividade e passividade. (FOUCAULT, 2001b)

Para Michel Foucault (2001b), na relação sexual, atividade e passividade ligam-se a superior e inferior, dominador e dominado, vencedor e vencido. No ato da mordida, o vampiro é quem domina sua vítima, pois a penetração parte dele. Apesar de, consoante os discursos e a ideologia heteronormativos, a atividade estar associada à masculinidade e a passividade à feminilidade (FOUCAULT, 2001b), essa associação não ocorre no ato da mordida porque, depois de transformada em vampiro, a vítima assume o papel ativo (DYER, 2005). Desse modo, evidencia-se a multi-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

plicidade de posições de gênero e sexualidade assumidas pelo vampiro.

Ainda descrevendo o momento da transformação, Louis diz que Lestat sentou-se ao seu lado " de modo tão gracioso e íntimo que me fez pensar nos gestos de um amante" (RICE, 1992, p. 25). Neste trecho, Louis utiliza dois adjetivos, "gracioso" e "íntimo", o que, segundo Norman Fairclough (2001), indica uma forma de o sujeito falante expressar sua avaliação acerca do evento contado. Para a análise crítica do discurso, a escolha de palavras nunca é neutra, mas está sempre a serviço do propósito comunicativo do enunciador, além de ser um ato político e ideológico. Provavelmente, Louis escolhe esses adjetivos para qualificar o comportamento de Lestat porque conceptualiza aquele momento como uma relação afetivo-sexual, o que fica mais claro quando usa a oração "me fez pensar nos gestos de um amante". Tal oração expressa uma atividade mental cognitiva que retrata o mundo interior de Louis, tornando evidente a associação entre prática sexual e o ato de sugar sangue. De fato, Louis concebe Lestat como um amante cujo objetivo é seduzir a vítima a fim de sugar-lhe o sangue e, assim, obter prazer.

Em seguida, ao relatar para o repórter o que sentiu quando Lestat afundou seus dentes no seu pescoço, Louis afirma: "lembro-me que o movimento de seus lábios arrepiou todos os cabelos de meu corpo, enviando uma corrente de sensações através de meu corpo que não me pareceu muito diferente do prazer da paixão". (RICE, 1992, p. 26)

Neste trecho, Louis compara o ato de ter o sangue sugado por Lestat com o "prazer da paixão". No seu discurso, Louis reafirma a relação indissociável, atestada por autores como Richard Dyer (2005) e Ken Gelder (2001), entre vampirismo e sexualidade, mais especificamente, homoerotismo. Assim, Louis subverte as identidades de gênero e sexualidade que são prescritas por práticas discursivas hegemônicas. (BUTLER, 2003)

Louis confirma seu posicionamento quando diz ao repórter o que significa ser mordido por um vampiro: "não posso descrever exatamente como foi, assim como não se pode dizer exatamente como é a experiência do sexo a quem nunca passou por ela" (RICE, 1992, p. 13). Novamente, mas de forma mais explícita, Louis compara a experiência do sexo com a da mordida. Tendo em vista que, na sua vida mortal, Lestat era do sexo masculino, Louis, aparentemente, não se constrange em assumir uma identidade homoerótica, construindo, desse modo, seu ethos positivamente.

O ethos, conforme Norman Fairclough (2001), refere-se a aspectos que influenciam na construção do eu ou de identidades sociais. Nesse sentido, o ethos pode ser concebido como um processo de modelagem mais amplo em que o lugar e o tempo de uma interação discursivas e seus participantes, bem como as identidades desses participantes, são construídos através da valorização de certas características. Por meio do discurso de Louis, percebe-se que, no mundo dos vampiros, não há fronteiras rígidas socialmente demarcadas entre os gêneros e as sexualidades que acabam excluindo aqueles/as que não se enquadram em um modelo de sexualidade pré-estabelecido. (SULLIVAN, 2003)

5. Considerações finais

O vampiro, desde seu aparecimento na literatura no século XVIII, tem sido usado como um símbolo dos comportamentos sexuais que se afastam do modelo prescrito pelas normas sociais, como o é o caso do homoerotismo (DYER, 2005). Para os vampiros, não há fronteiras que separam os gêneros e as sexualidades, o que leva Ken Gelder (2001) a dizer que eles não têm sexo.

Análise demonstrou como o ato da mordida assemelha-se à prática sexual para o vampiro e sua vítima, sendo os caninos do vampiro um símbolo do pênis, uma vez que eles penetram a vítima. Não há qualquer menção sobre a sexualidade dos vampiros no romance, mas as palavras utilizadas por Louis para descrever o comportamento de Lestat no momento em que foi transformado sugere que Louis esteja posicionando-se como homoerótico.

Assim, Louis parece construir seu ethos homoerótico sem nenhuma preocupação com as normas sociais que regulam os gêneros e as sexualidades. Isto posto, como ressalta Richard Dyer (2005), o vampiro é uma figura *queer*, pois transgride os discursos binários que constroem modelos, baseados em estereótipos culturais, de como os sujeitos devem viver sua sexualidade e seu gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, José Luiz; MACIEL, Márcia. *O que é vampiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ARGEL, Martha; MOURA NETO, Humberto. (Orgs.). *O vampiro antes de Drácula*. São Paulo: Aleph, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyros, 1991.

_____; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DYER, Richard. *The culture of queers*. London/New York: Routledge, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001a.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2001b.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GELDER, Ken. *Reading the vampire*. London/New York: Routledge, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELTON, John Gordon. *O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos*. São Paulo: Mbooks Brasil, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RICE, Anne. *Entrevista com o vampiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SPARGO, Tamsin. *Foucault and queer theory*. Cambridge: Icon Books, 2000.

SULLIVAN, Nikki. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
O *FUNK* CONSCIENTE DE MC GARDEN

Leonardo Gomes de Souza (UEMG)

leonardogomes.jhs@gmail.com

Lídia Maria Nazaré Alves (UEMG)

lidianazare@hotmail.com

Vithor Pierkaski Maia Alves (UEMG)

vithorpierkaski@icloud.com

Ivete Monteiro de Azevedo (UEMG)

imizevedo62@gmail.com

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, fazer a leitura do conjunto musical de Mc Garden à luz da teoria baumaniana. No primeiro momento descreveremos a visão de Zygmunt Bauman à cerca da sociedade moderna, mostraremos a formação dos seres constitutivos da sociedade: indivíduo *de jure*, cidadão e a construção do indivíduo *de facto*. Passaremos, em diálogo, pelo sujeito alienado de Marx e o processo de fetichização da mercadoria para se vislumbrar com mais clareza o indivíduo na condição *de jure*. Em seguida, Baudrillard orienta nosso olhar, a fim de percebermos a maneira pela qual a mídia perpetua esta condição. Prosseguindo, relacionaremos todo este nicho teórico com a educação, na perspectiva de Bauman, a fim de dizer a real importância desta para a transformação da realidade. Em um último suspiro, nós nos voltamos para a visão do individualismo, na perspectiva literária de Iam Watt. Em um segundo momento, nós nos debruçaremos sobre a figura de Mc Garden. Traçar-se-á o perfil histórico e cultural do *funk*, a fim de se vislumbrar o espaço ocupado por este estilo dentro da atual sociedade. Em seguida, mudaremos um pouco a ótica, a fim de descobrirmos como o Mc em questão traduz, por meio de sua arte, as teorias apresentadas no primeiro momento.

Palavras-chave: Teoria baumaniana. Mc Garden. *Funk*. Alteridade.

1. *Introdução*

A atual fase experimentada pela humanidade é, para a teoria baumaniana, uma fase líquida. Nós nos moldamos com o instante, em outras palavras, estamos em um estado permanente de instabilidade. Muitas são as razões para estarmos em tal situação. As redes sociais digitais é uma delas. Esta é geradora e ao mesmo tempo consequência desta situação. Outro ponto desta realidade é a força que as mídias possuem para interferirem na maneira como as pessoas veem o mundo. Uma das faces da mídia é o marketing. Somos uma sociedade de consumidores atesta Zygmunt Bauman (2011). Nesta condição, as minorias tendem a ser caladas, pois seu poder aquisitivo é ínfimo se comparado ao daquele grupo que

Karl Heinrich Marx denominou em sua teoria de burguesia. Essas minorias, no entanto, criam e recriam mecanismos para se expressarem ante a ferocidade do mundo. Alteridade, enquanto expressão do que se é, cria muitos estilos de escrita, música, dança enfim de manifestações socioculturais. Neste artigo analisar-se-á como manifestação cultural das minorias o *funk*. Dentro deste estilo e letra de Mc Garden (Lucas Rocha da Silva) e como este está atrelado às raízes deste movimento cultural. Esta se mostra autêntica e afiada com as diversas questões vivenciadas pela humanidade em diversos níveis. A poesia de sua música busca representar os contextos humanos desde o nível internacional ao local.

2. A liquidez do mundo contemporâneo

Dentre os inúmeros sociólogos que escreveram sobre a sociedade contemporânea, no aã de caracterizá-la, o mais produtivo, no que se refere à quantidade de abordagens sobre a mesma, é Zygmunt Bauman. Uma consulta no Google é suficiente para confirmar nossa assertiva, motivo pelo qual nos privaremos do trabalho de justificá-la. Um segundo autor que não deve ser preterido aos que se manifestam sobre a contemporaneidade é o escritor e filósofo estadunidense Marshall Berman, que caracteriza a modernidade a partir da análise de obras literárias. Outro autor que seguiu a mesma metodologia de Berman é Ian Watt. Um quarto autor, que, por sinal, dialoga com Berman é o geógrafo britânico David Harvey. O referido consegue caracterizar a tradição e a modernidade com bastante convicção, nomeando, inclusive, esse novo momento cultural, que nos circunscreve a todos como contemporaneidade. A leitura das obras desses teóricos confere-nos autoridade para falar a respeito do novo caldo cultural que nos contém. Quando dizemos “nos contém”, esse “nos” é dito à luz da globalização que já nos alcançou a todos, com raras exceções.

Zygmunt Bauman trabalha em seu livro modernidade líquida (2001) com cinco conceitos que permeiam toda a vida humana, a saber: emancipação, individualidade, tempo/espço, trabalho, comunidade. Líquidos são instantâneos, extremamente maleáveis. “Os fluidos se movem rapidamente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos” (BAUMAN, 2001, p. 8). Zygmunt Bauman considera este um bom motivo para considerar “liquidez” como uma analogia adequada a sociedades

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

hodiernas. No primeiro capítulo do já citado livro Zygmunt Bauman caracteriza a morte da modernidade sólida, rígida e o nascimento da sociedade líquida, fluida. Os membros da nova sociedade têm sede de liberdade por isso deixam para trás tudo o que os remete ao sólido. E mesmo os sólidos que heroicamente ainda resistem sofrem de uma grave doença. Já não são tão rígidos e fortes quanto eram antes (BAUMAN, 2001). Mantêm-se no início do capítulo um diálogo entre Zygmunt Bauman e Herbert Marcuse. Marcuse reclama que hoje existe a necessidade de se ser liberto de uma sociedade próspera em múltiplos sentidos. Diante desta sociedade não há o desejo de libertação. Diante desta fala Zygmunt Bauman afirma que o problema, para Marcuse, não está na necessidade de se libertar, mas “o que era um problema – o problema específico para a sociedade que ‘cumpre o que prometeu’- era a falta de uma ‘base de massas’ para a libertação”. (BAUMAN, 2001, p. 23)

Ao abrir o capítulo com o texto de Marcuse, Zygmunt Bauman objetiva mostrar que a prosperidade da sociedade atual é a principal amarra para que os indivíduos se mantenham em um estado de liberdade subjetiva. Estão dominados pelo mercado. Não é à toa que Zygmunt Bauman afirma ser nossa sociedade uma sociedade de consumidores. Esta sociedade fluida tem por característica o processo de individualização, desfazendo as configurações que geram cidadãos para configurar, a todos, como indivíduos. “A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna” (BAUMAN, 2001, p. 39). Neste contexto as pessoas se emancipam/libertam-se. Zygmunt Bauman define libertar-se como quebrar as correntes que impedem os movimentos e o sentir-se livre como o não experimentar mordanças, não sentir as forças contrárias aos movimentos. Forças estas produzidas pelas algemas sociais.

A diferença entre ser e sentir-se livre parece sutil, mas na prática é gigantesca. Ser livre é de fato possuir e usufruir da liberdade, porém sentir-se livre é um sentimento, por isso, instável. Nas palavras de Zygmunt Bauman: fluido. Portanto o sentimento de se estar livre não dá certeza nenhuma de posse da liberdade. Esta pessoa que só se sente livre para agir segundo a sua vontade, mas que na realidade age por ditames de terceiros sem que nem ele mesmo o perceba Zygmunt Bauman denomina Indivíduo *de jure*, em outras palavras estes seriam aqueles que pensam agir segundo as suas próprias vontades e no uso pleno de sua liberdade, no entanto, é dirigido por outras pessoas. (BAUMAN, 2001). Zygmunt Bauman distingue, em outro momento, a necessidade objetiva de se ser

liberto e esta necessidade em seu caráter subjetivo. Essas duas categorias se distinguem quanto à vontade do indivíduo de ser liberto. O indivíduo urge por liberdade, mas não percebe. Isto porque se sente livre. Este fato o torna dominado. O indivíduo também pode se perceber dominado. Ao se perceber neste estado, aceita as tentativas de libertação porque se percebe necessitado delas e concomitantemente luta por libertação. Esta pessoa provavelmente desfrutará de uma liberdade, em certo sentido, plena. Uma liberdade mais profunda do que o ser que se recusa a libertação.

Até aqui trabalhamos a liberdade e suas nuances na vida humana dentro do contexto da modernidade líquida. Esta é a base para que se entendam as personagens motoras da sociedade moderna: Indivíduo *de jure*, cidadão e indivíduo *de facto*. Este, porém, é assunto para um segundo momento.

Na parte que se segue trabalharemos as bases da sociedade: transformação sólido/líquido e seus impactos na vida real do cidadão.

Zygmunt Bauman atribui à mudança sólido/líquida à economia. No segundo capítulo de seu livro fala sobre isto. Este capítulo tem por título individualidade. Zygmunt Bauman inicia o mesmo apresentando a obra de Huxley e Orwell. Estes desenvolveram caminhos distintos para um mesmo mundo a vir, a surgir. “O de Orwell era um mundo de miséria e destituição, de escassez e necessidade; o de Huxley era uma terra de opulência e devassidão, de abundância e saciedade”. (BAUMAN, 2001, p. 64)

O que aproxima essas duas teorias é o mundo que elas geram: um mundo totalmente controlado, dividido entre os que mandam e os que obedecem. Um mundo, em certo sentido, militarizado. “O fato de o futuro trazer menos liberdade, mais controle, vigilância e opressão não estava em discussão”. (BAUMAN, 2001, p. 65)

Na esteira de Nigel Thrift, Zygmunt Bauman identifica esse discurso como sendo de Joshua: “enquanto no discurso de Joshua a ordem é a regra e a desordem, uma exceção no discurso do gênesis à desordem é a regra e a ordem uma exceção” (BAUMAN, 2001, p. 66). Isto é, para os autores a única possibilidade inviável de mundo seria aquele em que o Estado, o sólido deixasse de ser a força guia das relações. O capitalismo sólido era o pilar que sustentava o discurso sólido: “o mundo que sustentava o discurso de Joshua e lhe dava credibilidade era o mundo fordista” (BAUMAN, 2001, p. 67). Com base em Alain Lipietz, Zygmunt Bauman afirma que o fordismo em seu auge foi um modo de industrializar, de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

acumulação financeira e de regulamentar. O capitalismo mudou e com ele o mundo, assim, o inviável se concretizou. O mundo que não concebia a possibilidade de ser derretido, hoje flui.

O mundo do fluido é regido por um novo tipo de discurso: “até recentemente era o discurso de Joshua; agora, e cada vez mais, é o discurso do gênesis” (BAUMAN, 2001, p. 67), isto é, o discurso do provisório, do instável, do que se está em contínuo processo de alteração. Se percebermos as mudanças do capitalismo se percebe, por consequência, a mudança na organização social: “em seu estágio pesado, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregavam. Hoje o capital viaja leve - apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil”. (BAUMAN, 2001, p. 70)

Hoje o capitalismo é leve, segundo o sociólogo polonês “amigável com o consumidor” (BAUMAN, 2001, p. 76). Mas a figura da autoridade ainda se faz presente. No entanto as hodiernas autoridades não se impõem, mas, sim, são escolhidas. Assim, o neocapitalismo “não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis” (*Idem, ibidem*). Ele sim “Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que nenhum poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade” (*Idem, ibidem*). Hoje, há a multiplicidade de autoridades. Nesta situação as várias autoridades “tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva na área é a que pode escolher entre elas” (*Idem, ibidem*). O indivíduo escolhe seus líderes: “É por cortesia de quem escolhe que a autoridade se torna uma autoridade. As autoridades não mais ordenam; elas se tornam agradáveis a quem escolhe; tentam e seduzem”. (*Idem, ibidem*)

Para os articulistas, a teorização supracitada deixa evidente que a economia é o ditame social de alto valor transformativo da realidade. A transformação da economia mudou o jeito como o ser humano gere a sua vida. Transformou o mundo rígido, sólido, de um capitalismo pesado, para um mundo líquido, fluido e de um capitalismo leve. Com isso permitiu-se uma nova configuração da realidade.

3. *Os três tipos de sujeitos*

A travessia que o indivíduo e a sociedade devem fazer concomitantemente é de um indivíduo de *jure* para cidadão e de cidadão para indivíduo *de facto*. Porém “há um grande e crescente abismo entre a condi-

ção de indivíduos *de jure* e suas chances de se tornar indivíduos *de facto* – isto é, de ganhar controle sobre seus destinos e tomar as decisões que em verdade desejam”. (BAUMAN, 2001, p. 48)

Há entre o indivíduo e o cidadão uma inimizade abissal. “‘O cidadão’ é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade” (BAUMAN, 2001 p. 45) por outro lado “o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação a ‘causa comum’”. (*Idem, ibidem*). Zygmunt Bauman resume tudo isto em uma constatação: “Em suma: o outro lado da individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania”. (*Idem, p. 46*)

Quando o indivíduo se tornar cidadão e, por consequência, ele e a sociedade se tornarem autônomas com a capacidade de decidirem por si mesmos, sem o processo alienatório que tira do ser toda a capacidade de reflexão, se chegará ao estágio último: o indivíduo *de facto*. A cidadania é o caminho: “O indivíduo *de jure* não pode se tornar indivíduo *de facto* sem antes se tornar *cidadão*” (BAUMAN, 2001, p. 50). Zygmunt Bauman esclarece dizendo que não existe indivíduo emancipado (entenda-se autônomo) sem que haja uma sociedade em mesma condição, além disso, deve-se saber que “a autonomia da sociedade requer uma autoconstituição deliberada e perpétua, algo que só pode ser uma realização compartilhada de seus membros”. (*Idem, ibidem*)

Essa passagem só pode ser concebida mediante uma expansão de mundo do próprio indivíduo. Deve ser alterada a relação que é mantida consigo uma vez que se está reformulando a postura de vida, com o mundo e com o outro. Só um ser crítico consegue fazer este processo.

4. O mercado midiático e a formação do indivíduo *de jure*

Uma das maneiras de se forjar a individualidade *de jure* no ser é a publicidade. Jean Baudrillard afirma que “a publicidade tem como tarefa informar as características deste ou daquele produto e promover a sua venda” (BAUDRILLARD, 2000, p. 291); prossegue o sociólogo francês dizendo que “da informação, a publicidade passou à persuasão, depois à ‘persuasão clandestina’” (*Idem, ibidem*), por fim, alerta, “temo-nos amedrontado diante da ameaça de condicionamento totalitário do homem e suas necessidades” (*Idem, ibidem*). Isto, porém, não é explícito, o que deixa o indivíduo com a sensação de liberdade, sentindo-se livre, explica Jean Baudrillard “o discurso publicitário dissuade ao mesmo tempo que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

persuade e daí parece que o consumidor é, se não imunizado, pelo menos um usuário bastante livre da mensagem publicitária”. (*Idem, ibidem*)

Jean Baudrillard diante da imunização aos recursos publicitários prossegue atestando que a publicidade nos induz em aspectos vitais para que se mantenha a ordem estabelecida: “a função explícita da publicidade não nos deve enganar: se ela não persuade o consumidor quanto a certa marca precisa [...], o faz quanto a outra coisa mais fundamental para a ordem da sociedade inteira” (*Idem*, p. 292). Em Zygmunt Bauman esta ordem está em constante alteração.

Jean Baudrillard em outro ponto fala da percepção do poder manipulador da mídia. “Os que negam o poder de condicionamento da publicidade (dos *mass media* em geral) não descobriram a lógica particular de sua eficácia” (BAUDRILLARD, 2000, p. 292). Sobre esta lógica prossegue ele “não mais se trata de uma lógica do enunciado e da prova, mas sim de uma lógica da fábula e da adesão” (*Idem, ibidem*). Para exemplificar isto, Jean Baudrillard cita a relação mantida entre as crianças modernas e o tradicional Papai Noel. Para o sociólogo não existe hoje o questionamento sobre a existência de tal ser assim como não se constrói mais a relação entre o Papai Noel e o presente no fim do ano (*Idem, ibidem*). Para Jean Baudrillard “a crença no Papai Noel é uma fábulação racionalizante que permite preservar na segunda infância a relação miraculosa de gratificação pelos pais” (*Idem, ibidem*). Para o autor, essa relação mantida pela criança através da imagem do Papai Noel se mantém, também, em outros âmbitos: “O que ela consome por meio dessa imagem, [...] é o jogo da solicitude miraculosa dos pais e os cuidados que estes assumem em serem cúmplices da fábula”. (*Idem*, p. 293)

Analisando a publicidade a partir desta relação conclui o autor que “nem o discurso retórico, nem mesmo o discurso informativo acerca das virtudes do produto tem efeito decisivo sobre o comprador” (*Idem, ibidem*). Estes detalhes não são decisivos na hora de comprar como afirma Jean Baudrillard. Ele esclarece a que as pessoas são atentas na hora de suas compras: O ser em sua individualidade é sensível aos estímulos de proteção e gratificação, “ao cuidado que ‘se’ tem de solicitá-lo e persuadi-lo, ao signo, ilegível à consciência, de em alguma parte existir uma instância” (*Idem, ibidem*) que concorda em comunicá-lo, quais são os seus reais desejos. O autor argumenta que o indivíduo não acredita na publicidade da mesma forma que não acredita no Papai Noel. Porém isto não o impede de “aderir da mesma maneira a uma situação infantil interiorizada e de se comportar de acordo com ela” (*Idem, ibidem*). Eis aí a

atuação muito competente da “publicidade, segundo uma lógica que, embora sem ser a do condicionamento-reflexo, não é menor rigorosa: lógica de crença e regressão”. (*Idem, ibidem*)

A publicidade, como Jean Baudrillard demonstra em sua fala, busca usar do desejo de proteção e recompensa interiorizado nas pessoas para agir. Desta maneira “a publicidade se afana, em sentido inverso, em recriar uma confusão infantil entre o objeto e o desejo do objeto” (BAUDRILLARD, 2000, p. 294). A publicidade faz com que o indivíduo retorne a uma condição de infantilidade onde a criança confunde a mãe com o presente que ela dá. A publicidade assim é uma das forças motrizes para que o indivíduo se mantenha na condição *de jure*.

Sociedade, indivíduos e dependências são as chaves para se entender o indivíduo *de jure*. Zygmunt Bauman explica que Norbert Elias em seu livro “a sociedade dos indivíduos” põe fim ao antagonismo existente entre sociedade e indivíduos. “Elias substitui o ‘e’ e o ‘versus’ pelo ‘de’” (BAUMAN, 2001, p. 39) desta forma ele transporta o discurso do “imaginário das duas forças, travadas numa batalha mortal, mas infindável entre liberdade e dominação, para uma ‘concepção recíproca’” (*Idem, ibidem*). A sociedade configura a individualidade de seus membros enquanto os indivíduos são os construtores da sociedade por meio de seus atos. A sociedade forma o indivíduo, o indivíduo gera a sociedade. Os indivíduos formam a sociedade “enquanto seguem estratégias plausíveis e factíveis na rede socialmente tecida de suas dependências” (*Idem, ibidem*). Nesta relação indivíduo-sociedade, Jean Baudrillard desconfia desta perfeita união ao ser esta mediada pela publicidade. Assim no momento em que a publicidade propõe “‘A sociedade adapta-se totalmente a você, integre-se totalmente nela’ é claro que a reciprocidade é falsificada” isto porque a sociedade “é uma instância imaginária que se adapta” ao indivíduo. Em sentido contrário o indivíduo se adapta “a uma ordem bem real”. (BAUDRILLARD, 2000, p. 294)

A marca do indivíduo *de jure* é a individualização, ou individualização, e em decorrência dela o abandono total da preocupação com o coletivo. A cidadania está sofrendo xeque-mate, pois se cada célula do organismo, que é o indivíduo, decide não mais cooperar para o todo (sociedade), o organismo morre. Sem a preocupação com o coletivo não há cidadania. O problema é que quão mais isolado e individualista está o indivíduo mais a sociedade está alienada e sem o real poder de decidir.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Isso está mexendo até mesmo na identidade humana. O ser humano é definido como social, um ser pertencente a uma comunidade e em resposta essa comunidade lhe conferiria, de uma maneira pré-fabricada, a sua identidade. Hoje a comunidade, em sendo um sólido, derreteu e se tornou fluida. Em poucas palavras “a ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’” (BAUMAN, 2001, p. 40). A segunda fase da individualização é o “encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais)” (*Idem, ibidem*). Dito de outra maneira “consiste no estabelecimento de uma autonomia *de jure*”. (*Idem, ibidem*)

O indivíduo que toma consciência deste processo e inicia uma jornada contrária a tudo isto alcançará o estado de indivíduo *de facto*. Entre o indivíduo *de jure* e *de facto* Zygmunt Bauman atesta a formação do cidadão.

A questão é que “o abismo entre individualidade como fatalidade e a individualidade como capacidade realista e prática de autoafirmação está aumentando” (*Idem*, p. 43). Em outras palavras, o abismo entre o indivíduo *de jure* e o *de facto* está crescendo.

5. Educação: quebra do indivíduo *de jure*

No livro “*Sobre Educação Juventude* Zygmunt Bauman (2013) reflete sobre o papel da educação e o destino dos jovens na atual modernidade líquida. É afirmado por Zygmunt Bauman que “o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013, p. 16). A educação/formação tem a grande responsabilidade de guiar o mundo à manifestação concreta da individualidade *de facto*. Assim “para estarem preparados, eles precisam da instrução: ‘conhecimento prático, concreto e imediatamente aplicável’” (*Idem, ibidem*). Zygmunt Bauman conclui que “para ser ‘prático’, o ensino de qualidade precisa provocar e propagar a abertura, não a oclusão mental”. (*Idem, ibidem*)

Nosso artigo busca a abertura das mentes, a fim de dar condições aos indivíduos *de jure* de desenvolverem sua criticidade. O ser crítico está pronto para a passagem que o levará a individualidade *de facto*.

Uma das facetas mais evidentes de como o indivíduo *de jure* pensa ser livre, mas tem a sua liberdade solapada, está no consumo desenfreado por parte das pessoas. Este consumo nos é imposto por um mercado cada vez mais poderoso e com mais armas de sedução, dentre elas, a publicidade.

Relacionando o consumo e o poder transformador da educação, Zygmunt Bauman nos diz que a educação ainda é o que possui força para nos levar a quebrar os grilhões da moderna escravidão. A escravidão do consumo. Apetite sempre insatisfeito com o que já recebeu (BAUMAN, 2013). Diz ele “é por causa desse apetite rigorosamente treinado e já muitíssimo entranhado que nos vemos sempre encorajados e inclinados a nos comportar de forma egoísta e materialista” (*Idem*, p. 20). Prossegue dando esclarecimentos sobre a praticidade deste comportamento: “uma espécie de comportamento indispensável para manter funcionando nosso tipo de economia, a economia consumista”. (*Idem, ibidem*)

Gastar, consumir. São as marcas que nossa escravidão externa. O mercado usa-nos, pois “somos instigados, forçados ou induzidos a comprar e gastar – a gastar o que temos e o que não temos, mas que esperamos ganhar no futuro” (*Idem, ibidem*). Sobre isto Zygmunt Bauman proclama. Se não mudar radicalmente, continuaremos escravos. “A menos que isso passe por uma mudança radical, são mínimas as chances de dissidência efetiva e de libertação dos ditames do mercado. As possibilidades em contrário são esmagadoras”. (*Idem, ibidem*).

Para Zygmunt Bauman a educação é a salvação embora também esta esteja bem enfraquecida (BAUMAN, 2013). Para solucionar tudo isto “nada menos que uma ‘revolução cultural’ pode funcionar” (BAUMAN, 2013, p. 20). Assim, conclui Zygmunt Bauman, “embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados, e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, ainda tem poderes de transformação suficientes para ser considerado um dos fatores promissores para essa revolução”. (*Idem, ibidem*)

Os articulistas, em consonância com Zygmunt Bauman, acreditam no poder transformador da educação. Educar aqui é entendido como a mais importante e profunda obra humana. Educar é garantir o futuro da humanidade, é garantir que este futuro seja melhor, seja mais autêntico. É ajudar as novas gerações a possuírem e a construírem um mundo melhor.

Outro ponto que aos olhos dos articulistas merecem destaque é o fator de transformação sociocultural da educação. A educação para ser

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

um processo autêntico de formação de uma sociedade melhor exige o respeito ao que é próprio de cada indivíduo e aos grupos socioculturais a que cada indivíduo se filia.

6. *Um pouco mais sobre o individualismo: Ian Watt*

Outro autor que nos ajuda a desmascarar o individualismo moderno é Ian Watt com o seu livro “mitos do individualismo moderno” (1997). Neste livro o autor trabalha com as histórias de Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe. Esses mitos – aqui entendidos como ‘uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns dos valores básicos de uma sociedade’ (WATT, 1997, p. 16) – encarnam como principal valor o individualismo mesmo que este estivesse distante de possuir as modernas configurações da fase líquida.

Segundo Ian Watt indivíduo e individualismo vêm de *individuus* palavra latina que significa indivisível. Ian Watt também recorre para definir esses conceitos ao *Oxford English Dictionary*. Para este dicionário indivíduo é a “característica de um ser humano isolado” (WATT, 1997, p. 128), o dicionário segue citando Francis Bacon: ‘Nas maneiras dos homens educados há algo de pessoal e individual’. (*Idem, ibidem*)

À primeira vista os protagonistas dos já citados mitos são figuras quase que antagônicas. Mas se olhadas pela ótica da individualidade esta realidade já se altera. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe “todos eles cabem na primeira definição do verbete ‘individualismo’ do *Oxford English Dictionary*” (WATT, 1997, p. 129-130). Ian Watt prossegue citando tal definição como sendo o “sentimento ou conduta autocrática como princípio ação ou pensamento individual livre e independente”. (WATT, 1997, p. 130)

Ian Watt define os heróis de seus respectivos mitos como “Monomaniacos ideológicos” (*Idem, ibidem*). Isto porque “é a qualquer preço que todos querem alcançar o objetivo escolhido” (*Idem, ibidem*). Isto se deve ao fato de eles terem “egos exorbitantes” (*Idem, ibidem*) e fazerem o que até então não se fazia. Isto é “cada um faz sua escolha com inteira liberdade” (*Idem, ibidem*).

Ian Watt segue analisando o estilo de vida dos protagonistas destas histórias. Entre suas conclusões temos o autorretrato do individualis-

mo. Assim diz ele: “Os nossos heróis são mais que viajantes contumazes: são, em boa medida, nômades solitários” (WATT, 1997, p. 131). A partir desta constatação o professor segue analisando os laços humanos mantidos pelos heróis. Em relação à família, considerando a condição de nômades solitários, diz Ian Watt que eles eram “voluntariamente desembaraçados dos laços familiares” (WATT, 1997, p. 131), isto porque “nenhum deles tem um pai para recordar; nem irmãos, esposas ou filhos; ou têm, mas deles se desligaram; e nunca assumiram o compromisso de um casamento convencional” (*Idem, ibidem*). Em relação à amizade, continua nosso professor “é igualmente verdade que nenhum deles estabeleceu amizades estreitas e sólidas nem mesmo com homens ou mulheres cujas opiniões fossem semelhantes às suas” (*Idem, ibidem*). Esta debilidade dos laços pode ser enxergada nos dias de hoje, é uma das consequências da individuação.

Para Ian Watt as personagens em questão se decidiram por não construir laços fortes e duradouros por estes “ser vistos como verdadeiras ameaças às suas personalidades centradas em si próprias” (WATT, 1997, p. 132-133). O que eles possuíam de mais próximo a um amigo eram os seus fiéis servidores. Sobre eles falam Ian Watt: “o servidor está destinado a aumentar, por contraste, a importância do eu dos três heróis”. (WATT, 1997, p. 133)

Ian Watt conclui esta fase de seu trabalho admitindo que foi breve a “abordagens das semelhanças” (*Idem, ibidem*). Dentre os heróis, porém, esta “descortina sem dúvida uma ampla área de convergência: as semelhanças entre os três são analiticamente relacionadas ao conceito de individualismo”. (*Idem, ibidem*)

Ian Watt continua descrevendo o processo histórico de implantação do individualismo na sociedade. Ele inicia sua fala dizendo que antes de qualquer coisa, precisamos entender se o individualismo é um fenômeno moderno do mundo ocidental ou seria este um fenômeno de maior expressão abarcando também manifestações em diferentes épocas e lugares. (WATT, 1997)

Ian Watt, diante destes questionamentos, aborda definições para individualismo e aplica este conceito a figuras consagradas pela história universal. Entre as definições está à psicológica. Nesta, individualismo é sinônimo de “egoísmo, indicando uma total independência interna do indivíduo em relação às outras pessoas ou as instituições” (WATT, 1997, p. 235). Neste sentido, continua o professor Ian Watt, não se pode negar

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

que “Sócrates, o pensador ateniense ou a Mao Tsé-Tung, o líder chinês” o adjetivo de individualistas. Porém, individualismo, no início, analisa Ian Watt, “não era essencialmente um termo psicológico; era fundamentalmente, e ainda é, uma especificação social; quando as pessoas são conscientemente individualistas, estamos diante de um sinal de que o conceito é familiar e arraigado e sua cultura”. (WATT, 1997, p. 235)

Sobre a gênese do individualismo Ian Watt cita Luis Dumont autor do livro *Essais sur l'individualisme: une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Ian Watt diz que, em suma, “Dumont vê a institucionalização do individualismo como algo que começou com uma base cristã, desenvolvendo-se a partir da ideia geral de uma sociedade secular concebida para ser uma união espiritual de crentes” (WATT, 1997, p. 236). Continua Ian Watt esclarecendo que nesta união, “cada indivíduo seria uma entidade moralmente autônoma” (*Idem, ibidem*). Sobre esta sociedade Ian Watt afirma que ela “ficou confinada a certos limites históricos e geográficos; não poderia ser encontrada na China ou na Índia” (*Idem, ibidem*). Finaliza Ian Watt sobre o individualismo: ele “é um fenômeno do mundo ocidental; começou com o cristianismo e foi desenvolvido pela reforma, e, nesta, especialmente por Calvino”. (*Idem, ibidem*)

Ian Watt conclui a sua apresentação sobre o individualismo afirmando que “é óbvia a importância do aumento gradual da aprovação pública ao individualismo para as mudanças experimentadas pelos quatro mitos de que trata esse livro” (WATT, 1997, p. 240). Continua Ian Watt falando da concepção sociológica do termo individualismo, há, neste ponto, um diálogo com Zygmunt Bauman, haja vista que ele encara o individualismo como algo recente na história humana. Assim, relata Ian Watt a respeito do conceito sociológico de individualismo, este está ligado a visão histórica. Assim tem-se que o “‘individualismo’ como uma característica ideológica relativamente moderna na história, é basicamente limitada às sociedades ocidentais” (*Idem, ibidem*). Essa concepção sociológica em diálogo com os mitos trabalhados no livro de Ian Watt leva o autor a concluir que, nas palavras de Watt, “nossos quatro mitos eram historicamente novos; e sob este aspecto eles refletem a nova ênfase de sua época na primazia social e política do indivíduo”. (*Idem, ibidem*)

7. A fetichização da mercadoria

Fernanda Henrique Cupertino trabalha no segundo capítulo de seu livro com a teoria marxiana, isto é, com a teoria produzida pelo sociólogo clássico Karl Marx. É fato que o teórico do comunismo produziu sua obra e pensamento na fase sólida da modernidade. Isto, porém, não tira seu mérito e muito menos a fama de seus estudos enquanto profundo entendedor dos mecanismos capitalistas. Marx propôs um sistema que os marxistas, ao adotarem, mudaram os rumos da história humana. Mas antes de propor o novo ele, evidentemente, teve de entender o que estava. Os articulistas também têm clareza de que o capitalismo presenciado por Marx é um antepassado do capitalismo vivenciado nos presentes dias. No entanto, gostaria de reforçar os articulistas, ele é um pensador que nos possibilita uma maior clareza quanto às relações mantidas pelo capitalismo e os desdobramentos destes.

A autora abre o capítulo comparando o pensamento de Marx com o de Conte. Do caráter revolucionário de Marx e em certo sentido a visão pacifista de Conte. Em um segundo momento a autora descreve a turbulenta biografia de nosso teórico. No item sete do capítulo a autora disserta sobre a relação entre capital e sociedade capitalista.

A autora argumenta que o capitalismo se difere de outros sistemas de produção, porque dissocia o produtor do produto. Esta relação produtor/produto é, no capitalismo, conflituosa porque este sistema econômico “aliena o trabalhador ao promover a divisão do trabalho social e a especialização das funções, impedindo-o de perceber o que de fato o seu trabalho produziu” (ALCÂNTARA, 2008, p. 68). Isto o torna apto “a ser convencido de que seu trabalho vale menos do que o valor real” (*Idem, ibidem*). Deste fato decorre a condição de mercadoria a que é imposto o trabalhador.

Marx tem como âmago do capitalismo a mercadoria. Isso se deve ao fato de que, para o teórico, o próprio trabalhador se tornar uma mercadoria ao vender sua força de trabalho. Faz-se necessário, a fim de uma maior clareza sobre o funcionamento do capitalismo, uma análise mais profunda da mercadoria.

Para Marx mercadoria possui valor de uso e valor de troca. Desta forma “a mercadoria possui utilidade quando tomada para consumo, ou seja, possui *valor de troca*” (*Idem*, p. 69). Então mercadoria é o que possui valor de consumo. O segundo tipo de valor relaciona-se com o valor financeiro: “a mercadoria também possui *valor de troca*, isto é, caracteri-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

za-se como um produto que pode ser trocado por outro ou por moeda de qualquer espécie” (*Idem, ibidem*). Sobre o valor final de uma mercadoria incide também o tempo gasto em sua produção. Esta última evidencia-se na relação de compra e venda da força de trabalho. Esta, ao ser vendida, será usada para produzir alguma outra mercadoria, isto é, alguém está gastando tempo para fabricar algo.

Tendo por base esta teorização, para os articulistas, ficam evidentes os motivos pelos quais a mercadoria, diríamos melhor, o consumo é o coração do capitalismo.

Para Marx a relação produção, produtor, produto mantém a alienação e, por consequência, a exploração do trabalhador por parte dos donos dos meios de produção. Dentro deste processo alienatório surge à mais-valia. Isto é, a apropriação indevida do dono do capital do trabalho excedente (trabalho não remunerado) e das mercadorias excedentes fabricadas pelo trabalhador. Não remunerado aqui se explica pelo fato de que o valor recebido nos salários não é equivalente ao que se é ofertado em forma de força de trabalho.

Fernanda Henrique Cupertino Alcântara explica que para Marx a base da exploração capitalista é a alienação. Nas palavras da autora: “Os indivíduos não conseguem enxergar a *essência* das coisas e fenômenos sociais, por isso, acreditam que tudo é *natural*, assim como a exploração capitalista”. (ALCÂNTARA, 2008, p. 73)

Esta atitude passiva que é imposta aos indivíduos, para os articulistas, é fundamental para a manutenção do indivíduo *de jure*. Ou seja, a fetichização da mercadoria enquanto “a crença transmitida politicamente aos indivíduos de que o processo de produção, abarcando nele a exploração do trabalhador, é *natural*” (*Idem*, p. 74), é de fundamental importância para a não transformação do indivíduo dominado (*de jure*) em cidadão e este em indivíduo *de facto*.

Marx, e por consequência a autora, se mantém na relação produtor-produtor-patrão e por meio desta relação enxerga o mundo. Nós, os articulistas, afiados com nosso contexto, vamos além. A alienação hoje vai além da mantida com o funcionário. Ela abarca, fundamentalmente, o consumidor. Hoje não importa mais quem produz ou mesmo como produz. O capitalismo hodierno tem a sua fonte da juventude no consumidor. Este foi alienado. Deste fato surgem frases como: “Eu não posso viver sem tal produto” ou mesmo sem uma rede social digital famosa. O capitalismo ao fazer do produto uma quase extensão do organismo hu-

mano, fez e faz das pessoas fantoches prontas ao pleno exercício de sua liberdade de comprar. A fetichização se faz sempre presente uma vez que aos olhos de boa parte da população esta situação é natural, por que não dizer necessária e satisfatória.

8. *Funk: um olhar histórico-cultural*

A pesquisadora Iara Félix Viana em sua dissertação de mestrado intitulada “Mulheres negras e baile *funk*: sexualidade, violência e lazer” nos oferece uma breve descrição histórica a respeito do *funk*. Segundo a pesquisadora o *funk*, no Brasil, surge nos anos 70 como uma evolução dos então bailes *blacks*. Porém foi na década de 80 que o *funk* começa a ganhar destaque no campo musical. Este se desenvolveu embalado pelos sons dos melôs. Iara Félix Viana, em outro ponto de seu estudo, apresenta as possíveis influências africanas sob o estilo musical em tela. “a matriz do *funk* reporta também à tradição musical africana, reelaborada na diáspora” (VIANA, 2013, p. 50). A escritora segue afirmando que vários estudos buscam descrever as relações existentes entre “a sonoridade africana baseada no ritmo e com a tradição oral dos ‘griots’, que foram incorporados na experiência cultural dos afro-americanos através de uma série de práticas, dentre elas o ‘toast’”. (VIANA, 2013, p. 50-51)

Luciano Debom Steiw (2013) é outro pesquisador que em sua dissertação intitulada “Estilos juvenis na periferia urbana – conhecendo culturas de alunos de uma escola municipal na Restinga velha” trabalha com o *funk* como produto e formador da cultura juvenil. Luciano Debom Steiw, em seu texto, objetiva delinear a cultura jovem de alunos de uma escola do Bairro Restinga, cidade de Porto Alegre. Em um dos itens, nosso teórico desenvolve o texto sob a égide do seguinte título: “Cenários musicais juvenis: ‘o *funk* tá virando uma cultura’”. Dentro deste tópico é mostrado como o *funk* está presente na realidade dos jovens da escola em questão. Para o autor, o *funk* se tornou um estilo que passeia pelos diversos contextos, por exemplo, “um dos rapazes do grupo estudado, ao mesmo tempo em que admira o *Funk*, também tinha gosto pela música gaúcha” (STEIW, 2013, p. 69). Outro caso que ilustra esta situação é o da garota que canta no coral da Igreja e convenceu ao pai a tocar *funk* em sua festa de 15 anos (STEIW, 2013). Nosso pesquisador afirma que o *funk* parece ser um distintivo para demarcar grupos. A partir disso, é importante perceber que os artistas admirados pelos alunos não provêm da Restinga (bairro onde se localiza a escola em questão), mas de outras pe-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

riferias e abordam, nas suas letras, temáticas semelhantes às vivenciadas pelos alunos em seus próprios contextos.

Para os articulistas isto deixa evidente que o *funk* faz parte da cultura brasileira. Desde o sul até o norte há grupos sociais que se ligam a este estilo e este estilo evoca a memória coletiva deste grupo.

9. *Mc Garden*

Cybelle Tastaldi Al-Assal afirma que a memória se constitui de ‘sensorialidades’, isto é, “de cheiros, sons, imagens quentes e frios” (AL-ASSAL, 2013, p. 29). Para os articulistas isto evidencia que o *funk* fala àqueles que o ouvem em uma relação que está para além da música, sem deixar de ser uma relação musical, uma relação que evoca os cheiros, sons, imagens, quentes e frios da história/identidade desse povo. Desta forma o *funk* está para além da música porque, na música, está toda a realidade e sofrimentos, aspirações das maiores camadas sociais. A história de um povo narrada, assim como, os valores e contra valores presentes na sociedade.

Mc Gardem na sua música “Vários Perdidos e Homenagem ao Kinho” exemplifica isto muito bem. Ele canta:

Vários amigos perdi
nessa vida de ilusão
pra quem entra nela só tem dois caminhos
a cadeia ou o caixão

(SILVA, 2015)

Esse trecho deixa clara a tristeza de um amigo ao ver que muitos amigos se encaminharam por vias ilícitas. Outro ponto da música que explicita isto é

do tempo de infância
muitos que estavam comigo
hoje o sol vê nascer quadrado
porque o seu sonho era ser bandido.

(SILVA, 2015)

É um estilo que se propõe a cantar a realidade de um povo, por isso, é um estilo que vai além da música sem deixar de ser musical.

Aqui parece-nos necessário fazer um parêntese. O *funk* é um estilo heterogêneo. Há o *funk* consciente. Este é o gênero musical de nosso ar-

tista. Este se aproxima do chamado *funk* raiz. Há o *funk* ostentação que canta o enriquecimento, a fartura, o consumo. Enfim, vários são os subgêneros do *funk*. Nosso artigo pauta-se sobre o *funk* consciente. No entanto, os articulistas não apreciam nenhuma forma de preconceito, lutando sempre para que as pessoas tenham o direito de escolha. Não é a imposição que gera o indivíduo *de facto*, o indivíduo consciente. Retomando, este processo (memória – sensorialidades) só é possível por aquilo que Cybelle Tastaldi Al-Assal chama de rememorar. Para ela, este conceito pode ser definido como o ato de trazer o que já vivemos, aquilo que foi nos transformando naquilo que somos, para o presente, para o agora. Conclui os articulistas que rememorar é costurar passado e presente a partir da sensorialidade comum a memória. “Em outras palavras, nossa biografia e o presente também influenciam, como vemos, nosso próprio passado e aquilo que ‘escolhemos’ recordar dele” (AL-ASSAL, 2013, p. 29). O *funk*, mais especificamente o *funk* do Mc Garden, trás à tona o passado de um povo, e o presente vivenciado por ele. Diante do que é exposto por Cybelle Tastaldi Al-Assal a fala de Luciano Debom Steiw toma um novo entendimento. O *funk* faz parte da cultura juvenil porque ele evoca uma identidade, uma memória e aspirações. Por isso este estilo, no âmbito juvenil, se faz presente nos múltiplos ambientes, desde os mais conservadores aos mais liberais.

10. Bauman e Mc Garden: duas faces da mesma realidade

Como já atestamos Zygmunt Bauman identifica a nossa realidade com a fluidez. Isto se evidencia nas letras do Mc. Na música *sai de cima do muro* o artista canta:

Futilidade em grande quantidade
É vista e conquista mais um Youtuber.

(SILVA, 2016)

A fluidez que se concretiza nas novas maneiras de lidar com a realidade. Uma nova concretude da vida emanada de novas relações táteis com a realidade fruto também do esmaecimento dos afetos.

Esta fluidez gera o indivíduo *de jure*, o ser alienado. Na música *Independência* o Mc canta dependências que mantém o indivíduo em sua condição *de Jure*:

Dependentes da surfasse
E da rede social

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

E a deepweb emergindo agora
Será que isso é proposital?

(SILVA, 2013)

Zygmunt Bauman atesta a necessidade de se perceber a situação de dominado, *de jure* e reagir frente a ela. Isto é evidente na música:

Isso aqui ainda tem jeito
O nosso defeito é ficar parado
Ou você acorda agora ou vai chorar
no futuro
Sai De Cima Do Muro
Sai De Cima Do Muro
Aprimore sua visão pra não dar tiro no escuro.

(SILVA, 2016)

Em outro momento Zygmunt Bauman contempla a nova realidade a surgir com o florescer do indivíduo *de facto*. Mc Garden contempla o caminho:

Consciência, atitude e respeito
Não manjo outro jeito de mudar o mundo.

(SILVA, 2016)

Este é o processo de transformações que darão origem ao novo mundo. Consciência da realidade presente, da condição *de jure* a que o indivíduo e a sociedade estão submetidos; atitude que leva ao abandono da condição *de jure*, do individualismo e a manifestação da cidadania em nível de sociedade e do ser cidadão em nível pessoal; e, por fim, o respeito característica base da sociedade que não são norteadas por relações de dominação e alienação.

Esta é uma tentativa experimental de estruturar um diálogo entre vozes diferentes. Estas vozes, no entanto, se posicionam ante a realidade vivenciada pelos homens de hoje.

11. Considerações finais

Pretendeu-se, neste artigo, fazer a leitura do conjunto musical de Mc Garden à luz da teoria baumaniana. No primeiro momento descreveu-se a visão de Zygmunt Bauman à cerca da sociedade moderna, mostrou-se a formação dos seres constitutivos da sociedade: indivíduo *de jure*, cidadão e a construção do indivíduo *de facto*. Passou-se em diálogo, pelo sujeito alienado de Marx e o processo de fetichização da mercadoria

para se vislumbrar com mais clareza o indivíduo na condição *de jure*. De Zygmunt Bauman ficou o entendimento da liquidez da contemporaneidade, atrelando a ela a formação de identidades fluidas, resultando na formação do indivíduo *de jure*: o sujeito alienado que acredita agir por conta própria. Em seguida, Jean Baudrillard orientou nosso olhar a fim de percebermos a maneira pela qual a mídia perpetua esta condição. Prosseguindo, relacionou-se todo este nicho teórico com a educação, na perspectiva de Zygmunt Bauman, a fim de dizer a real importância desta para a transformação da realidade. Ficou entendido que a educação é o instrumento ímpar para que se realize a travessia do indivíduo *de jure* ao cidadão e, posteriormente ao indivíduo *de facto*. Em um último suspiro, voltou-se o olhar para a visão do individualismo na perspectiva literária de Iam Watt. Em um segundo momento, debruçou-se sobre a figura de Mc Garden. Traçou-se o perfil histórico e cultural do *funk*, a fim de se deslumbrar o espaço ocupado por este estilo dentro da atual sociedade. Em seguida, mudou-se um pouco a ótica, a fim de se descobrir como o Mc em questão traduziu por meio de sua arte as teorias apresentadas no primeiro momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino. Karl Marx (1818-1883). In: _____. *Os clássicos no cotidiano*: Auguste Conte, Karl Marx, Aléxis de Tocqueville; Max Weber. 2. ed. São Paulo; Art e ciência, 2008, Cap. 2. p.51-84.

AL-ASSAL, Cybelle Tastaldi. *Musica*: lugar da memória e morada do ser. 2008. 91p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo/ Instituto de psicologia.

ARAÚJO, Théó. *História do funk*: do soul ao batidão. Portal Terra. Rio de Janeiro, Disponível em: <http://www.terra.com.br/reporterterra/funk/historia_do_funk.htm> Acesso em: 14 de Jun. 2016.

BAUDRILLARD, Jean. Significação da Publicidade. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de Massa*. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000, Cap. 9. P.291-299.

BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *Modernidade Líquida*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Sobre educação e juventude*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.

SILVA, Lucas Rocha. *Independência*. Disponível em:
<<https://www.vagalume.com.br/mc-garden/independencia.html>> Acesso em: 15 de jun. de 2016.

_____. *Sai de cima do muro*. Disponível em:
<<https://www.vagalume.com.br/mc-garden/sai-de-cima-do-muro.html>>
Acesso em: 15 de jun. de 2016.

_____. *Vários pedidos e homenagem ao Kinho*. Disponível em:
<<https://m.letras.mus.br/mc-garden/1650099/>> Acesso em: 15 de jun. de 2016.

STEIW, Luciano Debom. *Estilos Juvenis na periferia urbana – conhecendo culturas de alunos de uma escola municipal na Restinga Velha*. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação.

VIANA, Iara Felix. *Mulheres negras e baile funk: sensualidade, violência e lazer*. 2013. 216f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais/ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional.

WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

**REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO
NO CONTO “IMITAÇÃO DA ROSA” DE CLARICE LISPECTOR
E “UMA CARTA” DE MACHADO DE ASSIS**

Lorena da Fonseca Cavoli (UEMG)

lorennafcavoli@gmail.com

Lídia Maria Nazaré Alves (UEMG)

lidianazare@hotmail.com

RESUMO

Este artigo está desenvolvido em torno da temática análise e crítica literária, proposto pelo II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e o XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, na Universidade Veiga de Almeida. O referido vinculase ao projeto de pesquisa intitulado “Literatura, gênero e expressão da alteridade”, desenvolvido no ano de 2014 na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e coordenação do professor Msc. Alexandre H. C. Bittencourt. Agência de financiamento: PAPq. Afunilou-se o tema no título “Reflexões sobre a representação de gênero no conto “Imitação da rosa” de Clarice Lispector e “Uma carta” de Machado de Assis”. As discussões que envolvem o título têm ocupado um espaço bastante relevante no meio acadêmico. A partir da década de 60 e 70, surge a necessidade de se trabalhar com o gênero e a alteridade. É nesse contexto então, que a mulher, tomada como o “outro”, em relação ao homem, passa a atrair para si o interesse em modificar os mecanismos construídos pela sociedade, que lhes impõem um modo de ser, seja na sociedade ou na literatura que a representa. Tendo em vista o título anunciado, objetivou-se verificar se se é possível tematizar o universo feminino sem reproduzir práticas discursivas de gênero. A investigação para tal questão está ancorada em quatro proposições de Tereza de Lauretis (1994). O objeto de pesquisa é o texto “A imitação da rosa” de Clarice Lispector e “Uma carta” de Machado de Assis. Concluiu-se que tanto a escritora Clarice Lispector quanto o escritor Machado de Assis colocam mecanismos sociais de construção de gênero em questionamento, ou seja, não os reproduzem. A primeira de maneira mais velada, dada a complexidade de sua escrita que caminha do sentido para o não sentido; o segundo de maneira mais explícita, posto que irônica.

Palavras-chave:

Gênero. Construção. Machado de Assis. Clarice Lispector. Literatura.

1. Introdução

Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Literatura, gênero e expressão da alteridade”. As discussões que envolvem o tema em questão têm ocupado um espaço bastante relevante no meio acadêmico. A partir da década de 60 e 70, surge a necessidade de se trabalhar com a questão do gênero e da alteridade. É nesse contexto então, que a mulher, tomada como o “outro”, em relação ao homem, passa a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

atrair para si o interesse em modificar os mecanismos construídos pela sociedade, que lhes impõem um modo de ser, seja na sociedade ou na literatura que a representa.

Assim para que as ideologias do tema sejam bem entendidas expor-se-á os conceitos das partes que o integram. O termo literatura está aqui empregado à luz de Terry Eagleton (1987) que, na esteira de Roman Jakobson, afirma representar uma ‘violência organizada contra a fala comum’. Partindo de tal conceito, Terry Eagleton diz que a literatura “transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-a sistematicamente da fala cotidiana” (EAGLETON, 1987, p. 3) e, continuando, diz ainda que “o discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira íntima mais intensa”. (EAGLETON, 1987, p. 5)

O termo gênero está aqui entendido na esteira da crítica feminista tradicional e moderna. De acordo com aquela, o gênero consiste na “diferença sexual” (LAURETIS, 1994, p. 206) e, de acordo com esta, ele é mais abrangente, menos preso à diferença sexual e mais voltado para uma representação resultante de diferentes tecnologias sociais, ou seja, “o gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe”. (LAURETIS, 1994, p. 21)

O termo alteridade está aqui entendido também como uma relação entre dois ou mais sujeitos, onde nem todos têm direito à voz e à vez. Observa-se que existe uma relação estreita entre o conceito tradicional e moderno de gênero com o conceito de alteridade.

O gênero tradicional considera a relação masculino/feminino, sendo que os estudos da crítica levam a entender estar o feminino em posição desfavorável com relação ao masculino. O gênero moderno considera a relação de diferença entre Mulher/mulheres, por exemplo. Nesse binômio o segundo grupo, menos possível de assimilar as representações discursivas a que estão submetidas socialmente, seriam a alteridade negada.

Tendo em vista a temática do projeto “Literatura, gênero e expressão da alteridade” e o título deste artigo “Reflexões sobre a representação de gênero na obra de Clarice Lispector e Machado de Assis”, elaborou-se a seguinte situação-problema: É possível tematizar o universo feminino sem que se reproduza práticas discursivas de gênero? Que autor oferece maiores benefícios com relação ao reconhecimento da existência do sis-

tema de representação do gênero, sem correr o risco de confirmá-lo? Clarice Lispector ou Machado de Assis? Para responder tal questão, elaborou-se quatro hipóteses relacionadas à quatro proposições de Tereza de Lauretis (1994, p. 209), a saber:

(1)- Gênero é (uma) representação- o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetiva, na vida material das pessoas.

(2)- A representação do gênero é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção.

(3)- A construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados, como na era vitoriana, por exemplo. E ela continua a ocorrer não só onde se espera que aconteça – na mídia, nas escolas, nos tribunais, na família nuclear, extensa ou monoparental – em resumo, naquilo que Louis Althusser denominou “aparelho ideológico de Estado”. A construção do gênero também se faz, embora de forma menos óbvia, na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais, e até mesmo, de forma bastante marcada, no feminismo.

(4)- Paradoxalmente, portanto, a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução, quer dizer, em qualquer discurso, feminista ou não, que veja o gênero como apenas uma representação ideológica falsa. O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso aquilo que permaneceu fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contida pode romper ou desestabilizar qualquer representação.

Objetiva-se com este artigo verificar se há possibilidade de se abordar a temática sobre o gênero sem que se construa novo espaço gerado e verificar qual autor oferece maiores benefícios no tratamento deste assunto, se Machado de Assis ou se Clarice Lispector.

Este artigo justifica-se, no âmbito das letras, em virtude do manuseio diário de obras literárias e da necessidade de certo conhecimento sobre o assunto, a fim de se orientar as leituras dos alunos em sala de aula. No âmbito social, ele é igualmente pertinente, porque a literatura, como meio de representação que é, pode tanto desconstruir, quanto construir e/ou também negociar relações de gênero.

2. Estereótipo e sistema de gênero

Ao começar seu texto sobre “As concepções de masculino e feminino”, Ligia Amâncio (1994) apresenta um conceito de estereótipo à luz de Walter Lippmann. Ela o faz por acreditar que as concepções de femi-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

nino e masculino têm como origem o estereótipo e também por concordar com o autor em questão. Para ele a formação dos estereótipos é vista “como resultante do sistema de valores dos indivíduos”, e objetiva oferecer-lhes “orientação” e “adaptação”. Com efeito, Ligia Amâncio é taxativa ao afirmar que para o autor os estereótipos constituíam “generalizações falsas e perigosas”. (AMÂNCIO, 1994, p. 35)

A questão da generalização é subjetiva e, portanto, problemática. Nenhum sistema consegue dar conta de uma coletividade inteira com limitados estereótipos. É que eles são, também, montados, até o presente, de acordo com a matriz cultural ibérica e norte americana. O fato de Ligia Amâncio colocar em pauta o estereótipo como um sistema de valores do qual se origina o masculino e o feminino é muito produtivo.

Outros críticos também o fizeram, como Simone de Beauvoir (1944), por exemplo, para quem ser mulher e ser homem é o resultado de uma construção social. Para Simone de Beauvoir o "ser mulher" é algo construído historicamente e socialmente, tanto quanto a submissão dela em relação ao sexo masculino.

Em seus estudos sobre a mulher Simone de Beauvoir desconstrói a tese do “instinto biológico feminino”, que considera não um desígnio natural invariável e sim uma condição culturalmente construída pela sociedade. Simone de Beauvoir rejeita a ideia de que foi a "natureza inferior" da mulher que determinou a sua condição de segundo sexo, mas sim sua invisibilidade histórica. Iniciando seus estudos com a seguinte reflexão: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” faz ver que quem impõe o que é ser uma mulher é a própria sociedade, “que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. (BEAUVOIR, 1980, p. 9)

Simone de Beauvoir fala diversas vezes em sua obra de uma suposta “vocação” construída pela sociedade, para que pareçam natural as condições destinadas à mulher, já que não importa se sendo mãe, esposa, ou moça, a mulher sempre se definiu por sua função e submissão em relação ao homem. Em seus estudos, fala que a maternidade é a vocação “natural” da mulher, é pela maternidade que ela se realiza fisicamente, psicologicamente e socialmente, portanto, não caberia à mulher a opção da maternidade, uma vez que fosse esse seu destino, ela estaria infringindo as leis naturais, a religião, e os valores da família, sendo hostilizada. “Tornando-se mãe por sua vez, a mulher toma, de certo modo, o lugar

daquela que a engendrou; isso representa para ela uma emancipação total”. (BEAUVOIR, 1980, p. 260)

A emancipação citada acima se refere às expectativas do marido e da sociedade, uma vez que, a mulher modela seus objetivos de acordo com os planos do marido, ela atribui aos filhos a devoção, ou a falta dela, dependendo do que o marido espera dele. “A mulher tem necessidade de um apoio masculino para aceitar suas novas responsabilidades; ela só se devotará alegremente ao recém-nascido se o homem se devotar a ela” (BEAUVOIR, 1980, p. 261). Contudo, desde menina, a mulher cria uma dependência do sexo masculino. Dependência essa criada por discursos que foram instituídos de forma não natural. A mulher está sempre ligada à casa, ao marido, aos filhos e à família em geral, pois é o que a sociedade lhe impõe, é essa sua função social.

3. Gênero e sociedade

Ao longo do estudo desenvolvido por Ligia Amâncio, ela vai concluindo a existência de diferentes formas sociais de construção do masculino e feminino. A pessoa do sexo masculino, por exemplo, “apresenta uma diversidade de competências que a constitui em referente universal, em ideal de individualidade, aparentemente liberta dos contextos” (AMÂNCIO, 1994, p. 87). A pessoa do sexo feminino se constitui como “referente exclusivo das próprias mulheres, como ideal coletivo dessa categoria, e só tem sentido dentro das fronteiras contextuais em que é definida” (*Idem, ibidem*). Segundo ela são os traços do estereótipo feminino uma teoria implícita “normativa” e “instrumental”. Contrariamente aos traços do estereótipo masculino que “não constituem uma estrutura significativa de orientações comportamentais, como distingue os indivíduos mais pelo grau de autonomia que manifestam nas suas ações do que pela sua categoria de pertença”. (*Idem, ibidem*)

Vê-se, então, que a relação estereótipo, gênero deve ser pesquisada e estudada com bastante critério. Alguns poderiam objetar dizendo que tal sistema apresenta fortes pontos benéficos aos gêneros, pois lhes oferece pertencimento. De fato, só que existe assimetria no sistema e esta é cruel para o feminino. Se o feminino deseja se vê como tal, deverá colocar-se sempre em posição de vigia de si mesmo

Assim, nos estudos realizados por Gayatri Spivak (1994), ela fala de sua preocupação dentro das questões da austeridade e da apropriação

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

das histórias alternativas por grupos hegemônicos, tendo as categorias de gênero, raça, etnia e classe como ferramentas para fazer estruturar essas histórias alternativas.

Neste sentido concluímos que as histórias alternativas são negociadas para favorecer a sociedade dominante, em seu caráter político e cultural. Aqui representado pela dominação masculina na sociedade.

Assim, surge à necessidade de refazer essas histórias, a fim de encontrar a verdadeira identidade desse grupo subalterno, até então mascarada pela elite. Aparte desta perspectiva, para Gayatri Spivak, a posição da mulher como subalterna, cujos discursos são frequentemente citados, torna-se duplamente deslocadas e obliterados, pois a construção ideológica de gênero funciona para manter dominantes nas histórias alternativas o poder masculino. A mulher subalterna na sociedade deve assumir a postura do sujeito pós-colonial, negociando com as estruturas, uma vez que “a representação do gênero é feita pela sua construção e desconstrução” social. (LAURETIS, 1987, p. 209)

4. Metodologia

Optou-se pela pesquisa do tipo explicativa de cunho bibliográfico. A pesquisa foi desenvolvida em três momentos distintos, a saber: 1º momento: Estudo dos conceitos integradores do projeto: Literatura; gênero; Alteridade; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: Vozes que reivindicam alteridade. Ref.: SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: “Submissão, reivindicação e negociação da alteridade”. Ref.: GAMBINI, Roberto. O espelho índio. São Paulo: Terceiro Nome, 2000; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: “Raça e gênero. Ref.: STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: o papel da analogia na ciência”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242; RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. Brasília: UNB, 2004; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: O segundo sexo. Ref.: BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. v. 1 e v. 2. 9. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999; RICHARD, Nelly. Mas-

culino/ Feminino: práticas de la diferencia y cultura democrática. Santiago: Francisco Zegers Editor, 1993; Aula expositiva sobre literatura e homoerotismo. Ref.: ABREU, Caio Fernando. “Aqueles dois”. In: Morangos mofados. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987; GIDDENS, Anthony. Experiências do cotidiano, relacionamentos, sexualidade. In: As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993. 2º momento: Leitura de textos escritos por Machado de Assis e por Clarice Lispector, desta “A imitação da rosa” de *Laços de Família*, daquele “Uma carta”. 3º momento: Leitura e análise dos textos à luz dos conceitos e dos teóricos estudados. 4º momento: Escrita do artigo científico.

4.1. Resultado da pesquisa: representação clariciana

Grosso modo, o objetivo de Clarice Lispector em suas obras é de atingir as regiões mais profundas da mente de suas personagens, que se descobrem em um mundo absurdo, esta descoberta dá-se, normalmente, diante de um fato inusitado. Ocorrendo uma espécie de “epifania” que é o momento em que a personagem sente uma luz iluminadora de sua consciência, e que a fará despertar para a vida e situação a ela pertencente, que em outros momentos não faria diferença.

No conto “A imitação da rosa”, da obra *Laços de Família* (1960), a personagem Laura preparava-se para um jantar na casa de amigo, era a primeira vez que ela fazia isto, desde que voltara do hospital, onde fora internada, provavelmente por causa de um surto. Ela pretendia estar pronta, de banho tomado, em seu vestido marrom, a casa limpa e a empregada despachada, quando seu marido Armando chegasse. Assim, teria tempo livre para ficar à disposição dele, e ajudá-lo a arrumar-se. Laura parecia perseguir a perfeição a todo custo, vigiava-se para ser uma esposa modelo, submissa e obediente. Cansada e feliz, pois acabara de passar todas as camisas de Armando. Laura se sentou na poltrona da sala e cochilou um breve instante. Quando acordou teve a sensação de que a sala estava renovada. Admirou intensamente as rosas que comprara pela manhã, na feira. Eram perfeitas. Resolveu então mandá-las à Carlota, que iria visitar à noite. Estava decidido, mandaria as flores pela empregada. Mas logo depois Laura hesitava. Por que as rosas tão bonitas não poderia ser dela mesma? Porém, não havia, mas tempo, a empregada levou as rosas. Quando Armando chegou, Laura ainda estava na poltrona e não havia feito nada do que planejava, estava sem reação.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A partir da leitura do conto de Clarice Lispector, observou-se que suas personagens femininas, fazem a travessia do seu “eu” social para seu “eu” natural, interior. Neste espaço de percepção ela, a personagem, realiza o encontro consigo mesma e também com os outros que lhes apresentavam como alteridade negada. Terminado o processo da travessia, a personagem retorna ao seu “eu” social só que transformada em virtude do grande encontro.

No que tange a questão da identidade, a personagem Laura é representada em quatro planos de importância sendo precedidas pelo marido Armando, cujo nome aparece na primeira linha do conto e outras três vezes antes do dela; por Carlota cujo o nome aparece três vezes no segundo parágrafo; e por João. A personagem é indicada pelo pronome pessoal reto “ela” quatro vezes antes de ser nomeada Laura.

O grupo social que a circunscreve nega-lhe a identidade o que resulta na negação da alteridade. O marido Armando impõe-lhe hábitos. Como se sabe, o hábito é o narcótico da imaginação, e isso valem tanto para ele, que não a vê como alteridade “vestido marrom, olhos marrons, cabelos marrons, e ela castanha, ela castanha” (LISPECTOR, 1960, p. 36); quanto para ela, alienada nos seus afazeres habituais. Neste aspecto Pierre Bourdieu, lança luz nesse estudo, pois para ele o “hábito é disposições mais ou menos estáveis que se situam entre o mundo das práticas socioculturais e institucionais e a atuação das pessoas”. (BOURDIEU, 1930, p. 41)

O sistema de gênero é muito repetitivo nas suas práticas discursivas e Clarice Lispector descortina tal estratégia ao criar uma personagem alienada por práticas habituais, “com seu gosto minucioso pelo metódico (...) com seu gosto pelo método, agora reassumido, planejava arrumar a casa antes que a empregada sáísse de folga para que, uma vez Maria na rua, ela não precisasse fazer mais nada, senão 1º) calmamente vestir-se; 2º) esperar Armando já pronta; 3º) o terceiro o que era? pois é. Era isso mesmo o que faria”. (LISPECTOR, 1960, p. 37)

A retenção entra no rol das estratégias discursivas de gênero. Nesse a função social da mulher é ser esposa, Laura “nunca ambicionara se não ser mulher de um homem” (LISPECTOR, 1960, p. 39), e como tal agradar ao marido, ter filhos e educá-los, já que a mulher. No que tange a tal função Clarice Lispector desconstrói todo alicerce de tal sistema. Laura não tem filhos, não é vista pelo marido, não apresenta beleza, não é jovem e, além disso, não é religiosa. Quanto à inteligência o que o faz o

faz com “ardor de burra” (*Idem, ibidem*). Quanto ao lugar reservado a mulher pelo sistema de gênero coube-lhe os limites da casa paterna. A personagem em questão não se sentia bem em casa, “sentou-se no sofá como se fosse uma visita bem na sua própria casa que, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia” (LISPECTOR, 1960, p. 38). Também no fragmento em questão, Clarice desconstrói todo alicerce do sistema de gênero e faz uma alusão para a intranquilidade que existe na casa de Laura quando comparada com a “tranquilidade de uma casa alheia”. As desconstruções representadas por Clarice a partir da personagem Laura podem parecer contraditórias, já que nalgum ponto do conto a personagem reflete “oh, como era bom estar de volta, realmente de volta, sorriu ela satisfeita”. Segurando o copo quase vazio, fechou os olhos com um suspiro de cansaço bom. Passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer. Oh, como era bom estar de novo cansada. (LISPECTOR, 1960, p. 39)

Com efeito, a citação acima apresentada no tom irônico de Clarice como quem dissesse que Laura não tinha condições de reagir dada à força do hábito. No parágrafo posterior vem a crítica ferrenha da autora ao sistema que inibia a capacidade de criações originais e mais complexas. “Se uma pessoa perfeita do planeta Marte descesse e soubesse que as pessoas da terra se cansavam e envelheciam, teria pena e espanto. Sem entender jamais o que havia de bom em ser gente, em sentir-se cansado, em diariamente falar; só os iniciados compreenderiam essa nuance de vício e esse refinamento da vida”. (*Idem, ibidem*)

A palavra refinamento deve ser entendida ironicamente, ou seja, só os que estão acostumados ao sistema é que o compreende. Laura experimentou o encontro consigo mesma, “procurou um instante imitar por dentro de si as rosas” (LISPECTOR, 1960, p. 55). Tal atitude era repreendida pelos que a circunscreviam, por isso ela tentava se ajustar ao lugar, função e perfil criados pelo sistema de gênero. Mas ao ver a perfeição das rosas castrou o desejo de possuí-las; enviando-as a Carlota. Sem as rosas reais para admirar voltou-se para a beleza e luminosidade existente dentro de si “alerta e tranquila como num trem que já partira” (LISPECTOR, 1960, p. 58) Laura permanece no seu “eu” sem máscaras, diferente de outras personagens claricianas que retorna ao “eu” social.

Vê-se que Clarice Lispector consegue tematizar o universo feminino ao desconstruir as práticas discursivas de gênero, uma vez que a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

personagem Laura exemplifica a mulher submissa ao marido e aos desígnios da sociedade, e diante dessa perspectiva acaba se perdendo dentro dela mesma. Pois a perfeição que Laura vira nas rosas lhe provocou o impulso de romper novamente com seu lado submisso e servil para se tornar independente.

4.2. Resultado da pesquisa: representação machadiana

O conto “Uma carta” de Machado de Assis, conta a história de Celestina, que ao encontrar uma carta em sua cesta de costuras cria fantasias para um suposto casamento, porém, a carta não fora destinada a ela, e sim à sua irmã bem mais jovem, deste modo, todas as fantasias criadas por Celestina são desfeitas, quando a escrava confessa o engano ocorrido.

A carta representa a realização de um sonho para Celestina. “A ideia de casar entrou na cabeça de Celestina, desde os treze anos, e ali se conservou até os trinta e sete”. A personagem em questão aparece em primeiro plano, pois todo o texto trata de suas ilusões em relação ao casamento, porém, o seu grupo social nega-lhe isso, uma vez, que não lhe atribuíram beleza, “não era bonita, mas a carta deu-lhe uma alta ideia de graça”, ou riqueza, “solteirona e pobre, não contava que ninguém se enamorasse dela”. Além, de não ser tão jovem “contava então trinta e nove anos, parece mesmo que mais um”.

Toda a expectativa criada pela personagem Celestina fora construída a partir do sistema de gênero, que impõe a mulher a vocação para o casamento, uma vez, que esta é a “guardiã do capital simbólico” (BOURDIEU, 1930). Assim, “era difícil tratar diretamente tal assunto, não estando nos seus quinze anos estouvados que tudo explicassem”. Deste modo Celestina não realiza a função social destinada à mulher, ser esposa, dona de casa, e mãe, já que, “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento” (BEAUVOIR, 1980, p. 165). À Celestina cabe somente os limites da casa paterna, criando fantasias como as de contos de fadas, “nada mais lindo que o vestido dela, de cetim branco, um ramalhete de flores de laranjeiras, [...], a grinalda era lindíssima [...], Celestina descobriu, no final de uma semana casada, que o marido era príncipe. Celestina “princesa”, fantasias estas que lhes foram impostas desde criança.

O narrador machadiano ridiculariza os mecanismos de construção de gênero, uma vez, que o próprio autor utiliza a linguagem forçando-a a

representar as ideologias vigentes. Deste modo, Machado de Assis nos faz ver, ainda que ironicamente, os traços impostos pelo sistema que constituem as expectativas do ser, no conto, o projeto do casamento como independência.

5. Considerações finais

Objetivou-se com este artigo verificar se há possibilidade de se abordar a temática sobre o gênero sem que se construa novo espaço gendrado e verificar qual autor oferece maiores benefícios no tratamento deste assunto, se Machado de Assis ou se Clarice Lispector. Verificou-se que há possibilidade de fazê-lo, sem que se construa novo espaço gendrado, tanto no texto machadiano quanto no texto clariciano. Com efeito, em Machado, ideologias de construção do feminino são desconstruídas, mas ridicularizam as leitoras, causando-lhes certo constrangimento. Isso se dá porque sua palavra é sólida em termos de significação. De forma que o seu significado acaba sendo reiterado, mesmo quando se intui, e também se lê, sua intenção de debochar de ideologias generalizadoras de construção de gênero feminino. Em Clarice o risco de se construir um novo espaço gendrado é bem menor, porque ela consegue diluir, obliterar, ressignificar a palavra. Sua palavra é fluida, de forma que o significado, sempre sendo novo, não consegue ratificar e/ou reconstruir espaço gendrado ao se colocar o feminino como algo a ser revisado, ressignificado, desconstruído, agenciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Lígia. Os seres e o modo de ser. In: _____. *Masculino e feminino: a construção da diferença*. Porto: Afrontamento, 1994, p. 35-87.

ASSIS, Machado de. *Uma carta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números)*. Trad.: Vera

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1934.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica a alteridade? In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187 a 205.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1960.

**REPRESENTAÇÃO DO ATOR SOCIAL XUXA
EM UMA REPORTAGEM DA REVISTA *CONTIGO!*
MARKETING NA LINGUAGEM PUBLICITÁRIA**

Bruno Gomes Pereira (UFT)
brunogomespereira_30@hotmail.com

Foi em um trem, a caminho de casa, que Xuxa veria seu destino mudar para sempre. Um rapaz puxou papo. Insistiu para que ela fizesse um teste de modelo e ela fez. Aos 16 anos, era capa de revista, a primeira de muitas. O sucesso como modelo foi meteórico. Sua vida virou do avesso. Revistas, passarelas do mundo todo passaram a disputá-la. Xuxa trabalhava sem parar e acabou se tornando a modelo mais fotografada dos anos 80.

(Regina Duarte, 2013)¹⁵

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar como é representada a imagem midiática do ator social Xuxa Meneghel em uma reportagem de capa da *Revista Contigo*, em uma edição veiculada no final de junho de 2016. A edição comenta o retorno da apresentadora às passarelas no evento Rio Moda Rio após um afastamento de mais de uma década desta atividade. A principal teoria que mobilizo é a linguística sistêmico-funcional, mais precisamente a metafunção ideacional, pois tomo a oração como elemento léxico-gramatical que analisa a oração como representação do mundo. A abordagem de pesquisa é qualitativa e o seu tipo é de natureza documental. Os dados apontam para a representação de Xuxa como fenômeno de massa que retoma ao estrelato de maneira triunfal. Para isso, considero a linguagem publicitária como motivadora para a materialização das orações que representam a apresentadora desta maneira.

Palavras-chave: Metafunção ideacional. Xuxa. Representação.

1. Introdução

Textos jornalísticos, mais precisamente os veiculados em revistas semanais de entretenimento, são responsáveis por ajudar na construção de imagens de celebridades, das quais muitas podem ser consideradas fenômenos de massa. Nesse sentido, tomo esse tipo de publicação como

¹⁵ Fala da atriz Regina Duarte durante o programa que comemorava os 50 anos de idade de Xuxa, quando comentavam a apoteose da apresentadora como modelo e símbolo sexual nos anos 1980.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

materialização linguística de ideologias que se manifestam pela mídia a ajudam na representação de personagens midiáticos, aproximando-os ou afastando-os da grande massa.

Diante disso, tomo como principal objetivo deste trabalho analisar como se dá a construção da imagem da apresentadora Xuxa Meneghel em uma reportagem de capa da revista semanal *Contigo!* É pertinente esclarecer que analiso as representações da imagem de Xuxa não como pessoa física, mas como personagem midiático de forte apelo popular, sendo responsável por mobilizar multidões por onde passa, desde os anos 1980.

A revista *Contigo!* é um dos mais populares periódicos sobre celebridades do país. Com décadas de publicação, esta revista é lida e colecionada por grande parte do público brasileiro, a saber aquelas pessoas que se interessam mais de perto por notícias sobre famosos de todos os segmentos. Mesmo tendo um público feminino cativo, a revista ora referida também consegue agradar uma boa parte do público infantil e masculino, uma vez que busca um contraponto entre a popularidade e o requinte de sofisticação que mantém. Isso é um recurso utilizado pela revista justamente para poder cativar um público maior e, com isso, conseguir acompanhar as mais novas demandas do mercado consumidor.

O sentido que atribuo ao termo *representação* é condizente com o significado que este termo ganha nos estudos funcionalistas da linguagem. Por isso, a principal teoria que mobilizo neste artigo é a linguística sistêmico-funcional, vertente australiana dos estudos funcionalistas. A ideia de representação, na linguística sistêmico-funcional, foca a oração como elemento capaz de representar pessoas, bem como a maneira destas pessoas ver o mundo e os demais elementos que o compõem. Logo, na seção de análise, tomo as escolhas léxico-gramaticais que constituem o complexo oracional como pistas linguísticas capazes de semiotizar situações interdiscursivas na medida em que constrói a imagem de Xuxa.

Para justificar a ideia de Meneghel como ator social, mobilizo alguns pressupostos da sociologia das relações, quando problematizam a ideia entre sociedade e atores sociais humanos e não humanos. Logo, tomo a apresentadora em questão como ator social, tendo em vista que se relaciona com outros seres de diferentes modalidades, atuando na construção de uma espécie de rede. (LATOURET, 2012)

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa, uma vez que o interpretativismo ajuda na compreensão do *corpus* gerado. Nesse sentido, nas

análises, busco considerar não apenas fatores linguísticos, mas também os saberes empíricos que ajudam na complexificação do ator social ora analisado. Portanto, tomo a abordagem qualitativa como medida pertinente para o tratamento dos dados, uma vez que exige do pesquisador um olhar mais sensível no que se refere à análise do *corpus*. (Cf. BORTONI-RICARDO, 2008; TRIVIÑOS, 1987)

A pesquisa é do tipo documental, pois analiso uma reportagem de capa publicada pela revista *Contigo!* em junho de 2016. Tomo este periódico como objeto de documentação de situações interdiscursivas específicas do contexto em que opera. Logo, a pesquisa documental me parece um campo passível de olhares investigativos distintos, pois, conforme Sá-Silva *et al* (2009), contribui de maneira significativa para investigações no campo das ciências sociais e humanas. Sobre a reportagem a que me refiro, destaco que esta semiotiza ideologias específicas que se formaram a partir das relações discursivas entre atores sociais durante o evento de moda *Rio Moda Rio*, no Rio de Janeiro, onde o tema versava sobre a moda nos anos 1980, período em que Xuxa se consagrou como modelo.

Adianto que os resultados encontrados na análise são fortemente influenciados, também, pela ideia de *marketing* da marca Xuxa junto ao grande público, o que se desdobra na representação da imagem de uma Xuxa que retoma seu auge como modelo, ressurgindo como uma espécie de fênix.

A ideia de ressurreição de Xuxa como modelo é objeto da fala da atriz Regina Duarte, na epígrafe deste trabalho. A fala da eterna *Viúva Porcina*, da novela *Roque Santeiro* (1985), foi transmitida durante o *TV Xuxa* em que comemorava os 50 anos da apresentadora, em 2013, enquanto ainda era funcionária da Rede Globo de Televisão. O discurso de Duarte reforça o poder de fogo da apresentadora em sua época áurea como modelo, sendo uma espécie de símbolo sexual na época. Hoje, já contratada pela Rede Record de Televisão, principal concorrente da *Vênus Platinada*, a revista parece utilizar-se da reportagem de capa para utilizar o apogeu de Xuxa nas passarelas como recurso semântico de ressignificação de sua imagem junto ao grande público.

Além desta *Introdução*, das *Considerações finais* e das *Referências bibliográficas*, este artigo é composto pelas seguintes seções: a) *Linguística sistêmico-funcional: alguns apontamentos*; b) *Xuxa: objeto de análise sob diferentes perspectivas*; c) *Empoderamento a partir da mí-*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

dia: da definição de linguagem à esfera publicitária e d) A rainha voltou: representações do ator social Xuxa.

2. Linguística sistêmico-funcional: alguns apontamentos

A linguística sistêmico-funcional é uma teoria de origem australiana, cunhada por Halliday, com o objetivo de otimizar o ensino de língua inglesa. De natureza funcionalista, esta corrente de estudos linguísticos entende a gramática como pista linguística ao semiotizar situações específicas do contexto de cultura e do contexto de situação em que os textos são produzidos e veiculados. Não é minha intenção problematizar a definição de contexto na sistêmico. Para maiores informações, consultar Halliday & Hasan (1989), Eggins (2004), Silva & Espíndola (2013) e Silva (2014).

Nesse sentido, entendo a gramática como elemento movediço e adaptável ao meio em que opera, uma vez que materializa as ideologias que perpassam o contexto social. A ideia de que o princípio gramatical pode servir como norteador para compreensão de práticas interdiscursivas e ideológicas é condizente com os trabalhos de Fuzer & Cabral (2010), Cunha & Souza (2011), Cezário (2012), Tavares (2012), Pereira (2014a; b), só para citar alguns.

Ao compreender a gramática como pista para propor categorias analíticas, os estudos hallidayanos versam sobre a ideologia do contexto e como isso pode ser gramaticalmente mapeado. Nesse sentido, a gramática da linguística sistêmico-funcional é desenvolvida a partir de categorias específicas, que as diferenciam da gramática tradicional e normativa que conhecemos. Ao revolucionar o ensino de línguas, Halliday propõe rótulos diferentes, os quais designam papéis diferentes para os mecanismos léxico-gramaticais. Para tanto, o pesquisador propõe um olhar específico sobre a oração e os demais grupos que a compõem. Assim, a oração é vista, gramaticalmente, sob três perspectivas: i) como elemento de representação; ii) como elemento de troca; e iii) como mensagem. Esta proposta, por sua vez, implica nos estudos léxico-gramaticais ao propor três metafunções da linguagem, respectivamente: ideacional, interpessoal e textual. (cf. HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004 e 2014 e THOMPSON, 2014)

Das metafunções da linguagem citadas acima, me interesso mais de perto pela primeira delas, uma vez que se refere à oração como ele-

mento de representação da leitura de mundo do homem. Nesse sentido, a metafunção ideacional é uma maneira de complexificar os aspectos oracionais como uma maneira linguística de representação de discursos que forças maiores, marcados por ideologias. Estas, por sua vez, ocupam um nível mais profundo de análise linguística a partir da linguística sistêmico-funcional. Entretanto, é necessário dizer que a ênfase que dou à metafunção ora mencionada não descarta o papel léxico-gramatical e semântico das demais metafunções.

De acordo com Fuzer & Cabral (2010), a metafunção ora referida mistura-se às manifestações ideológicas do contexto, construindo representações que se organizam por meio do sistema de transitividade no nível oracional. Falo mais detalhadamente sobre isso na próxima subseção.

2.1. Metafunção ideacional

A metafunção ideacional é materializada pelo sistema de transitividade¹⁶, constituído pelos complexos oracionais processo + participante + circunstância. Em detrimento da visão estruturalista, conforme indico no rodapé, a ideia de transitividade no funcionalismo sistêmico não atribui seu papel a um único elemento linguístico, uma vez que os complexos oracionais ora mencionados se relacionam simultaneamente. Logo, o sentido que confiro ao termo transitividade parte de seu papel funcional, ou seja, não é algo específico de um único complexo oracional, mas sim de toda a oração. (Cf. FUZER & CABRAL, 2010; CUNHA & SOUZA, 2007)

Abaixo, apresento o **Quadro 1**, que é um esquema no qual é possível compreender a noção do sistema de transitividade.

O **Quadro 01** elenca os elementos funcionais que constituem o Sistema de Transitividade, na linguística sistêmico-funcional, e materializam a metafunção ora referida. *A priori*, é importante ressaltar que os grupos acima enumerados exercem, antes de mais nada, função semântico-pragmática nas relações interdiscursivas em que são realizadas. Logo, não me atrelo apenas ao rótulo gramatical, mas sobretudo o que este rótulo indica na esfera ideológico-discursiva das relações enunciativas.

¹⁶ Do ponto de vista mais estruturalista, a transitividade é vista como “a propriedade de um verbo transitivo, isto é, de um verbo seguido de um sintagma nominal” (DUBOIS *et al*, 1998, p. 599).

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

COMPO-NENTES	DEFINIÇÃO	CATEGORIA GRAMATICAL	EXEMPLO
Processo	É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos Verbais	A mãe <i>mata</i> o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
Participantes	São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados –, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos Nominais	A mãe <i>mata</i> o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
Circunstância	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos Adverbiais	A mãe <i>mata</i> o recém-nascido, <i>durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.</i>

Quadro 01: Componentes da oração. Fonte: Fuzer & Cabral (2010, p. 27)

Os processos são, talvez, os principais elementos funcionais dentro da metafunção ideacional, uma vez que é por meio dele que as outras categorias semânticas são mobilizadas. Nesse sentido, os processos exercem função basilar na funcionalidade da língua, centrando-se neles as partidas semânticas para o processo de representação.

Já os participantes exercem função precípua no que se refere aos efeitos de sentidos causados nos enunciados. Nesse sentido, estão relacionadas a essa ideia as pessoas e coisas que praticam refletem a ação indicada pelo processo. A relação entre grupos verbais e nominais geram a construção de complexos oracionais marcados por ocorrências léxico-gramaticais que pontuam o gênero discursivo, caracterizando-o, consequentemente.

As circunstâncias, por fim, indicam os desdobramentos semântico-pragmáticos dos processos. Tratam-se de circunstancializações que alteram o sentido básico do grupo verbal. Em outras palavras, as circunstâncias propõem um olhar peculiar sob as enunciações, tendo em vista que sua ocorrência é opcional.

Não é minha intenção fazer uma revisão teórica exaustiva sobre o sistema de transitividade, bem como dos grupos oracionais que a compõe. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Halliday (1994), Halliday & Mathiessen (2004 e 2014), Eggins (2004) e Thompson (2014).

Na próxima seção, apresento algumas pesquisas que versam sobre Xuxa como temática central, analisando sua imagem a partir de diferentes teorias e perspectivas metodológicas.

3. Xuxa: objeto de análise sob diferentes perspectivas

Xuxa Meneghel é a artista mais rica e popular do Brasil desde a década de 1980. Em 2010, publicada a lista dos 10 (dez) CDs mais vendidos da história no país, Xuxa conseguiu quatro colocações, dominando a lista. Mesmo não se considerando cantora, foi a única mulher a entrar na lista das 50 (cinquenta) maiores vendas do mercado fonográfico no planeta. Somado a isso, Meneghel ostenta também a maior bilheteria do cinema brasileiro, mesmo também não se considerando atriz.

A dita *Rainha dos Baixinhos* é conhecida mundialmente pelos recordes que bate, em um país no qual a educação ainda é uma espécie de sonho a ser alcançado por muitas comunidades linguísticas que vivem abaixo da linha de pobreza, mas que, mesmo assim, não se anula face as peculiaridades da mídia nacional.

Dentre os trabalhos e investigações no contexto acadêmico, é muito comum encontrarmos Xuxa como objeto de análise, sob o olhar de diversas áreas do conhecimento. Como exemplificação, cito as pesquisas de Simpson (1994), Fernandes *et al* (2005), Campos (2006), Silva (2007), Alves (2010), Jesus e Zolin-Vesz (2013), Zolin-Vesz (2013), Bessa e Pereira (2015), Pereira (2015a; b) Pereira (2016), só para citar algumas. Entre as referências mencionadas, as quatro últimas foram produzidas por mim, no campo aplicados dos estudos da linguagem, sendo uma delas produzida em coautoria com uma pesquisadora da área da didática.

Entretanto, a investigação mais emblemática sobre Xuxa é a pesquisa desenvolvida por Simpson (1994), sob o viés sociológico. A autora comenta o sucesso de Xuxa e a considera um fenômeno de massa típico de países em desenvolvimento. Em sua obra, Simpson entende que a apresentadora sintetiza com precisão uma parte significativa da massa brasileira que, de alguma maneira, se identificam com os jeitos de Meneghel se expressar em suas músicas, filmes e programas de televisão. Por outro lado, a autora demonstra um conhecimento tanto quanto colonizador sobre o fenômeno Xuxa. Estou me referindo ao discurso americanizado da autora em relação às construções sociais e culturais do Brasil. A

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

partir dessa obra, muitas outras pesquisas sobre Xuxa foram desenvolvidas.

Fernandes *et al.* (2005), por exemplo, problematizam o engajamento pedagógico da imagem de Xuxa em seu extinto programa global *Xuxa no Mundo da Imaginação* (XMI). O programa da apresentadora é analisado em sua multimodalidade, ou seja, foram consideradas as linguagens verbais e não verbais na construção de sentidos da linguagem. Para os autores, o *Xuxa no Mundo da Imaginação* é um exemplo de típico de didatização da linguagem. Logo, o cunho pedagógico do programa semiotiza situações interdiscursivas que se vale dos recursos imagéticos para tentar ensinar as crianças atividades básicas do cotidiano, como lavar as mãos, escovar os dentes e tomar banho. Por fim, o trabalho não identifica no XMI grandes inovações pedagógicas, no que tange ao seu olhar sobre o aspecto de ensino e aprendizagem.

Campos (2006), em sua investigação de mestrado, investiga o fenômeno Xuxa sob uma perspectiva sociológica da formação publicitária. Em sua pesquisa, a autora investiga o poder de mídia da figura de Xuxa, problematizando os efeitos de sentidos causados pela construção midiática da imagem da apresentadora. Dentre os aspectos investigados por Campos, está o poder de consumismo que a apresentadora tem. A pesquisa revela que Xuxa influencia multidões a ampliar uma iniciativa de gastos, muitas vezes desnecessários.

Em Silva (2007), a autora investiga os motivos e razões sociais que levaram os programas infantis de auditório ao desgaste. Em seu trabalho, Silva questiona o desgaste da fórmula de programas que consagraram Xuxa, lhe rendendo o título de *Rainha*. A pesquisa revela que mesmo não estando em seu auge, tal como na década de 1980, Xuxa continua sendo um caso único de sucesso no país, do contrário de outras apresentadoras que tiveram que migrar para outros formatos de programas para se manter na mídia.

Alves (2010) problematiza a imagem midiática de Xuxa ao encontrar no marketing da marca da apresentadora uma espécie de perpetuação de público consumidor. Na investigação, Alves considera a imagem de Xuxa como uma espécie de recurso para ampliar as vendas junto ao público infantil.

Em Jesus e Zolin-Vesz (2013) e Zolin-Vesz (2013), a imagem de Xuxa é investigada pelo viés da linguística aplicada. No primeiro trabalho, os autores investigam a construção de identidade midiática da apre-

sentadora como promotora da inclusão social. A pesquisa revela ainda que esta imagem é expandida em todas as esferas de trabalho de Xuxa, o que resgata a imagem de uma espécie de fada madrinha e/ou irmã de pessoas com algum tipo de limitação física. Já o segundo trabalho versa sobre o discurso norte-americano na construção da imagem de Xuxa. Para isso, o autor utiliza-se do trabalho de Simpson (1994) para problematizar a ideia de colonizador e colonizado, presente na referida obra analisada.

Já as minhas investigações versam sobre a imagem de Xuxa sob diferentes olhares teóricos. Em Bessa & Pereira (2015), por exemplo, tal como em Pereira (2015a), problematizo a estética dos DVDs infantis *Xuxa Só Para Baixinhos* (XSPB) como ferramentas que podem ser utilizadas na educação infantil como suporte para o ensino e aprendizagem. Para isso, analisamos excertos de músicas da apresentadora ao mesmo tempo em que relaciono ao jogo imagético dos audiovisuais que compõem a coletânea do *Xuxa Só Para Baixinhos*. Já em Pereira (2015b) analiso a construção da imagem da apresentadora em sua primeira aparição na Rede Record de Televisão, em março de 2015. Como teoria embasadora, mobilizo conhecimentos da linguística sistêmico-funcional, em especial da metafunção ideacional. Os dados revelam a tentativa de recolocar Xuxa em seu trono de Rainha, na tentativa de agradar fãs mais antigos e, com isso, incentivá-los a continuar consumindo os produtos que levam a marca da apresentadora.

Em Pereira (2016), analiso a representação interdiscursiva da imagem de Xuxa no livro *Fundação Xuxa Meneghel: 25 anos transformando histórias*. Para isso, mobilizo saberes teóricos da análise crítica do discurso, na tentativa de complexificar a construção identitária da apresentadora em uma espécie de autobiografia. Assim como nas pesquisas de Zolin-Vesz (2013) e Zolin-Vesz (2013), a imagem de Xuxa é alicerçada pela ideia de inclusão social, a saber as primeiras histórias narradas no livro analisado.

Em síntese, Xuxa como ator social midiático é fruto de inúmeras discussões. Na próxima seção, falo um pouco sobre o empoderamento a partir da esfera midiática.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

4. *Empoderamento a partir da mídia: da definição de linguagem à esfera publicitária*

Tomoo como definição do termo “empoderamento” as práticas sociais que são vistas por determinados aparelhos ideológicos como verossímeis e legitimadas. Logo, compreendo que a mídia impressa, aqui identificada pela revista *Contigo!*, tem a autoridade de conferir poder àquele artista a quem faz um elogio ou uma crítica construtiva. A ideia de poder que proponho se aproxima da já exposta por Gnerre (1991), quando explica que a escrita é uma manifestação ideológica, capaz de empoderar a quem dela faz uso.

Nesse sentido, estou afirmando que a revista em questão, por ser extremamente popular junto a massa, bem como bem quista pelos demais periódicos da mesma natureza, tem o poder que ajudar a construir imagens dos artistas de todos os segmentos. Em outras palavras, por ser uma publicação que atinge o grande público, o poder de persuasão lhe é conferido como capital simbólico, como diz Bourdieu (1989). Nesse sentido, estou me referindo à escrita publicitária que, como materialização linguística, semiotiza questões de disputa de poder por meio de relações sociais tensivas. Portanto, a julgar pelo alcance e pelo público que tem, os textos publicitários, de cunho de entretenimento, são aparelhos ideológicos na medida em que ajuda na construção do social a partir da ideia de disputa e subordinação.

Do campo dos estudos da linguagem, Souza (2007) afirma que os gêneros jornalísticos são carregados de ideologias externadas pelo uso da linguagem em sua dimensão argumentativa e persuasiva. Nesse sentido, compreender a linguagem apenas como elemento de interação não oferece subsídios necessários para a compreensão mais profunda do discurso, em seu nível ideológico. A autora pontua ainda que, na esfera publicitária, o poder de argumentação é regido por um arsenal ideológico, composto pela relação entre verbal e não verbal, o que muito contribui para o desenvolvimento das habilidades de letramento no âmbito escolar. Entretanto, não entrarei por esses meandros nessa abordagem. Deixarei isso para interlocuções vindouras.

Por outro lado, vejo na esfera publicitária uma possibilidade de problematização da linguagem não apenas pelo poder que estabelece, mas sobretudo pela tensão social estabelecida por uma espécie de efeito de causa e consequência. Nesse sentido, concebo a linguagem como instrumento social, uma vez que materializa fenômenos e práticas sociais,

mas também semiótico, pois a construção dos sentidos é fruto da relação entre as concepções semântica, pragmática e gramatical da língua. (Cf. BENVENISTE, 2006)

Em se tratando de celebridades, a linguagem apresenta papel basililar na construção de estereótipos na medida em que tais atores sociais são expostos pela mídia. Nesse sentido, uma matéria de capa em uma das mais populares revistas de entretenimento do país confere à Xuxa uma espécie de megaexposição. A dita *Rainha dos Baixinhos* encontra nesse periódico, considerando o alcance da revista, uma boa oportunidade de apresentar-se ao público de uma maneira inusitada. Isso, por sua vez, mesmo que inconscientemente, ajuda no processamento da memória afetiva dos leitores e, com isso, na construção de uma espécie de nova Xuxa, ou mesmo a ideia de rememorar uma Xuxa há décadas não vista.

Na próxima seção, apresento as microanálises que desenvolvo a partir da matéria de capa da revista *Contigo!*.

5. A rainha voltou: representação do ator social Xuxa

Passo agora a analisar a representação interdiscursiva da imagem de Xuxa a começar pela capa da revista *Contigo!*. *A priori*, procuro considerar a linguagem em sua multimodalidade, ou seja, todo o conjunto de signos verbais e não verbais que auxiliam na leitura ideológica da matéria. Esta proposta é muito similar a já adotada por Fuzer, Ticks e Cabral (2012), quando analisam, através da linguística sistêmico-funcional, as propagandas da cerveja Devassa. As pesquisadoras consideraram toda a construção imagética das propagandas, ao mesmo tempo em que as relacionava à esfera léxico-gramatical. Tomo essa proposta como algo positivo, visto que pode responder de maneira mais satisfatória as lacunas que podem ser encontradas nas análises caso apenas o gramatical seja levado em questão, a julgar pelas especificidades do gênero jornalístico.

Abaixo, a capa da revista *Contigo!*, publicada em meados do mês de junho do presente ano. Nela, há uma foto de Xuxa fundamental para compreender as representações feitas em torno da imagem da apresentadora. Nela, Meneghel é vista com cabelos longos, encaracolados e esvoaçantes, o que ajuda a resgatar a imagem de mulher fatal que a consolidou como modelo nos anos 1980. Entretanto, a imagem de rainha esfuziante é maior enfatizada pelo uso de uma blusa transparente que deixa os seios da apresentadora à mostra, ao mesmo tempo em que marca uma silhueta

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

inejável, bem delineada e sensual, como há décadas não se via. Também não é menos importante a maquiagem exagerada, típica da sua época áurea como modelo, e os exauros dos acessórios e da calça, que trazia rasgados significativos em suas pernas, o que acentuava a exuberância da imagem.



Fig. 01: Xuxa na Capa da Revista *Contigo!* Fonte: <http://contigo.uol.com.br/noticias>

A Fig. 01, descrita no parágrafo anterior, foi veiculada no mundo inteiro, sendo a principal notícia em revistas e sites de celebridades em países como Espanha, Chile e Argentina. Nesse caso, é necessário lembrar que Xuxa também é vista como grande fenômeno nos países que falam o espanhol, tendo sua fama intensificada por meio de seus programas e de mais de sete discos lançados neste idioma. Em destaque da capa, lê-

se a manchete *O Retorno da Rainha às Passarelas*, a qual passo a analisar do ponto de vista léxico-gramatical.

Exemplo 1:

O Retorno da Rainha às Passarelas

O grupo nominal “o retorno” materializa o cerne da representação. Nele, está embutida a ideia de ressurreição de uma Xuxa que agradava não apenas as crianças, mas os adultos também. Retoma, conseqüentemente, a ideia de símbolo sexual que Xuxa agregava quando era modelo. Há, nesse momento, uma espécie de referência à ave fênix que, segundo a mitologia grega, ressurgia das cinzas. Além disso, somo à ideia de retorno a tentativa de evidenciar uma Xuxa que já cresceu, algo conivente com o que a apresentadora vem desempenhando em seu programa na Record, às segundas-feiras à noite. Nesse momento, percebo uma tentativa de marketing que leve o leitor a sentir curiosidade em acompanhar na televisão a nova fase da artista.

Já o grupo nominal “da Rainha” reforça uma dupla ideia: i) a soberania da rainha entre as apresentadoras brasileiras; e ii) o reforço no pressuposto de crescimento de Xuxa ao ocultar o termo “dos baixinhos”, sintagma normalmente utilizado quando se fala da artista em questão. A primeira ideia retoma à ideologia popularesca que Xuxa conseguiu construir na televisão brasileira em mais de três décadas de trabalho na televisão. Diferentemente de muitas colegas de trabalho, Xuxa sempre despontou como a apresentadora mais popular da TV, face a sua facilidade em se comunicar com diferentes públicos, de diferentes classes econômicas e faixas etárias. Já o segundo pressuposto tenta remodelar a imagem da apresentadora, indicando, mesmo que implicitamente, o crescimento da estrela, que deixa de ser rainha apenas dos baixinhos e passa a ser “Rainha” da televisão brasileira, grafada com a inicial maiúscula. Neste momento, a revista me parece considerar Xuxa uma versão moderna da apresentadora Hebe Camargo que carregou durante toda a sua trajetória o título de *Rainha da Televisão Brasileira*. Nesse sentido, há uma resignificação da imagem de Xuxa que deixa de ser propriamente infantil e passa a ser uma espécie de mulher exuberante, que cresceu a ampliou seu reinado.

Enquanto isso, o grupo nominal “às passarelas” serve como circunstancializador do ato interdiscursivo. Portanto, ao conferir ideia de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

lugar, tais escolhas léxico-gramaticais indicam sentidos que retomam a gênese da carreira de Xuxa, porém indicando, por outro lado, o retorno da artista ao trono, já que foi nas passarelas que Xuxa ganhou o público adulto, antes mesmo do público infantil que a consagrou.

Abaixo segue o **Exemplo 02**, extraído da versão online da revista.

Exemplo 2:

Xuxa Meneghel, 53 anos, **voltou às passarelas 12 anos depois**. Ela **participou da abertura do evento Rio Moda Rio**, ontem (14), na zona portuária do Rio de Janeiro, usando um look assinado pelo estilista Thomaz Azuly. *Sem sutiã e usando um corselet transparente e calça clochard*, ela chamou a atenção pela boa forma. “**Na passarela do #RioModaRio, encerrando o desfile da Yes Brazil e relembrando a delícia dos anos 80. Com @gringocardia Equipe X**”, divulgou a equipe no Facebook da Rainha, que, atualmente, mantém programa semanal na TV Record.

No exemplo acima, identifiquei algumas marcas lexicais e gramaticais que, a meu ver, ajudam na representação da artista ora mencionada. O grupo nominal “Xuxa Meneghel”, seguido do processo “voltou” e da circunstância “às passarelas 12 anos depois” indica algo parecido do analisado no exemplo anterior. Há uma espécie de volta ao princípio, porém de forma ressignificada, mais atual, convergindo com o conteúdo que do programa que a apresentadora comanda na Record.

O processo “participou” que, *a priori*, teria uma denotação de inferiorização, tem seu significado renovado ao ser seguido da meta “da abertura do evento Rio Moda Rio”. Este grupo nominal, por sua vez, confere a Xuxa uma postura de destaque que não se encerra em uma simples “participação”, como aponta o primeiro grupo oracional. De maneira mais precisa, estas escolhas léxico-gramaticais constroem uma postura de rainha ostentativa, visto que seu papel foi de grande destaque de um evento de moda voltado para a elite carioca.

A circunstância “Sem sutiã e usando um *corselet* transparente e calça *clochard*” é o ponto alto da construção da imagem de uma Xuxa para adultos, pois seus trajes são reflexos que público que pretende atingir com seu programa homônimo. Neste momento, há um encontro de temporalidades, uma vez que é possível perceber um diálogo entre o passado, pois Xuxa iniciou carreira artística como modelo na década de 1980, e o presente, que é semiotizado por meio de informações extralingüísticas, tais como o atual público que Xuxa busca conquistar na televisão através de seu programa noturno.

A fala divulgada no *facebook* de Xuxa, em negrito no exemplo acima, é um recurso semântico e estilístico que serve como uma espécie de reforço de soberania da apresentadora. Xuxa, como muitos devem saber, é sempre um dos assuntos mais comentados nas redes sociais. Tudo que a apresentadora faz vira memes e viraliza em questão de minutos. Nesta ocasião, por exemplo, seu visual despojado foi responsável por gerar inúmeros memes nas redes sociais, os quais a comparavam com artistas como Olivia Newton-John, Wanderleia e Marilyn Monroe. Em outras palavras, a recorrência às redes sociais ajuda, e muito, na divulgação e na construção de uma nova Xuxa.

Abaixo segue a **Fig. 02**. Trata-se da versão expandida das duas primeiras páginas sobre a manchete de capa, que traz Xuxa no centro discursivo.



Fig. 02: Xuxa em destaque em dupla página na revista *Contigo*.

Fonte: <http://contigo.uol.com.br/noticias>

A imagem acima é o grande destaque na matéria sobre Xuxa, na revista *Contigo!*. Com braços apertados e olhar de mulher fatal, a apresentadora é colocada como ponto auto do evento em que desfilou. A maneira como a foto foi editada evidencia a soberania de Xuxa, o que, consequentemente, ajuda na imagem de secundarização das outras pessoas que desfilaram durante aquela noite. O exemplo abaixo é retirado do título da matéria, escrito em letras bem visíveis.

Exemplo 3:

Luz na Passarela – Xuxa **relembra** seus tempos áureos de modelo nos anos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

1980 e arrebatada a plateia em desfile comemorativo no Rio. Apresentadora diz que sua beleza vem da paz de espírito.

O grupo nominal “Luz na Passarela” rende a Xuxa o posto de maior destaque do evento. Trata-se de uma frase de efeito comumente utilizada para se chamar atenção ou revelar uma beleza feminina por vezes linda. A recorrência a uma frase popular retoma ao perfil da própria apresentadora que, como já disse, é a figura mais popular da televisão brasileira há décadas.

O processo “relembra”, seguido do grupo nominal “seus tempos áureos de modelo nos anos 1980” ajuda a contextualizar a matéria. Entretanto, o processo ora referido retoma também ao que a psicanálise chama de memória afetiva. Estou me referindo à uma carreira gloriosa e de sucesso que Xuxa conquistou nos anos 1980, que a projetou para o mundo. A maior parte dos fãs de Xuxa foram conquistados durante esta fase de sua carreira. É para retomá-los que a apresentadora tem sua imagem vinculada ao processo lembrar, pois se torna uma escolha gramatical convidativa para um público que hoje já não é mais criança.

O processo “arrebatada” coroa a ideia de Xuxa como centro das atenções, pois sugere o furor que sua presença costuma provocar. A meta “a plateia” semiotiza interações sociodiscursivas entre as pessoas que estavam no evento durante a exposição da apresentadora. Já a circunstância “em desfile comemorativo no Rio” enfatiza o contexto da aparição da artista.

Na próxima seção, exponho minhas considerações finais.

6. Considerações finais

Como foi possível compreender ao longo deste trabalho, a linguagem jornalística, veiculada pela esfera midiática, ajuda na construção de imagens e representações de pessoas por meio do seu teor persuasivo. Logo, a linguagem é vista como ferramenta de interdiscursiva capaz de estabelecer interação, mas, ao mesmo tempo, semiotiza questões relativas a poder e tensão social.

Nesse sentido, há uma representação de uma nova Xuxa, voltada para um público não mais infantil, acompanhando o desalinhamento e o atual contexto da carreira da artista. Logo, lembrar a época em que Xuxa foi modelo ajuda a rememorar seu auge nas passarelas ao mesmo tem-

po em que promove um diálogo com o presente, ao implicitar a busca pelo público que Xuxa busca atualmente.

De qualquer forma, a imagem de Xuxa é colocada no centro, rendo-lhe o posto de majestade entre as demais celebridades brasileiras. O furor e a mobilização provocada pela aparição de Xuxa vestida dessa forma é exemplo do poder midiático da marca Xuxa e do poder de fogo da apresentadora junto a um público que a segue para onde vai.

Em síntese, espero que este trabalho possa contribuir com demais pesquisas que versam sobre a linguística sistêmico-funcional e demais correntes de estudos que problematizem a linguagem como prática social carregada de ideologias e tentativas persuasivas, responsáveis por gerar uma relação de causa e consequência, típica da realidade social brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cláudia Cristina de Souza Pereira. *A utilização da marca Xuxa como ferramenta de comunicação do marketing infantil*. 2010. 33f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Centro Universitário de Brasília, Brasília.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BESSA, Shirley Veloso Costa; PEREIRA, Bruno Gomes. A música como ferramenta de ensino na educação infantil: uma análise da linguagem audiovisual da estética *Xuxa Só Para Baixinhos*. In.: PEREIRA, Bruno Gomes; LIMA, B. Q.; FRANCO, I. S. B. (Orgs.). *Língua e literatura: interfaces com o ensino*. Pará de Minas: Virtual Books, 2015. p.121-135.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil, 1989.

CAMPOS, Vanessa Patrícia Monteiro. *Querer, poder e conseguir: o processo da socialização para o consumo: o caso Xuxa*. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CEZÁRIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcio-*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

nalismo lingüístico: análise e descrição. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-32.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.

EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. London: Continuum, 2004.

FERNANDES, José Nunes *et al.* Linguagem audiovisual, música e educação: análise comparativa da linguagem sonora dos programas infantis Ra-Tim-Bum e Xuxa no Mundo da Imaginação. In: *Anais do XIV Encontro Anual da ABEM*, Belo Horizonte, 2005, p. 1-8.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

_____; TICKS, Luciane; CABRAL, Sara Regina Scotta. Análise sistêmico-funcional para a leitura de textos: o caso da cerveja Devassa. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 4, p. 883-909, 2012.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Fontes, 1991.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 1994.

_____; HASAN, Ruqaya. *Language, Context, and Text; Aspects of language in social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Education, 2004.

_____; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

JESUS, Dánie Marcelo de; ZOLIN-VESZ, Fernando. A construção discursiva de Xuxa como promotora da inclusão social. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 4, p. 1131-1143, 2013.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edusc, 2012.

PEREIRA, Bruno Gomes. A rainha agora senta no chão: função identitária do sujeito Xuxa na construção interdiscursiva do livro “Fundação Xuxa Meneghel: 25 anos transformando histórias”. *Revista Querubim*. 2016 (no prelo).

_____. Gramática sistêmico-funcional como ferramenta teórico-metodológica em linguística aplicada: o caso Xuxa na Record em textos jornalísticos. *Revista Faculdade Santo Agostinho*, Teresina, v. 12, n. 5, art. 10, p.173-195, set./out. 2015a.

_____. Refletindo sobre a construção ideológica em letras de músicas infantis: uma análise da estética Xuxa Só Para Baixinhos. *Revista Philologus*, ano 21, n. 61, p. 1107-1117, 2015b.

_____. *Professores em formação inicial no gênero relatório de estágio supervisionado: um estudo em licenciaturas paraenses*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

_____. Representações do professor da educação básica em relatórios de estágio supervisionado em letras: um estudo de caso. *Revista Ribancreira*. Belém, vol. II, n. 1, p. 119-129, jan.-jun. 2014b.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano I, n. I. 2009.

SILVA, Alexandra Cristina da. *O “X” da Questão: Tv Xuxa e o Desgaste dos Programas Infantis de Auditório*. 2007. 78f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Wagner Rodrigues. Considerações sobre o contexto de cultura na linguística sistêmico-funcional. *XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)*, p. 1-13, 2014.

SILVA, Wagner Rodrigues; ESPÍNDOLA, Eline. Afinal, o que é gênero na linguística sistêmico-funcional? *Revista da Anpoll*, n. 34, p. 259-307, Florianópolis, jan./jun. 2013.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SIMPSON, Amélia. *Xuxa: Megamarketing do sexo, da raça e da modernidade*. São Paulo: Sumaré, 1994.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de. Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 33-52.

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. 3. ed. London: Routledge, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZOLIN-VESZ, Fernando. O discurso científico/colonialista norte-americano sobre Xuxa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 1, p. 245-257, 2013.

**UM PEQUENO ESBOÇO
A PARTIR DO SAMBA DE UMA NOTA SÓ:
DA METALINGUAGEM DA BOSSA NOVA
E SEU ARQUÉTIPO ESTÉTICO**

Manuela Chagas Manhães (UENF/UNESA)
manuelacmanhaes@hotmail.com

RESUMO

Pretende-se neste presente trabalho demonstrar como o movimento bossa novista pode ser considerado como um meio de expressão e uma forma de ação comunicativa para entender o contexto sócio cultural, sendo favorecido pela sua construção e articulação discursiva, em que se dá a metalinguagem. Como objeto de estudo analisaremos, como exemplo de análise e referência de arquétipo estético discursivo e musical, a composição feita por Tom Jobim e Newton Mendonça *Samba de uma nota só*. Para compreensão deste interdiscurso o trabalho foi dividido nas seguintes etapas: a contextualização sócio-histórica na constituição do movimento bossa novista, a importância das variáveis sócio culturais simbólicas na estruturação da linguagem artística, o caráter multifacetário da bossa nova como expressão da cultura brasileira e por último a análise do Samba de uma nota só. Para isso, utilizamos autores como Augusto Campos, Dominique Maingueneau, Caldas, Geertz, Berger & Luckmann entre outros realizando uma interlocução e fundamentação teórica.

Palavras chave: Metalinguagem. Bossa nova. Articulação discursiva. Intertexto.

1. Introdução

Segundo Maingueneau (2001), o campo textual tenta articular as formações discursivas, que se dão através de compartilhamento desses universos simbólicos entre os escritores (criadores) e os grupos a que eles pertencem ou frequentam. A articulação das diversas formações de discursos é realizada partir do funcionamento desses grupos que as fazem reviver (ou sobreviver) e vivem delas.

Nesse aspecto, o movimento bossa novista e pós-bossa novista trazem em si um enorme acervo de dados e variáveis para entender a construção de uma nova concepção estética e a própria identidade cultural da sociedade brasileira, e que ao utilizarmos a análise de discurso é possível atravessar o cerco das palavras e encontrar, em outros sistemas de análises, a química que forma os diversos sentidos das representações sociais no organismo social tão multifacetário. Sua divisão, em particular, entre os valores sociais e ideologias contribuem particularmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

forma. Ou seja, tanto quanto os valores as técnicas de comunicação, de que a sociedade dispõe, influem na construção da linguagem artística musical, sobretudo na forma, e através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio social enquanto um movimento cultural, no caso específico, bossa novista.

Em outras palavras, há uma relação existente entre os valores vigentes, o contexto sócio-histórico-cultural e os atores sociais (músicos, compositores, intérpretes), os quais imbuídos de uma inquietação comum teria resultado em um projeto estético, o qual pode ser percebido como marco da música popular brasileira. Portanto, estes atores sociais estariam intimamente envolvidos na estruturação de um movimento cultural verdadeiramente renovador, denominado Bossa Nova, que estabeleceu uma dialética hedonista, ideológica, social e amorosa. Assim, o movimento bossa novista favoreceu para a afirmação de uma identidade cultural que se ergue após um primeiro momento deste movimento artístico-cultural, influenciando o que Campos (2005) e Caldas (2005) denominam de segundo momento da Bossa Nova (período contemporâneo a ela, representado pelo advento dos grandes festivais, das canções de protesto, e da Tropicália).

2. *Desenvolvimento*

2.1. Contextualização sócio histórica na constituição do movimento bossa novista

Segundo Caldas (2005), com o fim do Estado Novo – período em que o país viveu uma experiência ruim com a política autoritária e a repressão implacável, a qual vigiava de perto a música popular –, a cultura brasileira, a partir de 1945, estaria livre da censura pelo menos até 1969, quando a AI-5 retoma o mesmo clima de horror do DIP. É neste espaço de tempo que surge o movimento da Bossa Nova, numa realidade sociopolítica e econômica diferente com o advento de JK (1956-1961), que tinha um projeto para o Brasil muito claro: avançar “cinquenta anos em cinco”. Os reflexos destas transformações tiveram forte ressonância na cultura lúdica do nosso país, particularmente, na música popular brasileira com a Bossa Nova, que mudaria de forma definitiva a trajetória da música popular brasileira.

Nesse âmbito, em 1958, compositores, cantores, instrumentalistas e músicos, de um modo geral, que coparticipavam de uma mesma con-

cepção no que se refere à renovação de nosso imaginário, passaram a se agrupar, dando origem a um verdadeiro movimento cultural urbano, que ficou conhecido como Bossa Nova. Como Caldas (2005) afirma um novo ritmo na música, batidas sutis no violão, acordes, dissonâncias, arranjos musicais sofisticados e uma nova forma de interpretar o nosso samba. A televisão, apesar de ser uma criança em nosso país neste período, daria um grande impulso aos meios de comunicação de massa, especialmente no meio urbano. Um movimento que, inicialmente, caracterizou um movimento artístico-musical da Zona Sul carioca (CALDAS, 2005, p. 78). É neste contexto que um certo número de artistas iria se reunir, entre outros, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Roberto Menescal, Nara Leão, João Gilberto, Ronaldo Bôscoli, Sílvia Teles, Johnny Alf, Carlos Lyra, Baden Powell, Newton Mendonça, Edu Lobo, Dolores Duran, Chico Buarque, Marília Medalha, Gilberto Gil.

Campos (2005) e Caldas (2005) afirmam, então, que a Bossa Nova era mais do que um pensamento positivo, era um estilo musical, originalmente, voltada para o detalhe, estilo este que trouxe revoluções, como por exemplo, a apresentação gráfica dos discos e as fichas técnicas. Era o princípio da música nacional e universalizada por diversos artistas. Portanto, há uma verdadeira solidariedade e cooperação entre os participantes, caracterizando a construção de consciência coletiva tanto para com os integrantes do movimento como para a sociedade.

Na Bossa Nova, procura-se integrar a melodia, harmonia e contrapondo na realização da obra, de maneira a não se permitir a prevalência de qualquer deles somente pela existência do parâmetro posto em evidência (...) o cantor não mais se opõe como solista à orquestra. Ambos se integram se conciliam, sem apresentarem elementos de contraste. (CAMPOS, 2005, p. 22)

De acordo com Campos (2005), a Bossa Nova expandiu-se em suas relações para públicos maiores, inicialmente através de gravações, rádios e TV, ou seja, através dos meios de comunicação de massa, e, em seguida, em contato direto com auditórios: a princípio, em pequenas apresentações (em auditórios) organizadas pelos estudantes. Num primeiro momento, abriu-se um contato amplo e direto entre a Bossa Nova e o público. Ou seja, o sucesso da Bossa Nova não iria depender, apenas, das canções bem construídas por seus cantores e compositores, mas também, da indústria cultural discográfica e dos meios de comunicação de massa. Isso significa dizer que houve um maior sucesso ao público, transformando-a num movimento de âmbito nacional.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Por conseguinte, a linguagem poético-musical da Bossa Nova teria, segundo Campos (2005), uma divisão em dois momentos diferentes. Num primeiro momento, referia-se a uma alusão ao Rio de Janeiro. Ainda não tinha como tema s questões políticas. Esta fase teria um tom coloquial da narrativa, uma linguagem simples, construída a partir de elementos do cotidiano da vida urbana, que, por vezes, revela malícia, um humor, uma gozação e, por outras, um tom melancólico, afetivo, intimista, às vezes socialmente participante, com tom de protesto, mas sem demagogias, dramaticidades. (CAMPOS, 2005, p. 79)

A segunda fase da Bossa Nova surgiu num contexto em que é perceptível a presença da indústria cultural no Brasil com uma infraestrutura bem organizada para o consumo. É neste contexto que Caldas (2005, p. 94-95), por sua vez, afirma que é dentro de uma lógica de mercado que, ironicamente, surgiria o segmento de esquerda da MPB, uma ramificação do primeiro momento da Bossa Nova, mas politizada em seu discurso. Neste segundo momento, os jovens artistas não tinham apenas objetivos profissionais; existiam propósitos bem-intencionados e nobres quanto a sua profissão. Houve uma tentativa de dar à canção popular, não só, uma função lúdica, mas também, algo que seja inerente à existência humana: os dramas, a alegria, a tristeza, o prazer. Enfim, algo que fosse universal e não particular, de experiências apenas individuais. Estaria sendo trabalhado na sua linguagem poético-musical os valores sócio-políticos, ideológicos que transitam na vida cotidiana, na realidade social formando uma nova forma de escrever e contextualizar o discurso comunicativo.

Por isso, pode-se afirmar que esta metalinguagem é considerada como criação da linguagem poético-musical que se consolidou no movimento bossa novista e seus desdobramentos e é coextensiva à própria vida social, trazendo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e integração à vida cotidiana. Ela favorecerá para uma espécie de junção entre a experiência vivida e a formulação, neste caso, de uma linguagem artístico-musical com características sociais e multiculturais. Ou seja, adquire-se um sentido expressivo que comunga com o complexo de relações e instituições que chamamos de sociedade, trazendo em si marcas sociais e multiculturais.

2.2. Variáveis socioculturais simbólicas na estrutura da linguagem artística

Partindo do pressuposto de que o indivíduo, para manter-se no organismo social, necessita de um instrumento-base que é a linguagem. Faz-se necessária a apreensão de sistemas de sinais, possibilitando a sua atuação, em outras palavras: a sua interação social. O sujeito – em seus distintos grupos através de universos simbólicos, valores sociais, morais, culturais, estéticos e políticos – compartilha seus pensamentos, emoções e dogmas com os outros, permitindo que ele se mantenha coeso ao organismo social e que produza uma realidade de acordo com tais universos simbólicos e com o conhecimento compartilhado num processo contínuo de construção e resignificação.

Isso se deve ao fato de que a aquisição de conhecimento na vida diária de cada membro da sociedade estrutura-se em termos de conveniências. Os seus interesses e os grupos em que o agente social interage permitem um cruzamento entre as diversas conveniências – o que, conseqüentemente, favorece a diversificação de significados e uma pluralidade de conhecimentos e práxis sociais.

Por conseguinte, a interação social não é repleta apenas de objetivações, pois o indivíduo está constantemente envolvido por objetos que pré-determinam as intenções subjetivas de seus semelhantes. A objetivação é de suma importância, pois ela remete à significação – à produção humana de sinais, por sua vez, agrupam-se em um certo número de sistemas. Assim, há sistemas de sinais gesticulatórios, musicais, classes sociais, regiões geográficas, grupos socioculturais, profissões, movimentos corporais, entre outros. Os sistemas de sinais são objetivações no sentido de serem acessíveis, além da expressão de intenções subjetivas. De todos estes sistemas, o mais eficiente são os códigos linguísticos: a vida cotidiana é, sobretudo, a vida com linguagem verbal, e é por meio dela que se pode compreender, de modo mais amplo, a realidade social e cultural em que se vive.

Segundo Beger & Luckmann (2002), nos campos semânticos construídos, a experiência pode ser conservada e acumulada. A acumulação é seletiva, pois os campos semânticos determinam o que será retido e o que será “esquecido”, como parte da experiência total do indivíduo e da sociedade. Em virtude dessa acumulação, constitui-se um acervo de conhecimento transmitido de uma geração para a outra e utilizável pelo indivíduo na sua vida cotidiana, conduzindo à sua conservação. Dessa for-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ma, o acervo de conhecimento inclui a localização dos indivíduos no organismo social, determinando as representações sociais que os membros da sociedade vão absorver.

É fato, então, que para se entender a realidade da vida diária dos indivíduos é necessário levar em consideração as diversas atribuições de significados e interpretações dos sistemas de sinais. A investigação dos fundamentos do conhecimento da vida cotidiana realizada por meio da linguagem constrói as objetivações dos processos de significações e o mundo intersubjetivo individual e coletivo. A realidade sempre é apresentada como uma dialética que tem como característica principal a objetividade e a subjetividade que os símbolos e a própria linguagem têm dentro do sistema estrutural social.

Em outras palavras: a realidade da vida diária aparece com campos infinitos de significações de modo geral, mas limitada quando comparada a outras realidades dentro de sistemas referências macrossociais. Dentro desta relação, a linguagem – princípio para uma contínua interação e comunicação – aparece como meio de interpretação, comunhão de conhecimento e fornece à realidade uma distinção entre os grupos que, juntos, formam a estrutura da sociedade. Desse modo, cumpre insistir na importância do indivíduo intelectual que utiliza a arte como sistema de transmissão de ideias e sentimentos, que ao mesmo passo, expõe a sua vida pessoal, e formula o que é um dado geral, torna-se a alma falante dos seus contemporâneos.

Validando tal afirmação Nunez e Mendieta (1967) nos dizem que o elemento crucial da arte deriva das interações humanas, que, no tempo, criam uma série de conceitos, de ideias, de sentimentos coletivos nos quais o artista necessariamente se inspira, pois se dela se afasta, sua obra torna-se vazia de interesse e não pode despertar qualquer emoção. Como consequência das interações humanas, os caminhos são infinitos, pois depende de como o artista trabalha um determinado tema. A criação artística depende da captação do elemento social que sempre está em mudança e por isso não tem esgotamento, tornando-se sempre nova. Captar esse elemento e dar-lhe vida por meio da expressão adequada para produzir a emoção estética e a sublimação do verdadeiro artista.

Dessa forma, a formação de diversos simbólicos dentro destes distintos e contemporâneos tempos históricos respalda o estudo da linguagem artística em sua realidade social. Tal fato se deve à realidade que oferece múltiplos e complexos universos simbólicos a qual devem inte-

grar-se em um todo autônomo, independentemente, que explique a função da arte na vida das sociedades, se é que existe uma função pré-definida.

Entretanto, toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, por outro lado, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento social. Assim, é na arte que encontramos a essência do excelente, pois tudo que nos permite conhecer a vida e o mundo, tanto a vida sociocultural como a existência humana, fazem parte de um processo interpretativo, onde objetos apreendidos pelos nossos sentidos e pela nossa razão dão valor de acordo com nossos círculos de convivência.

2.3. Bossa nova e Bossa Novas: seu caráter multifacetário da cultura brasileira

Percebe-se a relevância do movimento bossa novista e pós bossa novista que trazem em si um enorme acervo de dados e variáveis para entender a construção de uma nova identidade cultural da sociedade brasileira, e que é possível atravessar o cerco das palavras e encontrar, em outros sistemas de análises, a química que forma os diversos sentidos das representações sociais no organismo social tão multifacetário.

(...) o homem-criador tira partido de tudo que encontra em suas “moradas”, bom ou mau. E se cria personagens os humaniza inoculando-lhes esse material psíquico. É o único meio de evitar a falsidade psicológica, pois ninguém pode expressar com a força de verdade uma paixão humana sem havê-la sentido alguma vez. (BONET: 1970, p. 78-79)

Isso nos remete a pensar, então, que o discurso é uma força constitutiva e como ação, representa a vida sociocultural e realiza atos sociais. É agir no mundo, à luz dos interlocutores e dos personagens das histórias ao mesmo tempo em que o escritor constrói e constitui os seus interlocutores, são as interações entre os sujeitos que promovem o discurso, e assim, diferentes significações para ele, de acordo com uma série de valores e sentidos. O discurso promove a comunicação entre os atores sociais. O ser escritor, poeta, letrista-poeta é capaz de traduzir essa realidade em que ele vive que está imbuído de ideias, paradigmas, valores e padrões socioculturais, sentimentalidades e emoções, história e contemplações, depara-se com as características sociais, econômicas, políticas, as

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

quais são estruturantes em seu contexto no organismo social, pode transcender o tempo, por meio de sua liturgia quando são utilizadas para a produção de linguagem artística. Por conseguinte, é fato que a obra de arte depende estreitamente do seu criador – do artista, do poeta – e das condições sociais que determinam a sua posição.

Todavia para entendermos melhor esta afirmação, temos que considerar diversas variáveis. Entre estas variáveis, temos a relação do artista e os aspectos estruturais socioculturais, entre o artista e o ambiente histórico e geográfico, ou seja, a relação entre a obra e o influxo exercido de valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela transmutam em conteúdo e forma, criados como uma unidade inseparável.

No entanto, há divisão: os valores sociais e ideologias contribuem, particularmente, para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na forma. Ou seja, tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação, de que a sociedade dispõe, influem na construção da linguagem artística musical, sobretudo na forma, e através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio social enquanto um movimento cultural, no caso específico, bossa novista.

Assim, destacamos ainda que os sujeitos sociais envolvidos neste movimento bossa novista são indivíduos concretos históricos, que nasceram em uma determinada época, numa certa sociedade com estrutura econômica, política, hábitos, costumes, cultura, e que desenvolveram funções, entre elas a de exprimir a sua realidade por meio de palavras, figuras de linguagem, e conseqüentemente, representações sociais da vida cotidiana em que estão imersos. Temos, então, um contexto formado por instituições e identidades culturais organizados pela experiência humana que está repleta de diferenças, e que segue, muitas vezes, um padrão de vida o qual existe antes mesmo do nascimento do indivíduo, em que o artista traduz para suas obras.

Isto significa dizer que, partindo da utilização desta metalinguagem artístico-musical, formam-se símbolos que irão mediar a relação do sujeito com o mundo. São escolhidos aspectos deste mundo de acordo com sua própria localização na estrutura social e também em virtude de suas idiosincrasias individuais, cujo fundamento se encontra na bibliografia de cada um.

Entretanto, a relatividade deve estar presente, afinal estamos tratando de contextos socioculturais diversos, que trazem no seu âmbito um complexo sistema de representações, identidades e particularidades.

Através deste instrumento expressivo, que a linguagem verbal, há a transmissão de certa visão de mundo que exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio cultural coletivo e numa comunhão com sentimentalidades que serão traduzidos no cotidiano de cada indivíduo, ganhando sentido, representações e emoções.

Para Berger & Luckmann (1985) a criação de um movimento cultural artístico tem correspondência com o processo de socialização e com certa necessidade de representação de mundo além de um sistema de símbolos. Esta correspondência está condicionada à subjetividade e a toda uma forma de perceber a vida. Com isso, podemos verificar que o discurso é coextensivo a vida social, pois, além de provocar a comunicação entre os atores sociais, se torna uma forma de expor símbolos, representações e valores da vida humana, ou seja, o discurso do movimento cultural é uma expressão das relações sociais e das diversas engrenagens que compõem os grupos sociais e seu íntimo entrelaçamento.

Temos, então, um contexto formado por muitas instituições e identidades culturais e organizado pela experiência humana que está repleta de valores, emoções, e que segue, muitas vezes, um padrão de vida, o qual existe antes mesmo do nascimento do indivíduo. Nascermos dentro de uma cultura e aprendemos como certa. Ou, ainda como escreve Geertz (1978, p. 78) ao falar desta dependência do homem a cultura: “a cultura, a totalidade acumulada de padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especialidade”.

Neste aspecto, temos uma relação entre o artista e os aspectos estruturais socioculturais, entre o artista e o ambiente histórico e geográfico, entre o artista e os grupos sociais, ou seja, a relação entre a linguagem artística e o influxo exercido pelos valores sociais, ideológicos e sistemas de comunicação, que nela transmutam em conteúdo e forma, criados como uma unidade sociocultural inseparável.

Portanto, é dessa maneira que a Bossa Nova e suas ramificações em bossas como movimentos continuadores de uma nova ordem estética no cenário brasileiro tornam-se marcos históricos, pois expressam os valores cotidianos da sociedade, a princípio da sociedade carioca, transcendendo este grupo social, para, então, transformar-se num referencial para os demais movimentos culturais que surgiram pós Bossa Nova, e a construção de um novo arquétipo estético e de uma identidade cultural.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

2.4. Analisando o samba de uma nota só: um exemplo do arquétipo bossa novista

Segundo Campos (2005) as inovações propostas pela Bossa Nova não abrangeram apenas as questões estéticas, o campo de interpretações, acompanhamento, linguagem instrumental, harmonização e ritmo. Ela, na verdade, fomenta uma nova maneira de se perceber a maneira de fazer este segmento da metalinguagem, incorporando todos os recursos musicais conquistados, tendo como referência as temáticas literárias, as questões sociais, hedonistas, ideológicas e cotidianas que eram vivenciados. Além destas características musicais que trazem a necessidade de um cantor de forma intimista interpretar as canções com todos seus detalhes composicionais se tem as variantes das letras das composições que são exemplos de grandes manifestações de discursos comunicativos.

Partindo deste pressuposto e da análise realizada por Campo (2005) temos o *Samba de uma nota só* de Tom Jobim e Newton Mendonça, que é considerada uma das composições da música popular brasileira de maior inteligência tanto em seu aspecto musical quanto nas suas entrelinhas discursivas. Segundo o autor e inúmeros artistas, poetas, críticos e músicos a relação direta música-texto é perfeita tem uma sintonia e um encaixe feito sob medida. “Aqui, a relação texto-música é perfeita. O sentido de um completa o do outro. Texto e música se autojustificam e autocompletam”. (CAMPOS, 2005, p. 83)

Tal fato é explicado pelo autor por esta composição por ser objetivada por uma interligação mais íntima entre texto e música, não só nas questões referentes aos efeitos sonoros, harmônicos, mas também por ter uma relação semântica mais direta entre texto e música. Quando o intérprete diz: *Eis aqui este sambinha feito numa nota só*, a frase é entoada em uma nota só, mostrando a relação direta entre texto e música e segue ao longo da composição realizando a relação direta entre estas duas linguagens que se interligam e assim fornecem a relação comunicativa. Quando ele continua a descrever a ordem feita deste sambinha, diz: “*outras notas vão entrar, mas a base é uma só*”, temos neste segundo momento uma segunda nota inserida demonstrando que o samba de uma nota só segue a sua simetria harmônica tanto na sonoridade quanto na escrita. Para isto precisa estabelecer a integração entre as diferentes linguagens envolvidas no seu processo criativo.

A maneira em que se constitui a linguagem poética artística o tempo todo cresce ao longo da música e fornece informações sobre a

própria música e suas significações. Há uma relação direta e consistente do que seria um samba de uma nota só e uma sequência de palavras que traduzem o samba de uma nota só no interdiscurso. Então, neste aspecto, no processo evolutivo da composição quando temos as frases “*quanta gente existe por aí que fala tanto e não diz nada, ou quase nada! Já me utilizei de toda a escala e no final não sobrou nada, não deu em nada...*”. Temos a relação direta da vida, da música e suas analogias. Notas demais, pessoas demais e no final, escolhemos uma pessoa, temos a pessoa, o pronome definido assim como a nota que vai ser a base formadora do “samba de uma nota só” e por isso como Campos (2005) nos diz volta a cantar a nota inicial, cantando: “*e voltei pra minha nota como eu gosto de você. Vou contar com a minha nota como eu gosto de você*”. É deste modo que Campos (2005) é muito feliz em sua análise ao afirmar que letra e música no samba de uma nota só se completam. Quando temos este fechamento da música temos o fechamento afetivo. Ou seja, coloca-se uma frase fechamento que vem de encontro com o próprio fechamento musical entoadado na mesma nota musical que traz uma moral da história como o autor afirma: quem quer tudo não tem nada, assim também é com as notas. Por isso tem a nota escolhida o amor escolhido, eleitos na vida e na música.

3. Conclusão

Presumimos que a linguagem artística musical poetada torna-se um marco histórico de nossa cultura, com suas inovações estéticas, sociais, políticas e culturais, torna-se uma comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas pelo ator social. Ela é mais do que a transmissão de noções, conceitos e regras estéticas. Por ser uma comunicação expressiva, ela pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Em suma, o movimento Bossa Nova está inserido em um complexo conjunto que incorpora sistemas simbólicos que se fundem à experiência coletiva, aos valores vigentes na sociedade e à vivência do artista neste emaranhado conjunto de variáveis. Esta produção poético-musical, dessa forma, depende de uma integração de fatores que se relacionam, com a socialização do artista e sua visão de mundo que está a todo o momento interagindo com uma cultura específica, presente na sociedade, ou melhor, no grupo que ele participa. Em suma: o autor traduz no mundo das palavras poetadas e musicalizadas o que vivenciou e observou, se tornando um reflexo e um espelho nas e das relações e ações sociais por meio de construções identitárias.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Pode-se dizer, desta maneira, que tanto a Bossa Nova quanto seus desdobramentos ao integrar a vida cotidiana por meio da linguagem poética musical e suas diferentes formas de atingir a sociedade, de um modo geral, passam existir o caráter coletivo, tornando-se um marco enquanto um movimento cultural. Este caráter coletivo da criação, expressão e comunicação, por sua vez, provém do fato de que as estruturas que formam a linguagem artística musical estão relacionadas aos valores, regras, símbolos e representações socioculturais de um grupo, de uma sociedade. Essas variáveis formam uma teia de significações que é de fundamental importância para entender e identificar a essência das particularidades sociais, ideológicas, estéticas e culturais em nossa sociedade, e as consequências que se refletem na cotidianidade como a construção de pensamentos e ações sociais fomentadas pelos atores sociais.

Concluimos que o samba de uma nota de só pode ser considerado um dos maiores clássicos do movimento bossa nova e uma das maiores referências para que entendamos a relação da metalinguagem assim como do arquétipo estético deste movimento cultural brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Filosofia da nova música*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BAHIANA, Ana Maria. *Nada será como antes: MPB nos anos 70*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BEGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONET, Camelo. *As fontes da criação literária*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CALDAS, Waldenyr. *A cultura político-musical brasileira*. São Paulo: Musa, 2005.

_____. *Iniciação à música popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa e outras bossas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova*. 3. ed. atual. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DAGHLIAN, Carlos. (Org.). *Poesia e música*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *A questão da identidade cultural*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MANGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade*. Trad.: Marina Appenzeller; rev. de trad.: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MURIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*, vol. II: Necrose. Trad.: Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

POERNER, Arthur José. *Identidade cultural na era da globalização: política federal de cultura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. Trad.: Gisela Domshke; São Paulo: Editora 34, 1998.

TINHORÃO, J. R. A bossa-nova e a canção de protesto. In: _____. *Pequena história da música popular brasileira: da modinha a canção de protesto*. Petrópolis: Vozes, 1974.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
“VOCÊ NÃO IMAGINA DO QUE UMA DULOREN É CAPAZ”:
UM ESTUDO DE CASO¹⁷

Rodrigo Cristiano Alves (UNILESTE)
rocristianoalves@gmail.com
Larissa Rodrigues Natalino (UNILESTE)
larissa.rodriguesnatalino@gmail.com
Sônia Maia Teles Xavier (UNILESTE)
sonteles2@gmail.com

RESUMO

Este trabalho visa a investigar em que medida os discursos midiáticos, a partir da utilização da imagem da mulher como produto, podem conter elementos indiciais de violência simbólica contra a mulher e, conseqüentemente, contribuir para a perpetuação de um modelo patriarcal já existente. A partir da produção de um questionário, disponibilizado no ambiente virtual, e da análise semiótica de peças publicitárias da campanha da marca de lingerie Duloren “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”, busca compreender o processo de recepção e os efeitos que tais campanhas publicitárias produzem em seu público alvo. Entende-se que o modelo patriarcal faz parte de uma construção cultural que também pode se fortalecer pelo discurso publicitário, portanto, considera-se necessária a reflexão sobre o tema para que possam propiciar mudanças na publicidade e conseqüentemente na estrutura social.

Palavras-chave:

Questões de gênero. Publicidade e propaganda. Duloren. Violência simbólica.

1. *Considerações iniciais*

A grande mídia, especificamente a publicidade, reflete os comportamentos da sociedade ao mesmo tempo em que molda novos comportamentos e costumes. Existe muita discussão a respeito das questões de gênero, os valores, e ou privilégios atribuídos ao homem e à mulher, e como a publicidade está diretamente ligada à sociedade, tais discussões envolvendo-a, são pertinentes.

Portanto, visa-se investigar, na publicidade, indícios de elementos que possam evidenciar, e contribuir para a perpetuação de um modelo patriarcal existente na sociedade atual. Compreende-se que a publicidade,

¹⁷ Pesquisa desenvolvida a partir de um projeto de iniciação científica fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), em parceria com o Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE) desenvolvido no período de fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016.

assim como os comportamentos e costumes da sociedade são mutáveis, o que justifica a importância do estudo e investigação acerca do tema.

Os métodos utilizados nessa pesquisa consistem em análise bibliográfica, de conteúdo, produção, tabulação a análise de um questionário para investigar a recepção da campanha da Duloren “Você não imagina do que uma Duloren é capaz” e a análise semiótica das peças publicitárias dessa campanha, à luz do conceito de violência simbólica.

2. Ampliando horizontes

Alguns conceitos são extremamente importantes para entender a questão de gênero a partir da publicidade. É imprescindível para este trabalho, deixar claro o conceito de gênero. Xavier (2008), explica esse conceito e os valores atribuídos a ele em seu artigo “E por falar em mulheres...”. Para a autora,

(...) Trata-se do modo como determinada sociedade se comporta em relação ao masculino e ao feminino. (...) essas diferenças biológicas entre homens e mulheres são percebidas pelas pessoas a partir das construções de gênero de cada sociedade, umas mais flexíveis, outras mais rigorosas em relação a essa questão. (...) é de suma importância compreender como ocorrem essas relações no contexto social para que se identifiquem os valores atribuídos a homens e mulheres, bem como as regras de comportamento decorrentes desses valores. (XAVIER, 2008, p. 03)

Pode-se dizer então, que gênero não diz respeito apenas ao aspecto biológico, mas aos papéis que são destinados ao homem e à mulher desde seu nascimento, ditando comportamentos, características e valores.

Outro conceito muito importante para a compreensão das questões de gênero na publicidade, é o feminismo. A luta feminista busca a igualdade de direitos e oportunidades, para ambos os gêneros. No artigo “Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação”, Nancy Fraser¹⁸ apresenta uma perspectiva acerca do feminismo diferente da que é normalmente abordada. Para ela,

[...] A narrativa que proponho se diferencia relevantemente do padrão difundido nos círculos acadêmicos dos Estados Unidos. A história padrão é uma narrativa de progresso, segundo a qual nós saímos de um movimento exclusivista, dominado por mulheres brancas heterossexuais de classe média, para um movimento maior e mais inclusivo que permitiu integrar as preocupações de les-

¹⁸Nancy Fraser é uma filósofa afiliada à escola de pensamento conhecida como teoria crítica. É uma importante pensadora feminista, preocupada com as concepções de justiça.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

bicas, mulheres negras e/ou pobres e mulheres trabalhadoras. (FRASER, 2007, p. 292)

A autora deixa de lado a narrativa de progresso interno do movimento, e contextualiza o feminismo, em relação aos desenvolvimentos históricos da sociedade, principalmente a europeia e a norte-americana.

Fraser (2007, p. 292) divide a segunda onda do movimento feminista em três fases. A primeira, segundo a autora, se caracteriza pela redistribuição daquilo que o feminismo defende. Esta surgiu da relação com os diversos movimentos sociais dos anos 60. Já a segunda fase emergiu no fim do século XX, e se destaca ao apoio e reconhecimento da política de identidade¹⁹, valorizando a diferença entre gêneros. Enquanto a terceira fase do feminismo, que, de acordo com Fraser, é mais recente, e ainda se desenvolve, expande-se a outros países e se junta a outros movimentos sociais em busca de uma política que integre três aspectos de forma equilibrada: a redistribuição, o reconhecimento e a representação.

No que diz respeito à publicidade, existem alguns conceitos imprescindíveis para a compreensão da relação entre a mídia e a sociedade. Atualmente, estudos sobre o comportamento do consumidor, apontam caminhos para que, de certa forma, as propagandas tenham mais êxito, pois técnicas cientificamente embasadas são agora utilizadas para tal. Como o *neuromarketing*²⁰, por exemplo.

Dentro dos estudos de *neuromarketing*, e também associado ao campo de estudo psicológico, há a teoria dos neurônios-espelho. Os neurônios-espelho são os responsáveis por determinados comportamentos sociais que podem ser repetidos por causa dos elementos discursivos que a mídia produz. Esse conceito é largamente utilizado para estudar o desejo pelo consumo. Segundo Lindstrom (2009, p. 55) “(...) neurônios-espelho (...) se ativam quando uma ação está sendo realizada e quando a mesma ação está sendo observada”. Ou seja, ao ver uma ação sendo realizada por um terceiro, sentimos como se estivéssemos realizando-a. De acordo com o autor, os neurônios-espelho nos impulsionam a consumir determinado produto a partir de propagandas e de sua popularidade, indo

¹⁹ “A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado”. (SILVA, 2000, p. 34)

²⁰ “O *neuromarketing*, por meio das técnicas de neuroimagem, explora as percepções e as respostas inconscientes (ZALTMAN, 2003), fornecendo importantes leituras dos pensamentos (WALTER et al. 2005) e das experiências dos consumidores (ZALTMAN, 2003)”, citados por Soares Neto e Alexandre, 2007.

além do desejo, pois relacionamos o ser com o ter e passamos a imitar hábitos de consumo dos demais, mesmo que involuntariamente. Segundo Lindstrom (2009, p. 62), “os neurônios-espelho não funcionam sozinhos. Muitas vezes agem em conjunto com a dopamina, uma das substâncias mais viciantes para os seres humanos – e decisões de compra são motivadas em parte por seus efeitos sedutores”.

A combinação entre os neurônios-espelho e a dopamina resulta em uma lógica de consumo que se apoia mais ao sentimento e à sedução do que à razão, e à lógica. Segundo o autor, o que mais motiva o consumidor a comprar não é a funcionalidade do produto, mas sim as sensações que sua compra e seu uso proporcionarão.

Relaciona-se aos neurônios-espelho a simulação que se faz presente no mundo atual e principalmente na publicidade. Segundo Baudrillard (1991), vivemos em uma sociedade que mistura o real à simulação, valorizando a simbologia à realidade. Para o autor,

Já não há imperativo de submissão ao modelo ou ao olhar. "VOCÊS são o modelo!" "VOCÊS são a maioria!" Esta é uma vertente de uma sociedade hiper-realista, em que o real se confunde com o modelo, como na operação Loud. Este é o estágio ulterior da relação social, o nosso, que já não é o da persuasão (a era clássica da propaganda, da ideologia, da publicidade, etc.) mas o da dissuasão: "VOCÊS são a informação, vocês são o social, vocês são o acontecimento, isto é convosco, vocês têm a palavra etc.". (BAUDRILLARD, 1991, p. 42)

Para o autor, a grande mídia já não tenta convencer a grande massa, e sim se utiliza da simulação para que a própria massa se convença estar olhando para seu próprio reflexo. Assim como na teoria dos neurônios-espelho, entende-se que não é mais necessário persuadir o público, pois apenas basta a apresentação de um modelo que seduza e desperte sentimentos de identificação ao público. A mídia ainda se ampara a um modelo misógino e com os neurônios-espelho em ação, este modelo acaba refletindo na vida real podendo fortalecer ainda mais a estrutura patriarcal.

3. *Apenas uma imagem de sedução e desejo! Nada de mais?*

A publicidade e a mídia já vêm ditando comportamentos específicos a cada gênero há algum tempo, e essa ideologia machista se encontra presente na publicidade e grandes mídias até hoje, reforçando e sedimentando estereótipos acerca da concepção do que é masculino e/ou feminino.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

no. A publicidade sempre se utilizou de elementos patriarcais para vender, e é interessante salientar que a venda é destinada ao homem e o papel da mulher é ser a “isca” para atrair o olhar masculino, mesmo quando se trata de produtos destinados ao público feminino, estas se apresentam como modelo a ser seguido. Segundo Bourdieu (1998), isso pode ser caracterizado como indício de violência simbólica. Para o autor,

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominante não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, (...) fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (...), resultam da incorporação de classificações, assim socializadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 1998, p. 47)

A violência simbólica presente na popularidade de discursos que violentam o gênero feminino, de alguma forma, acaba violentando a mulher em um nível “espiritual”²¹, causando uma naturalização dessa violência e da submissão feminina. Bourdieu (1998) aponta para um problema de dependência simbólica entre os gêneros, e é por meio da grande mídia: publicidade, televisão, filmes, músicas, que essa dependência simbólica continua ganhando força. Segundo o autor citado,

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos cujo ser (*esse*) é um ser percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (...). (BOURDIEU, 1998, p. 82)

Essa dependência simbólica entre os gêneros, a que Bourdieu (1998) se refere, é percebida em diversos discursos midiáticos atuais, que tentam convencer mulheres a adotarem ou abandonarem certos costumes e comportamentos, embasados na opinião daquilo que é atraente ou do gosto do homem. Tais discursos se fazem presentes desde cedo na vida das mulheres, em revistas voltadas para meninas adolescentes e continuam em campanhas publicitárias, programas de televisão e em artigos voltados para mulheres adultas.

Diferentes mecanismos são utilizados na publicidade, para ressaltar a sedução feminina, mesmo após as conquistas feministas, segundo Lipovetsky (2000). É possível perceber que não houve mudanças tão significativas no que se refere à sensualidade presente na publicidade, há quase um século (LINDSTROM, 2009). Nota-se que as breves mudanças

²¹ Expressão utilizada por Bourdieu (1998, p. 46)

ocorridas são um reflexo da popularização das redes sociais, que propiciam uma não-conformidade com mecanismos misóginos de sedução, ainda existentes em grande peso no meio publicitário.

Segundo Lindstrom (2009), “(...) indícios sugerem que, assim como o sexo, a beleza extrema ou celebridades desviam a nossa atenção das informações cruciais em um anúncio”. Portanto, é possível considerar que uma diminuição no teor sexual das campanhas publicitárias poderia ser benéfica, não só para a quebra de estereótipos acerca da mulher, mas também para a própria publicidade, concentrando a atenção do consumidor ao conceito da marca e às características de seus produtos.

4. Análise das peças publicitárias da Duloren “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”

Todas as peças publicitárias a seguir foram produzidas pela agência Paulista X-tudo Comunicação para marca de lingerie Duloren, e fazem parte de uma campanha recorrente da marca, intitulada “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”. Para o estudo de caso, utiliza-se o método e a análise semiótica, além dos conceitos e teorias específicos à publicidade e gênero estudados até agora. Segundo Santaella (2008),

(...) por ser uma teoria muito abstrata, a semiótica só nos permite mapear o campo das linguagens nos vários aspectos gerais que as constituem. Devido a essa generalidade, para uma análise afinada, a aplicação semiótica reclama pelo diálogo com teorias mais específicas dos processos de signos que estão sendo examinados. (SANTAELLA, 2008, p. 6)

A análise semiótica será feita em três passos, considerando a natureza triádica do signo (SANTAELLA, p. 5, 2008). Será analisada primeiramente a propriedade de qualidade do signo, após, o existente que será chamado de sin-signo e finalmente sua propriedade de lei. Para a autora citada (2008, p. 12-17), a qualidade, diz respeito aos aspectos do signo que se apresentam ao primeiro olhar. Não representam nada, mas sugerem objetos pela similaridade.

O segundo passo será analisar o existente, que também é chamado de sin-signo. Este passo será feito como a autora sugere:

O segundo tipo de olhar que devemos dirigir para os fenômenos é o olhar observacional. Nesse nível, é a nossa capacidade perceptiva que deve entrar em ação. Estar alerta para a existência singular do fenômeno, saber discriminar os limites que o diferenciam do contexto ao qual pertence, conseguir distinguir partes e todo. Aqui, trata-se de estar atento para a dimensão de sin-sig-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

no do fenômeno, para o modo como sua singularidade se delinea no seu aqui e agora. (SANTAELLA, 2008, p. 31)

Finalmente, a terceira propriedade do signo a ser analisada será a lei. Essa propriedade diz mais respeito ao contexto em que o signo está inserido, o que é exterior a ele. Segundo Santaella (2008) “(...) generalizações são próprias do aspecto de lei do fundamento do signo”.



Fig. 1 – Duloren: Rodeio. Fonte: Blog Cidadão Quem, 2010

Primeiramente, atentando-se às qualidades da imagem (Fig. 1), percebe-se, à esquerda, um homem montado em um touro, como em um estereótipo do cowboy estadunidense, é interessante ressaltar que na cultura estadunidense, a figura do homem viril, em diversos casos foi associada ao vaqueiro. Esse aspecto nos é apresentado em filmes e comerciais publicitários. Este utiliza uma camisa da cor vermelha, e à esquerda, uma mulher que se encaixa nos padrões de beleza estipulados pela mídia, utilizando uma lingerie sexy vermelha “montada” em um homem, também atraente, que se encontra seminu.

Ao analisar o aspecto sin-signo da imagem, observa-se a comparação feita entre a imagem da esquerda e a da direita. A pose da mulher remete a do cowboy, e a do homem ao touro, o que retrata uma comparação. Quase como um antes e depois, a peça utiliza da dominação feminina como uma estratégia para convencer seu público alvo. Entretanto, o texto sugere que essa dominação só é possível pela utilização da lingerie Duloren. Quanto ao contexto da peça analisada, pode-se perceber o teor sexual sugestivo ao comparar o homem a um touro, uma vez que essa característica animalística é, muitas vezes, associada ao desempenho sexual masculino, o que reforça ainda mais a força da sedução feminina, ao

“dominar” esse homem. Interpreta-se então que a peça passa a ideia de que a mulher só pode ser sexual em função do homem, e seu único poder de dominação é quando diz respeito à sensualidade.



Fig. 2 – Duloren: Dedo do Meio. Fonte: Blog Garotas de Propaganda, 2010

As qualidades da peça da Duloren (**Fig. 2**) que são importantes para sua interpretação são, a cor quente no fundo da imagem, a linguagem corporal da modelo, inclusive o gesto obsceno, a cor preta da lingerie e a diagramação do texto. Ao analisar o aspecto sin-signo dessa peça gráfica, observa-se a relação do texto com o gesto obsceno feito pela modelo. A diagramação do texto deixa bem claro que essa mulher repudia e está acima do que as palavras do texto representam. Sua lingerie preta, pode ser encarada como uma escolha de demonstração de poder à sensualidade. A cor preta está diretamente associada ao poder.

No que diz respeito aos aspectos de lei dessa peça, deve ser levado em consideração o fato de a peça ter sido veiculada no dia da mulher no Brasil. A mulher, para demonstrar poder, levanta o dedo do meio, símbolo do falo masculino, o que acaba reforçando o estereótipo de que características que dizem respeito à força e poder, são normalmente ligadas ao gênero masculino.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA



Fig. 3 - Duloren: 2 casamentos, 3 filhos, 4 netos e ainda pegu pra criar.

Fonte: Plano Feminino, 2012

A **Fig. 3**, conta com uma modelo idosa em pé, um modelo jovem aos seus pés, um cenário que remete a uma casa e um texto um tanto humorístico: “2 casamentos, 3 filhos, 3 netos e ainda pegu pra criar”. À secundaridade, observa-se como a posição em que o modelo se encontra, sugere certa inocência, parecida a uma criança quando abraça as pernas da mãe, sugerindo submissão, impotência. A fotografia apresenta a mulher em posição *ponglé* (de baixo para cima), essa posição transmite uma sensação de poder à modelo. Quanto à propriedade de lei dessa imagem, percebe-se a distorção do sentido de uma expressão popular para um contexto mais sexual.



Fig. 4 - Duloren: Sou do tipo que prefere pecar pelo excesso do que pela falta.
Fonte: Plano Feminino, 2012

A priori, os elementos que dizem respeito à qualidade da peça (Fig. 4) são as três modelos: uma ruiva, uma morena e uma de ascendência asiática em um cenário bem iluminado. Duas delas, que podem ser consideradas modelos *plus size*²², utilizam lingerie de cores neutras, e a outra com o corpo dentro dos padrões de beleza, utiliza uma lingerie cor salmão. A peça apresenta um texto ao lado das modelos que diz “Sou do tipo que prefere pecar pelo excesso do que pela falta”. O sin-signos da peça pode ser a relação que se faz entre a existência de três mulheres todas em contato, e o texto que fala sobre falta e excesso, gerando dupla interpretação. Primeiramente, existem duas mulheres com corpos fora do padrão enquanto apenas uma com o corpo dentro dos padrões, o que pode estar relacionado à palavra excesso, também se percebe a posição da mulher da direita, com o corpo dentro dos padrões, pois culturalmente coloca-se à direita o que é considerado melhor e mais importante. É interessante ainda salientar que as modelos “fora do padrão” usam lingerie que normalmente pelas cores são mais apropriadas para o uso cotidiano e pelo senso comum, o modelo de lingerie utilizado pela terceira modelo e também sua cor, seria para “ocasiões especiais”. Esta escolha das cores

²² Na indústria da moda, “plus size” é um termo para os modelos de roupa de tamanho 48 de calça para cima e GG em diante para blusas. Fonte: <<http://www.modaplussize.org>>. Acesso em: 10-10-2015.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

cria além do sentido simbólico de não-pertencimento das duas primeiras modelos, a cor cria o foco-visual para a modelo de lingerie colorida.

A outra interpretação, de conotação mais sexual, está ligada ao contato entre as três mulheres que estão apenas de lingerie. No aspecto de lei, as relações homossexuais entre mulheres são alvo de grande fetiche, e sinônimo de pecado em diversas convenções sociais, portanto o texto também pode estar insinuando essa situação. Novamente a peça da Duloren trata a mulher como apenas um símbolo sexual.



Figura 5 - Duloren: Vestiário. Fonte: Blog Só de Lingerie, 2010

Os aspectos da peça (Fig. 5), tidos como qualidade, é a modelo com corpo dentro do padrão, utilizando um lingerie preta posicionada no centro da peça e com uma bandeira do Brasil aberta atrás dela. O cenário é um vestiário masculino (talvez o vestiário de um estágio de futebol), e existem quatro modelos, dois seminus aos pés da modelo, um nu apoiado à parede e outro modelo seminu supostamente se preparando para um banho. Os elementos sin-signos, tornam possível a observação de que estes homens retratados na imagem são jogadores de futebol da seleção do Brasil, pela observação da bola e da bandeira brasileira. Suas linguagens corporais sugerem seu desejo e “rendição” à mulher que está em posição de poder. O texto recorrente da campanha “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”, sugere na propriedade de lei, que a lingerie deu o

poder à mulher de conquistar esses jogadores que fazem parte de um imaginário sexual de diversas mulheres do país.



Fig. 6 - Duloren: Pacificar foi fácil. Quero ver dominar. Fonte: Extra Online, 2012

Os primeiros elementos percebidos na peça (**Fig. 6**) são uma modelo negra em primeiro plano, utilizando um lingerie de cor neutra com o boné de um policial do Batalhão de Operações Policiais Especiais na mão. O cenário é uma favela, e existe um policial com a farda aberta, dormindo em segundo plano. O texto que acompanha a imagem diz “Pacificar foi fácil. Quero ver dominar”.

Ao analisar os sin-signos, observa-se que a expressão corporal da modelo sugere sua posição de poder sexual em relação ao homem. A linguagem corporal do policial, e seus olhos fechados, remetem ao fato da convenção social de que o homem tende a dormir após o sexo, o que entra no aspecto da lei. O texto fala em pacificar e dominar fazendo referência à pacificação que ocorreu nas favelas do Rio de Janeiro e coloca a mulher em posição de dominação, mas novamente apenas no aspecto sexual.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA



Fig. 7 - Duloren: Buquê de flores.

Fonte: IG Columnistas – Consumo e Propaganda, 2011

As qualidades dessa peça (Fig. 7) são uma modelo que pode ser considerada *plus size* em primeiro plano, utilizando uma lingerie de estampa romântica, inserida em um quarto, e, em segundo plano, um modelo com a camisa aberta, oferecendo um buquê de rosas vermelhas a ela. Ao analisar os seguintes sin-signos: a utilização de uma lingerie romântica e não sexy pela modelo *plus size*, a escolha de um modelo não tão atraente e juntando tais aspectos ao texto recorrente da campanha da Duloren, “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”, percebe-se que ocorre uma inferiorização da mulher representada, como se o ato de um homem oferecer um buquê a essa mulher fosse muito improvável.

5. *Análise do questionário “Você não imagina do que uma Duloren é Capaz”*

Além da análise semiótica realizada das peças publicitárias da Duloren, também se utilizou, como instrumento de pesquisa, um questionário a fim de investigar o processo de recepção das peças publicitárias da Duloren analisadas. O questionário contava com 10 perguntas de múltipla escolha, com espaço para comentário. Foi publicado no dia 14 de se-

tembro de 2015 no *Google Docs*²³ e ficou disponível até o dia 29 de outubro de 2015.

O questionário apresentava imagens das sete peças publicitárias analisadas acima, e convidava o leitor para analisá-las segundo seu próprio critério e depois responder às perguntas. As perguntas produzidas para o questionário tinham, como objetivo, compreender como acontece a percepção principalmente por jovens entre 18 e 28 anos da campanha “Você não imagina do que uma Duloren é capaz?”. Questionou-se os aspectos visuais das peças publicitárias, como a sua beleza, mas também principalmente, a simbologia e a pretensa intenção da marca Duloren ao produzir tais peças. Um total de 72 pessoas responderem ao questionário.

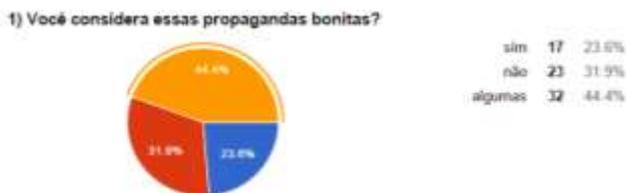


Figura 8 - Pergunta 01 Questionário. Fonte: Acervo da autora, 2015

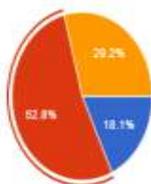
A primeira pergunta dizia respeito ao aspecto visual das peças da Duloren, procurando saber se os participantes do questionário consideravam tais peças bonitas, e a maioria considerou algumas delas bonitas e outras não.



²³ Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/1KhGHQXI-EC-IHqLTL15UvdNOS7F2PidbplY8H5eEJME/viewform>>.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

3) Você acredita que a mulher que usa Duloren pode, de fato, sentir-se mais poderosa e autoconfiante?

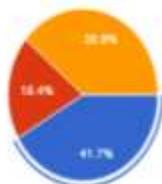


sim	13	18.1%
não	38	52.8%
às vezes	21	29.2%

Fig. 91 - Perguntas 02 e 03 do questionário. Fonte: Acervo da autora, 2015.

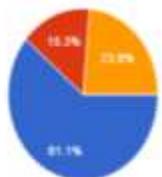
As perguntas 2 e 3 diziam respeito ao empoderamento feminino. E mais da metade dos participantes do questionário, concordaram que a campanha e o produto da Duloren não contribuem para o empoderamento e confiança da mulher.

4) Você considera que esse tipo de lingerie deixa a mulher mais sensual?



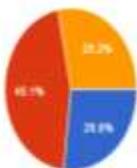
sim	30	41.7%
não	14	19.4%
às vezes	28	38.3%

5) Você julga que essas propagandas têm teor sexual?



sim	44	61.1%
não	11	15.3%
algumas	17	23.6%

6) Você acredita que essas propagandas podem retratar a independência da mulher?

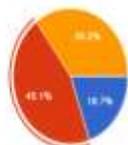


sim	19	26.8%
não	32	45.1%
às vezes	20	28.2%

Fig. 10 - Perguntas 04, 05 e 06 do questionário. Fonte: Acervo da autora, 2015

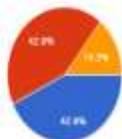
A quarta pergunta revelou que a maioria dos participantes do questionário considera que a lingerie deixa a mulher mais sensual, e a maioria também concordou que as peças publicitárias continham teor sexual, porém indo ao encontro com o que foi analisado anteriormente, 45,1% acredita que tais peças não retraram a independência feminina.

7) Você acredita que as modelos dessas propagandas fazem parte do padrão de beleza convencional?



sim	14	19,7%
não	32	45,1%
algumas	25	35,2%

8) Você considera ofensiva alguma dessas propagandas?



sim	38	42,9%
não	38	42,9%
algumas	18	14,3%

9) Para você, a mensagem passada nessas propagandas é positiva?



sim	10	22,5%
não	31	43,7%
às vezes	24	33,8%

Fig. 11 - Perguntas 07, 08 e 09 do questionário. Fonte: Acervo da autora, 2015.

Na sétima pergunta, 45,1% dos questionados, acreditam que as modelos utilizadas nas campanhas da Duloren não fazem parte do padrão de beleza convencional, o que poderia ser positivo para a quebra de paradigmas da grande mídia. Porém nas seguintes perguntas, percebe-se que apenas este aspecto não é suficiente para causar uma recepção positiva ao público, uma vez que 42,9% dos participantes consideravam a campanha ofensiva, 14,3% consideravam algumas das peças ofensivas e 43,7% não consideram a mensagem passada por elas como positiva, o que aponta uma insatisfação com a campanha da Duloren.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

10) Depois de ver essas propagandas, você se interessou por algum produto Duloren?



sim	13	10,3%
não	49	67%
talvez	9	12,7%

Fig. 12 - Pergunta 10 do questionário. Fonte: Acervo da autora, 2015.

A décima pergunta revela que, após serem convidados a analisar a campanha “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”, da Duloren, a maioria dos participantes não se interessou pelo produto, o que demonstra uma falha na campanha, uma vez que este deveria ser o seu objetivo principal. Após a análise semiótica combinada à tabulação e análise do questionário produzido acerca das campanhas “Você não imagina do que uma Duloren é capaz” da Duloren, conclui-se que a campanha contribuiu para a manutenção do modelo patriarcal da sociedade, que objetifica a mulher e exalta apenas suas características que dizem respeito à sexualidade. Também se percebe, no questionário, por meio da recepção negativa majoritária à campanha, que retratar a mulher desse jeito também é prejudicial para a marca Duloren.

6. Considerações finais

Como bem define Xavier (2008), com o passar do tempo as leis mudam, mas não se percebe uma dinamicidade no processo de mudança nos costumes, no que diz respeito às questões de gênero. A própria mídia ainda se encontra arraigada em discursos que reforçam estereótipos em relação à mulher na sociedade, apesar disso, percebe-se que a produção publicitária é passiva de mudanças. Segundo Lipovetsky (2000), é praticamente impossível estipular o limite das mudanças da publicidade, portanto entende-se que essa pesquisa possa contribuir instigar e provocar uma mudança de paradigmas no que diz respeito à representação da mulher no mundo publicitário.

Após o estudo de caso da campanha “Você não imagina do que uma Duloren é capaz”, por meio da análise semiótica das peças publicitárias, da tabulação e análise dos resultados do questionário, percebeu-se que a adoção de discursos machistas e representações da mulher de forma estereotipada não são bem aceitas, e podem gerar certa aversão do

público à marca. Este acaba associando-a aos discursos veiculados nas peças publicitárias, o que pode ser prejudicial, a longo prazo, para a sua imagem.

A publicidade tem como objetivos, persuadir, convencer e vender, e entende-se que, se a utilização da mulher apenas como objeto midiático encontrar resistência, tanto do público quanto do próprio meio publicitário, por meio de análises, pesquisas e reflexões efetivas sobre tais questões, poderá propiciar mudanças na prática publicitária o que, consequentemente, refletirá na estrutura social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Miguel. *Pausa para nossos comerciais*. 2010. Disponível em: <<http://cidadaoquem.blogspot.com.br/2010/02/pausa-para-nossos-comerciais.html>>. Acesso em: 20-10-2015.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa, 1981. Disponível em: <http://monoskop.org/images/c/c4/Baudrillard_Jean_Simulacros_e_simula%C3%A7%C3%A3o_1991.pdf>. Acesso em: 11-08-2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960a.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad.: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/BOURDIEU_Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646> Acesso em: 14-08-2015.

EXTRA online. Campanha da Duloren é tirada de circulação, 2012. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/economia/campanha-da-duloren-retirada-de-circulacao-6277669.html>>. Acesso em: 20-10-2015.

FRASER, Nancy. *Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação*. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200002> Acesso em: 5-08-2015.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

GAROTAS de Propaganda. Remake Duloren. Acesso em:
<<https://garotasdepropaganda.wordpress.com/2010/03/17/remake-duloren>>. Acesso em: 20-10-2015.

KUKUL, Vanessa. *Duloren e as mulheres reais*. Plano feminino, 2012. Disponível em: <<http://planofeminino.com.br/duloren-e-as-mulheres-reais>>. Acesso em: 20-10-2015

LINDSTROM, Martin. *A lógica do consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *Sedução, publicidade e pós modernidade*. Porto Alegre, 2000. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3062/2340>>. Acesso em: 5-08-2015.

PENTEADO, Claudia. *Duloren investe em tamanho “Plus”*, 2011. Disponível em:
<<http://consumoepropaganda.ig.com.br/index.php/2011/03/22/du-loren-investe-em-tamanho-plus>>. Acesso em: 20-10-2015.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SO de lingerie. Pelada de lingerie, 2010. Disponível em:
<<https://sodelingerie.wordpress.com/tag/calvin-klein>>. Acesso em: 20-10-2015.

SOARES NETO, João Batista; ALEXANDRE, Mauro Lemuel. *Neuro-marketing: conceitos e técnicas de análise do cérebro de consumidores*. XXXI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
<<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/MKT-D2754.pdf>>. Acesso em: 13-10-2015.

XAVIER, Sônia Maia Teles. E por falar em mulheres... *Revista Complexus*, 2008. Disponível em:
<<http://www.unilestemg.br/revistacomplexus>>. Acesso em: 5-08-2015.

**DITO E NÃO DITO,
IMAGENS DE SUJEITO E DISCURSIVIDADE:
SIGNIFICADOS POSSÍVEIS
EM UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DA VIVO**

Edna Pereira da Silva (UNEB)

lucilene_nick@hotmail.com

Lucilene Vieira Gomes Santos (UNEB)

dnappsilva@hotmail.com

Renato Pereira Aurélio (IFES/CEFET-MG)

renatoaureliomg@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo é pautado em uma análise discursiva de uma peça publicitária, tomando por base a análise do discurso de linha francesa. Tem como objetivo estimular o desenvolvimento de visão crítica sobre o discurso publicitário e suas relações com os meios de comunicação. Primeiramente busca-se empreender algumas considerações sobre o discurso, em termos de sua proliferação ao final do século XX, quando os estudiosos passam a concebê-lo de maneira mais abrangente, permitindo a multiplicação dos modelos de análise. Discute-se um pouco sobre os conceitos de formações imaginárias e formações discursivas como forma de compreender melhor as possíveis imagens e posições dos sujeitos, a partir da análise da peça publicitária. Em seguida, é apresentada a noção de sujeito, imbricada ao conceito de ideologia a partir das três fases da análise do discurso (AD1, AD2 e AD3). Aborda-se, também, a questão do dito e do não dito, enquanto elementos fundamentais para a análise, já que o silêncio também pode carregar sentido. Em seguida, são apresentados alguns aspectos da publicidade e das estratégias utilizadas no sentido de persuadir os indivíduos a adquirirem determinados produtos. Em termos metodológicos, foi selecionada para análise a peça publicitária intitulada *O DDD nos conecta*, da empresa VIVO, que foi veiculada na TV aberta, no ano de 2011. Considerando-se os aspectos discursivos presentes no *corpus*, observou-se que a Vivo utiliza a imagem do sujeito adolescente e do sujeito idoso em situações cotidianas, para compor a peça publicitária, com manifestações do dito e do não dito, de modo a afirmar uma necessidade dos consumidores: a comunicação por telefone.

Palavras-chave: Análise do discurso. Publicidade. Sujeito.

1. Introdução

Neste trabalho, pretende-se realizar uma análise sobre os elementos discursivos presentes em uma peça publicitária da empresa VIVO, que foi veiculada na TV aberta, no ano de 2011. Considerando que a heterogeneidade do significado é pertinente à linguagem, alguns estudiosos passaram a se interessar pela análise do discurso (AD), uma vez que a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

linguagem é mediadora entre o homem e a realidade social. Além disso, “a linguagem contém uma visão de mundo, que determina nossa maneira de perceber e conceber a realidade, e impõe-nos essa visão”. (FIORIN, 1990, 52)

Observando que os recursos utilizados pela publicidade também constituem linguagem, optou-se por empreender um estudo a partir da peça publicitária da Vivo. Para tanto, buscou-se analisar de que maneira as imagens dos sujeitos apresentados na peça publicitária, bem como, os aspectos do *dito* e do *não dito* estabeleceram sentido nas sequências discursivas do *corpus* analisado.

Tal ideia surgiu justamente do interesse em concretizar as teorias discutidas no componente curricular texto e discurso, ministrado no segundo semestre de 2012 pelo professor Renato Pereira Aurélio, no curso de letras, em que foi possível verificar a produtividade dos estudos relacionados à respectiva temática.

Para tanto, utilizar-se-á como base de pesquisa a análise do discurso de linha francesa. Salienta-se que este estudo, além de ampliar o conhecimento na área da linguística, poderá favorecer o desenvolvimento de uma visão mais crítica a respeito dos discursos midiáticos que atravessam os meios de telecomunicação.

2. *Considerações sobre o discurso*

No final do século XX o termo *discurso* passou a proliferar nas ciências da linguagem. Surgem, então, diversas ideias sobre o mesmo, tais como: o discurso supõe uma organização transfrástica, ou seja, nem todo discurso se manifesta por frases sequenciais, pois uma única frase ou até mesmo uma só palavra pode se tornar um discurso; o discurso é orientado, ou seja, ele se desenvolve no tempo, construindo-se não somente em função do locutor, mas, também porque se pretende chegar a algum propósito; o discurso segue ou não uma linearidade, visto que pode trazer antecipações e ou retomadas como que sob um painel de controle do locutor, mas, que pode ser interrompido a qualquer instante pelo interlocutor. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p. 170)

Em um determinado discurso, existem condições de produção que podem ser chamadas de *formações imaginárias*. Elas resultam das relações entre outros discursos, pois, “não há, de certo modo, começo abso-

luto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. (ORLANDI, 1999, p. 39)

As formações *imaginárias* constituem, portanto, mecanismos que produzem imagens do sujeito, relacionando-se com o material e o institucional, ou seja, com o equívoco, a historicidade e a formação social. Através dessas condições de produção é que se estabelece a posição do sujeito locutor e interlocutor, fazendo com que a troca de palavras seja presidida por um “jogo imaginário”. Desta forma, “são as imagens que constituem as diferentes posições” (*Ibid.*, p. 40). A formação imaginária faz “parte do funcionamento da linguagem” (*Idem*, p. 42) e contribui para a constituição das condições em que o discurso é produzido e para a sua significação.

Por isso é que se torna importante a análise, a fim de ir além das palavras e das formações imaginárias, distinguindo os sentidos produzidos, compreendendo melhor o que foi dito. Também é relevante remeter a fala do discurso a uma *formação discursiva* para se compreender melhor a posição defendida em um determinado texto.

Na formação discursiva as palavras significam de acordo a posição em que são colocadas, pois, “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. (*Idem*, p. 42). As palavras mudam de sentido de acordo com o lugar que ocupam e de quem as usa. Essa posição se relaciona com as formações ideológicas em que se inscrevem.

Nesta perspectiva, a formação discursiva é definida “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. (*Idem*, p. 43). O sentido de um discurso dependerá da formação discursiva em que ele se inscreve, resultando em um sentido e não em outro.

2.1. Sujeito e ideologia

Na perspectiva da análise do discurso, o sujeito não é somente o sujeito individual, mas o que “existe socialmente, interpelado pela ideologia”. (BRANDÃO, 2004, p. 110). Ou seja, não é a origem absoluta do sentido, pois em seu discurso, manifesta-se o discurso de outros. Para José Luiz Fiorin (1990, p. 28), ideologia diz respeito ao conjunto de ideias,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações por ele mantidas com seus pares na sociedade.

Quando se elabora um discurso, o sujeito nem sempre se dá conta de que o que diz não se originou de si mesmo. Na AD-1, por exemplo, “o sujeito não poderia ser concebido como um indivíduo que fala (“eu falo”), como fonte do próprio discurso” (MUSSALIM, 2003, p. 133), visto que este era necessário considerar a troca entre o *eu* e o *tu*. O sujeito era assujeitado à *máquina discursiva* e se submetia às regras da mesma.

Já na AD-2, o sujeito passa a ocupar diferentes papéis, a depender da sua posição discursiva no espaço do interdiscurso. Mas, o fato de desempenhar diferentes papéis não o torna um sujeito livre, pois, “ele sofre as coerções da formação discursiva do interior da qual enuncia” (*Idem*, p. 133). Isso se dá porque ele é regulado por uma formação ideológica e pelo lugar que ocupa. Segundo esta concepção, as relações intersubjetivas são regidas por um conflito em que “o tu determina o que o eu diz, ocorrendo assim, uma espécie de tirania do primeiro sobre o segundo. É a concepção fortemente influenciada pela retórica, [...]”. (BRANDÃO, 2004, p. 54)

Na AD-3, por sua vez, surge a noção de sujeito marcado pela heterogeneidade. O sujeito clivado, dividido, descentrado. É nesta fase que se reconhece na concepção anterior, uma contradição, a qual implica no impedimento de apreender o sujeito na sua diversidade e dispersão.

Nesse contexto Émile Benveniste *apud* Helena Hathsue Nagamine Brandão (2004) traz algumas abordagens acerca da subjetividade, considerando o “próprio ato de produzir um enunciado”, que envolve “as características formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza”. (*Idem*, 2004, p. 55)

Seguindo essa linha, subjetividade corresponde à “capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua” (*Idem*, p. 56). Esse processo se dá quando o locutor enuncia sua posição no discurso a partir de alguns índices formais dos quais os pronomes pessoais configuram-se como pontos relevantes de apoio na revelação da subjetividade da linguagem.

2.2. O dito e o não dito

Em meio a diversas possibilidades teóricas, além da formação imaginária, da formação discursiva, dos aspectos do sujeito e da ideologia, considera-se relevante, para este estudo, abordar um pouco sobre o dito e o não dito, pois é importante perceber “a presença de não ditos no interior do que é dito”. (PÊCHEUX, 1990, p. 44)

O não dizer traz implícito o pressuposto e o subentendido. Como exemplo, Eni Puccinelli Orlandi (1999, p. 82) usa a frase “Deixei de fumar”, cujo pressuposto é que a pessoa fumava antes, senão, como poderia deixar de fumar? Ou seja, o dito traz consigo esse pressuposto de que a pessoa era fumante, mas havia abandonado este hábito. Nesta frase há também um subentendido de que a pessoa deixara de fumar, provavelmente, porque estava lhe prejudicando a saúde. Porém, não se pode afirmar isso categoricamente, pois o subentendido dependerá do contexto.

Entre os não ditos pode-se mencionar o silêncio, pois este também carrega sentido. É como se o silêncio fosse “a respiração da significação”, permitindo que “o sentido faça sentido”. Esse silêncio é chamado de “silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro” (*Idem*, p. 83), ou seja, é o silêncio que significa o não dito.

3. Linguagem e publicidade

Citelli (2010) entende o texto publicitário como o resultado de múltiplos fatores, sendo alguns “ancorados nas ordenações sociais, culturais econômicas e psicológicas dos grupos humanos para os quais as peças estão voltadas”. Ainda diz que outros textos publicitários “dizem respeito a componentes estéticos e de uso do enorme conjunto de efeitos retóricos necessários para alcançar o convencimento e aos quais não faltam as figuras de linguagem, as técnicas argumentativas, os raciocínios”. (CITELLI, 2010, p. 56)

Atualmente a publicidade é vista como sinônimo de propaganda, uma vez que ambas se fazem importantes na sociedade industrializada, podendo ser consideradas de certo modo, responsáveis por algumas mudanças ocorridas nos comportamentos e na mentalidade dos seus receptores. Mas de acordo com Sant’Anna, citado por Cristhiane Ferreguett, (2009), “os termos publicidade e propaganda não significam a mesma ideia”, pois

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

[...] propaganda deriva do verbo latino *propagare*, já formado a partir de *pan-gere*, “que quer dizer enterrar, mergulhar, plantar”. Esse termo foi “traduzido pelo Papa Clemente VII, em 1597, quando fundou a Congregação da Propaganda, com o fito de propagar a fé católica pelo mundo”. Assim, propaganda seria a propagação de princípios e teorias, a propagação de doutrinas religiosas ou princípios políticos de um partido. Por outro lado, publicidade deriva de público (do latim *publicus*) e significa divulgar, tornar público um fato ou uma ideia. (FERREGUETT, 2009, p. 26)

Os aparatos tecnológicos e alguns meios de comunicação tornaram-se essenciais no que diz respeito à venda de produtos. “Como instrumento econômico, a mensagem publicitária tornou-se o braço direito da tecnologia moderna” (CARVALHO, 2001, p. 9), pois quase sempre, cumpre seu objetivo a partir de três planos: psicológico, antropológico e sociológico.

A mensagem transmitida pela publicidade acaba tornando familiar o produto apresentado, ao mesmo tempo em que aumenta sua banalidade e valorizando-o aos olhos do consumidor. Além disso, “a publicidade é discurso, linguagem, e, portanto, manipula símbolos para fazer a mediação entre os objetos e pessoas, utilizando-se mais a linguagem do mercado que a dos objetos”. (*Idem*, p. 12)

4. Metodologia

Para a realização deste estudo, foi selecionada a peça publicitária da Vivo *O DDD nos conecta*, a qual passa a constituir o *corpus* da análise. Trata-se de um vídeo que foi produzido pela África Agência, com duração de 31 segundos. Foi veiculado na TV aberta no mês de março de 2011 e está disponível na internet, através do Youtube (<http://www.youtube.com/watch?v=PocUTYbzzgg>).

Na peça publicitária, aparecem cinco personagens. É protagonizada por uma avó que, oportunamente, utiliza o telefone celular para falar com o namorado que mora em outro estado, sendo que, posteriormente, ele vai visitá-la. Dentre outras questões, observa-se na peça publicitária, uma sequência de acontecimentos do cotidiano de uma família que foge aos padrões tradicionais (avó e dois netos), demonstrando o posicionamento dos mesmos, a partir das formações imaginárias que se manifestam. Ao final, ocorre a visita inusitada do namorado da avó, que leva consigo a neta.

Com base nos pressupostos teóricos da análise do discurso e do texto publicitário, foi possível estabelecer uma relação, no sentido de verificar alguns aspectos discursivos presentes no *corpus*. Isto, porque a peça publicitária constitui-se de linguagem e, deste modo, requisita os procedimentos da análise do discurso para a apreensão dos significados nela subjacentes, já que o texto “é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte”. (ORLANDI, 1999, p. 63)

Em meio aos diversos dispositivos de análise, optou-se por identificar as imagens de sujeito presentes na peça publicitária, bem como, os aspectos relativos ao dito e ao não dito que se manifestam no decorrer do vídeo. Assim, o tópico *análise e discussão* é dividido em dois subtópicos. O primeiro apresenta as concepções de *sujeito idoso* e de *sujeito adolescente*, a partir das imagens propostas pela Vivo. Já o segundo apresenta alguns aspectos do *dito* e do *não dito*.

São apresentadas três sequências, com as cenas representativas, captadas em imagens e aqui utilizadas no tamanho 3,64cm X 6,73cm, bem como, a transcrição dos diálogos. Considerando-se os participantes da peça publicitária, convencionou-se chamá-los de personagens e identificá-los, conforme os códigos abaixo:

PERSONAGEM	CÓDIGO
Adolescente 1	A-1
Adolescente 2	A-2
Adolescente 3	A-3
Idoso 1	I-1
Idoso 2	I-2

Tabela 1: Relação Código-Personagem

5. *Análise e discussão*

A partir do referencial teórico, bem como, das observações sistêmicas empreendidas sobre a peça publicitária *O DDD nos conecta*, da operadora de telefonia Vivo, buscou-se identificar alguns elementos que estabelecem o processo discursivo. Conforme os postulados de Eni Pucicelli Orlandi (1999) são apresentadas as concepções de sujeito que se depreende do *corpus*, a saber, o sujeito adolescente e o sujeito idoso. Para isso, procura-se compreender as formações imaginárias oriundas da peça publicitária, no que diz respeito às personagens, a partir dos diálogos que compõem as sequências e as respectivas cenas do vídeo.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Para a análise do *corpus* e discussão dos elementos subjacentes à peça publicitária, foram utilizados os pressupostos de alguns autores já mencionados no referencial teórico. Para caracterizar o adolescente, apresenta-se a definição do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) (1990) e os pressupostos de Dinah Martins de Souza Campos (1987) e Rolf Muuss (1966). Para definir o idoso, utilizou-se os postulados de Sonia de Amorim Mascaro (1997), além do *Estatuto do Idoso* (2003). Buscou-se ainda, identificar os aspectos do *dito* e do *não dito* presentes na peça publicitária, considerando-se o material linguístico analisado. A este respeito, Eni Puccinelli Orlandi (1999) aponta que tanto as questões superficiais quanto as implícitas concorrem para a construção do sentido durante a enunciação.

5.1. O sujeito adolescente

Conforme o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (1990), Art. 2º, considera-se adolescente o indivíduo que se encontra entre os 12 e os 18 anos. Trata-se de uma faixa etária marcada pelas transformações físicas e psicológicas, de maneira que os conflitos envolvendo esse público podem se tornar comuns, seja no ambiente escolar ou na família. Nesta fase, segundo Dinah Martins de Souza Campos (1987),

o indivíduo é particularmente vulnerável não só aos efeitos decorrentes das transformações biológicas ocorridas em seu corpo, mas também das mudanças sem precedentes, provocadas, no mundo moderno, pelo impacto das explosões demográficas, do progresso científico, *da tecnologia, das comunicações*, das novas aspirações humanas e da rápida transformação social. (CAMPOS, 1987, p. 28. Grifo nosso)

Diante do exposto, percebe-se que a fase da adolescência é marcada pela instabilidade entre tendências contraditórias, variando entre a energia, exaltação e superatividade seguidas por indiferença, letargia e desprezo. O mesmo pode desejar a solidão e a reclusão, mas também “se encontra emaranhado em ‘paixonites’ e amizades”. (MUUSS, 1966, p. 23)

Observando-se o teor da peça publicitária em análise, procurou-se identificar a formação imaginária relativa ao sujeito adolescente, de acordo com as condições de produção, já que o lugar de onde se fala produz este ou aquele sentido. Trata-se de uma relação de força, em que a imagem que esta pessoa projeta socialmente define o lugar do sujeito (ORLANDI, 1999, p. 39)

Pode-se observar que os sujeitos A-1, A-2 e A-3 representam a imagem do adolescente aparentemente de classe média. Infere-se tal condição com base na caracterização das cenas. Logo no princípio, os adolescentes A-1 e A-2 aparecem em primeiro plano jogando videogame. A avó, ao telefone, desce as escadas, chegando à sala, que parece ser ampla, de uma casa de médio a alto padrão.

5.2. O sujeito idoso

Considerando-se a aparência e o fato de a mulher ser identificada como a avó dos adolescentes, pode-se perceber que a peça publicitária traz à tona a formação imaginária do idoso, porém, quebrando o padrão estabelecido na sociedade. Isto porque a avó (I-1) aparece ao telefone, conversando com o namorado (I-2), conforme o comentário dos adolescentes.

I-2, por sua vez, aparece na última cena, quando chega à casa da família, concretizando a expectativa da namorada (I-1). A aparência do mesmo e o fato de ele estar acompanhado da neta, também adolescente (A-3), evidencia que ele se enquadra na formação imaginária do idoso.

A previsão do *Estatuto do Idoso* (2003) é de que o indivíduo é considerado idoso com idade igual ou superior a 60 anos, sendo que a imagem comumente compartilhada pela sociedade é de “um quadro sombrio do que seja envelhecer e esse panorama pode explicar a existência de uma imagem estereotipada e negativa do envelhecimento e da fase da velhice” (MASCARO, 1997, p. 63). Além disso, têm-se também o estereótipo de que o idoso não mais pode se envolver afetivamente, pois se tem a ideia equivocada de que na terceira idade não há mais sexualidade, conforme se nota nas palavras de Sonia de Amorim Mascaro (1997):

A imagem estereotipada da velhice sem sexo pode levar muitas mulheres a se convencerem de com a menopausa, sua sexualidade será extinta, e muitos homens acreditam que, com a chegada da aposentadoria e a consequente perda do papel de trabalhador, eles perderam também a sua capacidade sexual. (MASCARO, 1997, p. 66)

Os idosos em questão, por outro lado, contrariam a expectativa construída coletivamente sobre a imagem do sujeito pertencente a essa faixa etária, conforme os pressupostos do autor. Tal fato fica evidente quando se observa que eles mantêm um relacionamento afetivo, testemunhado pelos próprios netos. Essa imagem sobre o idoso é utilizada de forma positiva pela mídia, de modo que “estão revelando uma nova ati-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tude em relação ao significado dessa fase da vida, o que é muito construtivo”, para desfazer o estereótipo negativo em relação ao idoso. (*Idem*, p. 67)

Porém, a autora acima, explica que é preciso ter cuidado para não criar um novo estereótipo sobre “a fase da velhice, o clichê de que o idoso bem adaptado é aquele que se apresenta sempre animado, ativo e jovial”. (*Idem*, p. 67). Outra questão apresentada no vídeo diz respeito ao domínio do aparelho celular por I-1 e I-2. Este fato provoca uma reflexão sobre a relação entre o idoso e a tecnologia, neste caso específico, no que tange à comunicação por telefone.

Ao apresentar a formação imaginária de um idoso moderno através de uma peça publicitária, a Vivo transmite a ideia da facilidade no manuseio do aparelho e mais ainda, sobre as ofertas disponíveis com a utilização do código 15. Tal estratégia revela astúcia do texto publicitário. De acordo com Cristhiane Ferreguett (2009):

As peças publicitárias buscam identificação com o imaginário e sustentam seus apelos sedutores na criação de estereótipos individuais e coletivos que são aceitos pela maioria das pessoas. O anunciante cria e personifica objetos e serviços que coincidam com atributos dados aos estereótipos que passam a nos representar. O ideal masculino é normalmente representado por imagens do homem vigoroso e bem-sucedido; o feminino é de beleza e sensualidade; o dos idosos é a sabedoria e a realização pessoal na terceira idade. (FERREGUETT, 2009, p. 38)

Verifica-se, neste caso, a manifestação de um sujeito clivado, dividido, marcado pela incompletude, sem a supremacia do *eu* ou do *tu* (BRANDÃO, 2004). Isto, porque os idosos em questão não estão presos a uma só FD, mas, ao contrário, partilham e agem conforme diferentes espaços discursivos. Nesta perspectiva, nota-se que a Vivo utilizou a imagem de idosos aparentemente bem-sucedidos, uma vez que, na peça publicitária os mesmos aparecem como sujeitos independentes, integrados à tecnologia moderna, com direito de ir e vir, bem como, de manter um relacionamento afetivo.

Observou-se que a referida peça publicitária utiliza um repertório de símbolos e imagens significativas, que, conforme Sonia de Amorim Mascaro (1997, p. 65), “podem exercer a função de ponto de referência para os próprios idosos, influenciando seu comportamento e suas atitudes”, bem como, para os jovens e adultos, ao apresentar uma formação imaginária sobre o que significa envelhecer na sociedade atual.

5.3. O dito e o não dito

Como forma de tentar elucidar os sentidos subjacentes à peça publicitária ora analisada, considerando-se os sujeitos nela envolvidos bem como, as condições de produção dos discursos ali presentes, buscou-se verificar a presença do *dito* e do *não dito* nas cenas que compõem o vídeo. Desse modo, são apresentadas imagens das cenas que compõem cada sequência. Os diálogos foram transcritos, a fim de sistematizar a análise, possibilitando uma visão mais ampla dos processos discursivos e seus efeitos de sentido.

SEQUÊNCIA 1 - PRIMEIRA CENA



A1 – A vovó tá namorando.

A2 – Quem?

A1 – Ele é um tal de Luiz Otávio. Mas, ele é de outro estado.

Na sequência, observa-se que o diálogo entre os dois adolescentes revela o início do conflito apresentado na peça publicitária, pois, A-1 parece ter tomado conhecimento recentemente sobre o namoro da avó, e logo informa a A-2. Diante da novidade, as atitudes de ambos os adolescentes aparentam ser de despreocupação. Entretanto, na última fala, nota-se uma espécie de descontentamento que se revela em algumas expressões ditas por A-1. Essa atitude acaba por apontar alguns indícios da imagem do sujeito adolescente, que tende a reagir de maneira contrária àquilo que não lhe agrada.

Ao responder a pergunta de A-2, A-1 utiliza a expressão *um tal*, indicando uma certa insatisfação diante do relacionamento da avó. Percebe-se, pois, um teor pejorativo na referência ao namorado da avó. O uso da conjunção adversativa *mas* também concorre para esse efeito de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sentido. Isso porque A-1 parece demonstrar certo alívio ao concluir que o namorado da avó mora em uma cidade distante.

Sendo assim, pode-se perceber que tanto o dizer quanto o não dizer estão presentes na sequência. A expressão *um tal de* que se encontra na superfície do discurso e traz à tona outros sentidos possíveis, que vão desde o sentimento de banalização até o desdém. Já a adversativa *mas* opõe-se às sentenças anteriores, estabelecendo uma sensação de conforto por parte de A-1. O fato de I-2 morar distante diz respeito a um evento comum do cotidiano, que a Vivo utiliza como estratégia para respaldar a importância da comunicação via celular através do código de discagem direta a distância – DDD 15.

Trata-se de uma tentativa da publicidade de demonstrar implicitamente que as pessoas necessitam de produtos e serviços para facilitar a vida cotidiana, neste caso específico da comunicação entre as pessoas. Segundo Nelly Medeiros de Carvalho (2001, p. 12) “[...] possuir objetos passa a ser sinônimo de alcançar a felicidade: os artefatos e produtos proporcionam a salvação do homem, representam bem-estar e êxito”.

Neste caso, a publicidade da Vivo passa a mostrar que o uso de um aparelho celular proporcionará um bem-estar por aproximar pessoas que se envolvem afetivamente e, conseqüentemente encontrarão a felicidade, levando o consumidor a pensar que necessita ter um aparelho para preencher determinados espaços de carência em suas vidas.

SEQUÊNCIA 2 - PRIMEIRA CENA



II – Quando é que você vem me visitar?

Na sequência 2, é possível ver I-1 ao telefone. Através da postura e das expressões faciais subte-se que haja um diálogo da mesma com o namorado, I-2. Diante da interrogativa de I-1, pressupõe-se que eles falavam sobre a possibilidade de uma visita do namorado. De maneira que aquilo que não foi dito vem à tona, a partir do que está explícito no enunciado.

Nota-se ainda, a partir da atitude, a desconstrução da imagem convencional do idoso, que é caracterizado, aqui, como indivíduo dotado de sentimentos e desejos. Na visão de Sonia de Amorim Mascaro (1997), esta nova conjuntura “faz com que muitos idosos rejeitem a ideia de que na velhice o único papel que lhes sobra é o da ‘vovó’ tricotando e tomando conta dos netos e do ‘vovô’ de chinelos e pijama, sentado na cadeira de balanço” (MASCARO, 1997, p. 68)

De acordo com esse pensamento, ratifica-se que a imagem veiculada pelos meios de comunicação oportuniza uma nova concepção de encarar o sujeito idoso, que antes era visto como pessoas incapazes propensos apenas a doenças e acidentes domésticos, hoje a maioria dos idosos são independentes financeiramente, ajudam no cuidado com os netos e ainda alguns, se dispõem a novos saberes e aprendizagem.

SEQUÊNCIA 2 - SEGUNDA CENA



A2 – Pelo menos ele mora longe, né...

A1 – (silêncio)

Neste outro momento, A2 parece reagir à conversa da avó que está ao telefone, demonstrando, também, uma espécie de alívio pelo fato de o namorado da avó morar longe. O uso da expressão *pelo menos* caracteriza um elemento positivo diante do namoro da avó, que é encarado pelos

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

dois como algo negativo. Por outro lado, A-1 corresponde através do silêncio e gesticulando com a cabeça.

Neste momento o silêncio apresenta-se como o não dito “que dá um espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar” (ORLANDI, 2001, p. 128). Desse modo, o não dito também se revela no enunciado, apontando determinados pressupostos que contribuem para a construção do sentido, tanto quanto as sequências linguísticas que estão explícitas.

SEQUÊNCIA 3 - PRIMEIRA CENA



A1 – Não acredito! O cara viajou para encontrar a vovó!

SEQUÊNCIA 4 - PRIMEIRA CENA



SILÊNCIO

SEQUÊNCIA 4 - SEGUNDA CENA



I2 – Prazer, eu sou o Luiz, essa é minha neta... Júlia.

SEQUÊNCIA 4 - TERCEIRA CENA



SILÊNCIO

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SEQUÊNCIA 4 - QUARTA CENA



SILÊNCIO

SEQUÊNCIA 4 - QUINTA CENA



A1 – Graaande Luiz Otávio!

Nas cenas da terceira e quarta sequência, ocorre um diálogo entre A-1 e I-2, quando este último chega à casa da família, concretizando a visita anteriormente mencionada por ele e por I-1 ao telefone. Nota-se como a operadora Vivo transmite uma ideia de aproximação das pessoas,

viabilizada pela comunicação telefônica. Demonstra, assim, que os desejos, a exemplo da visita, podem se concretizar.

De forma implícita, a Vivo sugere que o desconto nas tarifas através do DDD 15 constitui um elemento facilitador para a materialização de determinados desejos, nesse caso, o encontro entre o casal, conforme a inscrição que aparece na primeira cena da terceira sequência — *Ofertas válidas para ligações para Vivo utilizando o código 15*. A saber, mais um recurso utilizado pela publicidade para seduzir e induzir o consumidor. Uma vez que, “ao contrário do panorama caótico do mundo apresentado nos noticiários dos jornais, a mensagem publicitária cria e exhibe um mundo perfeito e ideal, [...] tudo são luzes, calor e encanto, uma beleza perfeita e não-percível”. (CARVALHO, 2001, p. 11)

Nestas sequências, observa-se, primeiramente, uma mudança na atitude de A-1 com relação ao namorado da avó (I-2). Ao ouvir a campanha e verificar pelo olho mágico, o adolescente constata que se trata do namorado da avó, ficando indignado: — *Não acredito!* (Terceira sequência, Primeira Cena). Desta fala, depreende-se o descontentamento de A-1 com relação à visita. A atitude de I-2 contraria suas expectativas, o adolescente não vislumbrava a possibilidade de uma visita e esperava que o relacionamento de I-2 com a avó, I-1, se mantivesse apenas por telefone.

Após se manifestar de forma contraditória, A-1 abre a porta (Quarta Sequência, Primeira Cena) e, sob o amparo do silêncio, dirige um olhar negativo para o namorado da avó. Portanto, deixa transparecer sua insatisfação, sem nada dizer. Após olhar e cumprimentar A-1 (Quarta Sequência, Terceira Cena), I-2 lhe apresenta a neta, Júlia, A-3 (Quarta Sequência, Quarta Cena). Neste momento, a reação de A-1 passa de uma atitude negativa para a satisfação, pelo fato de I-2 estar acompanhado da neta adolescente, que despertou o interesse de A-1. Neste momento ele volta a se valer do silêncio, mas agora, demonstrando estar surpreso com a presença da menina.

O adolescente A-1 parece reconstruir a imagem por ele formada sobre I-2, conforme mostra o contexto. A presença da garota parece ser interpretada por A-1 como algo positivo, diante do fator negativo que é a chegada do namorado da avó. Uma reação semelhante foi verificada anteriormente, quando os adolescentes demonstraram alívio pelo fato de I-2 morar distante, a saber, um elemento positivo diante da situação negativa, representada pelo namoro.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Rolf Muuss (1966, p. 23), aponta que em alguns momentos o adolescente poderá “demonstrar extrema sensibilidade e ternura, em outras, será insensível”. O autor ainda acrescenta que tais reações estão relacionadas às experiências vivenciadas por estes indivíduos. Na Quinta Cena da Quarta Sequência, o adolescente A-1 se dirige a I-2 com bastante entusiasmo, conforme se verifica na entonação do adjetivo, aqui representado: *Graaande Luiz Otávio!*

Observa-se, pois, um teor de intimidade que se caracteriza, certamente, por conta da presença da menina. Desse modo, também é possível enxergar elementos do *dito* e do *não dito* que concorrem para construção do sentido, a partir das situações práticas experienciadas pelos sujeitos nas situações comunicativas do cotidiano. A mudança ocorreu devido a um fator que A-1 julgou positivo, que o agradou. Trata-se, pois, de uma possibilidade entre as várias disponíveis aos sujeitos diante das situações discursivas. Cada um poderá agir conforme o contexto, a FD em que se inscreve, manifestando seus desejos e interesses numa conjuntura social, mediatizados pela linguagem e pela ideologia.

6. *Considerações finais*

Na peça publicitária que constituiu o *corpus* da análise, procurou-se verificar de que maneira as noções discursivas se manifestam, tendo em vista que se trata de um recurso da publicidade, utilizado para persuadir as pessoas a tomarem determinadas atitudes. Definiu-se, então, para o estudo, a identificação dos sujeitos partícipes do vídeo, no intuito de caracterizar as formações imaginárias relativas ao idoso e ao adolescente. Com os pressupostos teóricos da análise do discurso e de autores específicos, além de documentos legais. Na tentativa de transmitir a ideia de uma sociedade em transformação, que necessita se comunicar (e isso, através do telefone e do DDD 15), a Vivo apresenta, primeiramente, o cotidiano de uma família atípica, composta pela avó e dois netos. Em seguida, entram em cena um outro idoso (namorado da avó dos adolescentes) e sua neta.

Desse modo, trabalhou-se com a imagem do sujeito adolescente e imagem do sujeito idoso, uma vez que o *corpus* possibilitou tais observações. Conforme a discussão, constatou-se que o sujeito adolescente é marcado pela instabilidade entre tendências contraditórias e isso foi percebido nas cenas analisadas quando, ao final do vídeo, A-1 mudou de comportamento em relação a I-2. Em se tratando do sujeito idoso, a peça

publicitária apresentou uma imagem diferente do idoso convencional, o que foi observado na questão do uso do aparelho telefônico, mas principalmente na manutenção de um relacionamento afetivo.

Com relação ao *dito* e ao *não dito*, observou-se que o não dizer aponta o sentido por trás do dizer. Desta maneira, o silêncio também é importante dentro da análise, pois indica que o sentido pode, muitas vezes, ser outro. Ou seja, o *não dito* completa ou acrescenta o *dito*. E isso ficou claro, através da manifestação de pressupostos e subentendidos, da articulação dos silêncios com as intenções manifestas e ainda, pela análise de algumas expressões linguísticas presentes nos enunciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2004.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 08-03-2013.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 08-03-2013.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Publicidade a linguagem da sedução*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia da adolescência: normalidade e psicologia*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FERREGUETT, Cristhiane. *Criança e propaganda: os artifícios linguísticos e imagéticos utilizados pela publicidade*. São Paulo: Baraúna, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1990.

MASCARO, Sonia de Amorim. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2003.

MUUSS, Rolf. *Teorias da adolescência*. 5. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1966.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

YUTUBE. VOVÓ moderna – vivo. *O DDD nos conecta*. Enviado por África Agencia em 29/03/2011. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=PocUTYbzzgg>>. Acesso em: 24-11-2011.

**EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA:
OPRESSÃO E RESISTÊNCIA**

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN/UEMS)

sgarbi@unigran.br

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

marlon@uems.br

RESUMO

Esta investigação se ancora na teoria da análise de discurso pecheutiana e objetiva realizar uma leitura acerca dos discursos constituintes da imagem sobre a educação escolar indígena no município de Dourados – MS. Para essa reflexão traremos recortes narrativos de redações de professores indígenas participantes do processo seletivo para o vestibular da Faculdade Intercultural Indígena Teko Arandu (2010). A partir das referidas narrativas, buscamos identificar a eficácia ideológica sobre os discursos desses professores e a presença de interdiscursos, os quais sugerem pertencerem às formações discursivas decorrentes de uma ideologia sobre um modelo de educação não condizente com a realidade indígena. Nesse sentido, o sujeito índio, diante do contexto de produção em que está inserido, ou seja, o momento de avaliação para o vestibular, com o intuito de se apropriar de um bem que, mesmo julgando não pertencer a sua cultura, ele o deseja, acaba por apropriar de discursos do não índio. Como base teórica para esse trabalho, mais especificamente, fomos às fontes de Michel Pêcheux (1995) no que tange à questão de interdiscurso e memória discursiva (1999), por entendermos que os dizeres da atualidade estão atrelados a outros discursos constituídos ao longo da história, fomentando as fronteiras imaginárias. Ainda trouxemos as ideias de poder e resistência advindas de Michel Foucault (1979), e acerca do conceito de identidade desses professores, na perspectiva de Mikhail Bakhtin (2006), como sendo representação imaginária, instaurada na memória discursiva (PÊCHEUX, 1999), pois, para os povos indígenas, a questão da identidade é muito forte e se mescla com cultura, com tradição dos povos, com preservação da língua de berço, mas, também, com o desejo de acessar a "outra língua", a segunda língua, que é a língua portuguesa, para que possam, minimamente, serem tomados como sujeitos.

Palavras-chave: Educação escolar indígena. Interdiscurso. Sujeito. Identidade.

1. Condições de produção: situando o leitor

conjunto da descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente, sob condições de dar imediatamente certo número de precisões. (PÊCHEUX, 2011, p. 204).

Diante das considerações de Michel Pêcheux, buscamos explicitar as condições de onde emergem os discursos bases para esse estudo. Dessa forma, o município de Dourados, segunda maior cidade do estado do Mato Grosso do Sul, por sua configuração multicultural pode ser enten-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

dido como uma região de contexto complexo. Diz-se dessa forma porque a população desse município é composta por pessoas advindas de várias regiões do Brasil e de outros países. A complexidade aumenta porque, além da questão de imigração, trata-se de uma região considerada de fronteira, pois está a 110 km de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, Paraguai (fronteira seca). Considerando essas questões entende-se que há a construção de um mosaico sociocultural étnico e linguístico o qual, por suas diferenças, inevitavelmente muitas vezes torna-se palco de muitos conflitos.

Como peça integrante desse mosaico, temos as etnias guarani (kaiowá/ñhandeva) e terena as quais vivem nas aldeias Jaguapiru, Bororo e Panambizinho. Segundo João Machado (2012)²⁴, responsável pelos registros de nascimentos no posto da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) na própria aldeia Jaguapiru, esse número chegaria, atualmente, a 15.000 indígenas e o índice de natalidade estaria em torno de 450 crianças.

Ainda, na tentativa de expor as especificidades dessa comunidade, destacamos a proximidade das aldeias com o centro urbano, pois o que divide a cidade e a aldeia é apenas um anel viário, conhecido, discursivamente, também como o muro da miséria. Entretanto, o que ainda caracteriza essas aldeias como rurais é a falta de estruturas, como: saneamento básico, pavimentação, iluminação e sinalizações. Quanto as habitações, há poucas casas consideradas tradicionais e a grande maioria é de alvenaria. As aldeias estão ilhadas, sem condições de expansão, vistas como um curral humano, verdadeiro confinamento, como assentado nas palavras do antropólogo indígena Tonico Benites (2013).

Essa situação contribui para a instauração de vários problemas, problemas esses que a mídia local e mesmo nacional retrata com frequência. Os conflitos não são apenas externos às aldeias, mas até mesmo entre os próprios indígenas, é comum, por exemplo, a veiculação nos noticiários, tanto escrito como televisivos, de indígenas atropelados na BR por estarem embriagados, ou, ainda, assassinados por outros indígenas, além de estupros e casos de enforcamentos. O que se percebe é que a aldeia não consegue mais suprir as necessidades de seu povo. Nesse contexto, podemos inferir que, para ser aceito, esse povo é constantemente

²⁴Optamos por usar os dados fornecidos pelo Posto da FUNAI da aldeia Jaguapiru por entender que este retrata mais fielmente a realidade numérica da população indígena da aldeia Francisco Horta.

pressionado a mudar seu modo de agir visto que é alvo de preconceitos, tanto cultural quanto linguístico.

Nas aldeias Bororó e Tengatuí Marangatu de Dourados há seis escolas indígenas: Escola Municipal Indígena Tengatuí; a Escola Municipal Indígena Araporã; a Escola Municipal Indígena Agustinho; a Escola Municipal Indígena Ramão Martins e Escola Lacu'y Isnard. Há também uma escola estadual de ensino médio, denominada – Escola Estadual Guateka – Marçal de Souza. Ainda temos no distrito de Panambizinho a Escola Municipal Indígena Pay' Chiquito. Esse distrito fica um pouco afastado do centro urbano, porém não está isento dos conflitos expostos anteriormente.

O contexto das escolas indígenas de Dourados, por suas configurações multiétnica e multicultural, carece de uma regulação social e linguística que considere suas particularidades. Talvez uma alternativa fosse o reconhecimento político e social à diferença que começa pelo reconhecimento do espreitamento e do esgarçamento que se tem hoje a respeito da população indígena da região. A “linha” de fronteira entre a aldeia e os centros urbanos é tênue, essa linha de fronteiras que abordamos pauta-se nos espelhamentos das diferenças, são as ocorrências de descontinuidades, de interrupções e de erupções e são inapreensíveis como deve ser a desconstrução das projeções imaginárias que foram, ao longo da história, sedimentando preconceitos.

Sabemos, contudo, que tanto a “realidade”, quanto as representações são imagens projetadas, sendo que a proposição de relatar uma dada realidade se dá por percursos instituídos ideologicamente que homologam as representações como verdadeiras. Tais homologações ocorrem tanto por meio do sujeito enunciador quanto por meio do sujeito enunciatário, pois as relações intersubjetivas os incumbem dos papéis de uma interpretação solidária, de valores e sentidos partilhados, reservando, no interior do senso comum, um lugar estável para as verdades socialmente construídas. Dessa forma, as representações são efeitos do imaginário, são atravessadas pelas práticas imaginárias; não existe relação referente-referência há, sim, uma construção discursiva do referente, que parece um “já-lá” pelos efeitos de memória.

Trazendo esses apontamentos que incidem sob o sujeito indígena para o contexto da educação escolar indígena a situação fica mais crítica visto que as ações desempenhadas nesse setor vão ao encontro de um verdadeiro extermínio linguístico. Esse extermínio tem sua base no con-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ceito pré-construído de uma nação monolíngue. Isso contradiz o que postula a Constituição Federal do Brasil 1988, em seu artigo 210, parágrafo 2º: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”, a qual podemos denominar de proposição “fundadora” – dado o estatuto de legitimidade que o discurso jurídico possui, porém, as práticas sugerem que essa política ainda está muito aquém de se efetivar.

2. *A análise do discurso e suas contribuições*

Embora questões referentes aos povos indígenas já tenham sido objeto de pesquisas em outros campos de saber, como o da antropologia, história, geografia, entre outras, pontuamos que a direção dada pela análise do discurso pode oferecer uma visão mais sensibilizada por partir de uma perspectiva discursiva uma vez que o homem constitui e se constitui discursivamente.

Dessa forma, a análise do discurso proposta na França por Michel Pêcheux, na década de 60, e, por Eni Puccinelli Orlandi, no Brasil, ainda na contemporaneidade, nos indicam um caminho teórico pertinente para percorrer alguns dos procedimentos de construção de sentidos direcionados à educação escolar indígena e, dessa forma, compreender como esses sentidos ainda provocam ruídos e ganham estabilidades a partir da memória discursiva.

Considerada como um novo campo do saber, a análise do discurso institui como seu objeto de estudo: o discurso. A definição desse objeto não se deu de forma inaugural, mas via deslocamentos conceituais de outros saberes vistos como científicos, como o da linguística, do marxismo e da psicanálise. Nesse imbricamento de saberes, Michel Pêcheux não descarta, mais especificamente, duas releituras feitas à época da articulação de sua proposta; a releitura de Marx, realizada por Althusser e a de Freud, feita por Lacan. Cabe destacar aqui também a importância da linguística que, naquele momento, deixava brechas por conta da desestabilização de seu estruturalismo.

O discurso visto como objeto de pesquisa da língua indica uma ruptura aos estudos realizados até então, assim, uma das iniciais tarefas da análise do discurso foi situar o discurso em relação à língua e, por

consequente, indicar outra concepção de língua. Nesse sentido, Rodrigues adverte que:

A definição de discurso vai ser uma construção constante à medida que vai definindo sempre tensamente neste espaço limite – linguístico com o não linguístico de forma contígua – um campo de/na relação entre sujeito, discurso, condição de produção. As formulas e esquemas são uma constante na tentativa de compreensão deste novo objeto, o discurso. Mas os esquemas e formulas representam o esforço de uma articulação metodológica, não mais da língua com o seu exterior, mas do discurso e o que implica esse discurso: locutores, enunciação, sentidos, enunciados, interpretação, posição social, o “conteúdo” (enquanto saber discursivo) e como ele se produz nas relações discursivas. (RODRIGUES, 2011, p. 54-55)

Dessa forma, a análise do discurso ao definir seu objeto nesse novo campo de saber, provoca um rompimento incontornável na visão de língua, decorrente da linguística estrutural, como transmissão de informação, comunicação consciente do falante. Eni Puccinelli Orlandi, nesse viés, explica que:

A linguística constitui-se pela afirmação da não transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a análise do discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento não é unívoca, não é uma relação diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. Por outro lado, a análise do discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há de real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção dos sentidos, esses estudos dos discursos trabalham o que vai se chamar a forma material (não abstrata com a da linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é, portanto, linguística-histórica. (ORLANDI, 1999, p. 19)

Logo, toda a exterioridade à língua passa a ser indicada como constituinte dos sentidos produzidos histórico político e ideologicamente. Do mesmo modo, as questões de literalidade e transparência tomam significados de efeitos resultantes de embates de lutas de classes durante a história.

O caráter abstrato da língua, as regras autossuficientes, instituídas pelo estruturalismo, não se sustentam ao se oporem à forma material relacionadas à inseparabilidade de língua e à história na constituição dos efeitos de sentidos, considerando que os sentidos não estão em quem enuncia, mas sim em movimentos de mudança constante, relacionados, os quais determinam os sujeitos e os lugares sociais.

Eni Puccinelli Orlandi (2004, p. 45) vem ratificar a noção de forma material ao indicar que o “discurso remete a forma material que se

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

distingue da forma abstrata e se considera, ao mesmo tempo, forma e conteúdo enquanto materialidade”. Logo, implica em indicar que a língua em uso não se restringe apenas às suas regras internas. Isso é o que Bethânia Mariani (1998, p. 27) expõe ao asseverar que “significar, produzir sentidos está na ordem do discurso, que é uma ordem distinta da ordem da língua, mas que a supõe como base”.

Também Michel Pêcheux postula que o discurso “não se trata de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (1990, p. 82). Assim, o discurso deve ser entendido como processo social, que não se realiza sozinho, mas em conjunto em uma complexidade linguística e histórica. Do mesmo modo, os sentidos são construídos a partir das posições ocupadas por seus enunciadores inseridos em formações sociais as quais estão representando durante o processo discursivo. É essa posição que permitem dizer o que dizem visando a um sentido e não a outro, pois contam com um imaginário, formulado histórico e ideologicamente, das representações entre os interlocutores, ou seja, não há realidade e sim “representações imaginárias das diferentes instâncias do processo discursivo”. (PÊCHEUX, 1993, p. 85)

A sustentação dessa representação imaginária é decorrente daquilo que já foi dito em relação à mesma, dessa forma não há origem do dizer e sim movimento do curso da linguagem. Tudo o que é dito a partir de uma formação discursiva, ou matriz de sentido, deve ser remetido a essa matriz, mesmo como uma resposta de forma direta ou indireta ao discurso, e essa articulação só é possível a partir da memória reatualizada constantemente, ou seja, um *sempre já* do discurso, decorrente de entrelaçamento e rupturas do passado e o presente, responsáveis pelo processo de produção de sentidos. É nessa perspectiva que esse estudo direcionado à educação escolar indígena vem buscar compreender o entrelaçamento discursivo e os deslizamentos de sentidos que permeiam os discursos desses professores no que se refere à educação escolar instituída a eles. Diante disso, torna-se necessário trazer a pauta os conceitos de interdiscursos e memória discursiva na tentativa de perceber como os discursos se constituem.

3. *Os ditos e a relembração da memória*

É no imbricamento de dois eixos que se formam os discursos e/ou seus efeitos de sentidos, um está centrado na memória, os já ditos, enten-

ditos como intradiscursos, o outro eixo é composto pelas condições de produção que possibilitam a emergência de novos enunciados diante de um acontecimento; o interdiscurso. Desse modo, no processo discursivo, visto como memória, o sujeito tem a ilusão de ser origem de seu dizer devido ao esquecimento postulado por Michel Pêcheux. Logo, nesse jogo de dito anterior que faz funcionar a discursividade, inscrição de uma memória que ganha outros significados, é a exterioridade que constitui.

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciativo. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso. (ORLANDI, 1992, p. 89-90)

Essa constituição, inacessível ao sujeito, garante seu funcionamento a partir de uma memória não condizente com a memória psicológica, mas uma memória discursiva sustentada pelo esquecimento, ou seja, uma anterioridade como efeito de sustentação pelo pré construído e dessa forma, não questionável, pois pensar as possibilidades do dizer seria “tirar as consequências do fato de que o não dito precede e domina o dizer”. (PÊCHEUX, 1988, p. 291). Desse modo, é no entrecruzamento dos intradiscursos que se mobilizam os ditos e não ditos, os silenciamentos. Nessa direção, a análise do discurso centra no que é dito, mas também no que não foi dito, não buscando a indicação de um sentido verdadeiro, único, mas sim como esse discurso se sustenta e seus deslizamentos de sentidos. É nesta direção, do não aprisionamento dos sentidos, da relação do dizer imbricado ao não dizer que se insere a ideia de incompletude da linguagem visto que tantos os sentidos, os sujeitos e os discursos não estão finalizados, pronto, mas sim em constantes ressignificações.

Nos intradiscursos estão relacionados os discursos do sujeito, discursos outros e, também, o discurso do outro que por meio da ideologia o constitui a partir de um processo de interpelação do indivíduo em sujeito. É por conta desta complexa relação, sujeito, ideologia e discurso, que intradiscursos podem ser confundidos com algo produzido pelo inconsciente durante o processo discursivo, produto genuíno do indivíduo. Isso não condiz visto que o intradiscurso é esquecido no inconsciente, uma espécie de recalque, que a partir de simulação pode retornar ao discurso do sujeito. Outra maneira de se identificar o intradiscurso é a partir do dis-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

curso transverso, ou seja, o interdiscurso no intradiscurso que consiste na dissimulação da voz do outro presente no discurso.

No que diz respeito aos conceitos de intra/interdiscurso é importante esclarecer que o intradiscurso está relacionado ao que já foi dito antes, em outro lugar, enquanto o interdiscurso remete ao que é dito agora, relacionado ao que foi e ao que poderá ser dito posteriormente (PÊ-CHEUX, 1997, p. 166). Assim, o intradiscurso, entendido como o espaço possível da formulação, somente será constituído na sua inerente relação com o interdiscurso.

3.1. Tessitura das análises

Direcionando as teorias, até o momento esboçadas, para o objeto de análise dessa pesquisa, podemos constatar que muitos dos conceitos expostos, há pouco, fazem-se presentes nas SDs²⁵ que seguem. Antes, porém, faz-se necessário esclarecer que os recortes narrativos, oriundos de redações de professores indígenas, participantes do processo seletivo para o vestibular da Faculdade Intercultural Indígena Teko Arandu (2010) foram transcritos exatamente como redigidos, ou seja, nenhuma reorganização linguística foi elaborada.

(SD1) “na minha aldeia nós temos escola *ideal* que nossas crianças possam estudar”.

O adjetivo *ideal* pode ser entendido como um intradiscurso uma vez que pertence aos mesmos discursos sobre o modelo de escola defendido pela sociedade letrada, assim permite esse retorno no discurso indígena ao mesmo tempo que esse sujeito tem a ilusão de ser dono de seu dizer, como se isso fosse realmente seu. Ainda pode ser visto como um discurso transverso, considerando que as escolas impostas às aldeias são instituições não condizentes com o modelo de ensinar e aprender da cultura indígena, nesse sentido há a repetição do discurso do outro que o constitui como sujeito, pois para ser sujeito de direito ele supostamente teria que aderir aos bens fundamentais para todos os cidadãos brasileiros. Cabe ainda as constatações de um interdiscurso, o que ele diz agora, ou seja, o seu discurso.

²⁵ Recorte de um discurso, imerso em uma FD (formação discursiva), determinado por uma FI (formação ideológica), constituinte de uma FS (formação social).

(SD2) “Mas agora o governo, pessoal do poder começou a olhar mais na família carência e esta oferecendo vários *benefícios e estudo para os povos que não tem capacidade de estudar principalmente os indígenas*”.

Em SD2, as marcas de um já dito, ou interdiscurso, são explícitas no trecho “*benefícios e estudo para os povos que não tem capacidade de estudar*, esses “sem capacidades” são os considerados pelo sujeito, como os carentes, ou seja, se é carente não possui capacidade de aprender. É um discurso que visa a apagar outro possível no sentido de expor as reais situações do sistema escolar de forma geral, uma vez que a escola para todos está apenas no imaginário.

A escola atual pode ser entendida como um contexto de exclusão, e não o contrário, visto que permite o acesso, mas não garante a permanência, pois é organizada de modo homogeneizante e as diferenças não são consideradas; ainda é como se todos partilhassem dos mesmos conhecimentos. Contudo, é mais cômodo atribuir o fracasso ao sujeito e não ao sistema. Nesse mesmo discurso, a sentença “*principalmente os indígenas*” aparece como forma de reafirmação da não capacidade indígena, ou seja, o indígena não é apenas carente, mas é também incapaz.

Toda essa relação é possível considerando que tudo já foi dito, não há o novo, o que existe são ressignificações condizentes aos acontecimentos sócio-históricos. Assim, tudo que um sujeito diz está inserido em uma determinada formação discursiva e não em outra, logo, indicará um sentido e não outro uma vez que as palavras não têm sentidos nelas mesmas. Nessa direção, os discursos de determinada formação discursiva (FD), são representações de formações ideológicas, de embates discursivos, pois estão em constante reconfiguração. Diante disso, Michel Pêcheux afirma que as formações discursivas são: Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

Isso implica inferir que as fronteiras entre as Formações Discursivas não são fixas, elas são delineadas por uma heterogeneidade de diversas outras formações, seus contornos são instáveis, sem uma demarcação precisa dos saberes internos e externos; o que indica uma estreita relação com a conjuntura social e histórica, imbricada por formações ideológicas vigentes. As formações ideológicas não podem ser entendidas como sendo uma representação individual, ou apenas de sociedade, as mesmas possuem suas bases em relações mais complexas como as posições de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

classes em conflitos. No caso da educação escolar indígena é preciso evidenciar como os discursos inerentes à mesma emergiram e ainda permanecem produzindo sentidos.

[SD3] Antigamente os indígenas *não se preocupavam com a educação* dos brancos. Não tinham a necessidade de serem instruídos através de escola e universidades. (índio guarani).

O enunciado explicita a questão dos deslizamentos de sentidos, pois a construção “*não se preocupavam com a educação*” adquiriu outros sentidos, diante das condições sociais em que vivem os índios na atualidade, assim esse “*não se preocupar*” perdeu espaço para outro efeito de sentido, como “desinteressado, que não se esforça”. Ele indica que não havia essa necessidade de instrução acadêmica, pois tinham outros recursos suficientes para seu modelo de ensino aprendizagem, contudo, o que temos discursivamente nesse sentido se reduz somente à sentença de que os índios não são capazes.

A memória que permite esse dizer é entendida por Eni Puccinelli Orlandi (2009) como interdiscurso, exterior constitutivo, responsável pelo sentido advindo de outro lugar, ou seja, a memória discursiva é a recorrência de dizeres que emergem a partir de um determinado momento histórico específico, sendo atualizados ou esquecidos de acordo com o processo discursivo, é algo que fala antes, em outro lugar.

A discussão sobre a questão da educação escolar indígena produz significados sustentados em um imaginário histórico que confirma o trabalho da memória discursiva na produção dos efeitos de sentidos. Isso porque, como indica Bethânia Mariani (1993), a memória histórica possui o papel de “fixar um sentido sobre os demais”. Assim, permite a homogeneização das representações sociais. Nessa direção, Michel Pêcheux esclarece que.

A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Isso envolve apontar que todo discurso se constitui a partir da memória e do esquecimento de outros, o que nos leva a entender que a homogeneização das representações sociais é naturalizada. No caso da educação escolar indígena é preciso evidenciar como os discursos inerentes à mesma emergiram e ainda permanecem em processo de produção sentidos.

Essa memória que permite esse dizer é entendida por Eni Puccinelli Orlandi (2009) como interdiscurso, exterior constitutivo, responsável pelo sentido advindo de outro lugar, ou seja, A memória discursiva é a recorrência de dizeres que emergem a partir de um determinado momento histórico específico, sendo atualizado ou esquecido de acordo com o processo discursivo, é algo que fala antes, em outro lugar.

A memória pode se entendida como um espaço de retomadas de discursos antecedentes, porém não deve ser abreviada a somente isso. Ela é, ainda, um componente intrínseco entre embates de forças ideológicas que buscam restituir os implícitos (os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos) e forças opostas que resistem para desestabilizar os já-ditos, isso a partir do que Michel Pêcheux chamou de efeitos de paráfrase:

Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: - um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; - mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”. (PÊCHEUX, 2010, p. 53)

Nesse viés, a memória discursiva permite a repetição dos pré-construídos visto sua plasticidade, ao mesmo tempo, que também se desloca, se reinventa, se reconstrói e se desdobra diante a um novo acontecimento que imerge. Logo, se reinventa em novas paráfrases juntamente aos contradiscursos, contribuindo assim para um embate discursivo em que as resistências se instalam.

4. Contribuições de Michel Foucault: poder e resistência

A ordem do discurso é um texto em que seu autor, Michel Foucault, aponta reflexões sobre o poder como articulação, controle e organização do saber na sociedade. O autor expõe que as coerções incididas sobre quem fala indicam sempre para dois pontos; o primeiro seria o poder como uma relação de força uma vez que o indivíduo cede a um dominador. Nessa direção, torna-se evidente que o poder está em toda parte, visto o atravessamento dos sujeitos pelas relações de poder, ou seja, discurso e poder estão relacionados, de forma que as relações de poder interfiram na produção do discurso.

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e cons-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

titutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1999, p. 88-89)

O poder não está apenas imerso às instituições como o Estado, ou algo que o menor cede ao maior, o poder é uma relação de forças e essa forma está presente em todos os lugares, permeando todas as atividades pessoais e sociais, de modo que nenhum sujeito pode ser considerado fora dessas relações de poder sem implicar em hierarquias de valores. O segundo ponto seria apontar que o poder não é simplesmente dominação, mas também constitui efeitos de verdade e saber. Ainda nesse texto, fruto da aula inaugural do Collège de France, Michel Foucault sugere que a produção de discursos na sociedade não é elaborada de qualquer forma, ou seja, é regulada por determinadas regras controladoras as quais determinam o que pode e, assim, deve ser dito e quem está autorizado a dizer.

Dessa forma, ao falar, o sujeito deve observar a posição e o valor dessa posição dentro de um estrato social, e, quem fala não é qualquer um que pode falar desse mesmo lugar. Logo, o autor, na posição de sujeito do discurso, é ao mesmo tempo autônomo e submisso, pois é autônomo quando se coloca como sujeito autorizado a dizer, mas é submisso porque só lhe cabe dizer de acordo com a instituição representada. Isso é resultado do desenvolvimento da sociedade capitalista quando institui um poder disciplinador por meio dos aparelhos ou instituições, tornando os sujeitos submissos. É nesse sentido que o autor aponta que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, suas ligações com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1995, p. 10), ou seja, o discurso é constituído a partir de um desejo maior e exterior que é o poder.

[SD4] Sabemos que temos atualmente ensino nas próprias língua com sua etnia sem ter outra pessoa no meio, isso também depende dos autoritário dos municípios, porque *ele também e poderosos, mas temos o nosso direito perante dos autoridade, que nos defendem*. Vou continuar trabalhar como está na constituição primeiro fortalecer nossa língua maternidade, sabemos o quanto significa pra indígena. Gosto de trabalhar ensinar disso na aldeia nem todos secretaria de educação aceita isso e acham que a educação dele e melhor do outro, nós já temos nossa ensinamento, educador na escola nãnderunãndery com essa presença e *mais forte puro saudável*. Assim teremos melhor ao povo indígena com ajuda de mais velho idoso, sem isso não tem educação. Isso terão o fruto do nosso povo dentro da *ensinamento com bilingui*, não mistura.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Futuramente filhos, netos poderão usar aproveitar tudo isso é precioso. (índio guarani)

Esse enunciado pode ser entendido como de resistência ao indicar que se pode ter um ensino na língua sem ter outro no meio, esse outro no meio é uma referência ao que muito tem acontecido nas escolas indígenas, uma vez que não há um currículo elaborado propriamente pelos professores indígenas; eles seguem o currículo da secretaria tentando adaptar à realidade escolar indígena. Nessa direção, o sujeito se afirma em uma Lei maior, a Constituição, pois ele expõe que vai continuar trabalhando como está na constituição, resiste às imposições da secretaria porque entende que *“ele também e poderosos, mas temos o nosso direito perante dos autoridade, que nos defendem”*. Percebe, ainda, como a organização escolar do não índio deposita seu modo de aprender e ensinar de forma pejorativa, de menor valor, porém se impõe ao afirmar que seu modo de ensino/aprendizagem é *“mais forte puro saudável”*, pois conta com a presença de *“nãnderunãndery”*. Aqui esse sujeito demonstra que também tem poder de influência e é isso que Michel Foucault (1999) sugere ao afirmar que o poder é a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de s organização.

Ainda, nessa direção, temos a valoração dos conhecimentos tradicionais, pois o sujeito narra que *“assim teremos melhor ao povo indígena com ajuda de mais velho idoso, sem isso não tem educação”*. Essa posição é fundamental porque para o indígena não há outro método de educar sem considerar os mais velhos, as tradições, as rezas, os cantos sagrados, os rituais. Outro mote, nesse enunciado, merecedor de destaque, é o que faz referência a ser bilíngue, como expressa: *“ensinamento com bilíngui”*, pois mesmo diante de um contexto em que sua língua é a todo tempo desvalorizada, esse sujeito coloca sua situação de bilíngue em posição de vantagem e que isso pode ser uma vantagem para seu povo no futuro.

Conforme as colocações de Michel Foucault, podemos inferir que o discurso não pode ser entendido somente como uma luta, é necessário considerá-lo em suas condições de produção, nos procedimentos de controle que implicam em tomada de poder, seja pela interdição ou segregação, porém, ambas na mesma direção que é a vontade de verdade. Dessa forma, os discursos não compreendidos ou convencionados são excluídos, como os discursos dos loucos, pois não são de interesse social, por não terem caráter de verdade.

Logo, cada sociedade, dentro de um âmbito de saber, possui regras que modelam a produção discursiva e isso lhe confere o poder de ser

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

verdadeiro ou não; a oposição entre verdadeiro e falso deve ser vista como uma organização de exclusão que sempre esteve presente em todos os acontecimentos históricos e isso é mais evidente quando a verdade é produto constituinte de regras internas ao discurso.

Dentre as formas de repressão do discurso, como as já citadas, interdição e segregação, Michel Foucault ainda coloca o ritual, “sociedade de discurso”, doutrina e apropriação social do discurso, como formas determinantes para a produção discursiva. Nessa sequência, o autor indica que ao ritual compete a função de ordenar comportamentos, controlar as conjunturas e juntamente determinar os signos que devem compor os discursos. Nesses comandos estão, por exemplo, os discursos políticos, revolucionários, feministas, religiosos, entre outros.

Quanto às sociedades de discursos, cabem o papel de controle e circulação desses discursos, obedecendo sempre a uma normatização linguística e escrita que regula esse sistema. Nesse campo controlador estão as doutrinas, cuja função é fazer com que os sujeitos obedeçam e reconheçam as regras impostas e já aceitas discursivamente pelo social como verdades.

No intuito de disseminar os discursos como verdades e juntamente fazer com que a sociedade os aproprie, meios como a ciência e a educação, são utilizados. Nesse sentido esses veículos podem efetivar a tarefa que lhes fora incumbida de duas formas; fazer circular os discursos e coibir a existência daqueles que não estão em consenso com as regras predeterminadas pelas sociedades de discursos e isso pode ser evidenciado nas palavras de Michel Foucault:

O discurso, assim concebido, não é manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que diz: é, ao contrário, um conjunto em que se podem determinar a dispersão do sujeito e sua descontinuidade consigo mesmo. (FOUCAULT, 2007, p. 70)

Isso implica em perceber que os sujeitos não são livres para instituir qualquer conceito, pois só podem ser estabelecidos os conceitos que já foram autorizados pelo sistema de regulamentação das práticas discursivas, logo, é isso que determina o discurso ou censura a produção dos novos conceitos. O que há é um dispositivo de controle dos dizeres imbricado nos diversos lugares sociais que afetam o sujeito em sua posição enunciativa, assim determinam o conteúdo, a forma e o lugar do enunciado. Esse mesmo dispositivo de controle pode ser da ordem do visível uma vez que vigia e pune aqueles que fogem às regras.

Esse caráter disciplinador de Michel Foucault (1987) é desenvolvido no texto *Vigiar e Punir*, onde são descritos os efeitos do modelo disciplinar, representado pela figura do *panóptico*, o qual funciona como uma máquina arquitetada para manter em vigilância as pessoas que desobedeciam às leis impostas ou por apresentarem algum tipo de patologia. Como representantes desse modelo disciplinador podemos destacar as escolas, os hospitais e as prisões.

Ainda nessa obra, o autor destaca que o poder de forma punitiva ocorre por meio do medo, da súplica, no sentido de demonstrar a relação de poder do soberano sobre o súdito, pois por meio de um ritual público se intensificava a dominação e a força soberana, como indica o autor, “nos excessos dos suplícios, se investe toda a economia do poder”. (FOUCAULT, 1987, p. 35)

Contudo, a partir das análises sobre as prisões, Michel Foucault percebe que as práticas disciplinares consideradas próprias do sistema prisional podem ter uma abrangência muito mais ampla, alcançando espaços em toda a sociedade, em instituições, como fábricas, hospitais, escolas, entre outras, constituindo, assim, uma sociedade disciplinada por práticas de poder disciplinares. O objetivo maior aqui então é a busca de uma organização com estrutura disciplinar no intuito de alcance, tanto individual quanto coletivo, de uma obediência ao comando autoritário, hierarquizado e controlador, ou seja, tornar os sujeitos dóceis.

O autor destaca que esse modelo disciplinador é uma característica militar em que o soldado é preparado para a guerra, logo realiza suas instruções pela força da disciplina. Contudo, esse modelo foi transferido a outras instituições sociais com o mesmo objetivo, como a escola, a igreja, a fábrica, a família, os hospícios, as usinas, os hospitais, os asilos, os orfanatos, os reformatórios e as prisões. Dessa forma, seguindo os pensamentos do autor, todas essas instituições desempenham um modelo social organizado para atender às exigências econômicas de uma época.

No que se refere à resistência, segundo Michel Foucault (1999, p. 91), “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Assim, onde há relação de forças os contra-ataques são inerentes. Logo, a resistência vem desmistificar a imagem de potência máxima e absoluta do poder, pois um não existe sem o outro. Nesse sentido,

Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irredutível. Também são, portanto, distribuídas de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levantar de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis. Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. (FOUCAULT, 1999, p. 88-92)

O que podemos inferir diante do exposto é que não se trata apenas de uma oposição, um conflito entre dominantes e dominados, de se impor contra a classe que domina e dela retirar o poder, pois desse modo, estaríamos apenas mudando o poder de endereço, trata-se tão somente, se é que nos é permitido o uso da expressão “tão somente”, *resistir*.

5. *Considerações finais*

É a partir do/no olhar do outro que a identidade de um sujeito é constituída, do mesmo modo que são pelas representações reelaboradas discursivamente, como jogo de espelhos, que as imagens e as posições sociais são atribuídas. Logo, todo dizer está atrelado à posição de onde se fala, isso implica em sugerir que é desse lugar que o mesmo faz a imagem do outro.

Para Michel Pêcheux (1997, p. 85), “a percepção é sempre atravessada pelo já ouvido e o já dito através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas”. Isso é o que o filósofo francês institui como jogo de imagens. Dessa forma, as diversas formações imaginárias resultam de si mesmas. É nessa relação de imagens que estão inseridos os discursos dos e sobre os indígenas, logo são passíveis de deslizamentos/silenciamentos/deslocamentos de sentidos; isso porque o sujeito ao dizer, diz a partir de um lugar que é decorrente de relações imaginárias constituídas por formações ideológicas.

Nesse sentido, ainda sob as orientações de Michel Pêcheux (1988, p. 162), ele indica que “o funcionamento da ideologia como interpelação dos indivíduos em sujeitos, que se realiza por meio do complexo das formações ideológicas e especificamente pelo interdiscurso intrincado nesse processo”, ou seja, essa relação com outros já ditos, oriundos dos

sujeitos, pertencentes às comunidades abordadas neste trabalho e retomados pela memória discursiva, reelaborados conforme a conjuntura a que se insere, nos faz refletir acerca da educação escolar indígena e indagar até que ponto esses sujeitos conseguirão resistir à opressão que lhes atinge.

Assim, a situação de proximidade que o sujeito indígena possui com os centros urbanos, como no caso específico dessa pesquisa, possibilita que o mesmo transite por vários espaços em comum e tenha contato com diversas formações ideológicas, partilhe dos mesmos discursos e intradiscursos que interferem em sua realidade e, por conseguinte, em sua constituição identitária.

Percebemos, portanto, que a situação de minoritarizados vivida pelos indígenas das aldeias de Dourados (MS) faz com que esses sujeitos, por mais que busquem ocupar espaços até então negados, não consigam se desvencilhar dos rótulos constituídos historicamente, pois a ilusão de univocidade parece imperar sobre eles. Suas identidades não podem ser construídas historicamente, pois antes de qualquer outra identificação eles são índios e ser índio, nesse contexto, não é positivo diante dos olhares da maioria da sociedade não indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaiévitch). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENITES, Tônico. *A escola na ótica dos ava kaiowá: impactos e interpretações indígenas*. Rio de Janeiro. 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, vol. I. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

MACHADO, João. *Bi-alfabetização e letramento com adultos em guarani/português: é possível? Um estudo etnográfico e valorização do tetã guarani*. 2012. Dissertação de estrado em andamento na UFGD.

MARIANI, Bethânia. *Colonização Linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

_____. Subjetividade e imaginário linguístico. *Linguagem em (Dis)curso*, vol. 3, n. esp., p. 55-72. Tubarão: Unisul, 2003.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A análise do discurso: algumas observações*. *D.E.L.T.A.*, vol. 2, n. 1, 2004.

_____. *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1990.

_____. Uma retórica do oprimido – os discursos de representantes indígenas. In: *Encontros de Sociolinguística e Análise do Discurso*. Paris: MSH, 1984.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. Exterioridade e Ideologia. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 30, p. 27-33, jan./jun. 1996a.

PÊCHEUX, Michel. Aplicação dos conceitos da linguística para a melhora das técnicas de análise de conteúdo. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Trad.: Carolina Rodriguez-Alcalá. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 203-226.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1995-1998.

_____. Análise de discurso. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.) *Textos escolhidos*. Campinas: Pontes, 2011.

RODRIGUES, Marlon Leal. Discurso sobre e representação identitária do negro cotista da UEMS. Tese de pós-doutorado em análise do discurso. Campinas: UNICAMP, 2011.

FORMAÇÕES DISCURSIVAS EM TORNO DA RELAÇÃO SEXUALIDADE E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Renato Pereira Aurélio (IFES/CEFET-MG)

renatoaureliomg@vahoo.com.br

Alcinea Mascarenhas da Silva (UNEB)

Eliane Pereira Soares Lisboa (UNEB)

Sofia de Oliveira Gangá Viana (UNEB)

RESUMO

A *sexualidade e a gravidez na adolescência* constituem uma temática que demanda discussões em todo o mundo. Para um melhor entendimento dos possíveis fatores associados às gestações na faixa etária dos 12 aos 18 anos, é necessário perceber a complexidade e a multicausalidade desses fatores, que tornam os adolescentes vulneráveis. Frente às questões apresentadas, o presente trabalho justifica-se por trazer uma discussão com vistas à consolidação de medidas socioeducativas sobre o tema. Tem como objetivo compreender algumas relações discursivas acerca da sexualidade e gravidez na adolescência, identificando e repensando sobre tabus e preconceitos, considerando os fatores ideológicos. Primeiramente, partiu-se dos estudos bibliográficos, com base em autores como Glaucia da Motta Bueno (2006), Fernanda Freitas (2003), Marta Suplicy (1991; 1995) e outros, com suas respectivas considerações teóricas. No campo da análise do discurso, como dispositivo teórico e instrumento metodológico de análise, o estudo foi pautado em Eni Puccinelli Orlandi (1999; 2001) e Michel Pêcheux (1997).. Foi aplicado um projeto, envolvendo alunos do 8º e do 9º ano, do Colégio Municipal São Bernardo, situado na zona urbana do município de Itanhém – BA. Os 66 alunos participaram respondendo a questões, cujo intuito foi o de analisar as formações discursivas sobre a sexualidade e a gravidez na adolescência, contribuindo para o trabalho de prevenção realizado na escola. Procurou-se, portanto, buscar alternativas de orientação aos adolescentes e jovens no sentido de suprir os questionamentos levantados por eles, apresentando novas maneiras de abordar a temática da sexualidade, com amparo na análise do discurso.

Palavras-chave: Sexualidade. Gravidez. Adolescência. DST. Análise do discurso.

1. Introdução

Para a realização da pesquisa, foram definidos alguns objetivos, sendo que o geral foi compreender alguns aspectos discursivos acerca da sexualidade na adolescência, identificando e repensando sobre tabus e preconceitos referentes à sexualidade, considerando os fatores ideológicos. A partir das pesquisas e experiências adquiridas durante o curso de ciências biológicas, oferecido pela UNEB, através do Programa de Formação de Professores (PARFOR), foi proposto um projeto com a finalidade de orientar a atuação da comunidade do Colégio Municipal São

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Bernardo, situado no município de Itanhém, que é composto por uma clientela oriunda de diferentes níveis socioculturais, sobre a questão da sexualidade. Em seguida, foram realizadas as análises, a partir dos postulados da análise do discurso sob a orientação do Prof. Renato Pereira Aurélio.

A clientela da escola, em sua maioria, é constituída por alunos de baixa renda. No turno vespertino, onde se enfrenta o maior problema com a sexualidade, tal situação vem tomando sérias proporções, com influências para os aspectos social e econômico do município. A proposta da escola é atender os discentes, esclarecendo suas dúvidas, estabelecendo um vínculo de confiança, ajudando-os no seu amadurecimento e valorização como seres humanos. Faz-se necessária, portanto, uma educação voltada para a prevenção e conscientização.

Foi realizada uma palestra na escola, a fim de sanar algumas dúvidas sobre a sexualidade, gravidez e métodos contraceptivos, além de DST/AIDS. As alunas tiveram um encontro com a ginecologista Juliana Acácio. Já os alunos conversaram com o enfermeiro Sillas Prado Salomão sobre a temática. Assim, foi possível proporcionar condições aos estudantes de esclarecer dúvidas acerca da sexualidade na adolescência, em relação ao comportamento, atitudes e ansiedades, características dessa fase.

Com o intuito de contribuir com a redução à vulnerabilidade em adolescentes e jovens quanto à sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis (DST), infecção pelo HIV, gravidez não planejada etc., pretende-se, através do trabalho de orientação e pesquisa, tornar o adolescente um multiplicador, que possa influenciar na vida e na formação da comunidade, já que a sexualidade deve ser trabalhada no currículo escolar. A este respeito, Simaia Sampaio (1996) afirma que “a sexualidade deve ser orientada de forma a preparar o indivíduo para a vida, porém para educar é preciso que o educador esteja preparado para tal tarefa”. Sendo assim, é imprescindível a inclusão da temática educação sexual no planejamento escolar.

2. *Sexualidade na adolescência*

Sexualidade é uma característica humana que se apresenta em todas as fases da vida do indivíduo, seja através de experiências afetivas quando criança, através de contatos corporais que acompanham o seu

crescimento ou até mesmo no reconhecimento do seu próprio corpo, até alcançar a puberdade. A sexualidade por si só desperta a curiosidade no ser humano em aprender o porquê de tais mudanças e desejos, principalmente no período da adolescência, em que acontece a produção de hormônios, surgem intensas energias físicas, entusiasmo e inquietação.

Esse é um período de transição, marcado por mudanças no corpo, no comportamento e na forma de pensar, cujo ritmo não é o mesmo para todos. Com tantas alterações, é normal que apareçam sentimentos como angústia e medo, assim como contradição e vontade de experimentar novidades. Afinal, é nessa fase da vida que o jovem discute com ele mesmo e com os amigos quais traços de sua personalidade são positivos e devem ser mantidos, e quais são negativos e podem ser desprezados.

Na adolescência, é comum surgirem questionamentos sobre como as coisas são e por que não são de outro modo. A experiência de ser adolescente é única para cada pessoa, e ela certamente será influenciada pela cultura do indivíduo e pelas pessoas que o cercam. Os aspectos culturais podem ser determinantes nas escolhas do que vestir, comer, pensar, de como se divertir ou de quais planos e escolhas fazer, apontando para a influência da ideologia e dos discursos que subjazem a sociedade.

Durante a adolescência, é comum garotos e garotas estabelecerem fortes vínculos afetivos com os colegas, preferirem andar em grupos e manter contatos com os amigos. Os jovens ampliam a referência da família como ponto de apoio e buscam outras referências para construir sua identidade. Isso porque para os pais, tratar da sexualidade com os filhos significa se defrontar com sua própria sexualidade.

Nessa fase, o adolescente sente a necessidade de provar que é capaz de fazer o que quiser, de dar e de formular suas próprias opiniões, de tomar o comando de sua própria vida. Porém, ao mesmo tempo, existe ainda uma série de fatores, como a dependência emocional e a financeira, interagindo com todas essas questões. É uma fase em que eles querem ganhar o mundo, mas ainda há a necessidade de ter um apoio ou um colinho de mãe, com aprovação ou reprovação para o salto que querem dar. Esse processo pode ser difícil, já que nem todas as pessoas compreendem com clareza as mudanças que ocorrem com o adolescente. Ao mesmo tempo, as certezas de que temos muitas vezes, diferem das certezas das pessoas com quem convivemos, e isso pode trazer conflitos.

Na visão de Glaucia da Motta Bueno (2006) “não se pode descrever a adolescência como uma simples adaptação as mudanças corporais,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

mas como uma importante fase no ciclo existencial da pessoa, uma tomada de posição social, familiar, sexual e entre o grupo”. Toda mudança traz inseguranças e momentos de dúvidas, incertezas, muitas angústias e confronto, mas toda crise é também a oportunidade de superação e resolução de problemas, que podem ser redimensionados na busca de melhor qualidade de vida.

As crises que acontecem no período podem deixar marcas profundas na personalidade, mas fazem parte da construção da realidade de cada indivíduo. A sociedade, assim como a família, deve buscar meios de fazer parte desta construção, quebrando tabus em torno do tema, educando os seus filhos a respeito da vida sexual e suas práticas como também dos valores a serem respeitados. Ainda que este assunto seja considerado proibido em alguns círculos, hoje em dia há muito mais abertura para se conversar sobre sexo do que algumas décadas atrás.

As mudanças em relação à sexualidade têm mudado tanto, que os pais ficam perdidos para dialogar, pois antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em discernir sobre o que era certo ou errado. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais (SUPLICY, 1999). Apesar da dificuldade dos pais em falar da sexualidade, fica entendido que é no convívio familiar, entre pessoas que transmitem respeito e carinho que jovens e adolescentes superam as dificuldades encontradas no seu cotidiano. Não se pode desconsiderar os valores, atitudes, crenças religiosas e culturais da família.

2.1. Doenças sexualmente transmissíveis: DST/AIDS

As doenças sexualmente transmissíveis constituem um dos problemas de saúde pública em todo o mundo. Entre adolescentes, o número de pessoas do sexo feminino que têm doenças sexualmente transmissíveis, dentre as quais a AIDS, já é maior do que o número de pessoas do sexo masculino. A adolescência é caracterizada por uma maior exposição de riscos, em virtude do processo natural do jovem em querer saber sobre todas as coisas que a vida tem a oferecer. O risco e a probabilidade de ocorrência de algum evento indesejável acabam se tornando algo independente do contexto social, tornando assim, motivo de preocupação para entidades de saúde pública. (BRASIL, 2000)

Atualmente existe um grande número de doenças no rol das DST, por serem os agentes causadores os mais diversos possíveis, incluindo os

vírus, bactérias, fungos, protozoários e outros. O meio mais eficaz de prevenir quaisquer doenças sexualmente transmissíveis ou a AIDS é com o uso de preservativos, porém, muitos jovens e adolescentes criam uma barreira muito grande em relação ao uso desse material. Além disso, a disponibilidade de preservativos em postos de saúde nem sempre é suficiente para que o adolescente ou o jovem quebre as barreiras, uma vez que se comprometerá, expondo sua vida sexual.

Para que um adolescente ou um o jovem venha a superar obstáculos pessoais, sociais, culturais a esse respeito. O Ministério da Saúde tem promovido campanhas de incentivos, como oficinas de prevenção à saúde, espaços de formação em que há uma maior informalidade, os participantes dão suas opiniões sobre os temas discutidos, brincam, compartilham suas experiências.

O portador de uma doença sexualmente transmissível é também um transmissor da doença, mesmo desconhecendo seu estado de infecção. Pois às vezes os sintomas desaparecem espontaneamente e a pessoa pode pensar que está curada. Mas sem o tratamento médico, a doença pode voltar mais agressiva e provocar consequências sérias. Importante salientar que a maioria das doenças sexualmente transmissíveis podem ser facilmente tratadas com medicamentos. De acordo com Romero (1989, p. 115-117), a melhor maneira de tratar uma doença venérea é evitá-la, usando o bom senso, reduzindo os parceiros e utilizando o preservativo (camisinha), em todas as relações sexuais, mesmo com as “pessoas confiáveis”.

Marta Supliciy et al (1995) afirmam que a AIDS é uma epidemia mundial e seu combate só será possível através de um trabalho de prevenção e conscientização da necessidade de se mudar comportamentos sexuais até agora aceitos como corretos. Segundo os autores, a população e principalmente os adolescentes necessitam ser esclarecidos de que o vírus da AIDS não está mais circunscrito aos chamados grupos de risco, mas envolve a todos, independentemente de classe social, raça, sexo, idade, crença religiosa, desde que não se protejam em seus relacionamentos sexuais.

Por ser uma doença que sofre mutações muito rápidas, a AIDS exige uma combinação de medicamentos que prolonga a vida do doente. Até então não foi possível desenvolver o medicamento que promova cura ao paciente infectado. Esses medicamentos retardam o aparecimento dos sintomas e melhoram a qualidade de vida. Com nível crescente de infor-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

mações veiculadas diariamente sobre a AIDS, era de se esperar que jovens e adolescentes procurassem mudar seus hábitos e costumes, que pudessem se prevenir, não se expondo à contaminação.

O melhor método para não adquirir a AIDS continua sendo a prevenção, usando-se a camisinha no ato sexual, seringas, agulhas e outros instrumentos cortantes descartáveis ou esterilizados, que possam entrar em contato com o sangue de uma pessoa infectada (doação de sangue). Também é considerada como uma prática sexual “segura” a relação entre parceiros que não sejam usuários de drogas e que tenham iniciado juntos (um com o outro) a vida sexual e se mantenham fiéis um ao outro. Entretanto, sabe-se que nos dias de hoje, tais hábitos são reconhecidamente pouco comuns.

O risco de contaminação não está vinculado à classe do indivíduo, nem à profissão que ele exerce, e sim à responsabilidade que cada um tem consigo. Cada um é responsável pela permanência ou não no grupo de risco, formado pelas pessoas que optam por uma vida sexual com vários parceiros ou ainda pelo compartilhamento de seringas entre dependentes químicos, sem fazer nenhum tipo de prevenção.

2.2. A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência está acontecendo cada vez mais precocemente e com isso, os problemas se tornam mais graves, principalmente em adolescentes pertencentes a classes de menor poder aquisitivo, que geralmente são obrigadas a abandonar a escola ainda cursando o ensino fundamental. O nascimento de um filho traz muitas responsabilidades, para as quais o casal nem sempre está preparado. Isto é comum principalmente entre os adolescentes, que devem se lembrar de que a gravidez e os cuidados com o bebê vão ocupar parte do tempo que eles poderiam dedicar aos estudos ou ao início da carreira profissional.

Em muitos casos a gravidez precoce ocorre devido à falta de formação ou orientação. Em alguns casos, as adolescentes conhecem os métodos contraceptivos, mas se recusam a usá-los, pois isso implicaria assumir sua vida sexual. Ao engravidar, a adolescente passa por situações difíceis como ansiedade, medo e aceitação, por estar despreparada emocionalmente para encarar a maternidade.

Geralmente ocorrem essas situações emocionais por ser uma gravidez não planejada. Assim, ressalta Fernanda Freitas (2003) em seu li-

vro *Rotinas de Ginecologia*, que a falta do planejamento da gravidez na adolescência acontece em decorrência de uma atividade sexual não planejada e não protegida. Entretanto, outros autores consideram que a gravidez na adolescência também pode estar ligada a outros fatores.

Gláucia da Motta Bueno (2006) aponta que um dos fatores determinantes para a gravidez é a condição financeira, pois nas classes econômicas menos favorecidas, em que há falta de informação e menor acesso a métodos contraceptivos, adolescentes engravidam com maior frequência. A comunidade em geral e a família são primordiais, pois esta última é a base que poderá proporcionar compreensão, diálogo, segurança, afeto e auxílio para que tanto os adolescentes envolvidos quanto a criança que foi gerada se desenvolvam de maneira saudável.

No que se refere à participação da família, é importante esclarecer que as informações não sejam apresentadas como indicadoras de proibição, mas de orientação. É muito importante para os adolescentes, que haja entre eles e seus familiares, desde a infância, diálogos constantes acerca do desenvolvimento natural da sexualidade, para que os mesmos, ao iniciar sua vida sexual e afetiva, não venham a praticá-las como forma de compensar uma carência afetiva que possa ter fantasiado em um relacionamento que ansiava vivenciar durante a fase da adolescência. Ao perceber que esse adolescente, tanto do sexo masculino quanto feminino, já têm uma vida sexual ativa, torna-se necessário realizar uma quebra de tabus em relação à prevenção.

3. A importância da educação sexual na escola

O tema educação sexual é desafiante em todas as etapas da Educação Básica e, com frequência, esbarra em tabus, questões religiosas, valores morais, mitos e sentimentos. No ambiente escolar, muitos alunos se intimidam e ficam envergonhados em expor suas dúvidas. Outros fazem piadas ou deboçam do assunto.

Há aqueles que fazem questionamentos que colocam os professores em situações embaraçosas, caso eles não estejam preparados para abordar o tema. De fato, muitos educadores não se sentem à vontade para tratar de certos assuntos, uma vez que não são suficientemente trabalhados em muitos cursos de formação docente, de acordo com os PCN – orientação sexual. (BRASIL, 1998. p. 303)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Segundo Marta Suplicy et al (2004, p. 45-47), educação sexual é "todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia", enquanto orientação sexual pode ser definida como "processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas".

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada.

O professor deve criar um clima de confiança, tranquilidade, seriedade e respeito para tratar a sexualidade e a afetividade de forma natural. Para isso, é preciso, acima de tudo, embasamento teórico, envolvendo conhecimento científico e uma discussão ampla sobre ética. A escola, como instituição responsável por formar cidadãos críticos, deve ajudar os adolescentes a viverem sua sexualidade de maneira responsável e saudável, acolhendo suas dúvidas e interesses. O primeiro passo para isso consiste em ensinar o respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro, considerando-se a diversidade. Fernanda Freitas (2003) explica que

(...) a educação sexual considerada formal ganha o espaço institucional das escolas e centros comunitários, sob a forma de ações, programas e projetos delimitados. Esta abordagem também pode reafirmar conceitos ou, numa segunda visão, promover a difusão de informações relativas à sexualidade, acompanhadas de questionamentos e discussão sobre a mesma. (FREITAS, 2003)

Por ser um ambiente de ensino e aprendizagem, a escola constitui um dos melhores espaços para se empreender essa discussão, pois é nesse ambiente que os jovens e adolescentes são instruídos para a vida. Neste sentido, é importante trabalhar a educação sexual de modo contínuo e permanente, envolvendo aspectos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual, de maneira a enriquecer positivamente, melhorando a personalidade e a capacidade de comunicação.

Faz-se necessário que o educador compreenda o seu papel de informar, ensinar, e orientar dentro do processo de discussão. Mesmo que o tema seja um tema político-social com características formadas, é preciso

permitir ao aluno sua colocação no que diz respeito às formações imaginárias que circulam na sociedade a respeito do tema sexualidade.

4. Formações discursivas e formações imaginárias

Na *formação discursiva* as palavras significam de acordo a posição em que são colocadas, pois, “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidas”. (ORLANDI, 1999, p. 42)

As palavras mudam de sentido de acordo com o lugar que ocupam e de quem as usa. Essa posição se relaciona com as *formações ideológicas* em que se inscrevem. Nesta perspectiva, a *formação discursiva* é definida “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. (*Idem*, p. 43)

A *formação imaginária* também é um dos conceitos relacionados à análise do discurso. Sendo um ponto fundamental da disciplina, está alinhada às condições de produção do discurso, pois ocorre entre o *eu* e o *outro*, levando o emissor a construir uma imagem do receptor, e vice versa. Assim, imagina-se, por exemplo, o que o outro vai dizer, que resulta em “relação de força e antecipação do que se imagina” (PÊCHEUX, 1969). Ou ainda, “um dizer em relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. (*Idem*, p. 39)

Neste contexto, a *formação imaginária*, filiada à *formação discursiva*, torna-se um mecanismo de antecipação da fala, em que o sujeito pode se colocar no lugar do seu interlocutor, prevendo o efeito de suas palavras e dando o sentido “desejado”, como explica Eni Puccinelli Orlandi:

[...] Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 1999, p. 39)

Sendo assim, quando o sujeito enuncia, mobiliza um funcionamento discursivo, que remete às formações imaginárias, ou seja, a representação que o sujeito faz desse interlocutor, e direciona a produção de seu discurso. Através das condições práticas de produção de imagens é que se estabelece a posição do sujeito em presidir um jogo imaginário, formando assim as relações de sentido.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Isso ocorre devido à possibilidade de retornos de ideias, fazendo com que a formação imaginária, através dos processos discursivos observáveis na materialidade linguística, trabalhe para o efeito de sentido, constituindo a ilusão de um sentido único. Desta forma, “são as imagens que constituem as diferentes posições”. (*Idem*, p. 40)

Por isso, a análise é de fundamental importância, pois é ela que diferencia os sentidos produzidos, compreendendo o que foi dito. Também é primordial remeter o conteúdo do discurso a uma *formação discursiva*, para melhor compreensão sobre a posição defendida em um determinado texto a ser analisado. Neste caso específico, sobre as entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, em torno da sexualidade e da gravidez na adolescência.

5. Metodologia

Antonio Carlos Gil (1999) aborda a pesquisa enquanto instrumento formal e sistemático, que objetiva encontrar as respostas para os problemas, tendo como premissa o método científico. Nesse contexto, a pesquisa consiste no processo de investigação, na busca por respostas para a compreensão dos problemas existentes. Considerando-se a necessidade de se reportar aos estudiosos da área, a vertente bibliográfica constituiu-se como elemento basilar deste estudo.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal São Bernardo, situada à Avenida Teixeira de Freitas s/n, no Bairro São João, município de Itanhém – BA. Para tanto, solicitamos autorização da direção e vice direção da escola. A instituição foi criada em 1962, substituindo o Colégio São Bernardo, que já funcionava no mesmo local desde a década de 60.

Mantida pela Prefeitura Municipal de Itanhém, tem o corpo docente composto por profissionais das diversas áreas, muitos com o nível superior completo ou em fase de conclusão (trinta efetivos e oito temporários). Além da diretora, a escola possui três vice-diretoras, sendo uma para cada turno. As três possuem graduação em pedagogia.

A escola oferece ensino fundamental do 6º ao 9º Ano nos turnos matutino e vespertino, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no noturno. No ano de 2013, quando foi realizada a pesquisa, a escola contava com 1050 alunos. No turno matutino, que oferece o ensino fundamental, havia 450 estudantes matriculados, assim como no

vespertino, com um total de 900 alunos. Já no turno noturno, que oferece a modalidade EJA I e II, havia 150 matriculados.

Devido à participação ativa dos sujeitos envolvidos, o estudo pode ser considerado como pesquisa-ação, a saber, “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a regulação de um problema coletivo” (THIOLLENT, 1982, p. 98-100). Desse modo, foram realizadas diversas ações na instituição selecionada para o estudo, com base nas teorias e investigações.

O estudo seguiu os seguintes procedimentos: i) contato com a Escola Municipal São Bernardo para apresentar o projeto, detalhando os objetivos e a metodologia a ser aplicada; ii) contato com os sujeitos da pesquisa (66 alunos do 8º A e 9º A ano, do turno vespertino, na faixa etária dos 13 a 18 anos); iii) explicação aos mesmos sobre os objetivos do estudo e de que modo seria a participação dos mesmos; e iv) aplicação das atividades na escola.

Durante a pesquisa-ação, foi realizada uma palestra e registros das informações obtidas pelos pesquisadores durante uma dinâmica. Foi proposta a dinâmica da caixinha, que consistiu em apresentar duas questões discursivas, de maneira que os alunos deveriam depositar as respostas na mesma. O objetivo foi coletar e analisar as impressões dos sujeitos sobre a temática da sexualidade e gravidez na adolescência, identificando as formações imaginárias e os aspectos ideológicos envolvidos nesse processo. Para preservar o anonimato dos participantes, eles foram identificados através de simbologia, utilizando-se a letra A, com numeração progressiva, conforme aparecerá na análise e discussão (A1, A2...).

Na dinâmica, foram feitas duas perguntas aos jovens:

- Em sua opinião o que é sexualidade?
- Considerando o tema sexualidade, o que vem a sua mente?

As respostas apresentadas foram agrupadas em duas categorias, respectivamente. Na primeira categoria, concepção de sexualidade, foram analisadas cinco respostas. Já na segunda categoria, Sexualidade e prevenção, foram analisadas três respostas. A partir das respectivas respostas, foram identificadas as *formações discursivas* e as *formações imaginárias*.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

6. Análise e discussão

As acadêmicas juntamente com a direção da escola promoveram uma palestra com o tema "sexualidade e gravidez na adolescência", para os jovens e adolescentes dos turnos matutino e vespertino, além dos jovens e adultos do noturno, com o objetivo de sensibilizar os mesmos, tirando suas dúvidas acerca da questão em debate. Os palestrantes alertaram os professores da instituição de ensino para a necessidade de criarem espaços para que o adolescente possa dialogar, refletir e trocar informações sobre seus medos e dúvidas, mitos e tabus.

Durante uma roda de conversa, alguns alunos do turno vespertino diziam saber tudo sobre sexualidade e gravidez na adolescência, mas tinham dúvidas sobre os métodos contraceptivos. Mediante a essa situação contraditória, houve uma conversa mais informal, estimulando-os e explicando que as dúvidas são comuns em todas as faixas etárias. Em seguida, foi realizada a dinâmica da caixinha. Ressaltamos que as respostas que eles haviam colocado dentro da caixa eram secretas e que ninguém poderia identificar o autor. Vejamos:

6.1. Concepção de sexualidade

FORMAÇÕES DISCURSIVAS	Sexualidade como expressão de sentimento	Sexualidade como forma de obter prazer	Sexualidade como forma de gerar filhos e constituir família
 FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS	A1: A sexualidade é uma forma de expressarmos nossos sentimentos com a pessoa que amamos.	A3: Sexualidade está associada ao prazer.	A10: Acredito que a sexualidade é feita por duas pessoas de sexo oposto, que podem gerar um filho ou uma filha.
	A2: Sexualidade não é só sexo é ter amor e sexo também, mas tem que ter mais amor.	—	A12: É ter amor pelo seu parceiro seja ele namorado ou esposo, casar e poder ter filhos ou não.

Quadro 1:

Formações discursivas e imaginárias relacionadas à concepção de sexualidade

De acordo com Eni Puccinelli Orlandi (1999), a noção de *formação discursiva*, ainda que polêmica é básica na análise de discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação

com a ideologia e também o estabelecimento de regularidades no funcionamento do discurso. A partir das respostas supracitadas, foi possível identificar elementos do discurso relacionado ao sexo, que, muitas vezes está associado ao sentimento, no caso dos dois primeiros sujeitos.

A sexualidade, para alguns alunos, é vista como forma de afetividade, como ato de amor e carinho com o outro. Também é associada ao ato sexual feito com amor ou deixando-se de lado o sentimento. Trata-se de uma influência da ideologia e das formações discursivas. A sexualidade também pode ser vista como relacionamento amoroso entre duas pessoas, sendo que deste relacionamento pode resultar uma união como o casamento e geração de filhos. A este respeito, Eni Puccinelli Orlandi (1999, p. 74) afirma que “é por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona”.

As formações imaginárias constituem, por sua vez, mecanismos que produzem imagens do sujeito, relacionando-se com o material e o institucional, ou seja, com o equívoco, a historicidade e a formação social. Através dessas condições de produção é que se estabelece a posição do sujeito locutor e interlocutor, fazendo com que a troca de palavras seja presidida por um “jogo imaginário”. Desta forma, “são as imagens que constituem as diferentes posições”. (*Idem*, p. 40)

Assim, no que diz respeito à categoria Concepção de Sexualidade, cada formação discursiva, com as respectivas formações imaginárias, representadas pelas respostas dos sujeitos, revelam a manifestação de condutas e ideias, a partir de ideologias e discursos que permeiam a sociedade. Através da fala dos alunos, é possível depreender como cada um se porta e a que associam a sexualidade.

6.2. Sexualidade e prevenção

Nesta categoria, foi possível observar, através das formações discursivas e das formações imaginárias identificadas, que a manifestação da sexualidade, para os adolescentes, surge como cuidado, especialmente no que refere à prevenção de doenças. Uma das falas traduz que este cuidado vem acompanhado de sentimentos como o amor. Para outros dois sujeitos, não há esta relação direta com o sentimento.

FORMAÇÕES DISCURSIVAS	Prevenção como expressão de sentimento	Prevenção como necessidade
------------------------------	---	-----------------------------------

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

 FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS	<p>A18: A sexualidade é um ato de amor, de respeito responsabilidade, carinho e a camisinha é essencial para se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis: como HIV, hepatite e gonorreia. E a camisinha também previne a gravidez indesejável. Então amor sem camisinha não é amor é burrice. Então se previna. Usar camisinha sim que é amor.</p>	<p>A9: Eu entendo que as doenças sexualmente transmissíveis (DST e AIDS), só acontecem se não usar camisinha e se fizer transfusão de sangue.</p>
	<p>—</p>	<p>A15: É começar sentir vontade de ter relação, mas não pode se esquecer de usar a camisinha sempre.</p>

Quadro 2:

Formações Discursivas e Imaginárias relacionadas à sexualidade e prevenção

A presença do preservativo (camisinha) tanto masculino quanto feminino foi citada muitas vezes, seja para a prevenção de doença, quanto para evitar a gravidez, durante a roda de conversa. Do mesmo modo, apareceu nas respostas, durante a dinâmica. As formações imaginárias fazem “parte do funcionamento da linguagem” (*Ibid.*, p. 42) e contribuem para a constituição das condições em que o discurso é produzido e para a sua significação.

No caso desta categoria, do mesmo modo, estão relacionadas ao aspecto social, através das campanhas governamentais, em conjunto com as escolas (prevenção contra DST e cuidado com a gravidez precoce); das novelas e filmes (aproximação entre amor e sexo); das músicas de alguns ritmos como o Axé (banalização da sexualidade); da internet (acesso livre à pornografia) etc.

Com efeito, todos estes elementos colaboram para a construção das imagens dos sujeitos e das suas concepções sobre sexualidade. Afinal, o sentido de um discurso dependerá da formação discursiva em que ele se inscreve, resultando em um sentido e não em outro. “Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”. (*Ibid.*, p. 43)

7. Considerações finais

Ao final desse trabalho, apesar de reconhecer que o nosso objetivo foi atingido, observa-se que há muitos adolescentes e jovens que ainda

hoje têm dificuldade de falar sobre o tema. Na escola em que foi realizado o estudo, houve a participação de 66 alunos de duas turmas (8º e 9º Ano do turno vespertino), os quais puderam sanar muitas dúvidas em relação à temática *sexualidade e gravidez na adolescência*. No primeiro momento, pareciam não se interessar, por vergonha ou por se tratar de um assunto muito polêmico. Entretanto, foram “se soltando”, revelando aspectos ideológicos e discursivos que envolvem a questão.

Com a realização desse projeto, atingimos não só os jovens e adolescentes, como também a comunidade escolar e os familiares, que se tornaram multiplicadores de informação. Em relação ao trabalho escolar, no que tange à participação dos educadores, ficou claro que alguns docentes ficaram envergonhados em trabalhar de forma interdisciplinar com o tema, em sua sala de aula, pois mesmo nos dias atuais, muitos tabus ainda permanecem vigentes e precisam ser quebrados. Entende-se, portanto, que os professores também têm uma responsabilidade muito grande no sentido de planejar ações voltadas para esta necessidade.

Ficou claro, após a conclusão desse trabalho, que através das metodologias aplicadas, envolvendo a pesquisa-ação e a análise do discurso, houve uma maior compreensão sobre como o tema sexualidade e gravidez na adolescência se manifesta através da linguagem dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Considerando-se as questões da dinâmica, observou-se que na categoria *Concepção de Sexualidade*, as imagens que os adolescentes fazem sobre a temática estão vinculadas às seguintes formações discursivas: i) Sexualidade como expressão de sentimento; ii) Sexualidade como forma de obter prazer; e iii) Sexualidade como forma de gerar filhos e constituir família. Com relação à categoria *Sexualidade e Prevenção*, as imagens se relacionam às seguintes formações discursivas: i) Prevenção como expressão de sentimento e ii) Prevenção como necessidade.

O estudo ora realizado se torna pertinente porque é justamente no âmbito da formação ideológica de cada indivíduo que se estabelecem as práticas materiais do mesmo, em meio ao seu grupo. Portanto, entender as imagens que os alunos compartilham sobre o tema *sexualidade e gravidez na adolescência* é fundamental para estabelecer o diálogo e proporcionar estratégias de prevenção mais eficazes.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL, Programa Nacional de DST/AIDS. *Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis*. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

BUENO, Gláucia da Motta. *Variáveis de risco para a gravidez na adolescência: Adolescência, sexualidade e gravidez*. 2006.

FREITAS, Fernanda et al. *Rotinas de ginecologia*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *A análise de discurso: três épocas* (1983). In: GADDET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

ROMERO, Mauro. *Doenças sexualmente transmissíveis*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SAMPAIO, Simaia. *Educação sexual para além dos tabus*. Salvador, UFBA, 1996.

SARDANO, Edison de Jesus. *Adolescer*. Verbo transitório. 1. ed. São Paulo: Centro Espírita Dr. Bezerra de Menezes, 1998.

SUPLICY, Marta. *Sexo para adolescentes*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1995.

SUPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1999.

SUPLICY, Marta et al. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia*. 10. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1982.

**EDGARD NAVARRO
E AS FRONTEIRAS ENTRE PÚBLICO E PRIVADO**

Maiara Bonfim Barbosa (UNEB)
maibonfim@yahoo.com.br

RESUMO

Ele faz cenas, produz filmes e colabora com novos capítulos para a história do cinema baiano. Participante de um grupo marginado que se lançou ao experimentalismo, Edgard Navarro tornou-se um cineasta de referência no cinema realizado na Bahia, marcando a produção cinematográfica no estado desde a década de 1970. Até hoje, com quase 67 anos de idade, o multifacetado realizador de filmes, ator, diretor, roteirista continua atuante. O objetivo desse trabalho é realizar reflexões preliminares no campo da cultura sobre o Edgard Navarro, mostrando relações possíveis entre o cineasta e suas principais realizações audiovisuais, resultado de uma autoexposição. Edgard Navarro cria espetáculos de si mesmo e exibe uma intimidade que é inventada. Alternando entre personagem de seus filmes, narrador ou fonte inspiradora da história que está contando, ele parece marcar presença em algumas das suas produções e reiteradas vezes fala sobre isso. Tendo como fonte principal a linguagem filmica materializada por Edgard Navarro, será realizada uma leitura baseada nas informações narradas pelo próprio Edgard Navarro em entrevistas e depoimentos. O trabalho se desenvolve a partir das reflexões de Erwing Goffman e Paula Sibília, apontando que já não há separação entre vida e obra, não há fronteira entre público e privado.

Palavras-chave: Cinema experimental. Cinema baiano.
Edgard Navarro. Público. Privado.

1. Introdução

Ele filma, dirige, exibe, atua, narra, escreve, fala em público, dá entrevista, faz cena, dá show, explica, opina, conta, repete e comenta. O cineasta Edgard Navarro configura-se simpatizante de uma cultura de “superautoexposição”. Parece não haver separação clara entre vida e obra, mostram-se tênues as fronteiras entre público e privado. Em sua inclinação para o experimentalismo, ele cria espetáculos de si mesmo para exibir uma intimidade que é inventada. Com suas diferentes formas de narrar, colabora com registros de uma possível autobiografia. O objetivo desse trabalho é realizar reflexões preliminares sobre o cineasta experimental baiano Edgard Navarro, mostrando o processo de auto exposição e algumas relações possíveis entre o cineasta e suas principais produções audiovisuais.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

2. *Vida e obra imbricadas*

Edgard Navarro está entre os realizadores cinematográficos comumente requisitados a participar de eventos que discutam cinema no estado da Bahia. Memória viva de um movimento que marcou a produção experimental na década de 1970 tornou-se um informante, possivelmente considerado oficial, quase um oráculo, fonte local, inspirador daqueles que hoje começam a estudar e realizar cinema na capital baiana. Mas o tema favorito do cineasta nesses eventos parece mesmo ser como a sua própria vida se liga a todo esse processo. No meio de um debate cujo tema seria discutir a produção cinematográfica da Bahia, está ele falando sobre suas dores, amores, feitos, defeitos e projetos. Por que ele faz isso? Porque senão ele morre. E ele precisa se salvar: “Encaro isso de autobiografia como um carma, um exorcismo”, explica Edgard Navarro (2005).

Quem assiste aos seus filmes, pode ter a sensação de que o diretor daquelas cenas é um *gauche* predestinado por um anjo torto que vive nas sombras, como o descrito pelo poeta Carlos Drummond de Andrade. O próprio cineasta explica: “[...] sempre tive uma queda, sim, pelo torto, pela contramão, por aquilo que não é de fácil digestão; ainda não alcancei a leveza que pretendo (talvez consiga essa dádiva através do mote que venho propalando desde *O Superoutro: Abaixo a Gravidade*²⁶!)”. (NAVARRO, 2011)

Edgard Navarro pode ainda ser visto como um realizador com poderes de onipresença, já que na maior parte das suas produções ele escreveu o roteiro, é aquele que dirige, o responsável pelo argumento, encarna a voz de Deus, canta, atua, nem que seja em uma “ponta” do filme e está contando ali uma história intimamente ligada à sua própria vida. Entusiasta do exibicionismo, com autodeclarada “tendência esquizoide” (NAVARRO, 2012), diz que segue o conselho de *O Bandido da Luz Vermelha* (SGANZERLA, 1968) e quando não pode lidar com determinada situação, avacalha, se esculhamba. E aí é que correm as notícias de uma aparição polêmica, de uma cena chocante, de um texto depravado ou um depoimento transtornado, pervertido.

O experimentalismo latente engendra sua obra e marca sua vida. Persegue-se suas produções cinematográficas e declarações para mostrar, então, um Edgard Navarro que reforça a postura exibicionista e de uma frequente narração de si mesmo “administrando técnicas audiovisuais pa-

²⁶ Esse é o título do mais novo filme de Edgard Navarro que, atualmente, está em fase de produção.

ra gerenciar a própria exposição aos olhares alheios” (SIBÍLIA, 2008, p. 52), como quem produz os registros da própria biografia, medeia a divulgação, decidindo, pessoalmente, o que e quando cada dado virá à tona.

Soteropolitano, Edgard Reis Navarro Filho, nasceu em 12 de outubro de 1949 e garante que vem daí o seu espírito brincalhão: “Eu nasci no dia das crianças! Eu tenho um *erê*²⁷ encostado” (NAVARRO, 2015, p.8). A veia artística foi revelada precocemente, visto que aos cinco anos de idade aprendeu a tocar piano e acordeom (habilidades que foram mostradas e podem ser vistas em dois de seus filmes: nos extras do seu primeiro longa *Eu Me Lembro* e em cena de *O Rei do Cagaço*). Também esteve ligado à literatura, escrevendo contos e novelas literárias. Na adolescência, foi abalado ainda por um fato que marcou a sua existência e, posteriormente, repercutiria na sua produção artística: a morte precoce de sua mãe, Maria Estela Trindade Navarro, com quem tinha uma forte relação afetiva. Caçula da família, Edgard Navarro relata que o pai, de quem herdou o nome, foi um grande incentivador dos estudos. “Eu era muito sensível. Lia Dostoiévski e o meu pai me fez ler, queria que eu fosse um homem letrado. Mas me dava os livros sem nenhum critério” (NAVARRO, 2012). Em entrevista, lembra que foi escolhido para ser “o intelectual da família” (NAVARRO, 2008), mas o futuro não se revelou exatamente como o Edgard-Pai almejava: “Fui, ao contrário do que ele esperava, me tornando cada vez mais torto, porque a literatura e os filósofos só fazem entortar a cabeça da gente!” (NAVARRO, 2008). Todo esse contato com diferentes autores permitiu que Edgard Navarro fosse, aos poucos, construindo um repertório e, em resposta à coerção sofrida, reagiu de maneira radical e contestadora. “O meu ódio era à família e tudo que ela representava, ao Estado, a Igreja, tudo que representa a repressão”. (NAVARRO, 2015)

O cinema, nesse contexto, teve papel fundamental: “Fui me apaixonando por aquele universo que me dava uma alternativa pra aquele mundo que era tão cinzento. O mundo ficava colorido quando era dentro do cinema” (NAVARRO, 2008). Com sua irreverência no trabalho, sua personalidade inusitada e, muitas vezes, polêmica que Edgard Navarro, aos poucos, conquista espaço no cenário cinematográfico, amplia o público prestigiador de sua obra e confirma a admiração que os críticos e realizadores de cinema nutrem pelo seu trabalho.

²⁷ Divindade infantil.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

3. *Super-8, o experimental modo de realizar cinema*

No fim da década de 1960 e começo da década de 1970, período em que o filme 35 mm reinava soberano por revelar os grandes filmes no mundo inteiro, a câmara Super-8 apontou a possibilidade de fazer cinema a custos mais baixos. Diferencia-se das demais basicamente pelo tamanho da película na qual são gravadas as cenas. O filme utilizado nessa bitola possui apenas 8 mm, seu preço era mais acessível e o manejo do equipamento era mais simples, facilitando o uso. Tal combinação contribuiu para a difusão do estilo. Esse modelo de câmara foi disponibilizado no mercado consumidor como um utensílio, basicamente para quatro tipos de produções, classificadas de acordo com os objetivos dos realizadores:

[...] produção destinada a consumo familiar, ou seja, registro de aniversários, casamentos etc.; produção institucional, isto é, filmes feitos com intuito de divulgar empresas, produtos etc., produção de ensaio para outras bitolas mais ‘profissionais’, e produção experimental, tanto do ponto de vista temático quanto estético, que por motivos econômicos ou políticos não poderia ser realizada de outra forma. (RAMOS & MIRANDA, 2005, p. 529)

Artistas baianos sentiram-se motivados. Eles se apegaram à ideia da produção experimental e começaram a realizar uma expressiva quantidade de curtas-metragens, passaram a fazer cinema utilizando pequena bitola. O Super-8 era a margem e quem está na margem deseja ser iluminado pelos holofotes, sem perder as suas raízes. Assim, cada artista desenvolve suas estratégias e busca seu lugar ao Sol. “A iconoclastia, o tom anárquico, o deboche, a *nonchalance*, caracterizavam os chamados superoitistas, sendo que o mais radical, nesse sentido, era Edgard Navarro [...]”, conforme aponta André Setaro (2012, p. 93).

Os festivais organizados anualmente, até a década de 1980, compõem a principal forma de divulgação dos filmes realizados em Super-8. A Jornada de Curta-metragem de Salvador dividia esse espaço com a Mostra Nacional do Filme Super-8, com o Festival Nacional de Curta-metragem e com o Festival Nacional de Curta-metragem de Gramado. Assim como mostras e jornadas, os festivais, conforme aponta Tetê Mattos (2013), dentro da cadeia do audiovisual, têm a sua singularidade, sendo uma peça fundamental para a sua engrenagem. Diante das dificuldades de divulgação e distribuição das produções, “[...]os festivais são importantes vitrines para o produto audiovisual, em especial o filme brasileiro, contribuindo para a formação de plateias” (MATTOS, 2013, p. 119). Com sua irreverência no trabalho, sua personalidade inusitada e, muitas vezes, polêmica, Edgard Navarro, aos poucos, conquista espaço

no cenário cinematográfico, amplia o público prestigiador de sua obra e confirma a admiração que os críticos e realizadores de cinema nutrem pelo seu trabalho.

4. Obra polêmica, artista polêmico

Os filmes de Edgard Navarro traduzem, em certa medida, sua personalidade às vezes louca, agressiva e emotiva. Segundo Erwing Goffman, “Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada diante deles”. (GOFFMAN, 2002, p. 25), sendo assim, os que já o conhecem ou já viram suas produções criam uma expectativa em relação às atitudes ou performances desconcertantes do artista. Sobre a relação entre obra e vida Ricardo Oliveira de Freitas pontua: “a obra de arte extrapola os limites do quadro, da moldura e, até mesmo das paredes do museu ou da galeria, antes meros compartimentos da e para a obra, para instalar-se na realidade absoluta, na vida cotidiana”. (FREITAS, 2008, p. 3)

Assim, vida e obra vão se integrando, conforme pode-se perceber desde as primeiras obras de Edgard Navarro. O seu primeiro curta, *Alice no País das Mil Novilhas* (1976), nasce após Edgard Navarro ser apresentado a Fernando Bélen. Nesse encontro, constata que os filmes poderiam ser projetados até em uma parede, e cresce a motivação para realizar cinema mesmo com poucos recursos materiais. A referência ao livro do escritor inglês Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*, é direta e já denota a sua veia satírica. Com dezoito minutos de duração, *Alice*, “que era sobre o cogumelo que nasce na bosta do boi” (NAVARRO, 2001) foi capturado em Super-8 e inspirado na novela agropecuária *Fazenda Modelo*, de Chico Buarque. A *Alice* de Navarro revela a perda da ingenuidade e o descortinamento da mente com ajuda do cogumelo alucinógeno, conforme explica Edgard Navarro (2009), citando uma experiência simbólica dos anos 1970 que, de alguma forma, também era sua:

Que pontos de contato havia entre a personagem do livro infantil e daquele “ser”, que seria meu *alter ego*... Alice come cogumelo e tem uma viagem lísergica. Eu estava muito mobilizado naquele fato de ter experiência alucinógena com a maconha e pensando nessa perda de virgindade através dessa experiência. Para mim, se desenhava essa personagem como uma projeção de mim mesmo, de uma perda de virgindade... um ‘cabaço de cabeça’, que eu brincava com esse trocadilho. (NAVARRO, 2015)

No ano seguinte, apresentou *O Rei do Cagaço* (1977), com o qual conseguiu maior visibilidade ao ser exibido em universidades, e em fes-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tivais, o que lhe garantiu alguns prêmios no Festival de Cinema de Recife. Mais uma vez ele volta para si:

[...] eu sou o ‘Rei do Cagaço’. O ‘Rei do Cagaço’ tem dois sentidos, um que tem a ver com a coisa da merda mesmo, e outro que se relaciona com o cagaço, com o morrer de medo. Eu morro de medo, eu tremo de medo em relação às coisas misteriosas [...]. (NAVARRO, 2013)

Através da arte, ele parecia lidar com as suas dores mais profundas, conforme cena ao final de *O rei do cagaço* na qual a voz *off* questiona “quem é essa pessoa cuja dor se expressa com tanta ênfase?”, enquanto a própria imagem do cineasta surge na tela. Brincando com as palavras, jogando com a verve, explicita seus sentimentos e se aproxima da sua produção.

Em *Exposed* (1978), Edgard Navarro evidencia um fato biográfico quando exhibe uma foto da sua mãe, enquanto ele mesmo canta a música *Coração de Luto*, de Teixeira. “Navarro se identifica intimamente com a música, pois, assim como o cantor Teixeira, também perdeu sua mãe muito cedo” (FERNANDES, 2013). Uma performance inusitada está atrelada à uma exibição de *Exposed*. Falando sobre realização dramática, há uma explicação: “Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros”. (GOFFMAN, 2002, p. 36)

O episódio ocorreu há mais de trinta anos, na Jornada Internacional de Cinema da Bahia, com a presença de críticos não só locais, mas de várias partes do País, em que “exibiu seus filmes – e se exibiu – como artista experimental, fazendo a arte deslizar para a vida e vice-versa” (CARVALHO, 2015). Edgard Navarro ficou nu. “No meio do debate lá, esse mote do exibicionismo me levou a ter uma atitude, uma coisa exibicionista, de tirar a roupa” (NAVARRO, 2008). Este fato polêmico, ele próprio descreve como uma atitude política. Após recitar um poema em francês e dedicá-lo a Jean-Claude Bernadet, provocou um grande mal-estar ao dizer: “O caralho, o filme é sobre o caralho, vou falar de caralho, de pica, de buceta, de cu, de porra, de muita porra” (NAVARRO, 2011). Foi chamado a atenção pelo coordenador do debate, José Carlos Avellar. E continuou: “[...]. Vou me exprimir com o corpo, pode? [...]” (*Idem*, 2011). O debate continuou e ele passou a fazer interferências cada vez mais ácidas e escandalosas. “O filme, *Exposed*, não é sobre pica? O filme não é sobre pica, é sobre nudez. Então eu vou tirar a roupa! [...]” (*Idem*, 2011). Aquela atitude indignou algumas pessoas e fez ainda com que ou-

tras se retirassem do local. Ao final, um amigo incentivou Edgard Navarro a se vestir e ir embora, lembrando das punições que os tempos de Ditadura Militar podiam lhe dar. Em avaliação posterior, o artista considera que tirar a roupa era um suicídio, um golpe no próprio eu. “Vou liquidar esse ego, vou expô-lo ao máximo do ridículo, chamando para mim todas as atenções” (NAVARRO, 2012), e estava chamando atenção, também, para o seu trabalho. Assim, completou o que o próprio Edgard Navarro denomina trilogia freudiana: *Alice no País das Mil Novilhas*, o filme oral; *O Rei do Cagaço*, o filme anal; e *Exposed*, o filme fático.

Em seguida, produziu *Lin & Katazan*, outro título baseado no livro *Fazenda Modelo* de Chico Buarque, fechando, assim, o ciclo inicial da década de 1970. Iniciada a década seguinte, produziu o documentário *Na Bahia Ninguém Fica em Pé* (1980) sobre as dificuldades de realizar cinema na Bahia, em parceria com José Araripe Jr. e Póla Ribeiro.

Na sequência, vem *Porta de Fogo*, curta que relata os últimos dias de Carlos Lamarca, e ajuda em um processo de superação e autoafirmação, no que diz respeito à capacidade de convencer os avaliadores de um concurso e conquistar o financiamento da sua arte. “Vou pegar a vida desse homem e sair daqui com um puta roteiro que os caras não vão poder dizer não” (NAVARRO, 2012), e assim o fez. Ele cria um fictício encontro entre Lamarca e outra personalidade lendária: “O Lampião, essa figura que eu desrespeitei lá com o cagaço, vou render um tributo” (*Idem*, 2012), tenta se redimir como um bom cristão que se arrepende de um pecado anteriormente cometido. No resultado da seleção para o edital de financiamento, conta que um dos pareceres proclamava: “agora tomou juízo e virou um cineasta que pode ser levado a sério” (*Idem*, 2012). No Festival de Brasília, venceu as categorias de melhor filme e melhor roteiro. “Sucesso grande em Brasília, meu primeiro sucesso nacional, um dos dias mais lindos da minha vida. Essa vitória nacional me tocou. Quando sou reconhecido nesse nível, vem uma coisa que me integra no lado iconoclasta” (*Idem*, 2012). E assim vai construindo a sua imagem como aquele que quebra paradigmas.

Nesse trabalho, tem-se ainda evidências de um mergulho na obra de Glauber Rocha. “A forma pela qual a narrativa marginal se apropria da narrativa clássica é a ‘citação’, ou seja, a inserção dentro da tessitura do filme de trechos inteiros característicos de outras obras” (RAMOS, 1987, p. 129), sendo assim, cenários, cenas e falas marcantes em *Porta de Fogo* indicam influências do cinema de Glauber Rocha que também se destacam no seu filme seguinte, *Superoutro* (1989), a produção que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

pode ser considerada a mais afamada da carreira de Edgard Navarro e que será detalhada posteriormente.

Houve uma pausa forçada nas filmagens, devido à extinção da Embrafilme e da Fundação do Cinema Brasileiro (1990), pelo Governo Federal da época, sob a alegação de que os realizadores deveriam buscar o patrocínio com a iniciativa privada e não com órgãos públicos. E então, em consonância com o que informa Jairo Ferreira, “Não podendo fazer filme-de-cinema faz filme-sobre-cinema” (FERREIRA, 1986, p.81). Sendo assim, filmou seu próximo trabalho em 1995: o documentário *Talento Demais*, que, de forma irônica, abordava a história contemporânea do cinema baiano, que nas palavras de Edgard Navarro, “tem talento demais, mas ‘tá lento demais’”. Um trabalho comum aos experimentais, “Trata-se de filmar a partir da impossibilidade de filmar”. (FERREIRA, 1986, p. 81).

Edgard Navarro voltou a filmar apenas em 2004, realizando, enfim, o seu primeiro longa-metragem: *Eu Me Lembro*: um filme de abordagem explicitamente pessoal cujo título veio da tradução de *Amarcord* (1973), nome de um dos filmes de Federico Fellini. Com o personagem principal, Guiga, o cineasta faz um mergulho autobiográfico e representa toda uma geração que nasceu nos anos 1950 e que teve sua formação nos anos de 1960 e 1970. Nesse trabalho ele conta sua história, mostra algumas de suas influências, relações familiares e paixão pelo cinema. Edgard Navarro recebeu, inicialmente, um milhão de reais para realizar o filme, mas isso não facilitou o processo criativo: “Tenho pânico de estar com uma equipe, com equipamentos caros e grana para financiar esse exército todo, com o taxímetro rodando. É muito para mim. Trabalho sob estresse violento, não fico nada confortável” (NAVARRO, 2005). O filme alcançou boa receptividade da crítica e do público, tornando-se o mais premiado do cineasta e o grande vencedor do 38º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro, arrebatando sete Candangos: Melhor Filme, Direção, Roteiro, Atriz, Ator Coadjuvante, Atriz Coadjuvante e Prêmio da Crítica.

Apesar de toda recepção positiva do filme, talvez o menos caótico, Edgard Navarro sente falta do que o super-8 proporcionava, a liberdade, que agora passa a ser vigiada: “No *Eu me Lembro*, a câmera já depende de 300 pessoas, dos atores, de uma equipe grande. São mil coisas e ela fica ali estacionada, esperando o momento de ser acionada. É tudo muito distante daquele antigo superoito, que era orgânico e instintivo” (NAVARRO, 2006). É como se desta vez, que estava marcadamente ex-

posta a trajetória da sua vida, ele estivesse mais apagado. Ele não atua como personagem do filme como costumava fazer, e outros profissionais dividiram com ele a assinatura da composição. É como se, com todo o paramento exigido no novo contexto, ele perdesse a potência, aquilo que tinha de melhor, sua essência, realizando agora um filme “bem-comportado”. Em depoimento após o êxito do filme cujas críticas indicavam uma possível maturidade, o diretor tenta explicar esse sucesso inferindo que “Ao longo do tempo você vai adquirindo um certo domínio” (NAVARRO, 2006), como quem aponta para uma evolução artística e, imediatamente repensa e destaca: “na verdade eu não diria domínio porque a gente filma tão pouco e com um tempo enorme de intervalo que acaba que não temos domínio de porra nenhuma” (*Idem*, 2006), uma autocrítica lúcida e que reflete sobre a indústria cinematográfica baiana desse período, já que outros realizadores contemporâneos como José Araripe Jr. (*Esses Moços*, 2007), Pola Ribeiro (*Jardim das Folhas Sagradas*, 2011), Fernando Bélen (*Pau Brasil*, 2014) passaram por dificuldades semelhantes e, só conseguiram emplacar filmes de longa-metragem após Edgard Navarro, mesmo que os projetos e roteiros datassem do século passado. “É muito pouco ainda para se configurar uma cinematografia” (NAVARRO, 2007), o audiovisual baiano precisa ainda de muito investimento para brilhar e ultrapassar os muros da província.

Sem deixar se abater pelas dificuldades, Edgard Navarro é considerado um realizador persistente, como mostra Fernão Ramos (2005, p. 136) “[...] Edgard Navarro, Cícero Bathomorco, Pola Ribeiro, Fernando Beléns, Araripe Jr., entre outros, não desistem do processo de criação cinematográfica”. Apesar das lacunas entre as produções, o cineasta não deixou de trabalhar em seus roteiros, a exemplo do longa-metragem *O Homem Que Não Dormia*, que foi desenvolvido durante mais de trinta anos e, finalmente, em 2009 foi filmado tornando-se o segundo longa-metragem de Edgard Navarro. A primeira exibição do filme na Bahia aconteceu no Teatro Castro Alves. Edgard Navarro estava confiante, o público curioso, mas ao final o silêncio tomou conta do ambiente, na definição do cineasta foi “frustrante”. Houve quem tivesse gostado, mas grande parte das pessoas saiu sem querer comentar, “porque tava incomodada [...]. E teve gente que detonou o filme, dizendo que era a pior coisa que viu na vida, que eu tinha perdido completamente a mão”. (NAVARRO, 2012)

O prestígio adquirido através de sua filmografia e participações em festivais garantiu a Edgard Navarro divulgação do seu trabalho, o que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

lhe proporcionou homenagens e a possibilidade de conhecer vários países, entre eles Canadá, Portugal, Espanha e França. Com sua irreverência no trabalho, sua personalidade inusitada e, muitas vezes, polêmica, Edgard Navarro, aos poucos, conquista espaço no cenário cinematográfico, amplia o público prestigiador de sua obra e confirma a admiração que os críticos e realizadores de cinema nutrem por sua forma de fazer cinema.

De todos os projetos audiovisuais executados, o *Superoutro* é considerado, neste trabalho, como aquele que mais revela Edgard Navarro. De todo o conjunto, parece ser a produção mais conhecida do cineasta baiano, aquela que marcou a sua trajetória, sendo bastante comentada e que serve de referência, parâmetro dentro da obra de Edgard Navarro e até como marco para situar produções de outros realizadores. Essa produção foi executada pelo grupo de amigos que já apresentava sintonia, visto que haviam se revezado em diversas funções nos filmes uns dos outros, “foi o encontro mais radical e mais bonito da Lumbra” (NAVARRO, 2012). Em tom respeitoso e saudosista, o diretor complementa: “[...] uma marca difícil de superar. Aquela dedicação e aquela conjunção. Parecia mágica, para que tudo desse certo” (NAVARRO, 2012). É um filme que fecha o ciclo do que havia sido produzido até aquele momento e, por outro lado, realizando essa análise à luz do conhecimento das produções posteriores do cineasta, é aquele que serve de chave para compreender o que vem depois. Conforme define Jairo Ferreira, “O filme é isso, o desespero em cada enquadramento” (FERREIRA, 1986, p.66). Com este média-metragem, Edgard Navarro transita entre o radicalismo oportuno do caráter experimental e alcança uma riqueza poética que possibilita compor esse título como o registro síntese da sua carreira.

5. *Navarro e o Superoutro*

O *Superoutro* foi considerado, segundo informa o crítico André Setaro (2012) “um dos melhores filmes nacionais dos anos 80”. A fita de média metragem - 45 minutos - dirigida e produzida por Edgard Navarro é uma irreverente e emblemática produção, cuja estreia aconteceu em janeiro de 1989, no Cine Teatro Maria Bethânia, localizado na cidade de Salvador. Aclamado, desde então, pela crítica, foi premiado nas categorias melhor filme, melhor diretor e melhor ator no Festival de Gramado e continua sendo um marco quando o assunto é o cinema experimental.

A película traz para o centro da história um personagem tragicômico interpretado pelo ator Bertrand Duarte: um homem que se torna um

morador de rua, ser marginalizado pela sociedade, e que, usando a sua imaginação alucinada, se converte em um herói às avessas em busca da própria liberdade. Polêmico, escatológico, fálico, inventivo, crítico, e, ao mesmo tempo, poético, o filme é uma composição com diferentes referentes culturais.

O título *Superoutro* é um trocadilho que aponta dualidade entre o possível nome do super-herói e sua afinidade com o movimento super-8. Apesar de haver sido produzido com filme 35 mm, as marcas de caráter experimental vão além da bitola utilizada, pois o espírito superoitista permanece. Descontraído, Edgard Navarro conta sobre a magia da edição, por exemplo, que permite dar *by-pass* no espectador: “O espectador fica enrolado no xale da doida!” (NAVARRO, 2012). Na ausência de um *link* perfeito entre as cenas do *Superoutro*, um dos recursos usados foi o que ele chama de “frases espirituosas”.

Para relacionar vida e produção do artista, deve-se levar em consideração que “[...] a obra extrapola os limites do texto, adentrando o contexto, o que faz da realidade uma representação, ela própria” (FREITAS, 2008, p.3). Não seria, portanto, a própria vida uma obra? Há, na construção do filme, um jogo de duplos. Um “Eu” e um “Outro”. Um marginal e um herói, a presença de uma “cidade oficial”, com seus pontos turísticos, monumentos e construções históricas, bem como a “cidade marginal”, dos dejetos e moradores de rua. Logo nas primeiras cenas, o personagem central da trama caminha pela Salvador noturna com um apito e clamando para que a humanidade acorde. Após um primeiro confronto com os policiais, o personagem é levado para um manicômio, visto que:

A subjetividade exacerbada se eclipsa e se dissolve na cidade e se confunde com ela numa experiência que só pode desembocar na loucura. Dessa forma, a hipersensibilização, a extrema individuação da vivência urbana acaba no seu oposto, no apocalipse do sujeito enquanto tal. (SCHOLHAMMER, 2000, p.255)

A loucura toma conta de sua face, seu olhar já está perdido e ele se questiona sobre balbuciando a palavra que possivelmente os médicos usaram para dar o diagnóstico: esquizofrênico. Com a não identificação ou não aceitação desse diagnóstico, ele foge e retorna para a liberdade das ruas.

Um processo de integração acontece entre mendigo e cidade. Assim que é posto para fora de onde morava antes da passagem pelo manicômio, o personagem habita a cidade como se parte dela fosse, defecan-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

do, roubando, comendo e cheio de energia sexual. O que mais seria um andarilho se não um mendigo, um morador de rua? “[...]a figura do andarilho e seus desdobramentos nos permitem refletir sobre o papel do Outro na elaboração e/ou na revisão do processo identitário” (PORTO, 2007, p. 156). Como um processo de descoberta de si através do outro. As construções já não partem do mesmo:

[...] aparece um tipo de eu mais epidérmico e flexível, que se exhibe na superfície da pele e das telas²⁸. Referem-se também às personalidades *alterdirigidas* e não mais introdirigidas, construções de si orientadas para o olhar alheio ou ‘exteriorizadas’, não mais introspectivas ou intimistas. (SIBÍLIA, 2008, p. 23)

Falando dessa necessidade de ir para fora, de exposição, essa reflexão é consoante com outra, de Zygmunt Bauman (1999), quando aponta um processo de aproximação no qual o vagabundo é o *alter ego* do turista e ajuda a refletir se o personagem central do *Superoutro* não seria também *alter ego* do próprio cineasta.

Ser um *alter ego* significa servir como um depósito de entulho dentro do qual todas as premonições infáveis, os medos inexpressos, as culpas e auto-censuras secretas, demasiadamente terríveis para serem lembrados, se despejam; ser um *alter ego* significa servir como pública exposição do mais íntimo privado, como um demônio interior a ser publicamente exorcizado, uma efígie em que tudo o que não pode ser suprimido pode ser queimado. O *alter ego* é o escuro e sinistro fundo contra o qual o eu purificado pode brilhar. (BAUMAN, 1999, p. 119)

Como se, em um ato de redenção, o “eu purificado” se livrasse de todas as amarras e vivesse mais leve do outro lado. Ainda segundo Zygmunt Bauman, “Os vagabundos são a caricatura que revela a fealdade escondida sob a beleza da maquiagem. Sua presença é enfadonha e enraivecadora” (BAUMAN, 1999, p. 119). Na tentativa de livrar-se dessa presença, na última cena do média-metragem, o personagem central do filme, antítese da ordem e do bom comportamento, se joga do elevador Lacerda e voa como a transcendência da morte através da imaginação em oposição ao corpo físico que é encarcerado e barrado até do suicídio. Edgard Navarro também continuou livre, produzindo segundo os próprios desejos, mesmo que isso tenha lhe custado, filmando como forma de salvação individual.

²⁸ O texto de Paula Sibília faz referência, especialmente, às telas dos computadores. Aqui usa-se analogicamente para falar sobre as telas do cinema.

6. Considerações finais

Representante de um grupo marginado que se lançou ao experimentalismo, Edgard Navarro é um importante realizador no campo audiovisual baiano que começou a atuar usando a bitola Super-8, na década de 1970. Até hoje, com quase 67 anos de idade, o multifacetado realizador de filmes, ator, diretor, roteirista, mantém a iconoclastia e o espírito experimental, mesmo passando a filmar em outros formatos. Seja em seus filmes, nas entrevistas que concede ou nas participações em eventos divulgadores do cinema, Edgard Navarro cria espetáculos de si mesmo para exibir uma intimidade que é inventada. Ele revela diversos aspectos da sua vida “íntima”, dados marcantes como sua relação com os pais, seus medos, relação com as drogas, os desafios, desejo de aceitação no mercado cinematográfico, paixão e frustrações no cinema. Ele mostra a nudez do próprio corpo em eventos públicos ou na tela pelos próprios filmes. Paula Sibília aponta que “[...] o principal objetivo de tais estilizações do eu consiste precisamente em conquistar a visibilidade” (SIBÍLIA, 2008, p.75), Edgard Navarro garante que tudo isso é para se salvar. Vida e obra estão imbricadas, não há fronteira entre privado e público, e nesse contexto, ambos são promovidos. Entre tantas personas, ele é o próprio *Superoutro*, personagem que surpreende, que choca e deseja manter a liberdade criativa. Ele continua fazendo cenas, produzindo filmes e colaborando com novos capítulos para a história do cinema produzido na Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Turistas e vagabundos. In: _____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad.: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 85-110.

FERNANDES, Paulo Santos. *Nucontrapelo: autobiografia e contracultura em Eu me lembro, de Edgard Navarro*. 2013. Dissertação (Mestrado). – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FERREIRA, Jairo. *Cinema de invenção*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. Da margem ao centro: comunicação e arte frente às questões de produção e recepção em produtos audiovisuais periféricos. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

2008, Natal. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2008, vol. 01, p. 01-15. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0725-1.pdf>>. Acesso em: 21-03-2016.

GOFFMAN, Erwing. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATTOS, Tetê. Práticas/lugares de recepção e modos de espectralidade em estudos de casos (no contexto sociocultural brasileiro). In: BAMBABA, Mahomed. (Org.). *A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2013, vol. 1, p. 115-130. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16807/3/A%20Recepcao%20Cinematografica_repositorio.pdf>. Acesso em: 15-03-2016

NAVARRO, Edgard. *Alucinada lucidez*: “o homem que não dormia”. Entrevista de Daniela Galdino. Operária das Ruínas, 2011. Disponível em: <http://operariadasruinas2.blogspot.com.br/2011/07/alucinada-lucidez-o-homem-que-nao-dormia_25.html>. Acesso em: 17/03/2016

_____. “*Cinema é um atraso de vida*”, segundo Edgard Navarro. Entrevista de Ceci Alves (Especial para 'A Tarde'). Blog Cinecasulofilia. 2005. Disponível em:

<http://cinecasulofilia.blogspot.com.br/2005_01_01_archive.html>.

Acesso em: 17-03-2016.

_____. *Conexão Cinema – Superoutro, com Edgard Navarro*. Vídeo: Cineclub Vi-Vendo Imagens/UFBA. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=san4aAYLkH8>>.

_____. *Desenquadro [entrevistando]*. Entrevista de Monteiro Júnior e Juscelino Ribeiro Jr. Blog Película Dissonante, 2011. Disponível em: <<http://peliculadissonante.blogspot.com.br/p/desenquadro.html>>. Acesso em: 01-07-2016.

_____. *Edgard Navarro, o indomável*. Entrevista de Antonio Nahud Júnior. Blog O falcão maltês. Fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://ofalcaomaltes.blogspot.com.br/2011/02/edgard-navarro-o-indomavel-bom-moco.html>>. Acesso em: 01-07-2016

_____. *Identidades Edgard Navarro*. Vídeo. TV FTC. 2008/2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWflyy7QrVs> e em: <https://www.youtube.com/watch?v=7kx52KgTDnM>>. Acesso em: 17-03-2016.

_____. Nós lembramos. Entrevista de Estevão Garcia. *Almanaque Virtual*. Memória. 07/10/2006. Disponível em:

<<http://antigo.almanaquevirtual.com.br/ler.php?id=4536&tipo=&nos+lembramos>>. Acesso em: 07-06-2016.

_____. *Para minha surpresa, eu sobrevivi a mim mesmo*. Entrevista de Aristides Oliveira. Site Capital Teresina. Coluna Entre Linhas, de 28/04/2015. Disponível em:

<<http://www.capitalteresina.com.br/colunas/entre-linhas/para-minha-surpresa-eu-sobrevivi-mim-mesmo-916.html>>. Acesso em: 17-03-2016.

PORTO, Maria Bernadette Velloso. Andarilhos, vagabundos e mendigos: desvios, devires e lugares da alteridade. In: FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette Velloso. (Orgs.). *Figurações da alteridade*. Niterói: UFF/ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses), 2007, p. 131-159.

RAMOS, Fernão. *Cinema marginal (1968/1973): a representação em seu limite*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____; MIRANDA, Luís Felipe. *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Senac, 2005.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto. (Org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 236-259.

SETARO, André. *Panorama do cinema baiano*. 2012. Disponível em: <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/arquivos/File/imagenswordpress/2012/11/panorama-do-cinema-baiano_web_setembro2014.pdf>. Acesso em: 12-10-2015.

SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
ANALISANDO DISCURSOS CRITICAMENTE:
EMPODERANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DE LÍNGUA INGLESA PARA UM ENSINO INCLUSIVO

Amanda de Oliveira Lopes (UVA)

amandalopesaol@gmail.com

Cecília Leal (UVA)

Cláudia Cristina Mendes Giesel (UVA)

Fernanda Santarelli (UVA)

Rayza Loureiro (UVA)

RESUMO

O trabalho crítico e reflexivo na formação de professores de língua inglesa se faz cada vez mais necessário na educação atual. A partir desse pressuposto, os ideais teóricos de Paulo Freire e Donald Alan Schön são considerados como base fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, visando uma formação acadêmica de professores que seja prioritariamente voltada para questões que adequem o ensino ao contexto social, de modo a fazer de suas práticas de sala de aula um instrumento para uma educação ativa, reflexiva e inclusiva. Com a intenção de colocar em prática as teorias vistas em sala, professores em formação de uma universidade privada do Rio de Janeiro desenvolveram materiais didáticos com base nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, abrangendo questões necessárias e urgentes em sala de aula, e dentro da preocupação de atender aos temas transversais, como: pluralidade cultural, ecologia, gênero, saúde, entre outros. O material resultante foi transformado em uma publicação que será usada para ajudar os alunos do curso de letras, professores de inglês em formação, a refletirem sobre os materiais que são disponibilizados para o ensino de Língua Inglesa e serão convidados a analisar criticamente o resultado obtido pelos colegas, num processo bastante dinâmico. Também será questionada a possível aplicabilidade do material didático em salas de aula no contexto de escolas públicas. Como ferramenta de análise, a análise crítica do discurso postulada por Norman Fairclough, com seu modelo tridimensional, foi o principal instrumento.

Palavras-chave: Língua inglesa. Análise do discurso. Ensino inclusivo.

1. Considerações iniciais

Frente a atual sociedade capitalista que busca produzir imediatismo e a mercantilismo de produtos visando lucro, o desenvolvimento de políticas educacionais e a formação de professores que se preocupam com o ensino eficaz de língua inglesa (língua inglesa) e a conscientização dos alunos nas escolas do ensino básico, tornando-os cidadãos críticos-reflexivos, é cada vez mais difícil, uma vez que a preocupação em ensinar língua inglesa. Acaba sendo por parte dos cursos privados de idiomas

que muitas das vezes focalizam suas atenções em ensinar a falar ou escrever a língua, não assumindo uma posição de educador cujo qual possui responsabilidade social.

Entendendo tal problemática, o presente trabalho busca focar seu estudo em analisar discursos de professores de língua inglesa em formação de uma universidade privada do Rio de Janeiro a fim de perceber a ideologia por eles transmitida para que discursos com ideologias excludentes não sejam propagadas e que a formação de professores de língua inglesa seja observada pensando no desenvolvimento de educadores críticos-reflexivos que assim possam transformar suas práticas de sala de aula.

A metodologia de análise dos discursos de professores em formação nesse trabalho será feita a partir da análise crítica do discurso, esquema este que trabalha o discurso em três etapas: texto, prática discursiva e prática social, postuladas por Norman Fairclough. Os ideais construtivistas do educador e filósofo Paulo Freire, além das teorias de Dominique Maingueneau e Teun Van Dijk, linguistas que trabalham questões políticas e também sociais, e Donald Alan Schön com seus ideais críticos-reflexivos, uma vez que a metodologia desse artigo possui um viés de criticidade e interdisciplinaridade que são relacionadas aos trabalhos dos linguistas e pesquisadores citados.

Com o auxílio desse trabalho acredita-se que seja possível a desconstrução de ideologias e hegemonias impostas pela sociedade, objetivando a consciência do professor como ativista político a fim de que ele inicie mudanças em suas práticas discursivas e logo em sua prática social para que eles possam vir a modificar o mundo ao qual pertencem mostrando aos professores de língua inglesa a capacidade de transformação social que o ensino dessa língua estrangeira fornece para nós, quando abordada de uma forma que vai além da gramática, por exemplo.

Tendo como parâmetro os temas transversais (PCN) e a consciência promovida pelos conhecimentos da análise crítica do discurso, juntamente com o fomento e a crença pelas mudanças sociais e econômicas na sociedade, cabe ao educador ser o protagonista inicial no ambiente escolar a transmitir aos alunos que todos são capazes de aprender inglês, assim como são sujeitos hábeis a expor seus ideais ao meio em que vivem, podendo provocar alterações sociais que o privilegiem.

Se isso ocorre, enxerga-se a inclusão social e as ações do educador que geram discussões e debates sobre a real inserção de cidadãos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

menos favorecidos pela sua classe econômica. Senso crítico e reflexivo são questões chaves para trabalhar o empoderamento do professor de língua inglesa, visto que a presença dele em um ambiente escolar, já é um ato político. É preciso entender a força que o discurso de um professor produz na vida daqueles estudantes que não possuem conhecimentos suficientes para filtrar informações negativas ditas pelo responsável de discursos expostos dentro de um forte aparelho ideológico do estado que é a escola.

A fim de contribuir para uma formação de professores de língua inglesa crítico-reflexivos e ativistas e para a realização desse trabalho, foram seguidos as seguintes etapas: produção de uma apostila didática de língua inglesa com auxílio dos temas transversais (PCN) feitas por professores em formação em uma disciplina de cunho crítico-reflexivo de uma universidade privada do RJ, análise das apostilas; compilação de algumas unidades; e análise crítica-reflexiva sobre alguns discursos escritos por professores autores dessas unidades. Foi considerada a presença dos modos de operação criados por Norman Fairclough (2001) ou expressões que dão ênfase de maneira positiva ou negativa a alguma opinião exposta, assim como os conceitos sobre ideologia e hegemonia.

2. *A análise crítica do discurso e sua função social*

A análise crítica do discurso é uma vertente que permite muitas análises em diferentes áreas. Isso, faz com que todo conhecimento adquirido por um linguista, seja aplicado de forma coerente e eficaz em sua pesquisa, de acordo com o tema escolhido.

Referindo-se as questões educacionais, é lógica a abordagem de assuntos políticos, sociais e econômicos, especialmente quando o assunto é as escolas públicas, local de desprestígio e preconceitos sociais, questões essas desenvolvidas durante o passar dos anos, até nos encontrarmos em uma situação na qual o inglês passa a ser visto como uma matéria que não é ensinada/aprendida nas escolas públicas (consideram-se as particulares também). No fim, a língua inglesa torna-se uma disciplina inacessível àqueles que não possuem condições de costear um curso de inglês, por exemplo. Esse assunto, virou algo tão comum, que podemos afirmar que é uma ideia que foi sendo naturalizada no plano mental das pessoas e hoje em dia trata-se como um assunto que parece não ter solução.

A análise crítica do discurso traz meios que ajudam a compreender e a verificar quais motivos causam esses tipos de realidade que tanto prejudicam uns e favorecem outros. Para dar início, os modos de operação apresentados por Norman Fairclough (2001) disponibilizam fundamentos para ser possível a análise de discursos que possam reforçar essa condição estigmatizada, ou, verdade.

Fairclough (2001) defende que a ideologia pode acontecer em/ou cinco modos de operação, sendo eles a legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

A legitimação ocorre pela tentativa de se tentar tornar uma ideologia como algo natural e real, algo que mereça confiança nas relações de poder com a intenção de que tal ideologia pareça ser justa. (FAIRCLOUGH, 2001)

A dissimulação é a ideologia utilizada escondida que, mesmo sendo utilizada para o domínio, é negada, camuflada, para que os que são oprimidos não percebam que estão sendo ludibriados. (FAIRCLOUGH, 2001)

Quando se tenta construir uma ideia de unidade, como se houvesse uma padronização na sociedade fazendo com que todos sejam “iguais”, não havendo discrepância entre as classes e povos, denomina-se tal modo de operação como unificação. (FAIRCLOUGH, 2001)

A fragmentação abordada por Norman Fairclough ocorre quando se fragmentam os grupos que quando realmente unidos e empoderados, acabam por ameaçar a classe dominante.

Finalmente, a reificação é o processo ideológico que apresenta uma situação que é passageira, transitória, como se fosse permanente, normalmente com a intenção de evitar a comoção da classe oprimida (LOPES, 2016, p. 15)

Apoiada nesses fundamentos, a análise crítica do discurso cria mecanismos mais fáceis para extrair características específicas inerentes à ideologia e hegemonia. A ideologia é uma maneira de assegurar o consentimento por meio de lutas de poder levadas a cabo no nível do momento discursivo de práticas sociais. A hegemonia, por sua vez, caracteriza a ideologia, no sentido de que ela serve para estabelecer relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. (RESENDE & RAMALHO, 2006)

As ideologias, visões que são disseminadas através do discurso que são consideradas ilusórias ou enganosas que produzem ou reproduzem desigualdade e males sociais que são abordadas na análise crítica do discurso, visando que por meio dessa metodologia de análise, discursos que sustentam a estrutura hegemônica e que não venham a melhorar a sociedade não sejam propagados pelos atores sociais.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os discursos utilizados pelos professores em formação que futuramente irão atuar nas escolas da rede básica merecem atenção tendo em vista que o discurso deles irá reger suas práticas e consequentemente afetar os alunos, uma vez que segundo Norman Fairclough (2001), os discursos criam imagens mentais nas pessoas que acabam sendo responsáveis pelas atitudes deles. Logo, o discurso dos professores em formação-futuros professores, começa no plano discurso, mas termina no plano prático.

Pensando em todos os aspectos apresentados, a análise crítica do discurso visa trabalhar em prol da luta por mudanças sociais que iniciam linguisticamente, mas que não se limitam as palavras. As mudanças iniciadas no plano discursivo são responsáveis pelas futuras atitudes dos sujeitos sociais e analisá-las permite-nos perceber a concepção das pessoas acerca de uma problemática, para que de forma processual a prática social possa vir a ser modificada.

3. *A análise crítica do discurso e o papel ativista do professor de língua inglesa*

A essência de um educador ativista é primeiramente construída a partir da noção sobre o que é ser um indivíduo crítico e reflexivo com e em relação a sua prática docente como um fato que não tem seu término em uma sala de aula. Não é difícil observar a presença desse fundamento em documentos públicos como nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (BRASIL, 2006) e nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998), nos quais há propostas visando práticas reflexivas por parte dos professores e consequentemente dos alunos:

A informação é necessária para poder concretizar uma atitude de forma eficaz, mas é verdade também que somente a informação não é suficiente para ensinar valores e atitudes. Existem fatores culturais importantes que determinam a impossibilidade de existência de uma relação direta entre informação e mudança de atitudes, é fundamental considerá-los na prática de ensino e aprendizagem de valores. É necessário atentar para as dimensões culturais que envolvem as práticas sociais. As dimensões culturais não devem ser nunca descartadas ou desqualificadas, pois respondem a relevantes padrões de identificação coletiva. Elas são o ponto de partida de debate e da reflexão educacional. (BRASIL, PCN, 1998)

Logo, relacionando o ensino de língua inglesa com esta citação, é possível apontar a importância de uma defesa pelo ensino com o propósito de mudanças de comportamentos por transformações sociais, nas quais

cada indivíduo é responsável pela modificação de sua jornada e do mundo que o cerca. É essencial que os conhecimentos adquiridos na escola sejam ponte para uma nova perspectiva de mundo, no qual indivíduos, antes passivos e sem opinião - por falta de espaço criado na escola para debater e expressar diferentes pontos de vistas - vejam a si mesmos como seres discursivos, confiantes por entenderem o quão necessário são as práticas sociais por eles produzidas, assim como o conceito abaixo reforça:

As dimensões social, funcional, interacional e pragmática incorporadas à noção de língua possibilitam a inclusão da noção de sujeito. Não se trata do sujeito teórico, mas de um sujeito real inserido em situações concretas, com papéis sociais múltiplos e diversificados, sobretudo aqueles pertencentes às sociedades urbanas e industrializadas e em constante processo de adaptação e readaptação. (OLIVEIRA & WILSON, 2011)

A análise crítica do discurso visa entender a linguagem produzida por seres atuantes na sociedade fundamentada na área política e social. Assim, compreende-se não só a linguagem pela linguagem, mas a linguagem e seu efeito entre os seres discursivos. Sobretudo, o foco da análise crítica do discurso ao analisar discursos é encontrar qualquer traço ideológico e hegemônico, o que significa mais claramente abuso de poder. Desconstruir discursos opressores é ação para quebrar relações de dominação e desnaturalizar pensamentos enraizados inconscientemente.

O educador que possui discursos que apresentam uma ideologia inclusiva e que entende o processo de ensino-aprendizagem como dialético e como um fundamental impacto na vida social de seus alunos que deseja ser observado na análise do trabalho e que se deseja observar nos cursos de formação de professores e logo, na sala de aula. Quando se trata de língua inglesa esse educador deve ser consciente (FREIRE, 1997) que o ensinar nas escolas deve ser sim com uma intenção de eficiência de ensino e com amplitude social.

Ensinar língua inglesa em uma escola é assumir um papel político e ideológico, assim como ensinar qualquer outra disciplina; logo, ensinar o idioma apenas (o que já normalmente não acontece de forma efetiva) é fazer o mínimo, e ensinar em sua totalidade é fazer de seus alunos sujeitos críticos-reflexivos que não sejam passivos e assujeitados dentro de uma sociedade que promove alienação e desigualdades.

A concepção crítica-reflexiva assumida por esse trabalho tem seus pressupostos básicos iniciados com Donald Alan Schön (1983) que defende que ser crítico-reflexivo é compreender a totalidade de um proces-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

so, não pensando apenas no momento, na prática, bem como pensar o antes e o depois de uma prática. Relacionado com o presente trabalho, ensinar língua inglesa é compreender todo o processo educacional e seu impacto na vida dos estudantes iniciando uma posição crítica e consciente desde o momento da formação desse educador, como será visto a partir de reflexões de professores de língua inglesa em formação.

4. *Análise dos discursos dos professores de língua inglesa em formação e a desconstrução de hegemonias*

Há diversas metodologias e diferentes linhas de análise crítica de discursos. Foi escolhida para a presente análise uma teoria defendida por Norman Fairclough (2001). Considerando os modos de operação e o Modelo Tridimensional será analisado alguns excertos extraídos de reflexões escritas por professores em formação, dando maior atenção às expressões necessárias para desconstrução de discursos hegemônicos que detêm as classes sociais, impossibilitando a ascensão de cidadãos, além de verbos, advérbios, com forte semântica que influenciam ideologias e hegemonias em salas de aula. Além de considerar os atores sociais e suas identidades, como cada professor enxerga a si mesmo dentro da sociedade em que atua. “O propósito de pesquisa, é de que seus resultados possam ter um retorno social, um caráter de maior 'utilidade pública', justamente por estar voltada para questões relativas ao ensino de língua estrangeira”. (OLIVEIRA; WILSON, 2011)

As reflexões tinham como ideia relatar de forma livre como havia ocorrido o processo de elaboração de um material didático composto com seis unidades, cada uma utilizando um tema transversal proposto pelos PCN, pensado para a rede pública de ensino. O material didático tinha a intenção de tentar colocar em prática conhecimentos e reflexões feitas pelos os professores em formação em uma disciplina de um curso de licenciatura em letras/inglês de uma instituição privada do Rio de Janeiro.

Camila: Excerto (1):

“...sei que *nem sempre esses alunos tem* acesso ou também *interesse...*”

Excerto (1.1):

“Também fiz unidades sobre problemas como anorexia, alimentação saudável, autoestima, coisas que deveriam mexer com o íntimo deles, porque são questões que fazem parte da vida deles”.

Neste trecho a sentença: “*nem sempre esses alunos têm interesse*” chama a atenção pelo fato de expor a responsabilidade do ter interesse

pela matéria para esses alunos, ou seja, os alunos de escola pública, sendo que motivação e interesse englobam vários fatores como classe social e econômica, preparação física e psicológica dos alunos, apoio familiar e conhecimento prévio sobre o assunto.

Desta maneira, vê-se que o professora em formação transfere o dever e desejo de deter conhecimento para o educando. O mesmo é mostrado pelo uso do vocábulo “deveriam”. Pode-se perceber o processo ideológico da dissimulação, uma vez que os discursos tentam tirar o foco do problema central, que é a falta de subsídios para o desenvolvimento dos alunos, transferindo a culpa para o desinteresse dos alunos.

Excerto (1.2):

“Acho necessário eles terem acesso a um conhecimento como esse, porque o mundo está precisando de *peessoas cultas*, éticas e que *tenham conhecimento aprofundado com relação a proposta da paz no mundo*”.

É curioso o modo como os vocábulos foram postos nesta parte da reflexão, pois há o contraste dos termos *acho* e *necessário*, que por sua vez denotam uma contradição no próprio discurso, pois a presença da palavra *achar*, o que demonstra incerteza, contrasta com o *ser necessário* – fato, algo livre de dúvidas. Além disso, encontra-se como primeiro apontamento sobre o que é preciso no mundo, a seguinte expressão: *peessoas cultas*, o que se volta totalmente contra o princípio essencial para a formação de qualquer cidadão: ser crítico-reflexivo antes de tudo.

Pessoas somente cultas não são capazes de agirem conscientemente em sociedade e refletirem criticamente sobre os assuntos aprendidos e seus efeitos no meio em que vivem. De nada adianta ser culto, possuir variados conhecimentos, se a partir de tanta bagagem intelectual, tal pessoa não souber aplicá-la durante o dia a dia. É exatamente essa repetição de ideias hegemônicas que ajudam a postergar a falsa noção de que o aluno não é capaz ou possui habilidades limitadas.

Excerto (2): Luisa:

“O objetivo era *promover a reflexão* sobre esses temas, por isso, cada atividade começava pela *promoção de um debate* tendo como referência imagens e perguntas e/ou frases no início de cada capítulo”.

Reflexão e *debate* são termos felizmente utilizados no trecho reflexivo a cima. É perceptível através da colocação das duas expressões em destaque o conhecimento pragmático exteriorizado pela autora do excerto 2.

Excerto (3): Eduarda:

“Dessa forma, a escola cumpre seu papel não só de ensinar, *mas* também de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

formar cidadãos conscientes de si mesmos e do mundo que os cerca, sabendo lidar com problemas, desafios e oportunidades de forma eficaz e prática. Somente assim, nós professores estaremos *cumprindo nosso papel* e a escola o papel dela. Ajustar o material utilizado em sala à realidade do estudante é não só fundamental como também imperativo”.

Destaca-se neste trecho a expressão *formar cidadão* indicada ao papel da escola e o verbo consequente *cumprindo*, intensificando e afirmando a obrigação do ambiente escolar de inserir os alunos na sociedade em que vivem como fruto de uma educação eficaz.

Excerto (4): Pedro:

“Foi nosso objetivo também tratar as imagens como um discurso próprio, não meramente ilustrativo, mas que *provoca questões* e traz uma narrativa pessoalíssima. A imagem conta uma história, *faz pensar*”.

Complementando o excerto anterior, destacam-se os verbos: *provoca* e *faz*. Ambos designam o modo imperativo e instigante que a escola é encarregada de produzir no educando. *Provocar questões* e *fazer pensar* são questões essenciais na escola do mundo atual em que se vive. Seres pensantes, capazes de debater, criticar e repensar cada teoria a ser posta em ação é a consequência que deve ser esperada pelas instituições educacionais. Pedro mostra-se um ser capaz de realizar um processo de ensino-aprendizagem de forma democrática, valorizando a relação aluno-professor, na qual o primeiro e o segundo são competentes seres reflexivos em coletividade.

Excerto (5): Manuela:

“Fizemos uma apostila com temas que *possivelmente*, os jovens se interessariam e inclusive usamos música da atualidade. Sendo assim, acho que seria possível sim, o uso desse material na rede pública de ensino”.

O destaque extraído da reflexão de Manuela, é o termo *possivelmente*, por seu sentido de imprecisão. Não é seguro desenvolver um material didático sem ter a garantia de que o público-alvo irá ou não se identificar com os temas abordados pela apostila. Se isso ocorre, é incumbência do educador adaptar o que apresentará em sala para obter atenção dos alunos.

Excerto (6): Marcela:

“Quando escrevi esse trabalho *leve* em consideração utilizar pontos gramaticais e a *contextualização* para a melhor compreensão dos mesmos.”

Contextualização é a palavra-chave encontrada nesse fragmento. Com ele, a professora em formação demonstra o interesse e o cuidado em apresentar um material compatível com a realidade dos educandos. Ademais de mostrar que considera a gramática um ponto importante para tra-

balhar em aula, a mesma acrescenta a ideia em relação à ligação entre as diversas áreas possíveis a serem desenvolvidas e produzidas juntamente com os alunos.

5. *Considerações finais*

A pesquisa em cima de alguns discursos de professores de língua inglesa em formação permitiu que fossem analisados e que pudesse ser observada a ideologia transmitida nos discursos deles por meio da análise crítica do discurso. Algumas reflexões apresentaram segmentos textuais a serem desconstruídos e reformulados através de novas considerações a respeito da prática docente-social.

Excertos das reflexões apontam a importância de um ensino global de língua inglesa que entenda o desenvolvimento de ensino-aprendizagem de maneira mais ampla do que apenas fazer com que os alunos aprendam pontos gramaticais ou aprendam a falar o idioma.

Os professores em formação mostram entender a importância de se fazer do ensino de língua inglesa um espaço para reflexão, debate e mudanças sociais para que os alunos sejam sujeitos participantes na sociedade, podendo obter ascensão e inclusão social pelo princípio do ensino escolar, tendo assim motivação e naturalização de seus feitos no mundo.

A prioridade percebida a partir da análise das reflexões é que as relações de poder e discursos opressores não sejam disseminados na escola pelos professores e logo em sociedade. Por conta disso, vê-se a importância de que sejam ofertadas disciplinas no curso de licenciatura que possuam um viés de criticidade e questionamento, para que os professores em formação sejam sujeitos críticos e reflexivos, além de futuramente, professores que estarão em constante processo de construção e desconstrução de seus discursos para que ideologias de dominação não sejam repassadas na sociedade, fazendo assim, com que a hegemonia se sustente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievitch). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio* (conhecimentos de língua inglesa). Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLARES, Virgínia. *Análise crítica do discurso jurídico: os modos de operação da ideologia*. Pernambuco: UNICAP, 2013.

CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

CORREIA, Milton. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2. Escola reflexiva e nova racionalidade. Duas obras distintas sob a ótica docente e acadêmica. Mato Grosso: Revista Avepalavra, 2012.

CRUZ, Daniel Adelino Costa Oliveira da. *A língua inglesa em situação de trabalho: inclusão ou exclusão social? Uma abordagem discursiva da disciplina inglês do projeto de educação à distância*. Telecurso 2000. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2003.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Planejamento da pesquisa qualitativa-teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

_____. A dialética do discurso. *Revista Teias*, v. 11, n 22, p. 225-234, maio/agosto 2011.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

GATTI, Bernadete. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 119, p. 191-204, julho 2003.

GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

IVES, Peter. *Language and Hegemony in Gramsci*. Londres: Pluto Press, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NÓVOA, Antonio. Professor se forma na escola. Entrevista concedida a Paola Gentile. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 142, maio 2001.

PERRENOUD, Philippe. Construir competências é virar as costas aos saberes? *Revista Pátio*, Porto Alegre: ARTMED, ano 03, n. 11, p. 15-19, jan. 2000

OLIVEIRA Mariângela Rios de; WILSON, Victoria. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: ____; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviana. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Política*. Quem manda, por que manda, como manda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SCHÖN, Donald Alan. *The reflective practitioner*. New York: Basic Books, 1983.

SILVA, Arivan Salustiano da. *Travessias ideológicas: um enfoque crítico-analítico no discurso do professor de inglês de escola pública*. Cuiabá: UFMT, 2008.

UNIVERSIDADE Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. *Reorientação curricular língua estrangeira material didático*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

VAN DIJK, Teun. Discourse, power and access. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; COULTHARD, Malcolm. (Eds.). *Texts and Practices*. Londres: Routledge, 1996.

ZEICHNER, Kenneth M. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA
POR MEIO DA OBRA
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA
DE CAROLINA MARIA DE JESUS, LANÇADO EM 1960

Caroline Fernandes (UVA)
carolzinha_094@hotmail.com

RESUMO

Este artigo visa analisar a possibilidade de uma construção identitária por meio da obra de Carolina Maria de Jesus, uma mulher excluída por questões sociais e étnicas. Trata-se de uma narrativa testemunial de cunho autobiográfico e, por isso, há possibilidade de analisar a construção de identidade dessa enunciativa. Para isto, serão utilizados os conceitos de *ethos* discursivo, segundo Aristóteles e de identidade, proposto por Stuart Hall (1987).

Palavras-chaves: Identidade. Discurso. Narrativa.

1. *Introdução*

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, cidade mineira, no dia 14 de março de 1914. Devido às dificuldades de sobrevivência, ela e sua família nunca ficavam por muito tempo em Minas Gerais e por esse mesmo motivo, Carolina Maria de Jesus estudou somente os anos iniciais escolares. A autora faz parte de um grupo muito grande de brasileiros: os marginalizados; aqueles que estão às margens da sociedade, sem as questões básicas necessárias à sobrevivência. Em uma dessas fases de necessidade, Carolina Maria de Jesus acaba mudando-se para a favela de Canindé, em São Paulo e é na metrópole que escreve seu diário.

Apesar de não fazer parte de um grupo seletivo de brasileiros, ela e muitos outros fazem parte de uma população sem voz social. Porém, assim como todos, ela e seus vizinhos da favela de Canindé provêm de identidade. Nesse sentido, o presente estudo procura identificar essa construção identitária por meio do diário publicado: *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, em 1960.

A pesquisa divide-se, para isso, em quatro partes. A primeira é responsável pela revisão bibliográfica, que apresentará uma dissertação sobre as teorias escolhidas para análise como forma de dar base às ideias defendidas pelo tema. A segunda virá com a metodologia que mostrará de que forma essa análise será feita. As seguintes seções – terceira e

quarta partes – trarão análise de dados e conclusão com a união das teorias ao tema. Ressalta-se a pretensão futura para esse melhor desenvolvimento e aprofundamento desse estudo, respectivamente.

Para tanto, dispomos das teorias de identidade, proposta por Stuart Hall e o conceito de *ethos* do discurso de Aristóteles como base substancial a fim de perceber a construção de identidade por meio do discurso. Como *corpus*, será verificada essa construção de identidade a partir das reflexões acerca das narrativas de Carolina Maria de Jesus. Salientamos que há intenções de publicações posteriores e aprofundamento desse trabalho inicial.

2. *Revisão bibliográfica*

A obra referida de Carolina Maria de Jesus enquadra-se em torno do século XX. Século que abrange o momento histórico em que vozes marginalizadas – migrantes e negros – assomavam à cidade de São Paulo. Nos anos de 1960, o mundo literário ainda assumia uma postura machista. A literatura hegemônica era masculina e branca, apresentando como característica a inacessibilidade até mesmo para as mulheres "bem-nascidas". Portanto, não é de se espantar o fato de que Carolina Maria de Jesus se encontrasse na contramão para ascender no meio da escrita.

Aliás, motivos para que Carolina Maria de Jesus não ascendesse ao mundo da escrita era o que não faltava: preta, favelada, mulher e pobre. Assim como seus vizinhos²⁹, ela sofria todos os dias por essas quatro características que eram suas. Além de não se encaixar no padrão que a sociedade impunha, Carolina Maria de Jesus também não atendia às expectativas da norma culta da língua portuguesa. Para Stuart Hall (1987), identidade está inserida no processo de representação e as relações espaço-tempo são responsáveis por isso. Ou seja, o indivíduo é formado pelas trocas e relações interpessoais. Em seu diário, Carolina Maria de Jesus retrata não só a sua vida e a de seus três filhos – João Carlos de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus, todos abandonados pelos três diferentes pais – mas também de seus vizinhos. Há, através do discurso, a representação de si e apresentação de outrem. "Como 'aguentar' quando a vida nos submete a uma prova terrível? Como transformar o "foro íntimo" em campo de defesa onde recuperamos a energia e buscamos forças? O diário pode trazer coragem e apoio. (...)" (LEJEUNE, 2008, p.

²⁹ Carolina Maria de Jesus produziu narrativas sobre sua vida e de seus vizinhos.

263)

É possível inferir, através das situações descritas por Carolina Maria de Jesus junto à teoria de Philippe Lejeune, que a escrita foi um meio de evasão à realidade que ela encontrou para si e, de alguma forma, para aqueles que sentiam e viviam com ela as mazelas de serem um povo à margem da sociedade.

Para a construção identitária da narradora, é especialmente importante o estudo sobre a noção de *ethos*, que surge na Grécia com Aristóteles, em Roma com Quintiliano e Cícero, com perspectivas diferentes. Utilizaremos a retórica grega de Aristóteles que, segundo Palmira Virginia Bahia Heine (2007, p. 41), tem a ideia de que "o *ethos* se refere a textos orais e escritos, em que os enunciadores fornecem uma imagem de si através do discurso". Ou seja, na perspectiva da análise do discurso, sabe-se que todo discurso tem a subjetividade do enunciador, sua imagem.

Carolina Maria de Jesus, ao escrever seu diário, criou uma imagem de si. Nesse sentido, afirmar que os indivíduos que discursam criam uma imagem de si, significa dizer também o contrário: o discurso mesmo carrega as marcas do enunciador e do coenunciador. A autora Carolina Maria de Jesus encaixa-se aqui à marca enunciativa e seus vizinhos - por mais que não quisessem - assumem postura de coenunciadores. O *ethos*, então, marca o jeito individual do ser social. Ou seja: a identidade discursiva do enunciador.

3. Aspectos metodológicos

O presente artigo consiste na análise de construção identitária através do diário escrito por Carolina Maria de Jesus. O *corpus* é o próprio diário, escrito em 1960 e publicado com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, numa visita sua casual à favela de Canindé.

De acordo com os preceitos de Philippe Lejeune (2008), a base do diário é a data e o primeiro gesto do diarista é fazê-la acima daquilo que vai escrever. Sem acesso nenhum a qualquer estudo sobre gêneros textuais, Carolina Maria de Jesus o fazia sem saber. Por tratar-se de um diário, ele se enquadra na literatura testimonial e carrega um discurso bastante subjetivo da autora.

A partir das teorias mencionadas de Stuart Hall e Aristóteles, será analisada a construção de identidade através de um diário, levando-as em

consideração e sabendo também que em todo discurso há uma marca do “eu” enunciadador, interagente.

A presente pesquisa procura demonstrar essa construção de maneira inicial e, posteriormente, em outros estudos, demonstrar o contexto histórico em que a obra está inserida, fragmentos do diário que se apliquem ao tema e uma conclusão mais profunda sobre essas ideias iniciais apresentadas.

4. Análise de dados

Stuart Hall (1987) infere em seus estudos que a identidade é a representação do indivíduo. E, para ele, essa representação existe por conta das relações interpessoais. Ou seja, o que ele viu, viveu, compartilha e exterioriza.

A presente pesquisa trata-se de uma análise discursiva de Carolina Maria de Jesus em seu diário e é necessário, por isso, limitarmos a esse âmbito, por mais que a teoria de identidade possa ser discutida em diversos outros. Para tanto, a noção de *ethos* (inicialmente proposta por Aristóteles), para Palmira Virginia Bahia Heine (2007), é a de que o enunciadador traz no seu texto uma imagem de si, por mais imparcial que ele procure ser. Assim como o indivíduo demonstra sua subjetividade em seus discursos, os discursos também trazem consigo a subjetividade daquele que o disse, numa maneira personificada de comparação. No caso da referida análise, a subjetividade de Carolina Maria de Jesus é analisada a partir do que ela escreveu.

Em 1960, com os estudos culturais, formados nos princípios da crítica formal-psicologista de I. A. Richards, os expoentes da Escola de Birmingham, egressos das classes operárias, segundo Maria da Glória Bordini (2006), foi possível que pessoas como Carolina Maria de Jesus pudessem incluir-se como um “eu” enunciadador, de fato. Anterior a esse momento, os estudos canônicos eram os mais valorizados e exclusivamente considerados como textos literários.

Segundo Stuart Hall (1987), o conceito que permeia essa questão da consideração de existência das pessoas que moram na favela na atualidade pode ser entendido como um declínio das velhas identidades que outrora estabilizavam o mundo social. A chamada “crise de identidade” vem justamente desse deslocamento de visões centrais da sociedade moderna.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Assim como a narradora supracitada, há outros incontáveis brasileiros que vivem até os dias de hoje sem o acesso à leitura e à escrita. Carolina Maria de Jesus foge à regra quando persiste na leitura como maneira de válvula de escape para as mazelas vividas diariamente. Há fragmentos do diário em que a autora conta suas moedas obtidas pelos papéis que catou e vendeu e decide entre almoço ou janta para ela e mais três crianças, que eram seus filhos.

Carolina Maria de Jesus só pôde estudar os anos iniciais escolares. Para sua sobrevivência, a escritora optou por trabalhar como empregada doméstica. Ela utilizava os livros encontrados nas casas dos seus patrões para estudar e aprendeu a ler de maneira autodidata, uma vez que apenas dois anos escolares cursados não a fariam aprender a ler e escrever de maneira efetiva. Essa atividade de leitura, por via de livros das casas em que trabalhava, foi interrompida por sua gravidez - a primeira em 1948- e foi necessário que a poetisa passasse a morar em cortiços. Nesse momento, tornou-se catadora de papel e esse era o único meio que ela tinha de sustentar-se. Foi, então, nesse espaço, que começou a registrar seu realismo social por meio de um diário.

A “crise de identidade”, assim intitulada por Stuart Hall (1987), fez com que – poucos – autores como Carolina Maria de Jesus ascendessem ao meio da escrita. Anteriormente aos estudos culturais, não era possível ler sobre a literatura marginalizada. Mesmo após a ajuda de Audálio Dantas, repórter da *Folha de São Paulo* (1954), com a publicação do diário, Carolina Maria de Jesus sofreu diversos preconceitos pelos outros escritores por escrever fora da norma culta da língua. Sofreu também no seu próprio meio: os seus vizinhos da favela de Canindé a ofendiam por ela ser a única que sabia ler, escrever e por isso, pôde sair diversas vezes da favela e ir a encontros literários e reuniões para publicações, por exemplo. A escrita, que era seu grande anseio, também a fazia sofrer.

Unindo as teorias de Aristóteles com a noção de *ethos* discursivo e a teoria de identidade de Stuart Hall (1987), é possível inferir que através do discurso, é possível que seja construída uma identidade, que necessariamente carrega suas características subjetivas. O diário de Carolina Maria de Jesus traz um discurso que faz possível a análise da observação da identidade de uma mulher excluída por questões sociais e étnicas.

Carolina Maria de Jesus, no seu dizer, afirma que não existe nada pior na vida do que a própria vida. Há diversos fragmentos que comprovam esse pensar da autora:

Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível só ter ar no estomago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando nasci o destino marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. Ia catando tudo que encontrava. (JESUS, 1960 [s/p.])

Carolina Maria de Jesus muito entende de miséria. E, como por muito tempo, muitos ficaram sem falar e exteriorizar essas mazelas vividas por inúmeras razões, ela resolve contar. Durante seu cotidiano de catadora de papéis, ela achou um caderno com folhas em branco e foi então, nesse momento, que a escritora começa a mostrar-se para o mundo através da escrita. Essa escrita foi um poder que ela mesma ensinou a si e pôde lograr de momentos que talvez nunca acontecessem se não fosse por esse acesso à leitura e à escrita.

Por vezes, Carolina Maria de Jesus utilizava-se de uma linguagem que não é comum às pessoas que têm esse pouco acesso à leitura e educação. Há partes que se pode perceber a sensibilidade da autora através de seu discurso. A teoria de *ethos* traz a ideia de que todo discurso está diretamente ligado à subjetividade do indivíduo que o escreve. Existem trechos que nos possibilitam inferir, então que, Carolina Maria de Jesus, mesmo com uma rotina que poucas vezes lhe desse motivos para sorrisos, mantinha sua sensibilidade – até nos momentos simples rotineiros – e os registrava em seu diário:

20 de julho

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam lá. Enchi minha lata e zarpei.

23 de maio

Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. (JESUS, 1960, p. 94-43).

A questão da construção de identidade, segundo a teoria de Stuart Hall (1987), faz com que essa análise seja possível. Depreende-se, através desse referencial teórico, que o discurso traz as características pessoais do seu enunciador. Portanto, unem-se as teorias de Aristóteles e Stuart Hall a fim de desenvolver uma possível análise sobre a construção dessa identidade através da escrita. Pode-se perceber, como objeto de verificação, elementos do diário que demonstram o uso da fala de Carolina Maria de Jesus como observação para a identidade da autora em sua escrita:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

1 de junho

Eu nada tenho dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar seu sonho. Mas ela formou meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e fracos. É por isso que tenho dó dos favelados. (JESUS, 1960, p. 49)

Nesse estudo, importa desvelar a narrativa de Carolina Maria de Jesus e o seu papel discursivo, levando-se em conta os aspectos situacionais de produção. Em outras palavras, não há interesse em analisar a Carolina Maria de Jesus, em si. Mas sim, analisar a escrita da autora como maneira dela mostrar-se ao mundo e despertar-se de uma postura imposta de silenciada, por tratar-se de uma literatura considerada marginalizada.

5. *Considerações finais*

Carolina Maria de Jesus e a sociedade tida como à margem fazem parte de um grupo grande de pessoas. O que poderia ser visto já como história ou memória do período colonial permanece vivo até hoje.

As mulheres negras sofreram e sofrem até hodiernamente pela pouca acessibilidade à voz. Tendo sempre que atender às expectativas enquanto mulher e isso diz respeito à ideia de que mulher, para assim ser considerada, deve ter filhos, casar-se e o mais importante: ter essa figura masculina em casa. Essa consideração se faz necessária para situarmos na complexidade da capacidade de Carolina Maria de Jesus pôr-se, enfim, como uma escritora. Além de não atender às demandas literárias em relação à norma culta, ela também não se encaixava aos padrões impostos pela sociedade, pois era catadora de papéis, mulher, negra, moradora de favela e mãe solteira de três filhos.

Carolina Maria de Jesus faz parte de um contingente de mulheres que, como citado anteriormente, não tem acesso à sua própria voz para o mundo. Por viver e saber disso, a supracitada autora escolhe a escrita como meio de ascensão e aparecimento a um mundo que parecia ignorá-la. Em alguns fragmentos de seu diário, Carolina Maria de Jesus menciona fatos como o suicídio de um vizinho que não pôde aguentar mais com os desprazeres que ela e ele viviam cotidianamente. Há momentos em que Carolina Maria de Jesus pensa em desistir de seu diário, mas ainda assim, persiste. Tanto na vida, quanto na escrita:

29 de abril

Hoje eu estou disposta. O que me entristece é o suicídio do senhor Tomás. Coitado. Suicidou-se porque cansou de sofrer com o custo da vida.

Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome.

Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. (JESUS, 1960. p. 154)

Todavia, mesmo com essas contradições e condições sub-humanas de vida, Carolina Maria de Jesus é um ser provido de identidade. Assim como todo indivíduo. Para Stuart Hall (1987) a construção de identidade se dá pela representação desse indivíduo para o mundo. A problemática responsável pelo desenvolvimento desse estudo se dá pelas contradições encontradas por Carolina Maria de Jesus ao representar-se para esse mundo.

Essas contradições são, justamente, as dificuldades que a catadora de papéis encontrava no seu dia a dia. Por todo diário, não há um momento de equilíbrio e pode-se perceber a força e determinação para com sua vida pela resistência e persistência:

27 de julho

Levantei de manhã e fui buscar água. Discuti com o espôso da Sílvia porque ele não queria deixar eu encher minhas latas. Não tinha dinheiro em casa. Esquentei comida ardomecida e dei aos meninos.

14 de junho

...Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapada e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos.

34 de julho

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome.

25 de julho

Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel.

Carolina Maria de Jesus escreve o referido diário utilizando-se de primeiras pessoas em todas as suas páginas e conta, de maneira narrativa, experiências subjetivas. De acordo com a teoria de *ethos* de Aristóteles, todo discurso carrega em si um aspecto do seu enunciador. Há, no texto de Carolina Maria de Jesus analisado, referências a essa escrita subjetiva pelos aspectos ressaltados. Pode-se inferir, então, junto às análises teóricas de Aristóteles e Stuart Hall (1987), que há no texto de Carolina Maria de Jesus, no uso de seu “eu” enunciador, uma manifestação que busca a construção de sua identidade, a fim de fazê-la conhecida no mundo. Além de construir sua identidade para o mundo, a autora afirma ver – através da escrita – uma maneira de escape à realidade vivida. Com sua

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

obra publicada, pôde mostrar-se ao mundo e ter sua identidade conhecida por outras pessoas:

11 de maio

Levantei e fui carregar agua. Troquei os filhos, êles foram para a escola. Eu não queria sair, estou com pouco dinheiro. Precisei sair. Quando circulava pelas ruas o povo abordava-me para dizer que havia me visto no *O Cruzeiro*. (JESUS, 1960. p. 164)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINE, Palmira Virginia Bahia. *O ethos e a intimidade regulada: especificidades da construção do ethos no processo de revelação da intimidade nos blogs pessoais*. 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11008/1/Palmira%20Virginia%20Bahia%20Heine.pdf>.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: PUCRS, 2006, p. 89-103.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. Editora Contexto, 2008.

**ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO:
O USO DE MARCADORES TEMPORAIS
EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO**

Heliud Luis Maia Moura (UFOPA)
heliudlmm@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os marcadores temporais constitutivos dos processos de referenciação em narrativas afiliadas ao lendário amazônico. A referenciação tem ocupado lugar privilegiado nos estudos da linguagem, especificamente no âmbito dos estudos da cognição, aqui tomada como um conjunto de fundamentos epistemológicos alicerçados na ideia de que as construções simbólicas (incluindo-se aí a linguagem verbal) são produtos de interações e formações social e culturalmente situadas, tributárias de processos históricos. É válido postular que as atividades referenciais envolvem processos sociocognitivos baseados em estruturas de conhecimento atreladas às experiências sociointerativas dos sujeitos, resultantes dos contextos em que tais sujeitos transitam e estão inseridos. Para as análises aqui realizadas, tomo como referencial as postulações de Émile Benveniste (2006), Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2006) e José Luiz Fiorin (2002). Marcadores temporais entram como elementos discursivos estruturantes das atividades textuais. Se isto acontece em textos dissertativos ou similares, pode constituir-se como um dos recursos principais de construção de textos narrativos, nos quais os fatores temporais têm a incumbência de contextualizar fatos e eventos, além de pontualizarem a presença do locutor no que se refere à forma de localização temporal da atividade discursiva, de maneira que o leitor/ouvinte/interpretante possa compartilhar(de)/compreender o (trans)curso lógico-temporal, consoante princípios de aceitabilidade, através do que o produtor consegue dar sentido ao texto, “retirando-o da abstração” e imprimindo-lhe uma referência locativa relacionada com a dinâmica do mundo biossocial. Análise dezessete narrativas referentes a quatro temáticas, concernentes às entidades Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira. Diante dos fenômenos observados, pude constatar que as atividades referenciais encontram formas específicas de se realizar nos textos narrativos sob investigação, nos quais os marcadores temporais atuam como elementos imprescindíveis à construção das atividades sociodiscursivas.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar a função dos marcadores temporais enquanto elementos contextualizadores das atividades referenciais constitutivas de narrativas afiliadas ao lendário amazônico. Essas narrativas dizem respeito a 4 (quatro) personagens: Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira e fazem parte de um total de 17 (dezessete) histórias, escritas por Walcyr Monteiro, contidas na *Revista Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os marcadores temporais em estudo são do tipo de referenciadores que operam no sentido de demarcar as ações, situações e eventos integrantes da atividade de construção dos textos relativos às entidades mencionadas. Por esse âmbito, a ação de temporalizar se presta, de acordo com os princípios de aceitabilidade e relevância, à construção do sentido pretendido pelo locutor textual. Por outro lado, essa temporalização retira o texto de uma espécie de “abstração”, para conceder-lhe uma configuração adequada aos objetivos intencionados pela ação verbal.

As análises realizadas objetivam apontar algumas propriedades textuais e discursivas desses marcadores, pois são constitutivos da cadeia semântica do texto, assim como atuam como encadeadores coesivos de fatos e eventos, contribuindo para a progressão referencial e temática conduzida pelo produtor em ações verbais específicas, como é o caso das ações aqui estudadas.

2. *Pressupostos teóricos*

Enquanto procedimento sociocognitivo e discursivo, a referenciação também pode abranger processos referenciais relativos à marcação temporal. Marcadores temporais podem, portanto, entrar como um dos elementos discursivos estruturantes das atividades textuais. Se isto acontece em textos dissertativos ou similares, pode constituir-se como um dos recursos principais de construção de textos narrativos, nos quais os fatores temporais têm a incumbência de contextualizar fatos e eventos, além de pontualizarem de maneira mais assertiva a presença do locutor no que se refere à forma de localização temporal da atividade discursiva que está sendo mobilizada, de maneira que o leitor/ouvinte/interpretante também possa compartilhar(de)/compreender o (trans)curso lógico-temporal, consoante princípios de aceitabilidade, através do que o produtor consegue dar sentido ao texto, “retirando-o da abstração” e imprimindo-lhe uma referência locativa relacionada com a dinâmica do mundo biossocial.

Diante do exposto, é possível defender que, em se tratando de processos referenciais, os marcadores temporais podem funcionar como encadeadores coesivos de fatos, concorrendo, portanto, para a progressão referencial e temática do texto. Nesse sentido, do ponto de vista do locutor, esses marcadores apontam para uma relação entre o que Émile Benveniste (2006) chama de tempo crônico e tempo linguístico, segundo o autor:

Em relação ao tempo crônico, o que se pode dizer do *tempo linguístico*? Para falar deste terceiro nível do tempo, é necessário estabelecer novamente as distinções e separar coisas diferentes, mesmo ou sobretudo se não se pode evitar chamá-las pelo mesmo nome. Uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua. É pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico.

O que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso. (BENVENISTE, 2006, p. 74)

Em termos de textos narrativos falados ou escritos, a marcação temporal tem como característica o fato de instanciar o discurso em nível de uma cronologia interna, a qual se estrutura considerando-se não somente elementos do cotexto, mas também a partir da relação destes com o contexto em que a narrativa está circunscrita, tendo em conta também a forma como o produtor/narrador/locutor gerencia o conjunto de fatos, eventos e situações requeridos pela ação discursiva e como os personagens/entidades transitam ou se locomovem no curso desta ação. Por esse ângulo, os marcadores temporais não só estruturam coesivamente/discursivamente o texto, mas também lhe dão uma configuração referencial coadunada simbolicamente com os fatos do mundo extralinguístico ou cultural, no caso, fatos relacionados ao mundo biossociocultural em que narrativas afiliadas ao lendário são veiculadas ou produzidas.

Segundo Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2006), articuladores como os temporais podem estabelecer relação entre elementos do conteúdo, situando os estados de coisas de que o enunciado faz referência no tempo, assim como estabelecer entre eles conexões de natureza lógico-semântica.

Em nível de estrutura referencial, esses marcadores conectam seqüências temáticas e textuais importantes para a construção da arquitetura do texto, ordenam o fluxo informacional e concorrem para a identificação da atividade discursiva, enquanto regida por uma “cronologia” coerente interna em termos de ações e eventos, exigida pela natureza da atividade interacional.

Quanto à marcação espacial, no que trata dos lugares onde fatos e eventos ocorrem nos textos, expressa-se tanto em remissão ao cotexto, para fora deste, como também concomitantemente para os dois. Esse tipo de referência locativo-espacial trata de instruções remissivas por meio das quais o locutor situa mostrativamente fatos e personagens no discurso. Tanto quanto os marcadores temporais, os espaciais também situam

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

os estados de coisas, eventos e personagens em relação a determinados co(n)textos. Nesse sentido, o locutor pode fazer uma remissão anafórica utilizando-se de elementos adverbiais do tipo *lá*, *ali* e *aqui*, os quais ativam sequências ou expressões locativas nominais definidas colocadas antes ou depois na estrutura textual.

José Luiz Fiorin (2002) ao falar dos adjetivos espaciais afirma que os dêiticos espaciais fazem diversos recortes do espaço tópico. O que nos leva dizer *X está aqui*, *lá adiante*. *Aqui* refere-se a um lugar idêntico, como na sala, e *lá*, um lugar diferente, como, por exemplo, na outra extremidade da sala. Para o autor, o espaço linguístico não é pluridimensional, já o tópico sim.

Podemos acrescentar que, em termos textuais, os localizadores espaciais têm a propriedade de manifestar uma espécie de domínio do locutor/produzidor no que concerne à distribuição adequada do espaço linguístico e enunciativo, por meio do qual personagens e fatos se organizam na atividade textual e discursiva, de modo a se ter uma perspectiva coerente e aceitável não só da organização interna do próprio texto, mas também dos fatores semânticos, pragmáticos e sociodiscursivos que levam a essa estruturação.

Considerando as funções textual-discursivas dos adjetivos espaciais, vejamos ainda que nos propõe José Luiz Fiorin:

Os adjetivos espaciais, assim como os demonstrativos, têm duas funções distintas: uma de designar ou mostrar (dêitica) e uma de lembrar (anafórica). A primeira função serve para singularizar os seres a que nos referimos e para situá-los, no caso da dêixis espacial, no espaço. A função anafórica, por seu lado, ao retomar (relembrar) o que fora dito, é um dos mecanismos de coesão textual. Ao lado dessa, há também a função catafórica, ou seja, de anunciar o que vai ser dito. Todas essas funções são faces de um mesmo papel desempenhado pelos demonstrativos e pelos adjetivos espaciais: designar seres singulares que estão presentes para os actantes da enunciação, seja na cena enunciativa, seja no contexto. (FIORIN, 2002, p. 78-79)

E possível então postular-se que os operadores ou marcadores espaciais têm uma função coesivo-sequencial importante na estruturação, por exemplo, de textos narrativos falados e escritos, para o que convergem operações linguísticas ligadas à inserção do sujeito/locutor na tarefa de construção do espaço sociodiscursivo que, sendo tópico e linguístico ao mesmo tempo, constitui uma forma de contextualização da atividade enunciativa.

Com base nos itens discutidos nesta seção, proponho que a ação de referenciar constitui-se como eclética e detentora de diferentes estratégias, mas que têm em comum elementos de interseção e/ou confluência no que tange à construção de referentes/objetos associados a práticas textual-discursivas específicas, nas quais estão (re)construídos objetos culturais e simbólicos caracterizantes das atividades sociais de comunidades em que circulam e são consumidos esses textos.

3. *Análise de dados*

Abordo, neste trabalho, o funcionamento de marcadores temporais, quando do processo narrativo posto em andamento nas histórias sob análise. Esses marcadores ou expressões exercem um tipo de balizamento no que tange à referência temporal exigida pela ação narrativa em delineamento. Assim, como essa ação narrativa não é descontextualizada em relação aos fatos que são construídos, ela então precisa de elementos que estabeleçam a referência temporal, a localização no tempo, a partir do que o enredo da história se estrutura e tem sentido.

Os marcadores temporais em questão têm a propriedade de “situar os estados de coisas de que o enunciado fala [...] no tempo” (Cf. KOCH, 2006, p. 133), sendo considerados articuladores de conteúdo proposicional. Nesse sentido, possuem a função discursiva de demarcar eventos e fatos em termos de logicidade e coerência semântico-cronológica, tornando o processo narrativo um fenômeno contextualizado e específico.

Observem-se os excertos 1, 2 e 3, que corroboram o uso desses marcadores temporais:

1.

[...] *Um dia*, acompanhado de amigos, pegou o barco e foi a uma festa. Benevenuto ia falando que não acreditava nas histórias que contavam. E falou de novo:

– Eu até queria ver uma encantada destas... Mas que fosse muito bonita...

Foram pra festa e dançaram, dançaram, dançaram... Quando terminou, Benevenuto separou-se dos demais e dirigiu-se para o barco sozinho. Ao se aproximar, viu aquela linda mulher, loura e muito bem feita de corpo, que se insinuou. Benevenuto era mulherengo, mas *desta vez* ficou receoso. E a mulher foi se jogando pra cima dele. Benevenuto de repente desconfiou e pensou nas coisas que havia falado e nos desafios que tinha feito.

“– Pois eu queria que me aparecesse uma encantada destas. Mas que fosse uma mulher muito bonita...”

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

E ali estava. Benevenuto ficou com medo, muito medo. Ele, Benevenuto, mulhengo e com medo de mulher. Podia um negócio deste? Mas estava. A mulher avançando, ele recuando, até que ela tentou agarrá-lo... Benevenuto sempre usava um pequeno facão no fundo do barco e que *naquele instante* estava em suas mãos. Com o medo que estava, não pensou duas vezes: passou o facão na cintura da mulher, que caiu na beira da praia, próximo ao barco, morta...!

Benevenuto saiu correndo dali. Contou para os outros o que tinha acontecido. Mas só voltaram lá *no dia seguinte*. E o que viram? Na praia, no local mencionado em que Benevenuto disse que matara a mulher, estava um corpo morto, sim! Só que não era da mulher loura: era de uma Bôta, cortada bem no meio, à altura daquilo que seria a cintura de uma mulher...

Daquele dia em diante, concluiu Brígida, nunca mais meu avô Benevenuto duvidou das histórias de Botos, Bôtas e outros encantados da Amazônia... (MONTEIRO, 2000, p. 19-20).

2.

[...] E o velho João começou sua narrativa.

– Olhe, moço, já fazem uns tantos anos... Foi logo que me casei com a Mundica. Ela era uma cabocla nova, bonita e bem feita de corpo. Nós tinha casado e estava vivendo no meu barraco na beira do rio... Vida de pobre, sabe como é, né? Não se vivia com riqueza, mas o de comê nunca faltou... E a gente se gostava de verdade e ia levando a vida feliz... *Um dia*... - a fisionomia do caboclo foi ficando cerrada - *um dia*, seu moço, vi minha Mundica meio arredia, como quem tá escondendo alguma coisa... Fiquei desconfiado, mas não disse nada, fiquei só observando o jeito dela. Notava que Mundica não era a mesma e chamei ela pr'uma conversa séria... Que que tá havendo, mulher? Por que tu anda desse jeito? Tu não é mais a mesma... Primeiro ela ficou calada, depois, choramingando, foi que Mundica falou:

– Sabe? É um homem! Um desgraçado que vive rondando nossa casa de noite... Tu ainda não visse, não?

– Não, não vi nada não. E por que tu não me disseste logo? Quem é esse filho duma égua?

– Eu não sei, meu filho, juro que não sei... Quando tu sai à noite que vai pescar, eu fecho toda casa, e ele fica rondando, rondando...

– Ah! se eu pego este filho duma vaca! Ele só vem à noite e quando saio?

– É isto mesmo, meu filho...!

E seu João continuou: - Não disse nada. Na minha cabeça - me perdoem vocês, me perdoe Deus - só vinha vontade de matar. E eu ficava pensando quem poderia ser que tava querendo dar em cima da minha mulher... *No dia seguinte* anunciei bem cedo que ia pra pesca. E saí mesmo.

À medida que ia falando, seu João, como se estivesse muito aborrecido, ia franzindo cada vez mais a testa e o cenho. Procurou se acalmar. *Depois continuou.*

– Peguei minha montaria e desci o rio para um lugar em que costumava pescar. Fiquei por lá algumas horas. Depois, embiquei a montaria numa clareira e por terra fui para minha casa, *já de noite*. O meu barraco, como já disse, era na beira, ficando a frente bem em cima do rio. Os fundos dela é que ficavam em terra. Fui chegando de mansinho, bem devagarinho. E no que olho, o que vejo? Lá tava o dito cujo tentando entrar em meu barraco, forçando portas e janelas. Não tive dúvidas... Peguei o arpão que levava comigo e com a força da raiva qu'eu tava arpoei o filho duma vaca... E fui pra cima dele já com a faca na mão... Ele não deu um gemido. Emitiu um som esquisito. E correu pra frente da casa e... tchibum, se jogou n'água... confesso que não entendi... isto tudo foi muito rápido, foi tudo muito de repente... não ouvi barulho de nada... tinha certeza que tinha acertado o filho duma égua... mas não ouvi mais nada. Bati. Mundica abriu a porta. Eu disse só “arpoei o safado que tava rondando o barraco”. E fui dormir. Pessoal, vocês nem querem saber...

Todo mundo estava silencioso, concentrado em seu João para ouvir o fim da história. Ele continuou.

– *No dia seguinte*, acordei pensando. Será que matei o cara? Ou será que só feri? Mas, neste caso, eu não vi ele sair nadando... Quando chego na porta da frente da casa, o que vejo na beira?

Ninguém nem respirava. Seu João fez suspense, olhando para cada um dos que estavam no bar ouvindo a história. E concluiu.

Era um Boto. Um enorme de um Boto, morto, bem defronte de meu barraco, com meu arpão enterrado bem no meio do corpo. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 8-10).

3.

[...] Lá veio novamente a Cobra da mesma direção que das vezes anteriores. Abraçado ao esteio com o braço esquerdo, esperou que ela passasse. Desta vez a Cobra vinha rente ao trapiche e aí conseguiu segurar no talo da rosa. Quase que é arrastado pela Cobra, mas, como estava bem seguro, aguentou firme e ficou com a rosa na mão. A Cobra continuou subindo o rio até desaparecer...

Marujo ficou uns instantes ali, ainda abraçado ao esteio e olhando a rosa que tinha na mão. Era muito bonita e cheirosa!

Depois subiu ao trapiche e ficou esperando a moça. Nada. Continuou esperando e ninguém aparecia.

– Mas, sim senhor, cadê a moça? - pensou - Será que ela não vem?

Olhava pro rio esperando que ela aparecesse numa canoa ou montaria. E nem sombra da moça...! Começou a olhar em todas as direções, pra cima, pra

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

baixo, pros lados, voltou a olhar pro rio e... nada! Resolveu dar um tempo. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 28).

O excerto 1 contém, logo no início, o marcador temporal "um dia" que, como em muitas das histórias ou contos ficcionais clássicos e infantis, inicia e/ou conduz o processo narrativo. Este mesmo operador vem novamente usado no excerto 2, mais precisamente na sequência: "um dia, seu moço, vi minha Mundica meio arredia, como quem tá escondendo alguma coisa...", tendo no corpus uma variante, a forma "lá um dia", expressa em sequências como esta: "E lá um dia... não demorou muito... quando menos esperavam, eis que uma cobra, tal como o pajé dissera, aparece para a madrinha do menino, bem no meio da sala".

Portanto, o que quero dizer é que marcadores como "um dia" e suas variações também compõem os elementos de temporalidade integrantes das narrativas estudadas, estabelecendo um esquema de articulação acerca do modo como o tempo situa os eventos descritos nas histórias que estão sendo contadas.

No mesmo excerto, temos os operadores *desta vez*; *naquele instante*; *no dia seguinte*; *daquele dia em diante*; que embora tenham uma função mais ou menos similar, é o operador *no dia seguinte* que se apresenta como mais recorrente no *corpus*, tendo, só no excerto 2, duas ocorrências, referendando-se o seu papel importante no que concerne ao estabelecimento de relações temporais em narrativas como as de Boto, nas quais foi encontrado com mais frequência. Acrescente-se que, como marcador de relação temporal, tem, nas citadas narrativas, a função discursiva de apontar para, anunciar ou preparar um fato que se apresenta como importante ou crucial para o processo narrativo. É o que acontece, por exemplo, em sequências como: "Contou para os outros o que tinha acontecido. Mas só voltaram lá no dia seguinte. E o que viram? Na praia, no local mencionado em que Benevenuto disse que matara a mulher, estava um corpo morto..." Logo, enquanto elemento de marcação temporal tem também uma propriedade central na caracterização dos fatos e eventos e na construção da progressão temática do texto.

Um outro marcador temporal digno de nota é o *depois*, que também se manifestou usual e recursivo nas narrativas em análise, tendo algumas variações em sua construção, conforme podemos observar nos excertos 2, 3, 4 e 5. No caso do 2, esse marcador vem expresso pela variante *depois continuou*, com uma função propriamente de progressão textual e também metadiscursiva. Nesse mesmo excerto, logo mais à frente, temos o *depois* em sua forma simples, o qual, um tanto diferente da varian-

te anterior, serve à articulação do conteúdo proposicional e marca a relação temporal necessária à narrativa colocada em andamento, como podemos observar na sequência: "Depois, embiquei a montaria numa clareira e por terra fui para minha casa, já de noite". Por conseguinte, conforme observado, esse operador atua como um tipo de contextualizador do conteúdo narrativo que vem logo a seguir à sua inserção, delimitando também temporalmente a sequência narrativa posterior em relação à anterior dentro da estrutura textual. Este é um procedimento que ocorre, por exemplo, no excerto 3, no qual o operador em questão introduz um novo (sub)tópico, provocando um rompimento com o (sub)tópico antecedente. Vejam-se as sequências:

Marujo ficou uns instantes ali, ainda abraçado ao esteio e olhando a rosa que tinha na mão. Era muito bonita e cheirosa!

Depois subiu ao trapiche e ficou esperando a moça. Nada. Continuou esperando e ninguém aparecia. (MONTEIRO, 2000, p. 28).

Olhando o exemplo, observemos que o marcador insere novas ações narrativas, dando instruções ao leitor acerca da mediação temporal requerida pelas mesmas, tornando-as localizáveis do ponto de vista factual/eventual.

Vejam-se os excertos 4 e 5:

4.

Início da década de setenta.

Em Melgaço, *depois de jogar uma pelada*. Severino Araújo, de 10 anos, e dois colegas resolveram tomar banho no rio, indo para o antigo trapiche de açazeiro, bem diferente do trapiche atual.

Quem vai contando a história é Maria Telma Araújo Dias, estudante, residente na cidade de Melgaço e sobrinha de Severino.

Eram seis da tarde. Os três tomavam banho alegremente, até que Severino deu um mergulho e não voltou mais. Os outros dois, pensando que ele estava brincando e tinha se escondido nos barrancos, *depois de chamarem bastante e esperarem um bocadinho*, foram embora.

Às sete horas, a avó de Telma, portanto, a mãe de Severino, resolveu ir atrás e foi à casa de Canhoto, um dos amigos, que contou o que se passara, afirmando que *depois daquele mergulho* não viram mais Severino, razão por que pensaram que ele estivesse se escondido. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 12).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

5.

[...] D. Teca saiu procurando o menino rio acima e abaixo e nada. Procurou na mata próxima e não encontrou seu filho. Correu à sua casa, avisou os vizinhos e foram todos ao local, onde realizaram uma grande busca... e igualmente nada.

Depois de vários dias de procura sem resultado, aconselhada por amigos e vizinhos, D. Teca resolveu procurar o pajé do local.

Em lá chegando, após contar o caso, D. Teca viu o pajé concentrar-se e, em seguida, com voz grave, dizer-lhe: - Seu filho está encantado no fundo do rio. A mãe do rio se agradou dele e encantou ele.

- E o que devo fazer? Perguntou, nervosa, D. Teca.

- A senhora não tem muita coisa a fazer, não... Entretanto, vai ter uma oportunidade para seu filho ser desencantado... Mas tem de ser feito como eu digo! [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 16).

Como podemos verificar, nos excertos 4 e 5, a marcação temporal instaurada pelo operador *depois* vem acrescida de vários elementos nominais e verbais, o que proporciona uma extensão ou alargamento semântico e discursivo bem maior no que diz respeito à contextualização do conteúdo proposicional impetrado pela ação narrativa. Desse modo, sequências temporais como essas preenchem funções distintas, mas concomitantes ou cocorrentes: tanto de articulação temporal de eventos, como de expressão do conteúdo dos enunciados narrativos em construção no texto. Assim, no excerto 4, temos os seguintes marcadores: *depois de jogar uma pelada; depois de chamarem bastante e esperarem um bocado; depois daquele mergulho*. Já no 5, temos o marcador *depois de vários dias de procura*. Considerando, portanto, os 04 (quatro) marcadores indicados acima, o primeiro expressa-se por meio de uma sequência curta de elementos nominais e verbais, enquanto que o segundo vem construído por meio de uma sequência mais longa dos citados elementos; no entanto, em ambos os casos, a articulação temporal tem a função de contextualizar melhor todo um conjunto de fatos necessários à consecução ou execução do processo narrativo. Logo, as ações verbais aí presentificadas contribuem para situar com mais profundidade os estados de coisas objetivados nos enunciados de natureza narrativa, de modo a se construir um retrato também mais nítido dos fatos e situações em jogo, que são pretendidos pelo produtor do texto. Mas, no que se refere ao terceiro e quarto marcadores, observamos serem de composição somente nominal e, por isso, funcionáveis mais propriamente como localizadores temporais, com atenuação de funções ligadas à expressão do conteúdo narrativo mais estrito, não descartando, entretanto, seu contributo para a construção do

conteúdo factual inerente à atividade narrativa que aí se desenvolve. Posso dizer, então, que esse tipo de marcador de constituição puramente nominal encerra propriedades que vão além daquelas contidas nos advérbios puros, pois carregam sentidos ligados a forças ilocutórias embutidas na atividade textual-narrativa.

Levando em conta o exposto, proponho que o marcador *depois* e suas variantes, aqui discutidos, constituem recursos caracterizantes das 04 (quatro) narrativas em estudo, principalmente daquelas onde são mais recursivos, a saber: narrativas de Boto, Cobra e Matintaperera, nas quais se prestam à construção dos processos de referência das entidades supracitadas, localizando eventos, fatos e situações envolvidos nas histórias em que esses entes participam como protagonistas e/ou antagonistas. Por outro lado, entendendo que a citada localização ou locação temporal se apresenta como essencial à própria elaboração dos fatos por onde tais personagens transitam, numa dinâmica temporal que extrapola à mera factualização/sequencialização cronológica, postulo acerca da importância dos citados marcadores para a atividade de textualização requerida pelas narrativas em análise.

Vejam-se os excertos 6, 7, 8 e 9:

6.

[...] As palavras não saíam e Marujo gaguejava, procurando encontrar uma justificativa para o fato de estar espiando.

Ela não esperou o resto da desculpa e, antecipando-se ao que ele ia dizer, falou:

– Chegue mais um pouquinho pra cá!

Naquela época havia mais respeito e foi um tanto encabulado - afinal ela estava nua - que ele se achegou.

Já perto do tronco onde a moça estava, perguntou:

– Mas a senhora mora aqui? Porque eu não vi a senhora a bordo...!

É, eu moro ali, naquele rio! (ela falou, apontando na direção do rio Pacoara, do qual o igarapé era afluente). Lá onde estava o motor ancorado. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 24).

7.

[...] Bragança, como é por demais sabido, é um município devoto de São Benedito. Pois bem, a localidade de Campo de Baixo não podia ser diferente. Lá também cultuavam e faziam festa para São Benedito. E foi justamente no dia de uma ladainha para São Benedito que... Ah! ia esquecendo! *Naqueles*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

dias de um ano qualquer da década de cinquenta, que Aguinaldo não se lembra com precisão qual foi, ouviam à noite, o assobio de uma Matinta Perera. E os moradores se perguntavam: - Quem poderia ser? Afinal, nas localidades pequenas, todo mundo conhece todo mundo e não faziam ideia de qual moradora carregava a sina de virar Matinta Perera. *Naquele dia*, ou melhor, *naquele noite distante*, os moradores de Campo de Baixo, reunidos em ato de fé, realizavam uma ladainha para São Benedito e se locomoviam de um lugarejo para outro, rezando sempre. De repente ouviram o bater de asas e, ao olharem para cima, viram ainda um pássaro de regular tamanho, com grandes asas semelhantes a ameaçaba (tipo de porta usada no interior feita de palha trançada) como que se atrapalhar e cair na mata, bem em cima de um tucumanzeiro. [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 12-14).

8.

[...] Quando chegou de noite, assim que a Matinta começou a assobiar, quando se ouviu

– Fiiiiiiiiittt...!

O pajé saiu da casa em que estava, começou a fazer suas orações, pegou as duas cuias pitinga e colocou em cima da sandália emborcada. Era a fórmula para amarrar Matinta Perera!

Naquela noite ouviu-se ainda um assobio cortado pela metade e um barulho assim como se fosse um pato se debatendo em cima de um galho de uma árvore próxima. Ninguém foi olhar, esperando a manhã seguinte... [...]. (MONTEIRO, 2007, p. 16).

9.

[...]– Nasci em Belém. Mas minha família possui uma fazenda de nome Candeua, no atual Município de Santa Bárbara, onde brincava muito com meus primos Eraldo, de 14 anos, e Tiago, de 8 anos.

Nesse dia – e já se vão onze anos, pois foi em 1987 - meus primos iam tomar banho numa cachoeira existente na fazenda, mas que era muito distante da casa principal. Desobedecendo minha mãe, D. Lúcia, que tinha proibido de ir, fugi e acompanhei meus primos. Aí seguimos por uma trilha dentro da mata para chegar à cachoeira. Íamos cantando e brincando. Já tínhamos andado mais de um quilômetro quando escutamos um barulho como que de passos amassando folhas secas. Paramos. Olhamos em todas as direções e nada vimos. Apenas a sensação de estarmos sendo observados... [...]. (MONTEIRO, 2002, p. 12)

Nestes excertos, observamos a ocorrência de marcadores de tempo que se mostram também como representativos das narrativas estudadas. Nesse sentido, o excerto 6 apresenta um tipo de marcador que se configura como exemplificativo quanto à marcação temporal veiculada

pelas diversas histórias em foco, é o marcador *naquela época*, congêneres do operador *naquele tempo*, também presente no *corpus*, observando-se variantes similares do tipo: *nesta época*; *neste tempo*. Assim, pela ocorrência mais constante dessa classe de marcadores, é possível dizer que estes também compõem a estrutura referencial das narrativas sob investigação, e que, por isso, mostram-se como caracterizantes dos eventos narrativos integrantes dessas histórias.

Nos excertos 7, 8 e 9, temos como exemplificativos os marcadores temporais: *naqueles dias*; *naquele dia*; *naquela noite distante*; *naquela noite*; *nesse dia*; que, de modo semelhante aos já analisados neste trabalho, entram como itens componenciais de articulação temporal dos conteúdos proposicionais inerentes aos fatos e eventos em questão, perfazendo um quadro referencial locativo relevante para os textos em apreciação. Desse modo, proponho que tais marcadores tenham um papel preponderante no que diz respeito às atividades narrativas contidas nas histórias de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, e que embora não sejam específicos ou típicos dessas narrativas, constituem formas textuais participantes e construtoras dos fatos aí expressos. Por conseguinte, marcadores como estes mostraram-se como uns dos mais usuais no *corpus*, o que levanta evidências sobre o papel sociocognitivo e sociodiscursivo desses elementos para a construção textual de narrativas dessa natureza.

Em conclusão ao estudo dos elementos deste trabalho, postulo que os marcadores temporais que se mostraram mais evidentes como *no dia seguinte*; *depois* e suas variantes; *naquela época e similares* constituem formas textuais significativas para a construção do processo narrativo relativo aos textos analisados e, concomitante a isso, para o estabelecimento da referência embutida nos fatos ligados aos personagens afiliados ao lendário, protagonizantes das histórias em pauta.

É possível ainda postular acerca do papel de tais marcadores para a construção do enredo e da progressão especificamente referencial das histórias em estudo. No último caso, como elementos que funcionam como estruturantes e/ou caracterizantes das ações referentes aos personagens das citadas narrativas. Por outras palavras, como recursos coesivo-referenciais no processo de continuidade tópico-temática dos textos sob análise.

A tabela, a seguir apresentada, mostra as ocorrências dos marcadores temporais analisados:

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

Narrativas referentes aos personagens lendários	Boto	Cobra	Matintaperera	Curupira	Total
Número de Narrativas	04	05	05	03	17
Ocorrências de marcadores temporais	19	21	19	7	66
Percentual (%)	28,79	31,82	28,79	10,60	100

Tabela 1 - Marcadores temporais que atuam nos processos de referência.

Fonte: Revista Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia.

Segundo os dados dispostos na tabela, detectamos um total de 66 (sessenta e seis) marcadores temporais nas 17 (dezessete) narrativas em análise, tendo-se uma média de 3,88 desses marcadores por história. Em nível de percentual, o índice mais elevado se deu em narrativas de Cobra, com 31,82%. Mais abaixo, temos as de Boto e Matintaperera, com 28,79% em cada uma dessas narrativas e, em último caso, as histórias de Curupira, com uma incidência de 10,60%.

Portanto, tendo em conta que os números e percentuais aí mostrados são significativos, podemos chegar à conclusão de que esses marcadores têm uma função importante para a construção das atividades referenciais relativas aos textos das histórias que compõem o *corpus* deste trabalho.

4. Considerações finais

As narrativas de Cobra tiveram o percentual mais elevado de marcadores temporais, com 31,82% dessas formas, denotando o seu emprego significativo para a constituição das narrativas em pauta, com destaque para a intervenção de processos sociocognitivos, que se apresentam como espécies de elementos de constrição para o estabelecimento das relações temporais requeridas por essas produções escritas. Logo, conforme observei nas análises relativas a esses marcadores, pude constatar a importância destes para a estruturação dos fatos e eventos participantes das narrativas estudadas, levando em conta o fato de se constituírem como itens textual-discursiva cuja função consiste em contextualizar e dinamizar as atividades referenciais expressas nesses relatos. Em nível de quantidade total de marcadores, nas 17 (dezessete) histórias analisadas, constatei uma média de 3,88 deles por história, ratificando o seu contributo para o processo de construção dos textos estudados.

Consoante os dados apresentados, as narrativas de Cobra, Boto e Matintaperera tiveram o percentual mais elevado de marcadores tempo-

rais; é possível que esse fenômeno ocorra em função das mais variadas possibilidades de recriação de histórias relativas a esses personagens, com a concomitante inserção dos mais variados tipos de fatos e eventos, os quais, por sua vez, passam a conter uma multiplicidade de marcadores temporais, demarcando cronológica e discursivamente essas factualizações. Logo, como descrito nas análises concernentes a este trabalho, esses elementos funcionam como estruturantes e/ou caracterizantes das ações referentes aos personagens em questão, as quais estão conectadas, de uma forma ou de outra, aos tipos de relações sociais e culturais em circulação no mundo amazônico.

Mediante o exposto é possível dizer que, dada a grande disseminação de relatos ligados a esses entes lendários, as relações temporais aí implicadas devam adquirir uma característica própria, coadunadas também com a forma como são instanciadas e/ou construídas nos vários textos narrativos referentes a tais personagens e em mobilização nas comunidades amazônicas.

Mas, no que diz respeito às narrativas de Curupira, a marcação temporal se apresentou em número reduzido. É possível que isso se dê em função de uma certa homogeneidade no que concerne a forma de construção textual-discursiva dessas histórias nas comunidades amazônicas, com pouca necessidade de recorrência dos narradores a esse tipo de expediente. A própria homogeneidade relativa ao modo de constituição desse personagem, com a ausência de processos ligados à metamorfose, pode conduzir a uma conseqüente simplificação na forma de construção da atividade narrativa, observando-se, em vista disso, a pouca incidência de elementos marcadores de tempo. Por fim, é válido afirmar que tanto no caso das narrativas de Curupira, como nas demais aqui analisadas, cujo percentual de marcadores temporais foi bem maior do que estas primeiras, as relações indicadoras de tempo podem estar atreladas ao modo de construção dessas entidades lendárias no ambiente cultural do qual emergem, considerando, nesse âmbito, as características simbólicas e discursivas que lhes são inerentes e constitutivas nesse mesmo lócus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

FIORIN, José Luiz. Adjetivos temporais e espaciais. In: ABAURRE,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. (Orgs.). (Orgs.). *Gramática do português falado*. Volume 8 – novos estudos descritivos. Campinas: Unicamp, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução a linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTEIRO, Walcyr. Uma mulher muito bonita. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 3, p. 19-20, 2000.

_____. A ladainha de São Benedito. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano II, n. 5, p. 12-14, 2007.

_____. A rosa. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 3, p. 28, 2000.

_____. A tia Podó. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano III, n. 8, p. 16, 2007.

_____. História de beira de rio. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 5, p. 8-10, 2000.

_____. O encantado do Rio Pedreira. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 3, p. 16, 2000.

_____. O mergulho. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano I, n. 1, p. 12, 2000.

_____. Suzy e o curupira. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém: Smith Produções Gráficas, 2. ed. ano III, n. 7, p. 12, 2002.

MOURA, Heliud Luís Maia. *Atividades de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

**DE HELOÍSA PARA ABELARDO:
CENOGRAFIAS NO GÊNERO EPISTOLAR**

Josenéia Silva Costa (UNEB)
josycosta34@yahoo.com.br

RESUMO

Os conteúdos que circulam pelos enunciados não são independentes da cena da enunciação. Isso porque, ao enunciador não cabe a opção de apresentar enunciados provenientes de escolhas que emergem do simples desejo de se expressar da maneira que lhe convier, pois o enunciador é impulsionado a aceitar que está inserido num quadro interativo e, assim, enuncia a partir de uma instituição discursiva inscrita numa determinada configuração cultural que distribui papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos. (MAINGUENEAU, 2008, p. 75). Assim, o texto pode ser o rastro de um discurso em que a fala é apresentada por meio de três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Neste artigo, pretende-se discutir as cenas de enunciação de epístolas de Heloísa e Pedro Abelardo, um casal do século XII que tem seu relacionamento interrompido por um trágico acontecimento. A variedade de cenografia possibilitada pela cena genérica aponta para a intenção de Heloísa, enquanto enunciador, surpreender e prender a atenção do seu coenunciador, quando nas epístolas dispersa diferentes discursos (religioso, filosófico e o mais caloroso de todos: o amoroso), com a finalidade de aconselhar, advertir, questionar, culpar e exigir, de Abelardo a manutenção dos laços comunicativos. Dessa forma, Heloísa utiliza as epístolas como um instrumento de comunicação, informação, exposição de ideias, convicções e sentimentos; como espaço de reflexão, e veículo importante para publicar seus segredos mais íntimos.

Palavras-chave: Heloísa. Epístolas. Cenas da enunciação.

1. Introdução

Todo conteúdo que circula pelos enunciados não é independente da cena da enunciação. Isso porque, ao enunciador não cabe a opção de apresentar enunciados provenientes de escolhas que emergem do simples desejo de se expressar da maneira que lhe convier, pois o enunciador é impulsionado a aceitar que está inserido num quadro interativo e, assim, enuncia a partir de uma instituição discursiva inscrita numa determinada configuração cultural que distribui papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos. (MAINGUENEAU, 2008, p. 75). É por isso que o *ethos* não pode ser visto somente como um meio para persuasão, uma vez que, cabe a ele o papel de ser parte constitutiva da cena da enunciação, e ao discurso cabe a função de criar uma cena da enunciação para poder se

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tornar enunciado e, assim, validá-la. Logo, quem enuncia, o faz de um lugar predeterminado.

Decerto que a cena da enunciação é a fundação ou atualização de um já dito, assim como a legitimação e validação do que se funda e atualiza, já que a cena, se valida progressivamente pela enunciação. Porém, isso acontece por que o texto pode ser o rastro de um discurso em que a fala é encenada por meio de três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

2. *Cenografias de um gênero epistolar*

A cena englobante é equivalente ao tipo de discurso. Para Dominique Maingueneau (2008a, p. 86), não é fácil categorizar o tipo de discurso, mas deve-se determiná-lo em função de qual finalidade ele foi organizado. As funções sociais ligam-se aos setores da sociedade em que circulam os discursos religioso, político, literário, publicitário. E esses discursos se materializam por meio da cena genérica, que equivale aos gêneros do discurso que circulam em sociedade, como o sermão, o guia turístico, o folheto, o diário, a carta, dentre outros. São os gêneros que definem seus próprios papéis sociais, lugares e tempos que podem ser usados. Comportam-se como dispositivos de comunicação, possível de atualizar as interações, mobilizando-se em tantos quantos forem as situações comunicativas, pois para cada situação comunicativa existe um gênero ou gêneros apropriados. A cenografia, a terceira cena, é aquela com a qual o enunciador se confronta, corresponde ao contexto que a obra implica. Ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto, e só se manifesta se mantiver uma certa distância em relação ao co-enunciador, que não pode agir diretamente sobre o discurso, “é o caso, particular, da escrita”, segundo Dominique Maingueneau (2008, p. 77), pois a cenografia pretende controlar seu desenvolvimento. À medida que a enunciação se desenvolve, o dispositivo de fala vai sendo construído, pois o discurso se desenvolve a partir da cenografia, para conquistar a adesão, uma vez que ela é

ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia. (MAINGUENEAU, 2008, p. 77)

Os conteúdos expressos pelo discurso permitem especificar e validar a cena e o próprio *ethos*. Esse comportamento pode ser percebido “quando um cientista se exprime como tal na televisão, ele se mostra por meio da enunciação como refletido, imparcial etc., ao mesmo tempo em seu *ethos* e no conteúdo de suas palavras” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 71), e é dessa forma que ele define, implicitamente o que é o verdadeiro cientista, o pesquisador seguro que não adere à parcialidade, construindo nessa mesma cena o *antiethos* correspondente. Dito isso, pode circular no discurso, a cenografia professoral, profética, amorosa, amigável, queixosa todas ligadas a uma instância enunciativa chamada fiador e necessárias à cena requerida, que constrói um *ethos* e um *antiethos* correspondente.

Nas epístolas de Heloísa há mais de uma cena englobante, uma vez que a abadessa mobiliza o *discurso religioso* cristão: “Por isso, exige uma cultura mais cuidada e mais assídua, segundo a palavra do Apóstolo: ‘Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é que fez crescer’ (HELOÍSA, 2008, p. 217); o *discurso filosófico*: “Tal é raciocínio claramente exposto por Aspásia no diálogo com Xenofonte e sua mulher [...]. A ilustre sábia, que tinha proposto reconciliar mutuamente os dois esposos, conclui o seu pensamento nestes termos [...]. Piedosa e mais que filosófica sentença, expressão mais do foro da sabedoria que da filosofia” (HELOÍSA, 2008, p. 223); e o *discurso amoroso*: “quando outrora procuravas em mim os prazeres da carne, visitavas-me com cartas frequentes e em versos punhas incessantemente o nome da tua Heloísa na boca de todos” (HELOÍSA, 2008, p. 229). Isso se deve ao fato da carta (cena genérica) poder incorporar esferas discursivas diferentes (cenas englobantes).

No gênero epistolar, o espaço da cenografia ganha fôlego e amplitude, uma vez que quanto menor o grau de padronização do discurso, maior é a possibilidade do *ethos* do enunciador individual (CARVALHO, 2005, p. 55), que nas epístolas em análise, é Heloísa. Observa-se que as cartas comerciais se conformam a uma rotina de cena genérica fixa, por se tratar de um gênero estabilizado, padronizado, impossibilitado de desenvolver cenografias variadas, pois, os gêneros padronizados criam um espaço menor para a enunciação individual, oferecendo ao *ethos* do enunciador individual campo de atuação muito limitado. Enquanto a carta comercial liga-se à *persona*³⁰, na carta privada, quem ganha espaço é a

³⁰ Para Fiorin (2010, p. 99), pessoa é tomada como o termo designativo da individualidade e *persona* como a palavra que indica o papel social de uma pessoa no enunciado.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

pessoa. Dentro da cena da enunciação, a pessoa está para a cenografia, assim como a *persona* está para a cena genérica, a primeira cena possibilita muito mais o *ethos* da enunciação individual (CARVALHO, 2005, p. 55), uma vez que o discurso irá construir uma representação da própria situação de enunciação e assim a imagem do enunciador. O enunciador em cada cena específica constrói um *ethos*, veicula uma imagem de si ao outro, apoiando-se numa dada imagem que tem do outro. (CARVALHO, 2005, p. 57). No *corpus* em estudo, a cenografia acontece no gênero epistolar, sobre o qual Dominique Mainueneau (2008b, p. 116) afirma:

A “cena genérica” epistolar faz intervirem propriedades em dois níveis: o nível do gênero e no nível do subgênero, especificados em função da cena englobante (a correspondência administrativa não pertence à mesma cena genérica que a correspondência privada ou publicitária). Porém, no interior da correspondência privada, se a análise o exigir, podem operar subdivisões segundo a visada pragmática (carta de amor, carta de pêsames, carta de votos etc.) e segundo o suporte (correspondência em papel, eletrônica etc.). Os gêneros e subgêneros só podem ser considerados como tais do ponto de vista por intermédio do qual se constrói a classificação: do ponto de vista do gênero epistolar, a carta de amor é um subgênero, mas ela é também um dos gêneros de expressão dos sentimentos amorosos.

Tanto as epístolas de Heloísa, quanto a *Historia Calamitatum*, que outrora se restringiam ao âmbito particular, centram-se hoje na cena genérica de cartas privadas que agem sobre o espaço público.

Dessa forma, pode-se organizar a cena da enunciação, das epístolas estudadas, da seguinte maneira:

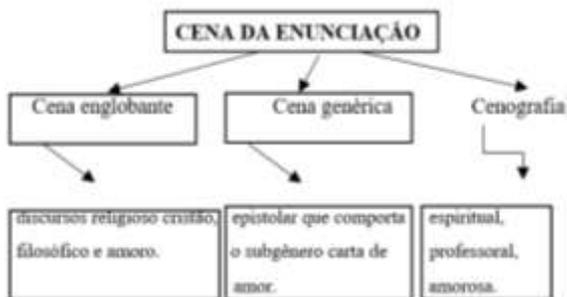


Figura 1: Composição da cena da enunciação no *corpus* em estudo.

Fonte: Autoria própria (COSTA, 2012).

O coenunciador reconstruirá a cenografia por meio da identificação de indícios diversificados, como o gênero discursivo, ao acompanhar os níveis da linguagem, o ritmo, o tom, a voz do enunciador. E o querer dizer do enunciador se realiza a partir da escolha do gênero, pois os tex-

tos que objetivam persuadir exigem a escolha de uma cenografia adequada, uma vez que irá persuadir por meio de seu imaginário, da imagem que conseguir construir em seu discurso, associando na cenografia à figura do enunciador, do fiador, uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso subjaz. (MAIN-GUENEAU, 2008, p. 77). Os protagonistas da interação enunciada ancoram-se espaço-temporalmente no eu, tu, no aqui, agora, ao se referirem às estratégias de posicionamento escolhidas na interlocução. Essas marcas no diálogo epistolográfico são elementos fundamentais e estruturantes, e no *corpus* em questão, irá ser reiterada ao longo do texto, corporalizada em nível morfológico ao serem mobilizados com mais expressividade os pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas, quase sempre apresentados a partir dos oblíquos e possessivos.

A carta de consolação que escreveste a um amigo, *meu* bem-amado, uma certa pessoa acabou de *me* entregar por mera causalidade. Pela letra do frontispício reconheci logo que era *tua*. E comeci a lê-la com toda aquela paixão e ternura que *me* unem ao *seu* autor, pois se perdi a *sua* presença física, que ao menos as suas palavras fizessem reviver em *mim* um pouco da *sua* imagem. (HELOÍSA, 2008, p. 211, grifo nosso)

Após longo período sem se comunicarem, Heloísa utiliza a epístola como uma forma de lembrar a Abelardo a existência dela. A carta serve como forma de interação. Ultrapassa as fronteiras do *hic et nunc* e abarca muito mais do que a escrita pode ver e alcançar. É preciso que exista o outro para que se desenvolva a linguagem; é necessário contar com esta presença, ou existência, para que, na ausência, a carta venha a cumprir o papel interlocutório.

Geralmente, a cena genérica carta é composta por dêiticos enunciativos de espaço e tempo, claramente marcados na abertura desse gênero; o vocativo epistolar instaura a figura do coenunciador e a assinatura, marca o papel do enunciador. Mas as epístolas em estudo não comportam essas marcas espaço-temporais, substituídas pelo cargo/função (do coenunciador e do enunciador) de quem escreve e de quem recebe a carta, como demonstrado no quadro 3. (COSTA, 2012, p. 26-27)

A cena genérica do *corpus* em questão situa a carta como um gênero que, assim como outros, tem uma motivação para ser escrita, a pretensão de cultivar um vínculo entre os interlocutores e buscar sempre a presença do outro que, geralmente, se encontra distante. Isso faz com que haja na produção da carta uma relação que parece contraditória, mas que é a base deste gênero: a ausência e a presença. Escreve-se porque há um distanciamento comunicativo, uma efetiva ausência física do interlocutor,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

porém há também uma presença, pois quem escreve sabe quem será o outro, conhece seu destinatário, sujeito o qual manterá um diálogo. Dessa forma, a carta inaugura a possibilidade de resgatar o contato social, como demonstra um trecho da epístola de Heloísa:

Que as cartas dos amigos ausentes nos dão alegria, é Séneca, com o seu próprio exemplo, que no-lo ensina quando a dado passo, escreve a Lucílio: “Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é esse o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente”. (HELOÍSA, 2008, p. 213- 215)

As cartas têm uma grande capacidade de revelar as relações sociais, as intenções afetivas, argumentativas, uma socialidade que faz parte da escrita, e no impedimento da presença de uma pessoa, a carta se torna um porta-voz eficiente e necessário.

A tradição da epistolografia ocidental mostra a existência de práticas comunicativas com finalidades bem específicas, em que cada tipo de carta obedece a determinadas práticas e pretende atender às diferentes atividades e demandas sociais de uma cultura. Nesse sentido, Jane Quintiliano Guimarães Silva (2002, p. 53-54) aborda:

As cartas de cunho filosófico, geralmente extensas, eram dedicadas a amigos ou escritas a pedido de amigos. Embora elas trouxessem registrado o nome do destinatário, eram escritas para serem lidas por um público amplo e permitirem a difusão e socialização de ideias. De modo geral, a prática de escrita das cartas familiares visava ora ao deleite (recriar para vida); ora ao ensino (consolar a vida); ora às reflexões sobre ações e sentimentos humanos (conhecer a si próprio).

A variedade de cenografia possibilitada pela cena genérica aponta para a intenção de Heloísa, enquanto enunciador, surpreender e prender a atenção do seu coenunciador, quando num mesmo gênero dispersa diferentes discursos (religioso, filosófico e o mais caloroso de todos: o amoroso), com a finalidade de ora aconselhar, ora advertir, ora questionar, ora culpar e exigir, com o propósito comunicativo de continuar estabelecendo laços com Abelardo e levá-lo a aderir às ideias dela. Dessa forma, Heloísa utiliza as epístolas como instrumento de comunicação, informação, exposição de ideias, convicções e sentimentos; como espaço de reflexão, e veículo importante para publicar seus segredos mais íntimos, demonstrando assim, características da cena carta de amor, pois apresentam elementos típicos dessa cena genérica.

Independente do grau de formalidade, da relação entre enunciador/coenunciador, são os propósitos comunicativos veiculados em cada cena genérica que possibilitam a identificação da cenografia que atualiza e legitima as práticas discursivas, e neste estudo, apresenta-se a cenografia de carta privada mobilizadora de diferentes discursos que se adequam às exigências socioculturais e históricas dos envolvidos no enunciado. Por ocupar a função de abadessa, no momento em que escreve a Abelardo, as epístolas de Heloísa não deveriam configurar-se como cartas de amor, pois de acordo com a realidade dos fatos, ela não ocupava mais a posição de amante do filósofo, mas de uma religiosa de um monastério. Dessa forma, seu dizer deveria ser regulado a partir do papel social em que se inseria o *ethos* de uma abadessa.

3. *Marcas do fiador*

Atribui-se à ideia de fiador uma imagem ou figura que dá corpo ao enunciador. O fiador representa o próprio enunciador, agora imerso a estereotípias coletivas, ou melhor, estereótipos de conhecimento coletivo, ou que representam padrões sociais valorizados ou não, vistos como comportamento global. O coenunciador encontrará a imagem do fiador a partir das pistas textuais deixadas pelo enunciador, como esclarece Dominique Maingueneau (2008c, p. 18), “o fiador é construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação”. Ademais, o enunciador pode ser percebido como uma instância subjetiva que se manifesta no discurso sem se restringir a um estatuto de professor, profeta, amigo (estereotípias), ligado a uma cena genérica. Ele se comporta antes como uma voz indissociável de um corpo enunciante. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 17)

Nas duas epístolas em análise, há variadas vozes que levam a supor diferentes imagens de alternados fiadores. Decerto que eles são percebidos a partir dos índices que o enunciador revela nos enunciados e posicionam-se das seguintes formas:

FIADOR	TRECHOS DAS EPÍSTOLAS DE HELOÍSA
<i>Amante incondicional</i> -disposto a fazer tudo pelo ser amado.	“[...] eu que te <i>amei</i> - como toda gente sabe- com um <i>amor sem limites</i> ”. (p. 219)
<i>Cristão</i> - aquele que toma Deus somente para suplicar a atenção do amado ou então utiliza a palavra de	“[...] em nome daquele que te protege ainda de algum modo, para seu serviço, de quem somos suas e tuas humildes <i>servas</i> , que te dignes escrever-nos assiduamente [...]”. (p. 213). “[...] segundo a palavra do <i>Apóstolo</i> : ‘Eu plantei, Apolo regou,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Deus a serviço da persuasão.	mas <i>Deus</i> é que fez crescer ³¹ ”. (p. 217).
<i>Humilde e desprendido</i> -sujeito de brandura e modéstia, sem grandes ambições na vida, a não ser amar.	“Deus sabe que nunca, mas nunca busquei outra coisa que não fosses tu mesmo. Tu, simplesmente tu, eu desejava, <i>não os teus bens</i> . Não andei em busca das <i>convenções</i> do matrimônio, nem de dote , nem sequer da minha satisfação pessoal [...]” (p. 221).
<i>Queixoso/ressentido</i> -aquele que esbraveja sobre as injustiças sofridas.	“Diz-me só uma coisa, se puderes: porque é que, depois da nossa conversão à vida monástica, que só tu decidiste, me votaste ao <i>abandono</i> e ao esquecimento?” (p. 225).
<i>Sábio/ inteligente</i> - aquele que compartilha de leituras sobre os importantes pensadores gregos, tem acesso a textos bíblicos e de outras áreas.	“Tal raciocínio é claramente exposto por Aspásia no diálogo a Xenofonte e sua mulher, diálogo que <i>lemos</i> em Êsquines, discípulo de Sócrates”. (p. 223).
<i>Sofredor/infeliz</i> – aquele que passa por infortúnios constantes e traz um tom de sofrimento, vitimização ³² e infelicidade.	“Sabes como a minha dor é incomparavelmente superior à tua [...]. assim, quanto maior é a causa do meu <i>sofrimento</i> , maiores devem ser os remédios da <i>consolação</i> ”. (p. 219). “Ai de mim! Sou a mais triste das tristes! A mais infeliz das infelizes”. (p.241).
<i>Subserviente/obediente</i> -aquele que vive no jugo dos ditames da sociedade.	“[...] no dia em que, <i>obedecendo</i> sem hesitar à tua vontade, mudei de hábito e de coração para te mostrar que eras o único senhor do meu corpo e da minha alma”. (p. 221). “[...] Deus bem sabe que, a uma <i>ordem</i> tua, ter-te-ia precedido ou <i>seguido</i> , sem a mínima hesitação até a morada de Vulcano”. (p. 227).
<i>Nostálgico</i> - aquele que não consegue se esquecer do passado.	“Lembra-te, suplico-te, do que fiz por ti e pensa no que me deves”. (p. 229).
<i>Pecador/luxurioso</i> - aquele que representa a imagem de Eva que, de acordo com a ideologia cristã, é a responsável pelo comportamento das mulheres penderem para o prazer e não para a virtude.	“Quanto aos <i>prazeres</i> dos <i>amantes</i> a que ambos nos entregamos, devo confessar que foram para mim tão doces que nem me desagradam, nem da minha memória há meio de se varrerem. [...] Mesmo durante as solenidades da missa, precisamente quando a oração deve ser mais pura, as <i>obscenas</i> imagens dessas <i>volúpias</i> assaltam tão profundamente a minha alma que estou mais ocupada com essas <i>torpezas</i> do que com a oração. [...] Por vezes, até os pensamentos do meu espírito são denunciados pelos movimentos do corpo, e da minha boca saem <i>palavras impensadas</i> ”. (p. 249).
<i>Redentor/virtuoso</i> - aquele	“Ao menos posso dar graças a Deus, porque o <i>tentador</i> , ao

³¹ Ainda sobre esta citação, Heloísa continua a abordar: “O Apóstolo tinha plantado e, pela pregação da sua doutrina, fundara na fé os Coríntios a quem escrevia[...]”, com o propósito de persuadir Abelardo a ter mais atenção com as religiosas do Paraclete, aquelas que vivem no lugar onde ele criou e na fé que ele plantou. E em outro momento continua dizendo: “Depois de Deus, só tu és o fundador deste lugar, o único arquiteto deste oratório, o único construtor desta congregação”. (HELOÍSA, 2008, p. 215)

³² O termo vitimização é tomado sem pejoração, mas significando aquele que é realmente vítima.

<p>que é o refúgio do pecador, representação de Maria, pura e plenamente esposa.</p>	<p>contrário das mulheres supracitadas, não me fez cair em <i>tenção</i> com o meu consentimento, embora tenha conseguido converter-me, dado o resultado, no instrumento da sua malícia. [...] Mas por outro lado, se a <i>inocência</i> purifica o meu coração e se o meu consentimento não incorre na <i>culpa</i> deste crime [...]”. (p. 245).</p>
<p><i>Penitente/confessado</i>—aquele que, ocupa o papel de Maria Madalena, peccou, nutre um sentimento de culpa e de alguma forma precisa de redenção.</p>	<p>“[...] demasiados são os <i>pecados</i> outrora cometidos para agora me achar completamente <i>inocente</i> deste crime. Muito tempo escrava das volúpias e das seduções da carne, mereci mesmo então o que agora <i>expio</i>. E este <i>castigo</i> é a justa consequência dos meus pecados anteriores: é que um desfecho funesto é o resultado de um <i>mau</i> começo. [...] Oxalá eu possa fazer mormente deste pecado uma digna <i>penitência</i>, para que, desta minha longa <i>contrição</i> e penitência, seja possível, da minha parte <i>compensar</i> o castigo cruel que te foi infligido”. (p. 245).</p>

Quadro 1: Tipos de fiadores. Fonte: Autoria própria (COSTA, 2012)

Apresentam-se alguns termos grifados, no quadro 4, para destacar a equivalência das lexias aos seus campos lexicais³³, pois essa seleção pode revelar o tipo de fiador exposto no discurso, e a disposição contêudística pode demonstrar a direção argumentativa que o texto seguirá. Outrossim, o vocabulário (ainda mais quando é específico) diz muito sobre o enunciador, sobre seus traços psicológicos, sua intencionalidade argumentativa e sobre a posição discursiva do fiador, pois é o fiador do discurso que garante o que é dito, legitima o discurso pelo modo de dizer.

Vale ressaltar particularidades de alguns dos fiadores apresentados. Nas duas epístolas de Heloísa, predominantemente na segunda, há uma dispersão de imagens criadas pela ideologia cristã sobre as mulheres. Num mesmo trecho, Heloísa consegue mobilizar a imagem de Eva e Madalena reforçando a ideia de que independente do *ethos* produzido em seu discurso, ela é acima de tudo, mulher, e sobre essa condição não tem como fugir. “Como é que se pode falar de penitência dos pecados, qualquer que seja a mortificação do corpo, se a mente ainda conserva a vontade de pecar e aspira ardentemente aos antigos desejos?” (HELOÍSA, 2008, p. 247). Heloísa vive um grande conflito que a coloca como Eva, pecadora por natureza, e como Madalena, aquela que precisa se penitenciar pelos pecados cometidos. Porém, Heloísa acredita que é fácil confessar os pecados, contudo, difícil é afastar o coração dos mais doces praze-

³³ Subconjuntos formados por palavras pertencentes a uma mesma área do conhecimento ou de interesse.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

res; além de achar rara a amargura do verdadeiro arrependimento. (HELOÍSA, 2008, p. 247)

O trecho destacado para o fiador *penitente/confessado*, não comporta o *ethos* do arrependimento por Heloísa ter vivido um relacionamento amoroso com Abelardo, mas, antes, o que se apresenta é o *ethos* da culpabilidade por esse relacionamento ter desencadeado acontecimentos trágicos para a vida dos dois. Ela discorre sobre o fato de ambos terem vivido um amor e ele ter sido castigado com a castração. “Foi então que expiaste sozinho, no teu corpo, a falta que ambos igualmente tínhamos cometido. Só tu foste castigado, os dois fomos culpados [...]” (HELOÍSA, 2008, p. 243). O *ethos* da culpa coaduna com a ideia de que à Heloísa o que importa é o que gira em torno de Abelardo, os desejos, sofrimentos, pretensões e opiniões desse homem. O pior de tudo é que o sofrimento dele causa sentimento de culpa e de sofrimento em dobro nela: “o que tu sofreste momentaneamente na tua carne, que eu venha a sofrer por toda a vida, com toda a justiça, como ato de contrição da minha alma, e que desta maneira possa satisfazer, se não a Deus, pelo menos a ti!” (HELOÍSA, 2008, p. 247). A dor acompanha essa mulher e a imagem da culpa assalta a sua alma.

Ainda sob o *ethos* da culpa, Heloísa discorre sobre como historicamente as mulheres se colocaram como as responsáveis pelos infortúnios dos homens: “Como de costume, as mulheres hão de ser sempre a ruína dos grandes homens! Por isso, está no livro dos *Provérbios* que se deve ter cuidado com a mulher” (HELOÍSA, 2008, p. 243), e cita além do livro de *Provérbios*, o de *Eclesiastes*; remonta à *Gênesis*, ao episódio em que a mulher seduz o homem e assim a humanidade é castigada: “já a primeira mulher foi quem seduziu o homem para fora do paraíso. E aquela que tinha sido criada por Deus para ser a companheira do homem, transformou-se em sua ruína” (HELOÍSA, 2008, p. 243); relata o comportamento de Dalila, a queda de Salomão e as provações pelas quais Jó teve de passar, ao enfrentar sua mulher que o incitava a maldizer Deus. Dessa forma, ela se comporta como herdeira do estigma ruim que Eva deixou a todas as mulheres e da imagem de que à mulher existe uma inferioridade natural em relação aos homens, pois ao ser predominantemente *sensus*, é muito mais suscetível à fraqueza, às tentações e ao pecado. Mesmo que inominavelmente, Heloísa se compara a Eva. O que não se pode afirmar é se ela assim o faz para figurativizar realmente Eva ou Maria, uma vez que é do conhecimento dela que em pleno século XII, “Santo Anselmo e Abelardo celebraram o regozijo do sexo feminino com a

nova Eva, a mulher símbolo da pureza, da grandeza e da santidade” (MACEDO, 2002, p. 70). Ela é informada sobre as discussões acerca da possibilidade do nome Eva também figurar Ave, e assim santa, Maria, a redentora. O fato é que em várias passagens das epístolas, Heloísa apresenta-se ora pelo *ethos* da culpa, ora pelo *ethos* da vítima e sofredora, a partir de um tom melancólico e infeliz: “Ai, infeliz de mim que vim ao mundo para ser a causa de tão grande crime” (HELOÍSA, 2008, p. 245). Heloísa realmente se acha infeliz e dessa maneira se sente.

Encontram-se pistas da representação do *ethos* de Maria, na segunda epístola de Heloísa: “Mas por outro lado, se a inocência purifica o meu coração e se o meu consentimento não incorre na culpa de crime [...]”, todavia, essa imagem é pouco representada ao longo do texto. O mais expressivo nas epístolas sobre os *ethe* de Eva, Maria e Madalena incorporados por Heloísa é que, ao utilizar diferentes passagens bíblicas, uma delas *Provérbios* (7:27), que afirma que as moradas da mulher são o caminho do inferno, que conduzem aos abismos da morte; ou então o capítulo sete de *Provérbios*, em que Cristo sugere que seus filhos obedeçam aos mandamentos, vivam de acordo com a lei dele e tenham a sabedoria como irmã e a prudência como parente, pois com sabedoria e prudência o homem se manterá afastado da mulher imoral e leviana, e das palavras sedutoras delas, Heloísa cria uma cenografia cristã, que reproduz os discursos da Igreja e dos homens, pois ela é filha de seu tempo, e assim sendo, ecoa os dizeres de sua época, mesmo criticando outros comportamentos desse mesmo sistema.

É sobretudo, a partir da materialização de fiadores diferentes e que por vezes num discurso se entrecruzam revelando um mesmo fiador, que se pode verificar a constituição dos *ethe* nas epístolas de Heloísa.

4. Conclusão

Tendo em vista que o *ethos* pode ser considerado como a imagem que o orador mostra de si no e pelo discurso, a fim de parecer digno de confiança, sujeito imbuído de credibilidade e segurança, o enunciador precisa mobilizar os afetos suaves que visam à benevolência, para assim conseguir a adesão do coenunciador. Para isso, o enunciador precisa fazer escolhas linguístico-discursivas com o propósito de mostrar que seus argumentos são sinceros e honestos, e seus conselhos soam como sábios e razoáveis.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Dessa forma, pretendeu-se apresentar e apurar de que maneira se revelava o *ethos* construído por Heloísa, em duas epístolas que escreveu a Abelardo, por meio da análise das cenografias e fiadores apresentados em seus discursos.

Ao apresentar o *ethos* de abadessa, Heloísa dispersa em meio a cenografias diversas, discursos que acabam constituindo-se como amorosos e pouco apropriados para o papel que assume socialmente no momento em que escreve. Investir nesse *ethos* é para Heloísa uma necessidade de confirmar para si mesma o papel que desenvolve, a contragosto, é bem verdade, mas que precisa assumir. Contudo, é possível perceber a partir do seu discurso que ser abadessa é o que lhe restou como possibilidade de nutrir a comunicação com o seu amado. Porém, a todo momento afirma e confirma que a sua vida é envolta de amargura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Paulo César de. Fragmentos epistolares de um discurso amoroso: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero carta de amor. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2005.

HELOÍSA [séc. XII]. Cartas de Heloísa a Abelardo. In: ABELARDO; HELOISA. *Historia Calamitatum: cartas*. Edição bilíngue. Prefácio, tradução e notas Abel Nascimento Pena. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

MACEDO, Pedro Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírío Possenti. Curitiba, Paraná: Criar Edições Ltda., 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Cenas da enunciação*. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. A propósito do *ethos*. In. MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008c.

NOVA VULGATA: *Biblorum Sacrorum Editio*. Roma: Vaticana, MCMLXXXVI.

NOVA BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS: para o terceiro milênio da Encarnação. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 1998.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal*: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita de textos. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
EFECTOS DE DISCURSO Y REFORMULACIÓN

Marcia Arbusti (UNR-AR)
m_arbusti@hotmail.com

RESUMEN

Las esferas de la actividad humana (BAJTÍN, 1992) y las tradiciones discursivas (KABATEK, 2006) determinan modos de funcionamiento que inciden en la generación y conformación de textualizaciones orales y escritas. De allí que sea factible observar rasgos que resulten adecuados a ese funcionamiento, es decir, que se enmarquen dentro de la lógica discursiva de cierto grupo de enunciados, pero también, y en contrapartida, pueden percibirse otros rasgos más cercanos al orden de la inadecuación, ya que transgreden los límites y las condiciones de relativa estabilidad de géneros y tradiciones. Esta ponencia se interesa por esos últimos rasgos, aquellos que de alguna manera provocan un corrimiento, un desvío de las pautas convencionales que la naturaleza de todo discurso revela. Me ocuparé, por lo tanto, de categorizar la noción de "efectos de discurso" denominación que hace referencia a elementos que conflictúan -por distintos motivos, los cuales trataré de detallar- el devenir textual, incidiendo en la asignación de sentido del enunciado en cuestión y, eventualmente generando extrañeza en el autor y/o su interlocutor. Desarrollaré, en este sentido, la conformación teórica de esta categoría, que me ha servido, en principio, para abordar ciertos fenómenos de las interacciones orales entre docente y alumno en una situación de comentario de texto de estudio, y que puede extenderse para estudiar y explicar las estructuras lingüísticas de otras textualizaciones. Por último pondré en relación efecto de discurso y reformulación, deteniéndome en los casos en que las fallas son escuchadas (LE MOS, 1995 y sgtes.) por los hablantes/escribientes, por lo que se generan nuevas estructuras que intentan superar las versiones anteriores.

Palabras-chave: Discurso. Reformulación. Enunciado. Interacción.

1. Introducción

Valorar enunciados como incorrectos o como inadecuados - posicionándonos desde una perspectiva prescriptiva o desde una descriptiva- es posible a partir de un análisis que haga evidente la presencia de ciertos fenómenos que afectan de distinta manera el funcionamiento lingüístico-discursivo de las textualizaciones y eclosionan en la constitución de su sentido. En esta ponencia me ocuparé de mostrar la categorización teórica de esos fenómenos que afectan el orden de la (in)adecuación, fenómenos que propuse en mi tesis doctoral como *efectos de discurso* a partir del análisis de interacciones orales entre docente y alumno. Relacionaré, hacia el final de este trabajo, las posibilidades e imposibilidades de reformulación de los efectos de discurso que los sujetos experimentan en ciertas instancias de su decir.

Brevemente y para luego referir a las puntualizaciones del devenir teórico de la categoría, puedo decir aquí que los efectos de discurso son manifestaciones que emergen en la superficie lingüística del enunciado, cuya incidencia va más allá de la estructura sintagmática puesto que ponderan la relación entre texto y discurso; su aparición no nos llama la atención sobre alguna transgresión respecto de las normas del sistema sino que, por sobre ellas, nos muestra una tensión con el universo discursivo en el que se inscribe la textualización. El efecto de discurso muestra cómo la lengua y el discurso se superponen en las textualizaciones de los sujetos, haciendo evidente el juego de resistencias, de pertenencias, de lógicas de funcionamiento.

Expongo aquí un fragmento de interacción a los efectos de mostrar la manifestación de un efecto de discurso:

Registro N° 1 – Interacción entre Pedro y docente/investigador

P: /// el otro título podría ser – los españoles con / los / por qué los españoles con (?) / por qué los españoles maltrataban a los indios / a los indígenas

El efecto de discurso se deriva de una inadecuación que Pedro escucha en su enunciado, y que logra modificar satisfactoriamente. El cambio que se produce entre las dos versiones responde a una diferencia de registro, ya que entre ‘indios’ e ‘indígenas’ no puede pensarse una distinción a nivel conceptual – sobre todo para un adolescente – sino más bien en una búsqueda de mayor pertinencia respecto del texto que se ha leído, perteneciente al discurso de la historia, puesto que etimológicamente es correcto decir ‘indígenas’ y no ‘indios’, aunque haya llevado mucho tiempo superar este error que tiene su origen en el mismo descubrimiento de América, cuando los españoles creyeron llegar a India. No hay agramaticalidad alguna que deba corregirse, no se trata de una incongruencia con las normas del sistema sino que lo que observamos es la no pertinencia de un ítem léxico que de alguna manera obtura el discurrir del enunciado puesto que no se corresponde con las convenciones discursivas que rigen la situación que enmarca a la interacción.

2. Marco teórico de la investigación

Interesada por las estructuras lingüísticas que se despliegan en las interacciones orales entre docente y alumno, específicamente por aquellas configuraciones que se generan cuando se produce una reformulación que pretende enmendar la falla que afecta a un enunciado, el objeti-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

vo principal de mi investigación fue observar el modo en que los componentes lingüísticos se despliegan estructurando las configuraciones sintácticas en situaciones comunicativas orales, pedagógico-didácticas. El funcionamiento lingüístico-discursivo de los enunciados resulta, así, imbricado: no sería posible explicar la lógica de estructuración lingüística de las intervenciones de los participantes de la interacción oral sin tener en cuenta que esos sujetos estaban convocados a una tarea particular, en la que, en mayor o menor medida, tenían competencia respecto del modo en que actuar, responder, callar, y también conocimiento sobre los supuestos subyacentes e implícitos de la situación comunicativa. Por otra parte, y lo que es no menos importante, las interacciones orales que conforman mi corpus son registros de intercambios a propósito de la lectura de un texto de estudio leído previamente, de modo que el discurso disciplinar determinó un campo de pertenencias e incidencias sobre los enunciados orales.

El marco teórico del interaccionismo brasileño-argentino (Claudia Lemos, Attie Figueira, Pereira de Castro, Lier de Vitto, Lúcia Arantes, Norma Desinano) en el que se inscribe mi investigación me condujo a precisar el alcance de ciertas categorías que resultarían fundamentales para el progreso de mi trabajo. Los trabajos de Claudia Lemos observan en principio el proceso de adquisición y luego el funcionamiento del sujeto en el lenguaje, en tanto que, Norma Desinano, por su parte, se centra en el estudio de las instancias de acceso a nuevos discursos por parte de ingresantes universitarios o estudiantes de Escuela Media, por lo que esta corriente del interaccionismo puede explicar los modos en que los hablantes se relacionan, de manera siempre dinámica, con el Otro, la lengua y los discursos, en sendas instancias comunicativas. Dentro de este marco cobran, para mí, especial relevancia las categorías de *sujeto*, *captura* y *escucha*, ya que ellas me dan la posibilidad de pensar ciertas estructuras lingüísticas como efectos de una determinada relación entre el sujeto que enuncia y el discurso en el que funciona en una instancia comunicativa particular.

Respecto del *sujeto*, oponiéndose a las teorías que, ligadas a la psicología cognitiva, piensan un sujeto que posee, por ser consciente de todos sus actos, voluntad para expresar sus puntos de vista, albedrío para señalar lo que desea e intención y capacidad para regularse y regular al otro, es decir, un hablante que domina su lengua cada vez que la utiliza, el interaccionismo brasileño-argentino, más cercano al psicoanálisis freudiano y lacaniano, trabaja con la idea de un sujeto del inconsciente, a

quien no puede concebirse como amo de su decir. El sujeto es una construcción subjetiva -porque se constituye como tal en su encuentro con el significante- que no gobierna voluntariamente cada uno de sus actos -y por ende, tampoco su habla-. El sujeto, así, al constituirse en relación con la lengua, es efecto de ella, de modo que sus enunciados manifestarán esa imbricación genuina, y esa dependencia entre uno y otro.

En esa relación siempre dinámica que Claudia Lemos propone como el proceso de subjetivización en el lenguaje, el sujeto se vincula con otro y con la lengua de diferentes maneras, de las que me interesa especialmente la instancia en que la lengua *captura* al hablante, quien es capaz de proponer enunciados per se, pero muchas veces fallidos, es decir, con presencia de elementos anómalos dentro del sistema. La teoría sostiene que es esa captura que la lengua hace sobre el sujeto la que imposibilita la sutura de esa falla, y que es una eventual instancia posterior, la de la *escucha*, la que le permitiría al hablante reestructurar su enunciado, modificando aquello que en su primera versión no había resultado correcto/adecuado. En otras palabras, en ciertas circunstancias comunicativas (que Claudia Lemos ilustra a través de contextos de adquisición de la lengua y Norma Desinano en situaciones de acceso a nuevos discursos), prevalecen las determinaciones de la lengua por sobre las del sujeto - de allí la conceptualización de *captura* -, por lo que en los enunciados que se generan pueden observarse fallos respecto del sistema de la lengua. Solamente si el hablante logra escuchar su decir podrá enmendarlos, proponiendo una versión eventualmente superadora.

3. *Delimitaciones teóricas del objeto de estudio*

Los postulados del interaccionismo demarcaron una línea en el devenir de mi trabajo, a partir de la cual se determinaron precisiones teórico-metodológicas. Primero me aboqué a definir las interacciones orales distinguiendo las particularidades que las configuraciones de la oralidad poseían respecto de las de la escritura, haciendo especial hincapié en el hecho de que según sea la modalidad del lenguaje en que se concreten los textos, se articularán y generarán estructuraciones singulares que deben contemplarse desde esa afirmación que se constituye en axioma: las estructuras lingüísticas de la oralidad se diferencian de las de la escritura por pertenecer a dos órdenes distintos, relativos no sólo a su medio de realización, sino también a su concepción. Desde esta perspectiva los textos que se generan en cada una de las modalidades del lenguaje verbal se

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

conciben y concretan según procesos de pensamiento distintos, lo que se traduce en rasgos estructurales a simple vista diferentes.

Definir las interacciones orales desde el marco teórico en el que me inscribo (teniendo en cuenta, sobre todo, el estatuto que se le concede al sujeto y el planteo de la lengua como acto que subjetiva al hablante) me hizo cuestionar ciertas características atribuidas a la conversación, como la cooperación, la coordinación y negociación (GRICE, 1991; TUSÓN VALLS, 2003; BRIZ, 2004). Apartarme de los postulados relativos a un hablante participante pleno, alerta y dispuesto, actor de una comunicación siempre eficaz y portador de mensajes con sentidos completamente compartidos por los interlocutores, me condujo a considerar a las interacciones como una unidad de análisis, no compacta sino heterogénea, en la que los discursos de los participantes van constituyendo jerarquías y superposiciones que ponen de manifiesto la imprevisibilidad persistente en el funcionamiento lingüístico-discursivo de los sujetos hablantes. De modo que, desde mi punto de vista, las interacciones no son un constructo compacto más que desde la perspectiva del lingüista que lo constituye como su objeto de estudio; pero no deben dejar de observarse las tensiones que se dan entre los hablantes, quienes no participan recíprocamente, no poseen igualdad de condiciones, objetivos, competencias, entre otros tantos rasgos que podríamos mencionar como indicadores de divergencias.

Luego de esta definición general, fue necesario particularizar las interacciones en relación con sus participantes, objetivos, temática abordada, entre otros factores, por lo que me detuve en la singularidad que les concede el hecho de ser un intercambio entre docente y alumno en situación de comentario de un texto disciplinar leído previamente. En este sentido, el marco pedagógico-didáctico de las interacciones en las que se basó mi investigación debió ser ponderado como un factor fundamental en la constitución de esas interacciones. Así, siguiendo la línea teórica de los romanistas alemanes, consideré que las interacciones-comentario áulicas conforman una *tradicón discursiva* particular.

Definidas como “formas tradicionales de decir las cosas” (KABATEK, 2006, p. 153), las tradiciones discursivas son parámetros convencionales que han sido establecidos históricamente dentro de una comunidad lingüística, constituyéndose como modelos discursivos y textuales, de modo que los hablantes recurren a ellos –aunque no conscientemente– para llevar adelante sus prácticas lingüístico-discursivas. En la interacción docente-alumno se evocan las prácticas anteriores que cada

uno ha experimentado dentro de ese rol específico: el docente se vale del bagaje de herramientas didácticas que su profesión le brinda y el estudiante, por su parte, trata de responder a lo solicitado porque es parte del contrato pedagógico que debe cumplir por su estatuto de alumno. Cuando se comenta el texto que se ha leído previamente el docente actualiza las tradiciones de los cuestionarios a través de los que busca evaluar o conocer el estado de comprensión sobre el tema desarrollado que tiene su interlocutor, generando enunciados formalmente similares a los de situaciones pasadas con el mismo objetivo, y el alumno responde acorde a esa situación, de la que el sistema educativo (el argentino, al menos) lo ha hecho partícipe desde que comenzó a transitarlo. Ambos, docente y estudiante, tienen un marco más al que adecuarse: el del discurso disciplinar al que pertenece el texto de estudio que los convoca. Tipos textuales, estilos individuales y de género, estructuras sintácticas, campos semánticos, densidad léxica y demás determinaciones del discurso disciplinar conforman nuevas fronteras de definición que distinguen lo que es propio de lo que es ajeno, lo que es adecuado de lo que es inadecuado, lo que cumple las normas de lo que las contraviene, lo que es de lo que no es, en términos de Jean-Claude Milner. Los hablantes, entonces, se valen de esos saberes adquiridos por experiencia para adecuar sus enunciados a la nueva instanciación de una situación comunicativa ya conocida. La tradición discursiva conjuga reiteración y actualización, y es en ese juego entre lo conocido y lo nuevo que el hablante se desempeña con mayor o menor comodidad, destreza, espontaneidad. Cuanto mayor sea el conocimiento de las tradiciones válidas en un determinado momento y lugar, mayor será la adecuación de los enunciados de los sujetos hablantes en esa instancia, por lo que resulta muy importante para los novatos dentro de un ámbito disciplinar el hecho de que se reiteren las prácticas y las oportunidades de participación en situaciones comunicativas pertenecientes a la misma tradición discursiva. Para quienes están accediendo al discurso de una disciplina es fundamental que se les propongan tareas que pongan en acción esas prácticas lingüísticas particulares, aunque en principio parezca sólo una insistencia sobre actividades similares. Tal la lógica del sistema educativo.

4. Efectos de lengua

En este punto, y a la luz de las treinta y cinco interacciones orales que conformaron mi *corpus*, es que comencé a vislumbrar ciertos fenómenos relativos al orden de la incorrección y de la inadecuación. La lec-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tura atenta de los registros me permitió observar que en el proceso de textualización se presentan ocurrencias de diverso orden, manifiestas todas a través de formas lingüísticas, que afectan la constitución del sentido del enunciado en cuestión. Los registros orales que consigné como pertenecientes a la tradición discursiva del intercambio entre docente y alumno, sujetos comprometidos – en mayor o menor medida – con la tarea escolar de comentario de textos de estudio, me fueron mostrando configuraciones que poseían algún rasgo que, en principio, podía catalogarse como fallido. Mi foco de interés fueron esos elementos anómalos en algún sentido, que afectaban de un modo u otro la naturaleza lingüístico-discursiva y el devenir de las interacciones orales. Si bien en ciertas ocasiones ninguno de los participantes da muestras concretas de percibir – escuchar, en términos de la teoría interaccionista brasileño-argentina- los fallos, a la luz del análisis es posible develar el despliegue de relaciones que se establecen en el interior de las estructuras, en las que se estrechan vínculos entre el elemento fallido y el resto de los componentes del enunciado.

La veintena de casos analizados me permitió acceder a una visión general de las fallas que luego pude clasificar. Esa necesidad de distinción no se relacionó con una exigencia autoimpuesta de nomenclaturas, sino con el hecho de que, efectivamente, el análisis demostraba que los fallos eran de distinto orden y afectaban, por ende, distintos niveles de los enunciados. De esta manera, la primera enumeración que realicé refería a casos en donde la falla afectaba a la selección léxica, a la lealtad para con el texto fuente, a una incompletud de sentido, a un recurso didáctico fracasado, a agramaticalidades de concordancia, a conformaciones morfológicas inesperadas. Varios fragmentos ejemplificaban la situación de que lo que emergía en los enunciados no eran efectos de la autonomía lingüístico-discursiva de un hablante, de su cálculo y estrategias, sino que más bien eran consecuencia, eran efecto de la captura que la lengua o el discurso opera sobre el sujeto. Las fallas son efectos, fenómenos que exceden al sujeto; el hablante lejos está de desear equivocarse o resultar inadecuado. El elemento fallido es efecto, resultado, derivación de la sobredeterminación sobre el sujeto que o la lengua o el discurso (o ambos) ejercen. Y allí la distinción que creo merece ser profundizada: la manifestación de la sobredeterminación de la lengua perturba de diferente modo al enunciado que la sobredeterminación del discurso sobre ese mismo fragmento de habla.

En este sentido y siguiendo a Norma Desinano (2010) podemos decir que los efectos de lengua muestran la preeminencia del sistema por sobre quien habla, puesto que en sus enunciados es posible observar emergencias que atañen al funcionamiento de la lengua, a discordancias gramaticales de género y número, por ejemplo, o a combinaciones morfológicas inesperadas. Es decir que los efectos de lengua pueden manifestarse tanto en el eje paradigmático como en el sintagmático. En el primer caso se trata de fallos a nivel léxico que muestran algún tipo de desvío respecto de las reglas de formación de palabras o de la inserción en ese sintagma determinado. Un ejemplo típico es la condensación de ítems lexicales, que se funden en uno solo que emerge en el enunciado, provocando un eventual extrañamiento en el hablante y/o su interlocutor. Si el fallo, en cambio, afecta el eje sintagmático, se produce una modificación en la organización de las estructuras. El efecto de lengua acaba deteniendo la continuidad textual puesto que socava la significación de ese componente lingüístico que ha ocurrido, portador de algún tipo de rasgo extraño e inesperado dentro de la lengua. Pero esa ruptura semántica no se circunscribe a ese elemento individualmente sino que posee un alcance mayor, ya que impregna la totalidad del enunciado, que se ve resentido no sólo porque está debilitada su estructura semántica sino también, y si se me permite el juego con la misma conformación morfológica, porque se precisa de un re-sentido, un sentido otro sobrepuesto, que el interlocutor, si es capaz de escucha, deberá otorgar a través de un esfuerzo de interpretación, suturando – o intentando suturar – la significación de todo el enunciado.

5. Efectos de discurso

La categoría de efecto de discurso me permitió pensar que en las textualizaciones orales en situación de comentario de texto podía observarse otro tipo de fallos que no tenían que ver con transgresiones al o desconocimiento sobre el sistema, sino que remitían a inadecuaciones relativas al tipo de interacción oral que se estaba desarrollando, el objetivo del hablante, el texto fuente que servía de base etc., es decir, a cuestiones del orden de lo discursivo.

En el análisis de casos pude distinguir que eran rasgos relativos a los universos discursivos los que se ponían en tensión, y que eventualmente generaban extrañamiento entre los interlocutores. La categoría de efectos de discurso se configura entonces para dar nombre a esos fenó-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

menos que pueden caracterizarse como relativos a una inadecuación al discurso de referencia al que pertenecen los enunciados, específicamente, a la tradición discursiva.

En otras palabras, los efectos de discurso que aparecen en los fragmentos de interacciones analizadas son fallas que afectan el fluir textual en el nivel discursivo, es decir, ponen en jaque la adecuación al género discursivo, a la consigna de la que es respuesta, a la/s secuencia/s que lo componen. Los efectos de discurso dejan al descubierto, en la superficie de los enunciados, una grieta en las lógicas de funcionamiento discursivo, dejando en evidencia – y valga el parangón con el campo de las matemáticas – ciertos elementos que no pertenecen al conjunto, ya que no poseen todas o algunas de sus propiedades. Esa no pertenencia genera, allí, una inadecuación del elemento, pero que, como he dicho, posee consecuencias que se expanden a toda la textualización.

Capturado por el discurso, el sujeto realiza las elecciones pertinentes a la situación, la tarea, el interlocutor, el ámbito disciplinar. Emergen en su enunciado ítems lexicales que desavienen lo que la tradición discursiva establece (ya sea por excesiva formalidad o informalidad, por corrimiento del campo temático-disciplinar, por poseer un grado de generalidad o especificidad que no se corresponde con las determinaciones de la situación comunicativa particular etc.), estructuras impropias para la trama textual en la que se encuadra la interacción y el texto de estudio leído previamente (las argumentaciones y explicaciones se convierten, en la voz de los alumnos, en narraciones), intervenciones que no se acomodan al reparto de roles que funciona en la globalidad de la situación (los docentes encuentran como recurso didáctico, muchas veces, correr el registro riguroso del discurso disciplinar hacia un registro más coloquial y cercano, desde su punto de vista, a los alumnos).

Considero que el efecto de discurso se genera allí donde un elemento del enunciado presenta algún rasgo inconveniente respecto de las normas de funcionamiento lingüístico-discursivo que se entretajan en una esfera determinada, hecho que culmina por desestabilizar – en mayor o menor medida – su sentido, porque no se adapta al discurso.

6. *Posibilidad e imposibilidad de reformulación*

Los sujetos, habiendo generado enunciados que presentan algún tipo de fallo, muchas veces, reformulan sus enunciados. A lo largo de es-

te trabajo intenté hacer hincapié en que la posibilidad de escucha y de reorganización es eventual, nada puede asegurarse desde fuera; la imprevisibilidad del funcionamiento del sujeto es insoslayable en cualquier situación comunicativa. Lo importante, entonces, es tener en cuenta que, ante la emergencia de efectos de lengua o de discurso, los hablantes, si perciben la falla, pueden reformular sus enunciados, proponiendo configuraciones que intenten superar la primera versión, lo que también es eventual. Aquí, entonces, nos encontramos ante una conceptualización de reformulación que se aparta de los postulados cognitivos, puesto que creo, de acuerdo con lo expuesto sobre el estatuto de sujeto y el marco teórico del interaccionismo, que es evidente que el sujeto no siempre está en condiciones de objetivar su decir para evaluarlo y así modificar aquello que no sea pertinente, adecuado, correcto. Más bien considero que la posibilidad de escucha y la de no escucha, o sea, la probabilidad de reformulación o la ausencia de ella son igualmente posibles, ya que no es posible controlar todas las variables que pueden causar la emergencia de los efectos, de la escucha, y de la versión segunda.

7. Consideraciones finales

He desarrollado a lo largo de esta presentación la conformación teórica de la categoría de efecto de discurso, la cual me ha servido para abordar ciertos fenómenos de las interacciones orales entre docente y alumno en una situación de comentario de texto de estudio. Sin embargo, creo, y hacia allí se dirige mi investigación, que como categoría teórica puede extenderse para estudiar y explicar las estructuras lingüísticas de otras textualizaciones. Los incipientes trabajos de Romanini y Milan (someramente descritos en esta mesa) prestan atención a instancias comunicativas distintas a las interacciones docente/alumno, que presentan, asimismo, casos de incongruencia e inflexión respecto de las tradiciones discursivas en las que se inscriben las textualizaciones analizadas.

En resumen y por todo lo dicho hasta aquí, es posible considerar que la inadecuación léxica, la imprecisión semántica, la incompatibilidad con el registro formal, así como también la incompletud del sentido de lo que se dice, pueden indicarse, entre otros, como efectos de discurso. Su emergencia en el seno de los enunciados, de hecho, se relaciona con las determinaciones convocadas por el tipo de interacción, el objetivo que la motiva, el texto leído previamente, la disciplina a la que pertenece el desarrollo temático, los interlocutores participantes, es decir, con la serie

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

de rasgos que caracterizan la tradición discursiva. Las fallas/inadecuaciones que se presentan en los enunciados afectan alguno de esos aspectos y pueden causar extrañeza al hablante, quien decide reorganizar su enunciado. Los efectos de discurso se plasman en la lengua, porque ella es su condición de posibilidad y funcionamiento, entonces la relación dinámica del sujeto con el discurso al que está accediendo deja sus huellas en los enunciados en esas señales, en las que se percibe la tensión “entre el sistema y su alcance concreto dentro del discurso tal como lo genera el hablante”. (DESINANO, 2010, p. 4)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIZ, Antonio; GRUPO Val.Es.Co. *¿Cómo se comenta un texto coloquial?* Barcelona: Ariel, 2004.

BRONCKART, Jean-Paul. *Actividad verbal, textos y discursos. Por un interaccionismo socio-discursivo*. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2004.

CÁRDENAS, Viviana. Hablar y calcular: (im)posibilidades. En *Tópicos de Seminario*, 2005, Nº 14, pp. 181-214.

CARVALHO, Gloria. Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição de linguagem. En *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 2005, Nº 47, vol. 1 y 2.

DESINANO, Norma. *El investigador y los efectos de lengua*. Ponencia presentada en el *XII Congreso de la SAL*. Mendoza, abril de 2010. Mimeo.

DESINANO, Norma. *Alumnos universitarios y escritura académica. Análisis de un problema*. Rosario: Homo Sapiens, 2009

GRICE, Herbert Paul. Lógica y conversación. En VALDÉS VILLANUEVA, Luis Manuel. (Ed.) *La búsqueda del significado. Lecturas de filosofía del lenguaje*. Murcia: Tecnos, 1991.

KABATEK, Johannes (Ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico. Nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2008.

KABATEK, Johannes. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. En CIAPUSCIO, Guimar – JUNGBLUTH, Konstanze – KAISER, Dorothee – LOPEZ, Célia (eds.) *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

en *Latinoamérica*. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2006.

KOCH, Peter y OESTERREICHER, Wulf. *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano*. Madrid: Gredos, 2007.

LEMOS, Claudia. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição da Linguagem. En LIER DE VITTO, Maria Francisca y ARANTES, Lúcia. (Orgs.) *Aquisição, Patologias e Clínica de linguagem*. São Pablo: FAPESP - Editora PUCSP, 2007a.

LEMOS, Claudia. Sobre o paralelismo, sua extensão y a disparidade de seus efeitos. En LIER-DE VITTO, Maria Francisca – ARANTES, Lúcia (Orgs.) *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Pablo: FAPESP - Editora PUCSP, 2007b.

LEMOS, Claudia. *Corpo y corpus*. En *Corpo, linguagem, gestos e afetos*, Faep, Unicamp, 2003.

LEMOS, Maria Teresa. A fala da criança como interpretação: uma análise das teorias em Aquisição de Linguagem. Em *Letras de Hoje*. Porto Alegre, 1995, v.30, Nº 4, p. 181 – 187.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca (2006) *Acquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. San Pablo: Fapesp/PUCS.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca. *Singularidade e repetição*. Ponencia presentada en el XIV Congreso Internacional de la ALFAL, 2005. Monterrey, México. Disponible en: www.mundoalfal.org/cdcongreso/cd/adquisicion_lenguaje/lierv.swf.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca (1995) “Língua e discurso: á luz dos monólogos da criança” En *Letras de Hoje*. Porto Alegre v.30, Nº4.

MILNER, Jean-Claude. *El amor de la lengua*. Madrid: Visor, 1998.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
MULHER NEGRA, CABELO E EMPODERAMENTO:
UMA ANÁLISE DO SERIADO *SEXO E AS NEGAS*³⁴

Natália Godofredo de Oliveira (UNIGRANRIO)

natalia.godofredo@gmail.com

Maria Anselmo dos Santos (UNIGRANRIO)

maria.anselmo@hotmail.com

Vanessa Ribeiro Teixeira (UFRJ; UNIGRANRIO)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar alguns momentos do discurso das quatro protagonistas do seriado *Sexo e as Negas* (2014), veiculado pela Rede Globo. O ponto central de nossa abordagem será o processo de empoderamento feminino, observando, em especial, as referências ao cabelo da mulher negra. Ao longo do segundo episódio, intitulado “O pente que te penteia”, percebemos o fortalecimento da alteridade das personagens Zulma, Tilde, Soraia e Lia, que têm entre suas principais comprovações simbólicas a valorização do cabelo crespo, evidenciando, em suas representações, o lugar de importância do cabelo como elemento identitário, atravessado pelas considerações sobre etnia e gênero.

Palavras-chave: Cabelo. Mulher negra. Empoderamento. Sexo e as negas.

1. Introdução

Os cabelos costumam ser reconhecidos como símbolo da feminilidade, do desejo e da sedução, um elemento indissociável da beleza e da imagem feminina. Em vários setores da sociedade brasileira, o padrão idealizado de beleza prima pelas características eurocêntricas e pela “branquitude”, através dos cabelos lisos e compridos. Baseados nestes aspectos, foram estabelecidos estigmas, conflitos e marcas de uma sociedade racista, que tem como padrão real uma população mestiça e majoritariamente negra. Inserida nestes contextos a população negra, principalmente as mulheres negras, se veem desvalorizadas em suas características estéticas e desqualificadas da possibilidade de beleza negra, seja pela sociedade, seja pelos meios de comunicação, que não lhe conferem representatividade.

³⁴ As discussões presentes neste artigo são parte integrante dos projetos de dissertação, em produção, intitulados Representações da mulher negra na teledramaturgia: o caso do seriado *Sexo e as Negas* e *Mulher negra e cabelo: da recusa à aceitação*.

Tendo em vista as construções simbólicas dos cabelos das mulheres, em especial o caráter identitário para as mulheres negras, este trabalho pretende analisar o episódio “O pente que te penteia”, do seriado *Sexo e as Negras* (2014), veiculado pela Rede Globo. O principal objetivo é analisar as representações e discursos das protagonistas referentes ao cabelo da mulher negra, ressaltando o caráter identitário e o empoderamento feminino.

2. A importância dos cabelos para as mulheres

Ao discutirmos a relevância dos cabelos para as mulheres, precisamos refletir sobre a questão de que a mulher é, acima de tudo, uma imagem. Segundo Michele Perrot (2007), a vida das mulheres é feita de aparências, regida por códigos que determinam os momentos de se mostrar e de se ocultar. Assim, cabe a mulher ser bela e se calar.

De acordo com Flávia Marques Rosário (2006), nas culturas ocidentais a feminilidade está estritamente ligada à beleza. É válido ressaltar que os padrões estéticos que definem os critérios de beleza variam de acordo com cada cultura. Neste contexto, o cabelo figura como um dos elementos indispensáveis na construção do feminino. Corroborando esta visão, Michele Perrot (2007) acrescenta que o cabelo concentra a sensualidade, a sedução e atiga o desejo.

No que se refere às representações dos cabelos das mulheres, as principais estão ligadas à proximidade com a natureza, a animalidade, ao sexo e ao pecado. Neste ponto, Michele Perrot (2007) recorda as constantes representações das extensas cabeleiras de Eva e Maria Madalena, presentes nas estátuas medievais e na pintura renascentista alemã. Há também um período de erotização dos cabelos, com destaque no século XIX, segundo a autora. Na época, marcada pelo dualismo “esconder/mostrar”, os cabelos representam “a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução e o pecado”. (PERROT, 2007, p. 55)

O ato de enfeitar ou cobrir os cabelos está ligado a convenções, de diferenciação e da moda. Segundo a autora, no século XIX, a mulher “de respeito” cobria a cabeça, já que aquelas que usavam o cabelo solto eram taxadas como vulgares, mulheres do povo. Nos séculos XVII e XVIII, os cabelos eram cobertos pelos suntuosos chapéus, que se assemelhavam a “bolos de noivas”. Posteriormente, os penteados entraram na moda, ainda prevalecendo em público o uso do cabelo preso, já que os cabelos soltos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

se restringiam ao espaço do lar, ou até mesmo, apenas ao quarto de dormir.

Com o objetivo de compreender o significado social do cabelo, Bouzón (2004, *apud* ROSÁRIO, 2006, p. 36) realiza um trabalho etnográfico nos salões de beleza da zona sul do Rio de Janeiro, entrevistando mulheres brancas, de 20 a 60 anos, e profissionais de beleza. O autor aponta que o cabelo arrumado assegura emocionalmente, protege dos julgamentos e da exclusão pela aparência. Além disso, compõe uma fachada pessoal e também serve para afastar uma pessoa do convívio com as outras. Este último está ligado a casos em que o indivíduo é tachado por ter um corte “cafona”, uma cor de cabelo “escandalosa”, ou cabelo “sujo” e “desgrenhado”.

Em sua etnografia, o autor ressalta que o comprimento do cabelo também tem um simbolismo, pois deve “combinar” com a idade das mulheres. Assim, para aquelas com mais de 50 anos, o uso dos cabelos compridos e franjas não é recomendado. Outro ponto do trabalho do autor destacado por Rosário (2006) é a relação entre os cabelos e determinadas situações sociais. Um dos exemplos citados é o ambiente de trabalho, em que se faz necessário um cuidado especial com o cabelo, com uso de cortes e tinturas sóbrias e penteados arrumados, quanto mais formal for o cargo ocupado.

Tendo em vista as representações e simbolismo em torno do cabelo, apresentado pelos autores, podemos corroborar Nilma Lino Gomes (2003c) em sua afirmação de que o cabelo é um dos elementos de maior visibilidade e destaque no corpo. De acordo com a autora, nos diversos grupos étnicos as características de crescimento, diferentes cores e texturas dos cabelos estão presentes e permitem as mais diferentes técnicas de manipulação do cabelo, não necessariamente ligadas a tecnologias sofisticadas. Entretanto, ressalta que o tratamento, a manipulação e a simbologia do cabelo variam para cada cultura. Dessa forma, apontando o caráter universal e particular, o cabelo figura como importante ícone identitário.

3. *Identidade negra, cabelo e empoderamento*

Em sua pesquisa, Nilma Lino Gomes (2003b) destaca que o cabelo e a cor da pele têm um papel de relevância na construção da identidade negra, influenciando a maneira com que o negro se vê e é percebido pelo

outro, mesmo aqueles que alcançam certo grau de ascensão social. Neste último caso, o cabelo ainda é visto como uma marca de inferioridade, dando o forte caráter identitário.

Tratar sobre o corpo e o cabelo torna inevitável a abordagem da identidade negra, segundo a autora, visto que esta identidade é concebida como um processo interno, do olhar do negro para si mesmo e seu corpo, e externo, baseado na relação com o outro e aquilo que está fora. É baseada nessa relação tensa, conflituosa e complexa, que a autora pensa o corpo e a estética negra.

No contexto dos processos identitários, a cor da pele pressupõe os aspectos morais, intelectuais e motores dos negros, segundo Kiusam Regina de Oliveira (2008). Isso porque essas características compõem o senso comum e a realidade social, na qual brancos e negros integram uma relação binária, em que o branco é bom, alvo e puro, enquanto o negro se caracteriza pelo mal, a escuridão e a impureza. Para a autora, os aspectos negativos e a não-existência atribuídos ao corpo negro, através das construções culturais e sua rede de significações, acabam por ser absorvidos pelos negros em algum momento de suas vidas, o que pode acarretar uma recusa de si mesmos: “Nesse momento em que sucumbe a essas fortes imposições sociais, inicia-se o terrível processo de autorrejeição tendo o próprio corpo negro, como objeto persecutório - a vergonha - surge como o centro da questão”. (OLIVEIRA, 2008, p. 27)

Tendo em vista a influência da cultura na construção dos significados do corpo e do cabelo negro, Nilma Lino Gomes (2003b) considera que eles podem ser vistos como “[...] expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra” (GOMES, 2003b, p. 2). Por isso, eles não podem ser vistos como simples dados ou características biológicas. Dessa forma, é importante destacarmos que, em seu trabalho, a identidade negra é percebida como uma construção histórica, em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo mito da democracia racial.

Partindo da realidade conflituosa da questão racial brasileira, o cabelo é uma das marcas expressivas da relação entre brancos e negros. Neste binômio, o segundo é posicionado como o que sofre o processo de dominação, no âmbito político, econômico e cultural, enquanto o branco ocupa a posição de dominante, de acordo com a autora. Neste contexto, Nilma Lino Gomes (2003b) e Ivanilde Guedes de Mattos (2015), apon-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tam que do cabelo negro é visto como “ruim”, enquanto o do branco é reconhecido como “bom”, expressando o racismo e a desigualdade, segundo os quais a cor da pele e a textura do cabelo determinam o grau de discriminação e o juízo de valor imposto aos negros.

No entanto, Nilma Lino Gomes (2003b) afirma que essas construções separatistas não são aceitas passivamente pelos negros, que buscam a ressignificação através da construção de práticas políticas e da reinvenção de práticas culturais. Dessa maneira, acredita que, na busca por mudar o cabelo, o negro almeja sair do posicionamento de inferioridade ou de sua introjeção. Outra possibilidade é o sentimento de autonomia, presente nas maneiras “ousadas e criativas” de utilizar o cabelo.

O contexto do uso e valores atribuídos ao cabelo é uma zona de conflitos e tensões, segundo a autora, pois consolida um padrão de beleza corporal real e um ideal, sendo que, no Brasil, este último é branco e o primeiro é negro e mestiço. Fato que, na visão de Kiusam Regina de Oliveira (2008), diverge da constituição social brasileira.

Em terra de negros e miscigenados como o Brasil, o valor de uma pessoa reside naqueles que fogem a essas características; na verdade, quanto mais branca for a pele e quanto mais liso for o cabelo, mais a pessoa encontra a valorização na mídia e nos diversos anônimos que compõem a sociedade. (OLIVEIRA, 2008, p.24)

Assim, aqueles que divergem do estilo elitizado de corpo, constituem um corpo marginal, segundo a autora. A auto identificação torna-se, então, um grande problema, dado que em uma população majoritariamente mestiça os padrões de beleza são fortemente europeizados.

Buscar um ideal de beleza ancorado na branquitude foi um sacrifício e resignação para muitas mulheres, segundo Ivanilde Guedes de Mattos (2015). Ao narrar os processos pelos quais as mulheres negras que iam ao seu salão passavam, a autora se remete ao passado, em seu trabalho. Estratégia justificada pela necessidade de retomar um período histórico no qual as formas de inverter os valores e normas que regiam o corpo negro eram mínimas, assim o ato de alisar os cabelos era uma “sentença”. Esta era uma prioridade para as mulheres, um impulsionador da inclusão social, para a qual buscavam se enquadrar em padrões estéticos eurocêntricos. Já na contemporaneidade, a autora acredita na possibilidade de uma “diversidade estética mais contemplativa”, baseada na insurgência de cabelos crespos e naturais, demonstrando uma ressignificação de estima e pertencimento. Isso não significa, no entanto, que a sociedade seja menos racista e discriminatória.

É válido ressaltar que, na opinião da autora, para algumas mulheres negras as alterações nos cabelos, em relação aos fios crespos e naturais, referem-se a uma busca por reduzir os danos causados pelos tratamentos capilares ou ainda pela relação de custo/benefício, sem nenhuma menção à afirmação da negritude. No entanto, para Ivanilde Guedes de Mattos (2015), ainda que não se trate de um processo de cunho identitário e afirmativo, aquelas que optam pelo uso dos cabelos crespos e cacheados contribuem e influenciam para que a sociedade passe a perceber as mulheres negras com novos olhares.

Ainda no que se refere à busca das mulheres negras para se encaixar nos padrões estéticos privilegiados pela sociedade, Gomes (2003a) apresenta alguns depoimentos presentes em sua tese sobre as experiências em relação ao cabelo e ao corpo negro no ambiente escolar. Destacamos uma entrevistada que relata o dia em que foi à escola com o cabelo alisado, momento em que seus colegas a elogiaram por estar com os cabelos arrumados, em detrimento dos dias em que se apresentava com o cabelo trançado. A autora analisa o episódio, apontando que, apenas no momento em que a entrevistada utilizou o cabelo de forma mais próxima ao padrão “branco”, ou seja, liso, que recebeu elogios e reconhecimento dos colegas. Dessa forma, para os outros, o uso do cabelo de “trancinhas” não é considerado “arrumado”, penteado. Nilma Lino Gomes (2003a) ressalta que o uso das tranças pelos negros é marcado por uma simbologia de matriz africana que adquiriu novos significados no Brasil, além de ser um dos primeiros penteados utilizados pelas crianças negras e destacados pela família. “Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras”. (GOMES, 2003a, p. 117)

Em outro trabalho, a autora resgata a ancestralidade da manipulação do cabelo pelos negros em diversos países africanos, onde as diferentes técnicas e usos representavam símbolos de status e beleza. Dessa forma, destaca que os negros da diáspora, ao utilizarem técnicas complexas e diversos penteados, conservam uma certa inspiração africana, ainda que não seja consciente.

Assim, não é só por mera vaidade ou por não se sentirem satisfeitos com a sua aparência que os negros e as negras dão tanta atenção ao cabelo. Para o homem e a mulher negra, manipular o cabelo representa uma dentre as múltiplas formas de expressão da corporeidade e da cultura, as quais remetem a uma raiz ancestral. (GOMES, 2003c, p. 83)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Percebemos, então, que o cabelo para os negros é mais um dos elementos que compõem o complexo processo identitário. Por isso, Nilma Lino Gomes (2003b) afirma que a identidade negra, no âmbito de sua construção social, é “materializada e corporificada”. Inserido na complexidade e fragmentação da questão identitária, o cabelo é apontado pela autora como aquele que sintetiza a temática, dentre as diversas possibilidades analíticas que o corpo negro apresenta. No entanto, alerta que o cabelo crespo por si só não abarca toda a questão, como parte integrante do corpo, ambos são expressões da negritude e não devem ser pensados isoladamente.

4. *Empoderamento e estética negra*

Partindo da compreensão da complexidade e dos conflitos que envolvem as construções identitárias dos negros, percebemos que a estética negra não figura como padrão de beleza possível, que prima pela branquitude. Dessa forma, a temática se constitui nas relações de poder e nos estigmas étnicos-raciais, que envolvem as relações entre negros e brancos. É neste contexto que a busca pelo empoderamento dos negros, através da estética e a valorização da beleza negra, entra no debate, o que faz necessário apresentarmos breves considerações sobre a questão.

A presença das relações de dominação em várias sociedades é um fato observado no transcorrer da história, manifestado nas mais diversas formas. Ao debater a possibilidade de emancipação dos seres humanos, o tema do “*empowerment*” ou “empoderamento” assume destaque, de acordo Rute Vivian Angelo Baquero (2012). A temática pode ser abordada nos âmbitos individuais e coletivos, no entanto, a autora ressalta que esta é uma categoria ambígua, pois a falta do termo “empoderamento” nos dicionários brasileiros, faz com este seja apresentado em diferentes sentidos. Assim, o termo adquire uma característica polissêmica e complexa.

Segundo a autora, a temática do “*empowerment*” ganhou destaque e maior utilização na segunda metade do século XX, com os movimentos emancipatórios de busca pela cidadania nos Estados Unidos. No entanto, ressalta que, de acordo com Herriger (1997, *apud* BAQUERO, 2012, p. 174), a “tradição do *empowerment*” está enraizada na Reforma Protestante de Lutero, no século XVI, nas ações pioneiras de luta pela justiça social. É importante ressaltar que, para se pensar a temática neste momento histórico, é necessária uma contextualização, visto que, como

aponta Hewitt (2007, *apud* BAQUERO, 2012, p. 175), as repercussões do movimento foram além da religião. Lembremos que, ao questionar a interpretação dominante da *Bíblia* exercida pelo papado, o movimento defendeu e propiciou a livre interpretação das escrituras, com a tradução para o alemão. Assim, para o autor, com certas restrições, a Reforma de Lutero permitiu o empoderamento das pessoas da época, fato impulsionado pela invenção da imprensa por Gutemberg, que alavancou e multiplicou o alcance do movimento, já que a *Bíblia* passou a ser acessível para cada pessoa em suas línguas e dialetos locais.

Em seu trabalho, Kiusam Regina de Oliveira (2008) aponta a versão mais corrente, que adotaremos neste artigo, ao situar a temática do empoderamento junto aos movimentos de lutas pelos direitos civis, pois este é considerado o momento de maior repercussão e visibilidade da temática nas lutas, assim como é apontado por Rute Vivian Angelo Baquero (2012). Dessa forma, o empoderamento é apresentado por Kiusam Regina de Oliveira (2008), como um

[...] conceito complexo que toma emprestado noções de distintos campos de conhecimento. É uma ideia que tem raízes nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da ‘ação social’ presentes nas sociedades dos países desenvolvidos na segunda metade do século XX. (CARVALHO, 2004, p. 1, *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 104)

De acordo com Carvalho (2004, *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 104), o conceito passou por diversas mudanças de interpretação. Nas décadas de 70 e 80, por exemplo, através da psicologia comunitária, se ligava às questões de autoajuda. Já na década de 1990, volta-se às questões relacionadas ao direito à cidadania na esfera social. O autor também destaca que a inexistência do termo nos dicionários e a dificuldade do uso da categoria no país, por não existir uma expressão que traduza exatamente o significado de *empowerment*, leva algumas pessoas a utilizar o termo em inglês ou, ainda, a adotar o uso do apoderamento ou emancipação. No entanto, o significado desses conceitos é distinto, apoderar quer dizer “apossar-se” “assenhorar-se”, diferente de emancipação, que significa “tornar livre”.

Outra definição apresentada por Kiusam Regina de Oliveira (2008) é apontada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), segundo a qual o empoderamento se manifesta através do aumento do poder e da liberdade dos sujeitos excluídos ou subordinados.

Empoderamento” é um neologismo que vem da palavra *empowerment* e significa uma ampliação na liberdade de escolher e agir, ou seja, aumento da

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam sua vida. Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são excluídos socialmente. (OIT, 2005, p. 81, *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 105)

Visto dessa forma, a autora acredita que o empoderamento está ligado à promoção da capacidade de uma análise crítica da sociedade pelos seus membros, que interferem quando julgam necessário, visando eliminar as barreiras impostas socialmente. Este processo se dá através de ações coletivas de aprendizado, reflexão e tomada de decisões, que promovem um verdadeiro aumento do controle da própria vida e da comunidade. Para Kiusam Regina de Oliveira (2008), essas ações acarretam melhorias na qualidade de vida e promoção da saúde, e buscam constituir pessoas solidárias, com uma percepção abrangente de sua sociedade e que atuam nos aspectos que interferem na vida dos sujeitos.

Ao abordar a questão da estética e identidade negra, em especial dos corpos femininos, a autora considera que o empoderamento, através do viés educativo que orienta seu trabalho, confere humanidade à negritude, na medida em que promove a aceitação de seus corpos e sua corporeidade enquanto mulheres e negras. Nesse caso, o empoderamento será orientado pelo reconhecimento das diversas possibilidades históricas do corpo negro, na luta pela proteção e respeito às diferenças e à liberdade humana.

É válido ressaltar as conclusões de Rute Vivian Angelo Baquero (2012), segundo as quais o empoderamento se relaciona com elementos democráticos, participativos e de direitos humanos, mas não se esgota neles. Para além dos conceitos, envolve ações de cunho reflexivo, que têm em vista uma consciência crítica nos diferentes níveis – político, econômico e cultural - que constituem a sociedade e interferem sobre os a vida dos sujeitos. Por isso, a autora acredita que, para ser eficaz, o empoderamento deve atuar tanto nas esferas individuais quanto nas coletivas.

Assim, podemos compreender o empoderamento como um processo de tomada de consciência crítica por parte dos sujeitos, de cunho social e político. Por meio de ações individuais e coletivas, através das quais há um reconhecimento do poder das pessoas, essas últimas passam a lutar para modificar as relações desiguais, discriminatórias e excludentes em sua sociedade. Portanto, acreditamos que o empoderamento está presente na luta dos negros pela igualdade de direitos e oportunidades, na

busca pelo reconhecimento da diversidade do corpo negro, por si mesmos e pelos outros. À luz dos nossos interesses, empoderar é ressignificar as relações desiguais e conflituosas de poder, através de uma visão crítica e de ações, para reconhecer, valorizar e auto afirmar a beleza e a estética negra, em suas diversas formas, e no caso específico deste artigo o cabelo negro.

5. “O pente que te penteia”: análise do episódio de *Sexo e as Negas*

Apoiados nas abordagens teóricas apresentadas, podemos partir para o objetivo deste trabalho, que consiste em analisar alguns momentos do discurso das quatro protagonistas do seriado *Sexo e as Negas* (2014). O ponto central de nossa análise será o processo de empoderamento feminino, observando, em especial, as referências ao cabelo da mulher negra.

Neste contexto, escolhemos o segundo episódio intitulado “O pente que te penteia”, que tem como eixo temático os cabelos e os relacionamentos amorosos, que figuram como os principais dilemas das mulheres, de acordo com a trama. Vale destacar que, neste episódio, as protagonistas Tilde e Soraia se destacam com acontecimentos relacionados aos próprios cabelos, enquanto Zulma e Lia estão envolvidas com questões relacionadas à patroa e à filha, respectivamente. Partindo dessas informações, no primeiro momento, apresentamos as características de cada personagem em relação aos seus cabelos.

As personagens se destacam por possuírem estilos de cabelos comumente associados às mulheres negras. Tilde e Lia mantêm os cabelos crespos e cortes curtos, a primeira usa uma tonalidade castanho claro/loiro, geralmente com tranças na raiz e o restante solto e de lado, enquanto a segunda possui fios pretos geralmente penteados de lado. A personagem Soraia também valoriza os fios naturais e crespos, destacados pelo estilo *black power*, pintados com uma cor vermelha vibrante e com muito volume, enquanto a protagonista Zulma usa os cabelos com tranças longas.

Podemos perceber que as personagens utilizam cabelos que fogem ao padrão idealizado de beleza presente em nossa sociedade e, conseqüentemente, pouco divulgado pela mídia. Se tomarmos como exemplo as revistas femininas, tal como Kiusam Regina de Oliveira (2008) nos aponta, perceberemos que nestes periódicos o cabelo é especialmente va-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

lorizado e o discursos e imagens utilizados em relação ao cabelo da mulher negra, como a textura e o comprimento, são idealizados e não representam a grande maioria dos cabelos étnicos das mulheres negras. A autora ressalta que essas questões podem ser percebidas pelo fato das publicações apresentarem como modelo de beleza negra mulheres de pigmentação de pele mais clara, conhecidas pelo senso comum como “mulatas”, “mestiças” ou “morenas”, com cabelos compridos e cacheados, que podem ser usados lisos. A segunda questão destacada é que as negras que, de acordo com a autora, possuem “características fenotípicas quase que originais dos negros africanos”, como cabelo crespo estilo *black power*, não são valorizadas e exaltadas pela sociedade brasileira, que as enquadra em um espaço fora dos padrões estéticos de beleza. Por fim, Kiusam Regina de Oliveira (2008) acrescenta que, na contramão dos padrões, muitas mulheres negras buscam utilizar os cabelos naturais e as tranças como forma de valorização da estética africana, “demonstrando posicionamento político de denúncia e resistência contra a invisibilidade de significantes de cultura negra e dos processos de branqueamento impostos pela sociedade” (OLIVEIRA, 2008, p.30).

Percebemos, então, que as protagonistas não representam a imagem idealizada das mulheres negras e buscam a valorização das características étnicas e da beleza negra, através do uso dos cabelos crespos naturais e de tranças.

Inseridos no contexto de valorização da beleza dos cabelos das mulheres negras, é importante destacarmos a questão da performance apontada por Rogéria Costa de Paula (2014). Segundo a autora, recaem sobre as mulheres negras práticas de vigilância sobre a forma como devem performar seus cabelos, tanto por parte das mulheres brancas como das negras. Há uma cobrança pela utilização dos cabelos naturais, porque, do contrário, a mulher negra não estaria “assumindo” sua negritude. Por esse motivo, a autora questiona e chama a reflexão, “[...] quem pode afirmar que uma mulher negra que faz performance de cabelos “naturais”, com o penteado *black power*, é mais negra e ou assume sua negritude melhor que aquela que alisa o cabelo?” (PAULA, 2014, s/p). Tal questionamento nos parece relevante e merece especial atenção, pois, se é importante valorizar as características estéticas dos negros e desconstruir os padrões de beleza dominantes, também devemos permitir que as mulheres negras tenham a liberdade de escolher as formas e usos para seus cabelos. Não podemos sair de uma relação de poder e de padrão de beleza eurocêntrica, da valorização única do cabelo liso, para pregar a ditadu-

ra do cabelo natural, dado a diversidade da negritude e da constituição da sociedade brasileira.

O seriado conta com a figura do narrador que, através do texto em *off*, contextualiza a trama. Destacaremos dois momentos do episódio em que este recurso é utilizado, e complementado pela personagem Jesuína – uma espécie de segunda voz narrativa –, na rádio comunitária da Cidade Alta de Cordovil, local em que a série é ambientada.

O primeiro trecho é apresentado na abertura do episódio e, durante o texto do narrador, acompanhamos imagens de diversas mulheres em salões de beleza cuidando dos cabelos.

Narrador (off): Nos seres humanos os pelos sobreviveram à evolução como uma forma de nos proteger das agressões externas ao organismo. Mas o cabelo está ali por uma razão, proteger o nosso couro cabeludo contra a excessiva exposição à radiação solar.

Jesuína: Então, a pergunta de hoje é a seguinte: como é que uma coisa que deveria nos proteger pode nos causar tantos problemas? (ARAÚJO, 2015)

Neste ponto, somos introduzidos à função biológica dos cabelos para os seres humanos. No entanto, como vimos, eles adquiriram simbolias e significados em diferentes culturas. No caso específico das mulheres, se apresentam como símbolo de feminilidade e beleza, uma arma de sedução indissociável da figura feminina. Dessas construções surgem os “problemas”, pois, ressignificamos os cabelos para além da proteção do couro cabeludo, já que eles estão ligados à imagem e a estética.

Em um segundo momento, acompanhamos as protagonistas da série examinando seus cabelos em frente ao espelho. Neste momento, o texto nos remete novamente ao cabelo associado à sedução, junto à menção do fruto proibido. Temos, assim, dados que corroboram as primeiras linhas do nosso trabalho, nas quais Michele Perrot (2007) expõe representações do cabelo das mulheres com referências ao pecado, à sensualidade e ao desejo.

Narrador (off): “90% das mulheres ao acordar pela manhã examinam seus cabelos no espelho. Afinal, ele tem sido uma arma de sedução desde o Paraíso. Eu arrisco até a dizer que o cabelo nesse quesito compete com o fruto proibido. Portanto, se o cabelo é uma arma, não permita que essa arma se volte contra você mesma. Porque é fato, 90% das mulheres examinam seus cabelos pela manhã.

Jesuína: Os restantes 10% ou não tem espelho ou perderam qualquer esperança. Bom dia Cidade Alta de Cordovil! Bom trabalho! (ARAÚJO, 2015)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Como abordamos no início da análise, Tilde é uma das protagonistas que se destaca neste episódio com relação aos dilemas sobre o cabelo. Desempregada há três meses, a personagem aparece preocupada com uma entrevista de emprego que terá no dia seguinte, quando percebe que seu cabelo está caindo. O namorado, Vinagre, sai no meio da noite para pedir a ajuda da irmã Gaudéria, que é proprietária de um salão na comunidade. Conhecida também como “gaúcha”, a personagem se destaca por seu posicionamento preconceituoso e racista. Neste momento, ela se recusa a atender o pedido do irmão, devido ao seu “instituto” estar fechado. Assim, é a outra irmã de Vinagre, Bibiana, quem se prontifica a atender Tilde.

No dia seguinte, no bar da Jesuína, descobrimos que, apesar da recusa inicial, Gaudéria ajudou Tilde. Curiosa, a personagem Jesuína questiona a cabeleireira para saber o resultado. Durante o diálogo, percebemos falas discriminatórias e racistas da cabeleireira.

Gaudéria: Tô morta! Consigo nem coar um café, o cabelo da Tilde me deu uma surra. Já disse ao Vinagre, Deus me livre de ter sobrinho com aquela carapinha.

Jesuína: Toma vergonha Gaudéria! Toma vergonha porque o teu pai veio pra cá enrabichado com a nega Verena, depois que tua mãe morreu.

Vinagre: Papai sabia das coisas viu Jesuína!

Gaudéria: E não é à toa que te deu apelido de Vinagre. Papai sabia de tudo. Foi graças à nega Verena que aprendi a lidar com cabelo ruim.

Jesuína: E aí Gaudéria... e o cabelo da Tilde como ficou?

Gaudéria: O cabelo é ruim! Mas eu sou pior que ele Jesuína, eu sou bem pior!

Já no início de sua fala a cabeleireira mostra o seu desgosto diante do relacionamento de seu irmão com uma negra, neste caso, Tilde, e desqualifica o cabelo negro. Segundo Ivanilde Guedes de Mattos (2015), carapinha é também uma referência ao cabelo crespo, do tipo que são mais rentes ao couro cabeludo e que não têm cachos definidos. Gaudéria aponta uma postura racista e discriminatória ao desqualificar o cabelo de Tilde, fazendo um juízo de valor bastante presente em nossa sociedade, no qual a textura do cabelo crespo é percebido como algo ruim. Vale destacar que a personagem Gaudéria é branca, de olhos claros e cabelos loiros, constituindo o padrão de beleza ideal e de “cabelo bom”.

Mais à frente na história, acompanhamos a entrevista de emprego de Tilde e o resultado do tratamento no salão da Gaudéria. A protagonis-

ta aparece com os cabelos castanhos claros alongados, através de um aplique, e cacheados. A responsável pela entrevista, uma negra de cabelos lisos e presos, logo se encanta e elogia os cabelos da moça. Devido ao fato de se apresentar com os cabelos “arrumados”, Tilde consegue a vaga de emprego. Percebemos, neste caso, o que Nilma Lino Gomes (2003a) conceitua como um “patrulhamento ideológico” em relação à estética das mulheres negras, que, principalmente no ambiente de trabalho, devem se enquadrar em normas apropriadas de apresentação. Vale ressaltar que a personagem Tilde faz uma mudança nos fios, que geralmente são crespos, mas, devido à queda, levam-na a fazer uso de um aplique alongando. Neste ponto, a personagem se encaixa no padrão de representação idealizado descrito por Kiusam Regina de Oliveira (2008), de acordo com o qual as mulheres negras, que figuram nas publicações voltadas para o público feminino, utilizam cabelos longos e cacheados, que, embora mais valorizados, não representam a maioria dos cabelos das mulheres negras.

No que se refere à personagem Soraia, o seu dilema é conseguir dinheiro para cuidar do cabelo, que segundo ela está “rebelde” e “cheio de vontade” e “precisa de um carinho”. Por trabalhar como cozinheira para um casal, ela tenta conseguir um adiantamento com os patrões. Os termos utilizados pela personagem ao se referir aos cabelos, nos remetem a “moral estética contemporânea” que impõe aos corpos negros um autocontrole da aparência física, de acordo com Rogéria Costa de Paula (2014). Existe uma necessidade de controle dos cabelos, sejam em sua performance “natural” ou “dominada por meio de artifícios”. Na visão da autora, seja qual for a utilização dada ao cabelo das mulheres negras, envolve trabalho e domínio.

Desse modo, o que parece ser de senso comum é que os cabelos dos corpos negros não podem ser simplesmente soltos sem algum tipo de controle. Ou seja, a performance de cabelo de corpos negros femininos, geralmente envolve trabalho, domínio e controle tanto por parte de quem o usa “natural” quanto por aqueles que usam artifícios de alisamento, por exemplo. (PAULA, 2014, s/p)

Ainda que a personagem use o cabelo *black power* e geralmente solto, fora do ambiente de trabalho, as referências a uma prática que envolve certo trabalho e a noção de que o cabelo está rebelde, a enquadra no processo de controle dos cabelos negros.

Em um segundo momento da personagem, percebemos uma valorização do cabelo crespo e o reconhecimento da beleza negra. Ao chegar na comunidade, Soraia é abordada pelo personagem Lagarto, que demonstra seu interesse por ela e elogia seus cabelos. Assim, o cabelo cres-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

po e *black power* da personagem, figura como elemento de sedução, ainda que não corresponda aos padrões estéticos de um cabelo longo. Vale ainda ressaltar que, neste momento, Soraia não teve a oportunidade de “arrumar” os cabelos. O flerte entre Lagarto e a personagem faz com que os dois deem início a um relacionamento.

Lagarto: Já eu te vejo sempre... Vejo o teu cabelo. Volta e meia eu vejo tu passando, fico só de olho.

Soraia: No meu cabelo?

Lagarto: Ah, me amarro num cabelo assim, acho bonito.

Soraia: Essa semana eu vou dar um trato nele. Tá me cantando Lagarto?

Lagarto: ...Soraia, não mexe no cabelo não...

Soraia: Gosta tanto do meu cabelo assim? (ARAÚJO, 2015)

Vale ainda ressaltar, nessa análise, um outro momento característico da série: os clipes musicais apresentados no final dos episódios, com músicas inéditas. Cantando a música “Cabelo”, as personagens aparecem com perucas estilo *black power*. A letra da canção traz uma mensagem de valorização dos cabelos das mulheres negras e suas diversidades, como nos trechos destacados abaixo.

O pente que me penteava
Já mudou de direção
Chapinha só alisa o pelo
Mas não muda opinião

Estica, hidrata, alisa, alonga
Eu nunca fui a Rapunzel
A minha trança subiu solta
Cresceu vistosa rumo ao céu
Meu cabelo é da hora
Se deixar ele se enrola
Como eu me enrolo em você
Como eu me enrolo em você
Como eu me enrolo

Enrola, estica, hidrata, alisa
Pega o bonde, grita e avisa:
Meu cabelo é o meu poder!

Deixa o meu cabelo voar
Mais rebelde eu sou mais gata
E prometo não lhe arranhar!
Estica, hidrata, alisa, alonga

(Sexo e as Negas, 2016)

A partir dos trechos destacados da música, podemos perceber a mensagem de que o cabelo negro deve ser reconhecido como belo, que ele tem “poder” e deve ser motivo de orgulho. A canção pontua a mudança das mulheres negras que optaram por assumir o cabelo natural (“o pente que me penteava já mudou de direção”), ao mesmo tempo em que mostra que o uso das técnicas para alisar o cabelo, como a “chapinha”, não faz com que a opinião daqueles que veem os negros e seus cabelos como algo inferior, ruim e desprovido de beleza, seja alterada. Como nos é apontado por Nilma Lino Gomes (2003c), o cabelo dos negros é utilizado pela sociedade racista para retirá-los do lugar de beleza, mas esse fato, segundo a autora, é o que demonstra o quanto a estética negra tem destaque na constituição histórica e cultural da sociedade brasileira.

A referência à personagem de contos de fada Rapunzel é utilizada para demonstrar que os cabelos das negras não possuem as características de serem longos e lisos, mas têm a sua beleza através das tranças, recurso esse que, como vimos, é um penteado característico deste grupo étnico-racial, carregado de simbolismo e ancestralidade. Enfim, é ressaltada a necessidade de deixar os cabelos livres (“deixa o meu cabelo voar”) e a beleza do cabelo “rebelde”, que não precisa ser controlado ou enquadrado em nenhum padrão estético idealizado. Há, por fim, uma espécie de celebração da estética negra presente na música.

6. Considerações finais

Através da análise do segundo episódio do seriado *Sexo e as Negras* (2014), que tem como um dos eixos temáticos os cabelos das mulheres negras, podemos perceber uma problematização, seguida de valorização da beleza no cabelo negro.

Em primeiro lugar, é importante destacar que a série dá o protagonismo à quatro mulheres negras, que, através de seus posicionamentos e do uso de seus cabelos, costumam autoafirmar a beleza negra. Fato de relevância em nossa sociedade marcada pelo racismo e o mito da democracia racial, que desapropriam os negros de sua humanidade e inferiorizam sua estética.

Vale ressaltar que a presença e protagonismo das mulheres negras em produções televisivas ainda é pouco expressivo, se comparada à presença maciça desta parcela da população na constituição da sociedade brasileira. As protagonistas do seriado, através de suas representações,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

contribuem para o empoderamento das mulheres negras, ao assumirem cabelos que fogem ao padrão estético idealizado pela sociedade e difundido pela mídia. Ressaltam os cabelos negros crespos, o *black power* e as tranças, comumente inferiorizados.

No desenvolvimento da trama, são expostos discursos construídos socialmente e amplamente difundidos na nossa sociedade, como a regulação de normas de apresentação dos cabelos das mulheres negras, nos momentos destacados das personagens Tilde e Soraia. Além disso, percebemos a discriminação e o racismo em relação ao cabelo crespo e ao corpo negro.

Por fim, entendemos que a representação presente no seriado promove a valorização do cabelo crespo natural. Um tema importante para o empoderamento, a autoafirmação e a eliminação das barreiras excludentes relacionadas à população negra. No entanto, acreditamos que não podemos incorrer na imposição de um novo padrão, para o qual o “modelo” ou “essência” de negritude deva ser reconhecido tão somente nas mulheres que assumem os cabelos naturais ou as tranças. Não podemos buscar a desconstrução dos padrões que inferiorizam o cabelo negro e promover a ditadura do cabelo natural. O empoderamento também está presente no ato das mulheres serem livres para escolher as formas de utilizar suas madeixas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Lucas. YOUTUBE, 2015. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UC_EHPe52IcOjeYHZ1xglow>.
Acesso em: 03-08-2016.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, vol. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>>. Acesso em: 16-08-2016.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professoras/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 29, n. 1, p. 167-182, jan.-jun. 2003a. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16-08-2016.

_____. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2003b.

_____. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, ago. 2003c. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16-08-2016.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. *Pontos de Interrogação*, Bahia, vol. 5, n. 2, p. 37-53, jul.-dez., 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/2164/1497>>. Acesso em: 16-08-2016.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. *Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra*. 2008. Tese (Doutorado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16062008-161253>>. Acesso em: 16-08-2016.

PAULA, Rogéria Costa de. Corpo negro – midiatisações e performances de raça. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade; Dilemas e Desafios na Contemporaneidade, 2012, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2012.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. Trad.: Angela M. S. Corrêa. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, p. 49-62, 2007.

SEXO e as Negas. GSHOW, 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/sexo-e-as-negas/Extras/noticia/2014/09/um-show-a-parte-assista-ao-clipe-de-cabelo-na-integra.html>>. Acesso em: 16-08-2016.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
O DISCURSO POLÊMICO
DA SUBJETIVAÇÃO DA MULHER NUTRIZ

Criseida Rowena Zambotto de Lima (UFMT)
cris_zambotto@hotmail.com

RESUMO

Por considerar que não há uma conduta materna universal, este trabalho pretende perscrutar a constituição dos efeitos de sentido de verdade, na disputa entre os discursos presentes nos enunciados da matéria “#pobrefazendopobrice: seis erros do post que ridicularizou a amamentação”, publicada no Portal EBC. A reportagem traz discursos de especialistas para desautorizar os enunciados de um *post* publicado no *Facebook*, no qual a enunciativa se posiciona contrariamente ao aleitamento materno. Para esta análise, utilizamo-nos de alguns dos conceitos de Michel Foucault, com destaque para os de verdade, poder e biopoder (2009 e 2012), de modo a compreender o processo pelo qual a matéria aciona a memória discursiva acerca da mulher-mãe-nutriz, produzindo efeitos de verdade/poder nos discursos sobre o aleitamento materno e identidade materna. Não se questionam os benefícios propalados do aleitamento materno, mas como se operam os micropoderes de produção e reprodução da identidade materna via ferramentas de biopoder e como funciona o controle/interdição, via discurso, sobre outras formas de subjetivação. Nesse estudo pudemos observar como o discurso se constitui em um jogo de escolhas com o intuito de construir uma vontade de verdade/poder operada na prática discursiva que conduz o dizer, abrigando uma série de outros discursos. Ao fixar a voz do discurso da resistência aos ditames do discurso hegemônico sobre o aleitamento materno, a reportagem constrói seu posicionamento em relação ao que seja saber e verdade, destituindo o Outro de poder dizer.

1. A polêmica da amamentação

As representações sociais sobre a identidade da mulher-mãe são construtos sócio-históricos reforçados por práticas, instituições e discursos resultantes dos efeitos de poder-saber que forjam a subjetividade materna. Tais discursos, socialmente legitimados sobre maternidade, corpo feminino e amamentação, assentam-se em formações discursivas ora de caráter androcêntrico e normativo, ora de caráter feminista e emancipatório acerca de valores e verdades que constituem e definem o que é ser mãe-nutriz para a sociedade ocidental.

Por considerar que não há uma conduta materna universal, este trabalho pretende perscrutar a constituição dos efeitos de sentido de verdade, produto das relações de poder em disputa entre os discursos presentes nos enunciados da matéria “#pobrefazendopobrice: seis erros do *post* que ridicularizou a amamentação”, publicada no Portal EBC. A re-

portagem está localizada na sessão destinada aos “pais” e traz os discursos de especialistas para desautorizar os enunciados de um *post* publicado no *Facebook*, no qual a enunciativa se posiciona contrariamente ao aleitamento materno. No texto analisado, se batem formações discursivas distintas que abrigam discursos que se colocam em relação de contrariedade acerca do que é ser mãe-mulher-nutriz.

A matéria publicada no portal, no mês de novembro de 2015, faz referência a uma postagem realizada no *Facebook*, no final do mês anterior, que teve mais de 12 mil compartilhamentos no intervalo de quatro dias. O *post* trazia uma fotografia de uma mãe, em uma bicicleta, amamentando uma criança ao seio, comentários contrários ao aleitamento materno e à exposição da mulher durante o ato de amamentar.

Para esta análise, utilizamo-nos de alguns dos conceitos de Michel Foucault, com destaque para os de verdade, poder e biopoder, de modo a compreender o processo pelo qual a matéria aciona a memória discursiva acerca da mulher-mãe-nutriz, produzindo efeitos de verdade/poder nos discursos sobre o aleitamento materno e identidade materna. Seguindo os passos desse autor (2012), verificamos como o controle da sociedade se opera no biológico e no corpo enquanto realidade biopolítica, assim sendo, observamos as maneiras pelas quais as práticas discursivas sobre o uso do corpo da mulher-nutriz reforçam o discurso hegemônico autorizado pelo *a priori* de verdade do discurso especializado médico-científico de que o aleitamento materno é da natureza feminina.

Para o debate foram consideradas, também, as contribuições de Philippe Ariès (1981) e de Elisabeth Badinter (1985) acerca das representações históricas da maternidade que remetem ao caráter instintivo e inato das mulheres e colaboram para a solidificação do mito do amor materno. Sob esse mirante, questionamos o modo como a temática acerca da identidade mulher-mãe-nutriz, de cunho íntimo e particular, se constitui em pauta pública no jogo da/pela cidadania.

Destarte, não se questionam os benefícios propalados do aleitamento materno, mas como se operam os micropoderes de produção e reprodução da identidade materna via ferramentas de biopoder e como funciona o controle/interdição sobre outras formas de subjetivação. Assim, o discurso do aleitamento materno como algo natural, instintivo e próprio da demonstração de laços afetivos entre mãe e filho é, também, atravessado por outros discursos, que definem a relação complexa e fluida da constituição das identidades da mulher-mãe-nutriz.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Segundo a compreensão foucaultiana, as instâncias midiáticas, utilizando-se do aparato disciplinador, acabam por regular as ações individuais exercendo controle sobre o que se pode dizer, de modo que desenvolve um comportamento de aceitação e submissão a certas formas de poder regentes. Muito do que se pode dizer acerca da amamentação está ancorado em um regime de enunciação sobre a maternidade que nem sempre esteve em vigor. Apesar de a ciência ocupar uma posição privilegiada de efeito de verdade, na detenção, distribuição e circulação do saber/poder, o conhecimento científico nem sempre teve posição epistemológica hegemônica. Segundo Michel Foucault, no século XIX há uma vontade de verdade que não coincide com a vontade de saber característica da cultura clássica. (FOUCAULT, 2014, p. 15)

A aparição de novas formas de verdade, especificamente relacionadas ao papel de mãe, teve sua emergência em condições sócio-históricas específicas que orientaram a vontade de saber como resultado de esforços do Estado e da sociedade médico-higienista em construir um discurso de prestígio e, conseqüentemente, de poder para disciplinar o corpo social. Dessa forma, o discurso médico-científico é o que tem assumido o estatuto de *a priori* de verdade/poder, como destacado por Michel Foucault em *Microfísica do Poder* (1979).

A prática discursiva de difusão desse saber, em detrimento dos desejos ou saberes do senso-comum, é enunciada por meio de estratégias que buscam a consolidação de sua posição de verdade e permitem controlar e disciplinar os corpos em nome do “bem comum”. Assim, sempre que se fala sobre vida, saúde, bem-estar, comportamento e alimentação, os mecanismos do biopoder fazem funcionar o controle na produção desses discursos, operado por meio de estratégias biopolíticas que gerem a vida, o nascimento, a família, a saúde e a morte. (FOUCAULT, 2012)

2. *A invenção da maternagem*³⁵

A maternidade não é um conceito universal, tampouco homogêneo. Ser mãe, aos moldes da contemporaneidade, é um construto sócio-

³⁵ Para Donald Woods Winnicot (1971), “é a forma da mãe cuidar de seu bebê de maneira boa e protetora. São os bons cuidados que incluem o amparo às necessidades fisiológicas, e todo o investimento de desejo, de amor e de aconchego” (*apud* DUVIDOVICH & WINTER, 2004, p. 38). Utilizaremos no decorrer do texto a expressão maternidade para tratar da relação estabelecida entre mãe-nutriz e bebê nesse mesmo sentido.

histórico marcado por um conjunto de influências culturais, econômicas e políticas que afetam a subjetivação da família, da mulher e da criança. Essa identidade é vivenciada por meio de práticas que demarcam posições que os sujeitos ocupam, ou deveriam ocupar, segundo a circulação dos discursos revestidos pelo *status* de verdade incontestável.

No final do século XVIII, o Estado começa a demonstrar preocupação com a população no sentido de garantir sua longevidade, produtividade e saúde, uma vez que esses fatores influenciavam na manutenção da riqueza e segurança da nação, por meio do poderio militar. Segundo Michel Foucault, o governo, por meio de estratégias disciplinares passa, então, a agir diretamente sob os corpos dos indivíduos e suas formas de se relacionar, instaurando mecanismos de biopoder através de campanhas que agem diretamente sobre eles, com foco em prolongar existência humana. De forma gerencial, age sobre a vida, aumentando a sobrevida, as taxas de natalidade e, conseqüentemente, a produtividade.

Para Michel Foucault (2012), a política médica, à época, funcionava por parâmetros que visavam evitar a mortalidade e o desperdício de forças que poderiam ser utilizadas para consolidar e aumentar o potencial da nação. Em consonância com essa política, a família passou a ser alvo da organização e controle do Estado, instaurando-se a preocupação com a “conservação” das crianças. Por conseqüência, a natalidade constitui-se em um importante fator de gestão desse sistema, para tanto, fez-se necessário a modificação das relações entre pais e filhos, especificamente entre mãe e bebê. Outra importante instituição que contribuiu para esse projeto foi a igreja que se apropriou do discurso higienista vigente para imputar à família (aos seus moldes) a responsabilidade pelo desenvolvimento humano. A família torna-se um valor social, célula base do Estado nessa missão.

A partir do dispositivo família seria, então, possível solucionar o problema da conservação dos corpos e ao mesmo tempo operar um controle disciplinador potencializando a aliança Estado-medicina no exercício do poder. Por conseguinte, a valorização da maternidade se torna uma forma segura, viável e barata de garantir que as crianças sobrevivam e tornem-se força de trabalho.

Sob essa configuração, ainda no final do século XIII, há a necessidade de lançar mão de muitos argumentos com a finalidade de “convocar” a mulher-mãe para sua atividade "instintiva". Será preciso apelar ao seu senso de dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua fun-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ção nutritícia, dita natural e espontânea (BADINTER, 1985, p. 144). Segundo a autora, três tipos de discursos evocam esse dever da maternidade. O primeiro discurso de ordem econômico demográfico, o segundo filosófico e o terceiro discurso de ordem moral. Assim, construíam-se os artifícios necessários à manutenção da vida para a força produtiva; alterava-se, via discurso da igualdade, o lugar da mãe e da criança na sociedade, dando à primeira a autoridade sobre os filhos e, por último, instituíam-se a disciplina sobre o corpo e sexualidade feminina, instaurando o modelo vocacional da maternidade e da relação mãe-bebê como dever moral.

3. *“Mamas são dadas à mulher para que amamente”³⁶: a naturalização do aleitamento materno*

Do mesmo modo que a criança nem sempre fora considerada em sua singularidade, não eram comuns, as práticas hoje “naturalizadas” de demonstração de afetividade entre pais e filhos, sequer o aleitamento materno se constituía em uma obrigação da mãe. Philippe Ariès (1981) relata que logo após o nascimento o recém-nascido era confiado a uma ama de leite que o levava para longe da casa da família de origem, e lá permanecia durante os primeiros anos de vida, e se sobrevivesse era realocado no seio da sua família biológica.

Além de questões estéticas vinculadas à amamentação, relacionadas à ideia de que o ato de amamentar deixaria os seios flácidos, havia também questões da ordem da sexualidade que colaboravam para que a mulher não estabelecesse os cuidados hoje destinados ao seu papel de mãe. A crença era que o ato sexual poderia corromper o leite (ALMEIDA, 1999, p. 34). Por essa, e outras razões, o aleitamento materno era terminantemente desaconselhado, estimulando-se o aleitamento mercenário, realizado pelas amas de leite. (BADINTER, 1985)

Elisabeth Badinter afirma que “em nome do bom-tom, declarou-se a amamentação ridícula e repugnante”, conforme se verifica nas correspondências e livros de memórias da época. Nessa perspectiva, a tarefa de amamentar não era considerada “nobre” o bastante para uma dama superior: “não ficava bem tirar o seio a cada instante para alimentar o bebê. Além de dar uma imagem animalizada da mulher 'vaca leiteira', é um gesto despuadorado” (BADINTER, 1985, p. 97). Esses discursos do pudor

³⁶ Essa verdade é insistentemente trabalhada no final do século XVIII e todo XIX, segundo Elisabeth Badinter (1985).

fortaleciam a recusa em amamentar e tornavam o ato próprio da vida privada entre mãe e filho. “Se a mãe amamentasse, devia esconder-se para isso, o que interrompia por um longo período a sua vida social e a de seu marido”. (BADINTER, 1985, p. 97)

O costume da aristocracia e da burguesia emergente de entregar seus recém-nascidos aos cuidados das amas, acabou por criar uma espécie de circuito que fazia com que as crianças nascessem umas após as outras. A tradição médica e popular fortalecia o discurso sobre a impossibilidade de amamentar e manter relações sexuais, uma vez que o aleitamento era tido como “antídoto contra o amor” (BADINTER, 1985, p. 97). Então as mulheres, sobretudo as ricas, para poderem manter maridos e desfrutar da vida social, enviavam seus filhos às amas de leite. Essa prática era generalizada e, segundo Elisabeth Badinter, acabou por criar uma verdadeira indústria de amas mercenárias. (BADINTER, 1985, p. 231)

A sobrevivência das crianças se dava às custas das camponesas, mulheres pobres, que encontravam nesse contexto a possibilidade de garantir sua subsistência. Porém, não havia nenhum meio de verificar como a criança estava sendo criada, nem mesmo se a criança estava viva ou morta. A autora ainda descreve que os documentos da época revelam que as crianças “morriam como moscas”. (BADINTER, 1985, p. 87)

A preocupação com essas mortes só se deu quando associadas a perda de força produtiva (final do século XVIII), a partir de então, essa compreensão acerca da morte das crianças mobilizou ideólogos e médicos a denunciarem o estado da arte em prol da segurança do Estado. Moralistas e administradores, também se puseram em campo e expuseram seus argumentos para persuadir as mulheres-mães a retomar seus “melhores sentimentos” e a “dar novamente o seio”.

Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio*, criticava a forma como as mães lidavam com a maternidade, a ponto de culpá-las pelo despovoamento da Europa devido ao fato, segundo ele, de que “já não queriam cumprir seu dever”, recomendava, veementemente, que as mães passassem a amamentar e criar seus filhos. Segundo Elisabeth Badinter (1985) foi a partir dessa publicação que se fortaleceu o discurso da obrigatoriedade do amor materno, como vocação natural instintiva de ser mãe, estabelecendo-se, então, a forte ligação entre maternidade e moralidade.

O sistema das amas de leite prospera até fins do século XIX. Depois disso, o aleitamento artificial, substituirá a amamentação mercenária

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

(BADINTER, 1985, p. 234), mas os discursos sobre a maternidade e o aleitamento materno ainda se constituem em polêmicos por representarem formas de subjetivação que não se encaixam em padrões hegemônicos.

A ideia de que alimentar o bebê com o próprio leite é um ato natural prossegue e ganha força discursiva, por intermédio de uma verdade pautada no discurso biológico que convoca a genitora a adotar tal prática. Nos discursos médicos, o exercício da amamentação é constantemente reforçado e ancorado em outros discursos que dão à mãe a incumbência de exercer práticas maternas ligadas ao aleitamento materno como questão de responsabilidade social/moral e prova de amor para com seu filho.

O discurso sobre o aleitamento materno envolve relações de poder, de subjetivação da identidade feminina materna. Essa nova realidade, fundada sobre o conhecimento do “sujeito-espécie”, a partir do século XIX, faz nascer um saber que buscava incessantemente impor uma norma totalizadora que transforma o indivíduo em objeto da medicina e tinha por fim garantir corpos saudáveis e capazes de servir aos interesses do Estado.

Hoje, uma série de especialistas da área da saúde em conjunto com a mídia são vistos como agentes autorizados para proferir verdades/saberes sobre o tema, lançando modos adequados de se portar como mãe. As campanhas de amamentação articulam-se a leis, cultura e saberes científicos funcionando como dispositivo pedagógico de um comportamento social universal das mulheres, cuja expressão máxima da maternidade está vinculada ao aleitamento materno.

Apesar de toda empreita em nome da subjetivação mãe-nutriz, ainda encontramos o eco dos discursos anteriores a essa jornada de interdição e controle biopolítica sobre os corpos das mulheres, como podemos observar *no post* que gerou a polêmica aqui tratada. A mulher responsável pelos comentários aciona a memória discursiva da amamentação no seio relacionada à pobreza, como podemos verificar nos seguintes enunciados: “vai em um bairro nobre ou em um restaurante fino pra ver se encontra mulher com peito pra fora?!”, “agora quem tem dinheiro não segue esse incentivo”. Ainda próximos aos sentidos atribuídos à amamentação nos discursos proferidos no século XVIII, verificamos que seu gesto de leitura sobre o ato de amamentar é vinculado à animalização: “coitadas das pobres virarem vacas leiteiras”.

Outro discurso que ressoa no *post* é o do pudor: “no mínimo colocam uma fraldinha pra tapar o peito” ou “não é necessário ficar amamentando a qlq momento e em qlq lugar não! ”. Esses enunciados mostram a posição de sujeito mulher-mãe adotada em relação à questão da naturalização do aleitamento materno, porém, ao mesmo tempo que não aceita o papel de nutriz como natural, seus enunciados são atravessados por discursos normativos que acionam o controle sobre a exposição do corpo feminino. Por apresentar posição divergente ao que pode e deve ser dito sobre a amamentação atualmente é que essa postagem provocou os inúmeros compartilhamentos e ativou a interdição por meio de estratégias de saber/poder operadas por outras mães³⁷ e por diversas mídias nacionais a partir do lugar-poder que ocupam ao enunciar.

4. O jogo dos seis erros

A análise arqueológica configura-se na descrição da “dispersão” de enunciados em funcionamento para descobrir as regras de formação e as condições de existência de um discurso. Michel Foucault define discurso como o “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p. 122). Considerando esse pressuposto, realizamos o recorte de enunciados da matéria, nos quais o sujeito enunciator se posiciona em relação ao aleitamento materno, constituindo o que aqui denominamos o discurso da amamentação.

Para entender o funcionamento dos efeitos de sentidos que emergem no discurso da matéria, há a necessidade de entender de que maneira o enunciator se posiciona em relação ao “o que” e “como” dizer sobre o aleitamento. Logo, foi necessário recorrermos ao conceito de formação discursiva, que segundo Michel Foucault (2008, p. 82), configura-se em um sistema de dispersão e regularidade dos enunciados que determina um conjunto de regras sobre que pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura, sob determinado posicionamento.

Em função desse sistema, instaura-se a possibilidade de relações de um discurso com os demais, como no caso observado, oportunizando o movimento da dispersão para a regularidade. Essa regularidade não significa homogeneidade, pois o discurso reproduz a heterogeneidade própria da formação discursiva da qual procede, sendo, dessa maneira,

³⁷ Em resposta à publicação do *post*, mães de vários estados do Brasil realizaram *mamaços* (amamentação pública ou postagens de imagens do ato do aleitamento materno).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sempre constituído e atravessado por uma série de outros discursos. No *post* observamos, por exemplo um discurso ora feminista, de emancipação, ora machista, tradicional, principalmente ao que se refere ao corpo feminino e ao status social da mulher.

Sob essa ótica Dominique Maingueneau considera a primazia do interdiscurso sobre o discurso. Segundo o autor, falar em primado do interdiscurso é pensar em um “sistema no qual a definição da rede semântica que circunscribe a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com o seu Outro” (MAINGUENEAU, 1997, p. 38). Desse modo, o discurso é produto do interdiscurso, da memória discursiva, pois enunciar implica em repetir, lembrar, silenciar, negar de acordo com as regras sob as quais o sujeito se posiciona no espaço de trocas entre discursos.

Ancorados nesse viés, observamos o modo de interagir do enunciador da matéria em relação à enunciativa do *post*: sempre a introduz sob seu fechamento, traduzindo os enunciados da “universitária” na categoria do mesmo, sob a forma de simulacro³⁸. O posicionamento discursivo do enunciador do site sacrifica o discurso da universitária para construir sua identidade. Assim, produz enunciados condizentes com as regras de sua formação discursiva e não compreende o Outro, relegando-o ao espaço do não-dizível, do erro e do equívoco: “argumentos [...] permeados de preconceitos e mitos”, “já a mamadeira, citada [...] pode provocar prejuízo”.

Desse modo, o discurso da reportagem assume o caráter da cientificidade, para criar o efeito de verdade, de poder sobre o saber, traduzindo os gestos de interpretação do discurso da postagem como negativo, incompatível com suas verdades, de maneira que tudo o que foi dito pela autora do *post* seja considerado como fora da ciência, da verdade.

Essa disputa pelo poder, na reportagem, é materializada no próprio título da chamada. O enunciador faz uso do substantivo “erros” para incluir o discurso da postagem na categoria do falível: “#pobrefazendopobrice: seis *erros* do post que ridicularizou a amamentação” (grifo nosso). A enunciativa do *post* é caracterizada como “a universitária”, adjetivo que aciona uma memória discursiva associada ao fato de “não estar autorizada a dizer sobre”, pois, devido ainda estar em formação, descre-

³⁸ Para Dominique Maingueneau, seria uma tradução do Outro, alimentada “por um universo semântico incompatível”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 108)

dita seu saber e seu poder de falar sobre. Poderia ter sido identificada como mãe, mas esse silenciamento a que é posta revela a interdição operada sobre o discurso da mulher-mãe que resiste aos moldes determinados pela biopolítica de controle do corpo. A lexia posiciona a enunciatória numa relação de desigualdade sobre o seu saber em relação à autoridade do discurso especializado invocado pela matéria.

De acordo com Patrick Charaudeau, “informar é possuir um saber que o outro ignora, ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro, ser legitimado nessa transmissão” (CHARAUDEAU, 2006, p. 63). Sob essa perspectiva, podemos observar a maneira pela qual esse discurso de poder dizer o saber se materializa *no lead*: “Listamos seis erros conceituais do texto da universitária, com base em pesquisas sobre a amamentação e na opinião de especialistas”.

Interessante destacar que o processo de citação do discurso do Outro sempre emerge da relação polêmica. O enunciador menciona o discurso do *post* para o situar na categoria do falso, do mítico. Para Dominique Maingueneau (2008, p. 110), polemizar é “sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração”, dessa forma, o enunciador da matéria destaca Os seis “enunciados-erros” que, enumerados no corpo do texto, são seguidos de discursos que desautorizam seu dizer.

A posição ocupada pelo enunciador do portal ganha tom professoral, ao analisar o *post* e “listar” “erros conceituais” que são enumerados e corrigidos pontualmente.

POBRE FAZENDO POBRICE! Vai em um bairro nobre, ou em um restaurante fino pra vc ver se encontra mulher com o peito pra fora?! Kkkkkkkkk! JAMAIS! Elas levam mamadeira! Como eu fazia! Ou no mínimo colocam uma fraldinha pra tapar o peito! Isso se chama BOM SENSO!

Essa ridícula aí ta querendo aparecer!

E outra, depois dos 6 meses a criança já começa a comer outros tipos de alimentos e não é necessário ficar amamentando a qualquer momento e em qualquer lugar não!

Essa história de amamentação é um programa de incentivo do governo pra fazer as coitadas das pobres virarem umas vacas leiteiras e ficar amamentando até 2 anos de idade! Economia pro governo! Imagina se toda a pobraia-da que se empenha de filhos resolvessem dar NAN (mamadeira) para toda a sua penca? O governo tava lascado! Eles incentivam amamentação e cada uma que se vire com os peitos mesmo...

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Agora, quem tem dinheiro não segue esse incentivo... Eu nunca amamentei meu filho e ele é lindo e saudável! O NAN hoje em dia é completamente igual ao leite materno em questão de nutrição!

Hoje em dia não tem mais necessidade de amamentar dessa maneira! O mundo tá evoluindo gente! Só que custa muito caro! Mas eu optei por isso... A criança mama com muito mais facilidade, fica mais tranquila, dorme melhor, não tem dor de barriga e você leva a mamadeira pra qualquer lugar e não passa vergonha com o peito de fora...

Por meio da seleção lexical, descrições, comparações ou retomada de discursos de autoridade, confronta o saber produzido pela universitária, interpretando-o como erro, mito, desconhecimento. Por verdade, Michel Foucault entende o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui, ao verdadeiro, efeitos específicos de poder”. (FOUCAULT, 2012, p. 13)

O discurso para ser considerado verdadeiro se impõe sobre outro por meio de uma ordem, de modo que o que está em jogo é o exercício do poder: preservar ou abolir saberes, pois, tal qual afirma Michel Foucault: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. (FOUCAULT, 2014, p. 10)

Nesse sentido, compreendemos como o discurso se constitui em um jogo de escolhas com o intuito de construir uma vontade de verdade/poder operada na prática discursiva que conduz o dizer, abrigando sempre uma série de outros discursos, sendo atravessado e constituído por eles. Ao fixar a voz do discurso da resistência aos ditames do discurso hegemônico do aleitamento materno, a reportagem constrói seu posicionamento em relação ao que seja saber e verdade, destituindo o Outro de poder dizer. O tempo todo a matéria promove o discurso da garantia do aleitamento materno e seu estímulo. As lexias “garantir”, “estimular” e “incentivar” aparecem no texto operando o exercício do controle, definindo ações a serem tomadas por todos.

A fim de criar o efeito de verdade em seu discurso, o enunciador da matéria reforça seu poder de dizer ao se ancorar em argumentos de autoridade, cuja força reside na credibilidade “das pesquisas de organizações reconhecidas internacionalmente e especialistas em nutrição infantil”, no que dizem a “Sociedade Brasileira de Pediatria”, a “Organização Mundial de Saúde”, “Ministério da Saúde” dentre outros discursos de psicólogos e nutricionistas. Desse modo, seu dito é incontestável: o que é

descrito tem efeito de verdade porque quem o fez tem autoridade para fazê-lo, está assentado no campo da ciência, representam o saber.

Enquanto algumas das informações vêm vinculadas a nomes próprios e instituições de pesquisa, tais quais as descritas acima, outras simplesmente estão lá, como se houvesse um *a priori* que permitisse sua presença sem alguma autoridade externa se responsabilizando por elas: “com base em pesquisas”, “na opinião de especialistas”, “estudos mostram”, “diante dos inúmeros benefícios da amamentação”, “prova disso”.

Além dos discursos de autoridade científica, o enunciador da matéria se apoia em outros discursos de poder, como, por exemplo, quando cita a fala do diretor-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e da presidenta Dilma Rousseff sobre a questão econômica e nacional da amamentação. O primeiro afirma fazer “sentido econômico garantir que as mães disponham de tempo e espaço para amamentação dos filhos no emprego” e a segunda, retoma o já-dito acerca de as crianças mais bem cuidadas e amamentadas serem “mais capazes de bem conduzir o nosso país no futuro”.

A “opção” por não amamentar ao seio é autorizada diante da impossibilidade atestada por um poder: “salvo sob indicação expressa de médico ou nutricionista”. Em todo o caso, a postura da reportagem é afirmar que se as mães não amamentam, isso se deve às “barreiras culturais”, não científicas, não esclarecidas, que as levam a se sentirem “inseguras nesse papel”.

Em todo o corpo da matéria aparecem *hiperlinks* que direcionam a outras matérias, já publicadas pelo portal EBC, acerca da amamentação, sua questão nutricional e legal. Retoma, por exemplo, a decisão judicial da prefeitura de São Paulo, “que estabeleceu multa aos estabelecimentos que proibirem ou causarem constrangimento à amamentação”. A matéria aciona o discurso hegemônico de ser mãe-nutriz, ancorado nessas estratégias.

A questão do aleitamento e do seio feminino à mostra enfrentam-se e complementam-se quando se trata da subjetivação da mulher-mãe. A biopolítica opera sob formas de controle específicas que se batem em algumas práticas.

Os exemplos destacados ao longo deste texto, possibilitam perceber a maneira pela qual o jogo discursivo põe em evidência a luta pelo poder enunciar e conseguir criar efeitos de verdade sobre esse campo do

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

saber. Há um embate em torno do estatuto da verdade, e o discurso da reportagem se posiciona como a detentora da única verdade que pode circular e, para tanto, constrói seu discurso polemizando com o Outro.

5. Considerações finais

Este trabalho teve por finalidade observar como operam alguns dos conceitos de Michel Foucault no discurso polêmico sobre amamentação vinculado no portal EBC. Considerando o fato de que o poder não funciona apenas como pressão coercitiva que obriga ou proíbe aos que não o tem, mas como um conjunto de rituais que levaram ao direito privilegiado de poder dizer em determinados campos do saber (FOUCAULT, 2012), observamos que o discurso da matéria centraliza a verdade utilizando-se do poder da instituição midiática que a suporta.

Por meio de um controle dos regimes de enunciação, o enunciador da matéria ocupa um lugar privilegiado ao falar sobre o aleitamento materno, pois está ancorado em um regime intimamente ligado à vontade de verdade: o da ciência e da mídia que a divulga.

A partir da análise da matéria foi possível observar a maneira pela qual as práticas discursivas atuam como aparelho que constituem e organizam os sujeitos e estão ligadas a uma vontade de verdade que oprime e controla. Nesse sentido, faz-se necessário refletir acerca da força desses discursos de modo a compreender o dispositivo da maternidade de modo heterogêneo, como diria Michel Foucault (2000), que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.

Os enunciados do *post* e da matéria se batem em relação polêmica porque provêm de formações discursivas distintas acerca da identidade de mulher-mãe. É possível observar que, por meio da materialidade linguística, os enunciados produzidos na matéria reatualizam o discurso da ciência, o controle operado pelas biopolíticas sobre os corpos e subjetivações e interdita quaisquer outros enunciados que não carreguem os sentidos hegemônicos da maternidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Aprígio Guerra de. *Amamentação*: um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <<http://groupsbeta.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 19-04-2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad.: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

DUVIDOVICH, Ernesto; WINTER, Themis Regina. (Orgs.). *Maternagem*: uma intervenção preventiva em saúde: abordagem psicossomática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

_____. *Vigiar e punir*. Trad.: Raquel Ramallete. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANZIN, Adriana. *#pobrefazendopobrice: seis erros do post que ridicularizou a amamentação*. Portal EBC. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/11/pobrefazendopobrice-sete-erros-do-discuso-que-ridicularizou-amamentacao>>. Acesso em: 19-04-2016.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes/Unicamp, 1997.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
PIXO: IDENTIDADES, DISCURSOS E PERFORMANCES

Maria Carolina da Silva Araujo (UFOP)
bibliotecadevidro@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral pesquisar as relações entre autoria, identidade e performatividade na prática do uso social da linguagem das pichações urbanas. Utilizamos, neste trabalho, conceitos de discurso, autoria, identidades e performatividade, bem como propomos refletir sobre essas noções atendo-nos às práticas discursivas, considerando o contexto social de produção e circulação das pichações, bem como os processos de constituição das identidades do pichador e de seus respectivos grupos sociais. Para essa investida, busca-se a relação entre autoria, identidade, e os atos de fala que podem estar presentes nas pichações urbanas e as relações estabelecidas entre autores/contextos sociais. Para tanto, buscamos marcas identitárias que nos permitam refletir sobre os sujeitos sociais que picham; e a constituição (ou não) da pichação enquanto ato de fala. Este trabalho é orientado pelas concepções de linguagem e de identidade em que se considera como parte da linguagem o sujeito, as situações de interação, os contextos discursivos. O caráter performático da linguagem vem apoiado na teoria dos atos de fala de John Langshaw Austin, que aponta para uma nova face da linguagem, na qual o ato de dizer estaria sempre destinado a causar efeitos no interlocutor. Assim, a linguagem perde seu caráter meramente constativo e comunicativo e assume papel de relevância na inter-relação entre as pessoas. Dessa forma, não só a escrita de textos com estruturas linguísticas mais elaboradas, mas a própria autonominação, a maneira com a qual os sujeitos se definem/se posicionam linguisticamente passa a ser ferramenta social politicamente motivada. Ainda que em um gênero textual desprestigiado, parece inevitável a expressão da pichação enquanto linguagem, em sua dimensão performática, bem como de acordo com a dimensão da linguagem como prática social e de transformação.

Palavras-chave: *Pixo*. Identidade. Discurso. Performance.

1. Introdução

A prática da *pixação* é recorrente em diversas cidades do mundo, em contextos sociais distintos, e nos anos finais da minha graduação (2014 e 2015), se fez presente em vários lugares da cidade de Mariana (MG), e da cidade vizinha, Ouro Preto – MG, onde resido. Sem conhecer seus autores, nem compreender suas motivações, sobretudo em cidades históricas, com intenso apelo à preservação arquitetônica, percebia apenas que, a cada novo *pixo* que aparecia, sugeriam-se identidades, discursos e performances muito distintos. Mas apontavam também para um desejo comum de se inscrever e se por na condição de autoria.

Em minha trajetória acadêmica tive contato com a Teoria dos Atos de Fala, e seus desdobramentos nas concepções performáticas de corpos e identidades. Se a linguagem pode ser entendida como ação, quais, então, seriam as possíveis ações inscritas nas paredes? Sobre quem ou o quê desejavam se interpor? Esses questionamentos me fizeram pensar, então, sobre os sujeitos que *pixam* e os processos de (re)construção das suas identidades, por meio de suas práticas sociais e discursivas. Buscamos, portanto, compreender o sujeito que *pixa* como construído, o qual exerce suas ações *na e pela* linguagem.

2. *Questões que nortearam a pesquisa*

Uma das principais questões que se fez presente para a condução deste artigo está atrelada ao livro de Gayatri Chakravorty Spivak: *Pode o subalterno falar?* (SPIVAK, 2010), cujo próprio título complexifica as relações de poder exercidas na e pela linguagem, sobretudo em se tratando do meio acadêmico. Falar sobre grupos subalternizados é me indagar quando e quanto eles falarão na e através dessa pesquisa acadêmica: é me colocar diante de minha arrogância acadêmica que por vezes, sob um falso discurso da neutralidade, fala pelo Outro. Diante disso, como é possível pensar a posição ocupada pelos discursos subalternizados na Academia? E fora dela? Em defesa de quem e o que fala minha pesquisa, entendendo o fazer científico como um fazer, antes de tudo, político? Quais identidades excluí e a quais dei voz e visibilidade? E qual é meu papel, enquanto pesquisadora, mulher, branca, em uma pesquisa que lida com sujeitos em sua maioria homens e negros?

Essas indagações buscam refletir sobre o lugar da linguagem nas relações e interações sociais, mas também buscam refletir sobre o perfil hegemônico da Academia e das suas produções do conhecimento. Nesse sentido, se faz relevante pensar no conceito de política linguística, a qual implica justamente em questionar o lugar da ciência, da Universidade, de nosso fazer científico, não só na produção, mas na reprodução de discursos hegemônicos e excludentes.

3. *Por uma noção performativa, política e dialógica da linguagem e das identidades*

Norman Fairclough (2001), em seu livro intitulado *Discurso e Mudança Social* apresenta, no título de sua obra, a possibilidade de trans-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

formações sociais a partir da linguagem. Focalizando-a como discurso, intrínseca aos tipos de sujeito e às suas respectivas interações, a linguagem contribui para a construção, reprodução e mudanças sociais. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 89-90). Nesse sentido, o discurso é entendido como ação, e os sujeitos que o produzem, como agentes das mudanças sociais. Norman Fairclough aponta que o discurso sofre interferência das estruturas sociais, mas defende que o discurso é socialmente constitutivo (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90), isto é, uma prática permanente, não apenas de representação, mas de significação do mundo. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92-93)

Norman Fairclough apresenta, para tanto, o conceito de práticas discursivas, as quais se comportam de forma dialética com a estrutura social, estabelecendo uma relação complexa e variável com as estruturas sociais, as quais manifestam apenas uma “fixidez temporária, parcial e contraditória”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). Ao pensar em discurso enquanto prática social, Norman Fairclough ressalta o caráter político da linguagem, pois o discurso passa a ser o veículo que potencialmente estabelece, mantém e transforma relações de poder e entidades coletivas; bem como ressalta caráter ideológico da linguagem, pois que esta também estabelece, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). Este conceito de prática discursiva reitera o caráter dinâmico dos discursos e respectivas ideologias, práticas políticas e disputas de poder, neles presentes, e, por eles, operados. É importante, porém, lembrar que estas posições dialógicas são espaços de tensão e disputa, e apesar de Norman Fairclough (2001) defender a ideia de um sujeito que age sobre e pelas suas práticas discursivas, também aponta que estas práticas sofrem frequentes processos de regulação.

A noção de linguagem/ação apresentada por Norman Fairclough também está presente na teoria dos atos de fala, de John Langshaw Austin (1990), a qual apresenta a linguagem como politicamente constituída, constitutiva, e como veículo de inter(ação) entre os sujeitos sociais: isto é, a linguagem como detentora da propriedade de gerar efeitos em seus interlocutores. Nesse sentido, a linguagem serve para afetar o outro, de acordo com expectativas e desejos de quem realiza o ato de fala. Para tanto, John Langshaw Austin lança mão do conceito de “performatividade”, que considera justamente como os sujeitos performatizam, isto é, manipulam e realizam suas práticas linguísticas em suas interações sociais. (AUSTIN, 1990)

Quanto a perspectiva dialógica, presente em Norman Fairclough (2001), entre sujeito X linguagem X sociedade também está presente na perspectiva de linguagem responsiva de Mikhail Bakhtin (2003). Para este autor, o locutor não apenas constata o mundo para usar a linguagem como sua representação; ou usa a linguagem apenas para transmitir ideias, com o final único de se comunicar, mas “serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas”, utilizando as “formas normativas num dado contexto concreto”.

Norman Fairclough (2001), John Langshaw Austin (1990) e Mikhail Bakhtin (2003) apontam para a agência dos sujeitos na linguagem a qual se constitui como ferramenta para desestabilizar estruturas hegemônicas; provocar rupturas e mudanças sociais a partir do *uso*, das enunciações, das “práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001) e apontam para o caráter eminentemente social da linguagem. (BAKHTIN, 2003, p. 92-109)

4. O corpo como linguagem: em que medida a linguagem faz o corpo?

O *píxo*, se compreendido como ato de fala, numa visão performativa da linguagem, tem um corpo que fala, pois o *píxo* é produzido corporalmente. Nesse sentido, o ato de fala exige o corpo (PINTO, p. 83, 2013): o do *pixador* enquanto sujeito empírico, e do *pixador* projetado pelo interlocutor. Essa corporeidade se expressa a partir de estéticas, comportamentos, posturas, um conjunto de fatores que constituem sua performance.

O corpo é o ponto cego do que se diz, aquele que age pelo excesso do que é dito, mas também é aquele que age através do que é dito. Dizer que o ato de fala é um ato corporificável significa que o ato é duplicado no momento do dizer: é o que se diz e, então, um tipo de dizer no qual o instrumento corpo do discurso performa. Então, um enunciado, baseado apenas numa análise gramatical, pode não parecer ameaçador. Mas a ameaça emerge precisamente através do ato que o corpo performa no ato de fala. (BUTLER, 1997, p. 11 – Tradução nossa)³⁹

³⁹ The body is the blindspot of speech, that which acts in excess of what is said, but which also acts in and through what is said. That the speech act is a bodily act means that act is redoubled in the moment of speech: there is what is said, and then there is a kind of saying that the bodily “instrument” of the utterance performs. Thus a statement may be made that, on the basis of a grammatical analysis alone, appears to be no threat. But the threat emerges precisely through the act that body performs in the speaking the act. (BUTLER, 1997, p. 11)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A corporeidade do *pixo* não é fixa: mesmo quando contestatória, pode vir a sucumbir a sistemas de normatização que a encarceram, o que pode ser percebido, por exemplo, na invisibilização do corpo feminino no gênero das *pixações*, ou mesmo nas projeções que fazemos acerca dessa corporeidade. Não raro, nossas expectativas construirão um corpo masculino, seja nos *pixos* que excluem o corpo feminino – no caso de *pixações* de cunho machista, ou nos que reivindicam para si características socialmente atribuídas a um corpo masculino (virilidade, força, agressividade, coragem). Essa reflexão reitera a possibilidade das agências do sujeito sobre seus corpos, um corpo performativo: qual corpo o *pixador* pretere para si mesmo? Independente da escolha do sujeito em tentar se adequar ao perfil de um corpo normativo ou de um corpo subalternizado, evidenciar características em detrimento de outras constrói um discurso, um ato de fala passível de leitura, que agirá sobre seus interlocutores.

O que faz o ato de fala uma ação está redobrado pela força da ilocução e pela força do movimento, do agir do corpo que executa a ilocução. Assim, a presença material e simbólica do corpo na execução do ato é uma marca que se impõe no efeito linguístico. Uma ameaça se materializa pelo enunciado performativo que a opera, mas também pelo efeito do movimento do corpo que executa o enunciado. Essa afirmação não cria, como se poderia esperar, uma dicotomia corpo/linguagem, mas ao contrário: mostra que o efeito do ato de fala é operado ao mesmo tempo pelo que é dito, pelo quem diz e pelo como é dito – como o corpo diz, como o enunciado diz. (PINTO, 2013, p. 85).

Essa questão reitera a dimensão política da linguagem, atravessa-da por jogos de poder. Nesse sentido, as interações sociais, feitas a partir da linguagem e por ela norteadas, despertam inúmeras possibilidades de controle, pois a partir da linguagem é possível (in)visibilizar não só idiosincrasias, mas também coletividades inteiras, suas características, práticas culturais, visões de mundo. "O discurso por si só é considerado de maneira extremamente inflada e eficaz não apenas como representação do poder ou seu epifenômeno verbal, mas como um *modus vivendi* do poder em si". (BUTLER, 1997, p. 355 – Tradução nossa)⁴⁰

Essa dominação, por sua vez, "não é apenas um tipo sólido e global de dominação a qual uma pessoa sobre outra ou um grupo exerce so-

⁴⁰ Utterance itself is regarded in inflated and highly efficacious ways, no longer as a representation of power or its verbal epiphenomenon, but as the *modus vivendi* of power itself.

bre outro, mas as várias formas de dominação que podem ser exercidas sem sociedade". (BUTLER, 1997, p. 358 – Tradução nossa)⁴¹

Enquanto o ideal preterido/divulgado por grandes meios institucionais de educação, formação e informação é a de cidadão branco, do centro urbano, que tem um emprego formal, e enquadra-se às normas sociais ocidentais no que diz respeito a sua sexualidade, religiosidade, fixadas em noções e discursos eurocentrados, àquilo que não se enquadra é posto física e ideologicamente à margem. É nesse lugar que se delega ao *pixo* e os *pixadores*: no espaço ocupado, no imaginário de grande parte da população brasileira, por não brancos, moradores de periferia, de pouco poder aquisitivo e intelectual, alijados de qualquer cultura e conhecimento, posto que agridem voluntariamente elementos tão caros a nossa sociedade, como nossas propriedades, lares, locais de trabalho, nossos patrimônios históricos. E essa pré-condenação explícita e tangenciada por uma lei nacional engendra discursos de ódio que se deitam por toda uma camada extensa de cidadãos brasileiros.

5. Discurso e poder: estratégias de (in)visibilizar

À noção de uma linguagem politicamente motivada, na qual estabelecem-se constantes conflitos, é possível pensar que estas interações sociais na e pela linguagem sofrem processos de regulação: afinal, se é jogo, existem regras. Quando se consideram as relações de poder as quais nela/por meio dela/através dela estão imbricadas, suscita uma questão permanente: a favor de quem caminha a linguagem? Afinal, se há conflitos sociais e ideológicos, estes vão aparecer também na linguagem; da mesma forma, se há os que agem pela linguagem, agem sobre alguém. Assim, quem detém o poder sobre a linguagem? Essas perguntas não têm respostas definitivas, pois que a linguagem não é, definitivamente, uma ciência exata, mas são inquietações permanentes que nos ajudam a relativizar seu papel na sociedade e suas implicações sobre os sujeitos que dela fazem uso.

Na relação entre poder e linguagem, percebemos uma constante disputa por espaços discursivos: quando entendemos a linguagem como discurso, e cada discurso como fruto de uma determinada cultura (que, em si, é fragmentada), advinda de certo grupo social; quando entendemos

⁴¹ (...)domination is not that solid and global kind of domination that on person exercises over others or one group over another, but the manifold forms of domination that can be exercised within society.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

a sociedade como um lugar instável e conflitivo, a linguagem passa a ser forte veículo discursivo de manutenção e elevação de determinada cultura em detrimento de outras, silenciadas, dominadas, controladas.

O poder social, o abuso de poder ou o domínio, considerados como relações entre os grupos sociais, afetam de maneira crucial às noções de controle e acesso, quer dizer, o controle dos atos e das consciências de outros em benefício dos próprios interesses, e o acesso privilegiado a recursos sociais apreciados. (VAN DIJK, 2008, p. 543)

A grande questão é que, num sistema que considera válida uma única cultura hegemônica, tida como inabalável, permanente, plena e concisa, que admite a existência de verdades absolutas, estamos imersos num sistema complexo de dominação linguística. Esse sistema é assegurado, por sua vez, pelos discursos presentes em todas as instituições das quais dependemos socialmente e privilegia uma concepção ocidentalizada de mundo. Essa concepção é mantida sob princípios dicotômicos que separam o mundo em dois lados, onde um domina e outro é dominado.

Nesse sentido, as inscrições das *pixações* suscitam a ideia de discursos de determinados sujeitos sociais que parecem reivindicar um espaço discursivo do espaço tomado, antes, pelo Outro. Este Outro, por vezes, é o que representam os discursos autorizados, as propagandas políticas, outdoors, sinalizações e avisos, também presentes no ambiente das ruas das cidades; por outras, representam discursos dissonantes aos do *pixador* e de seu grupo; discursos que, de alguma forma, dissuadem suas construções identitárias. Apesar de não podermos encerrar o *pixo* como prática essencialmente de excluídos, sobretudo se pensarmos a partir de uma concepção de linguagem em processo, é inegável que muitas *pixações* vem, se não da periferia, de um lugar de fala associado ao marginal.

Os processos de reivindicação de espaços discursivos, tomados como arenas de poder, apontam para um questionamento perturbador: e o subalterno, em alguma circunstância deste quadro de regulações e silenciamentos sociais impingidos na/pela linguagem, *pode* falar? (SPIVAK, 2008)

O *pixo* aparece como “elemento de expressão de sujeitos discursivos que resistem à linguagem dogmática, a que estabelece apenas um modo “certo” de utilizar a linguagem, o padrão, e buscam legitimar e tomar posse de outros modos de inserção de um mundo letrado” (SOUZA, 2011, p. 17). É, portanto, uma prática de letramento voltada para a

(...)concretude da vida (...) relacionando-se às questões culturais e políticas e visando de alguma maneira, ampliar suas possibilidades em um lugar de crítica, contestação, subversão, no qual, como sujeitos de direitos e produtores de

conhecimento, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. (SOUZA, 2011, p. 17)

Nesse sentido, como sugere a metáfora da trampolinagem, sugerida por Michel de Certeau (1994), o *pixo* assume um lugar de desconstrução, de contradiscurso, muito longe do paradigma da conspiração e vandalismo infundado e despolitizado; uma mera autoafirmação estéril de sujeitos criminosos, como parece à lei e ao senso comum.

6. Identidades: tensões, estratégias e (re)construções

Considerando identidade e diferença como social e culturalmente produzidas, outra questão emerge sobre o tema: o da assimetria dos processos de diferenciação e adiamento linguístico. Onde há diferenciação, estará presente a disputa, o conflito, pois a marcação da identidade e a demarcação das diferenças sempre irão implicar operações de incluir e excluir; demarcar fronteiras; normalizar. (SILVA, 2002, p. 3)

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2002, p. 4)

As relações de poder, como aponta Tomás Tadeu Silva, são espaços de tensão e conflito: elites intelectuais e econômicas vão sempre engendrando formas de perpetuar-se como elites, enquanto que os grupos desprivilegiados, subalternizados, oprimidos vão buscando formas e lacunas para assegurar direitos e acessos aos bens culturais e sociais. Elaboram-se, por um lado estratégias para a naturalização hierárquica das diferenças, instaurando o poder hegemônico como naturalmente superior e atribuindo às diferenças o lugar do exótico, incomum, anormal; e, às vozes que denunciam e explicitam essas diferenças são violentamente silenciadas quando não podem ser simplesmente cooptadas. Tomás Tadeu Silva vai entender essa fixação de identidades sustentada pela determinação política de uma norma, de um padrão. E essa norma, para o autor, é considerada uma das formas privilegiadas de se hierarquizar identidades e diferenças:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marca das como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, "ser branco" não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, "étnica" é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é "sexualizada", não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. (SILVA, 2002, p. 4)

As identidades mesmo sendo produzidas são sujeitas constantemente a essas tentativas de fixá-las, estabilizá-las; mas também engendram processos e caminhos subverterem-se. Esses processos também ocorrem com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais a produção de identidades se sustentam: é sobre esses movimentos que tratam várias das metáforas utilizadas pelas teorias contemporâneas, tais como *diáspora*, *cruzamento de fronteiras*; todas suscitam a ideia de movimento, impermanência, imprecisão, ao mesmo tempo que rompem com as concepções de identidades separadas, segregadas, divididas. As identidades se deslocam em contato com outras identidades e o hibridismo impede a integralidade: mesmo que guardem alguns aspectos de uma identidade pretensamente *original*, não podem mais resgatá-la, não há integridade ou pureza ao pensar em identidades.

Esses hibridismos, como dito anteriormente, não são simétricos; muitos hibridismos são forçados, como no caso dos sistemas colonialistas – e o entrecruzamento de etnias, culturas, como no caso da vinda forçada de negros para o Brasil, ou mesmo na exploração da população indígena, por exemplo. Mas Tomás Tadeu Silva aponta que, mesmo quando impostos, os hibridismos não afetam apenas as identidades oprimidas, mas também as opressoras. Como são interafetados, não é incomum a existência de identidades que transitam entre os dois espaços delimitados: que ignoram ou rompem as fronteiras. Essas identidades, seus corpos, suas vozes contradizem a fixidez a qual somos tentados a crer; personificam o caráter de movimento ao qual toda identidade é sujeita; apontam para a artificialidade dessas fronteiras; reiteram que nada é determinado unilateralmente. Por fim, essas identidades não são apenas uma diferença, mas constituem o questionamento da própria hegemonia. (SILVA, 2002, p. 5)

Se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios,

que sua precariedade se torna mais visível. Aqui, mais do que a partida ou a chegada, é cruzar a fronteira, é estar ou permanecer na fronteira, que é o acontecimento crítico. (...)A possibilidade de "cruzar fronteiras" e de "estar na fronteira", de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma denominação do caráter "artificialmente" imposto das identidades fixas. O "cruzamento de fronteiras" e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. (SILVA, 2002, p. 5)

Esses cruzamentos, hibridismos, apontam para o caráter performativo das identidades, na perspectiva da teoria dos atos de fala, na qual John Langshaw Austin (1999) propõe a visão de linguagem como ação. As identidades são constituídas socialmente pelas interações dos sujeitos, politicamente motivadas, estrategicamente construídas, imbuídas de desejos, tensões, conflitos, disputas. Não há nessa perspectiva lugar para se pensar identidade como aquilo que se é, mas naquilo que nos tornamos: a identidade sempre estará sujeita ao movimento, à transformação.

Após a reintrodução e ressignificação da noção de raça no âmbito das reivindicações dos movimentos, o que se percebe hoje é o essencialismo estratégico por parte dos negros. Autoidentificar-se como negro hoje significa ao mesmo tempo uma questão de afirmação e orgulho pela raça como também uma reivindicação de direitos. Essa postulação de essências por parte dos movimentos sociais é uma estratégia política importante porque temo poder de aglutinar identidades em torno de um objeto político. (...) O ato de fala produzido pelo nome negro, nesse caso, não apenas repete o trauma do que é racismo e a violência que isso envolve, como ressignifica e recontextualiza o nome de formas mais afirmativas. (MUNIZ, 2010, p. 107)

7. Colonialidade e a dimensão geográfica das identidades

Um dos elementos constitutivos e específicos dos padrões mundiais do poder capitalista é ao que chamamos colonialidade. O conceito de colonialidade

sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos da existência cotidiana e da escala societal. (QUIJANO, 2010, p. 84, *apud* SANTOS, 2012, p. 40)

Esses padrões interferem diretamente no que entendemos por identidade, e as identidades que mobilizamos, pois que elas são balizadas por uma linguagem sustentada por "conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares" (MIGNOLO, 2008, p. 289). Nessa chave de leitura, Walter Duke

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Walter Duke Mignolo (2008) aborda as diferenças entre uma política de identidade e identidade em política: para o autor critica a política de identidade, pois que ela tende a compreender as identidades como aspectos essenciais do indivíduo, o que potencialmente gera a intolerância; como se as políticas identitárias fossem posições fundamentalistas potencialmente perigosas. Ela reside na "(...) construção de uma identidade que não se parece como tal, mas como aparência natural do mundo". (MIGNOLO, 2008, p.289)

Walter Duke Mignolo apresenta o conceito de opção descolonial que busca alternativas, novos caminhos e paradigmas para além das:

teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis; e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais (nas seis línguas da modernidade europeia – inglês, francês e alemão após o Iluminismo; e italiano, espanhol e português durante o Renascimento). (MIGNOLO, 2008, p. 290)

Só assim será, segundo Walter Duke Mignolo, desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista; e de pensarmos descolonialmente. As outras formas de organização e pensamento não-descoloniais permanecerão sempre na razão imperial, no que o autor chama de *política imperial das identidades*. (MIGNOLO, 2008, p. 291)

Na América do Sul, na América Central e no Caribe, o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos de indígenas bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sócio-política a qual foram sujeitos por instituições imperiais diretas, bem como por instituições republicanas controladas pela população crioula dos descendentes europeus, alimentaram uma mudança na geo- e na política de Estado de conhecimento. (MIGNOLO, 2008, p. 290)

Em nenhum momento de sua argumentação, Walter Duke Mignolo defende que temos de romper com os saberes eurocentrados, mas abrir os olhos e a escutas para outros saberes existentes, outras formas de conceber a vida e o mundo. Estamos falando de outras epistemologias, (re)construir nossos saberes, já que uma das realizações da dita razão imperial foi justamente afirmar como superior a identidade europeia (no entendimento da identidade como única, essencial) e, ao mesmo tempo, determinar quais seriam as identidades (sexuais, culturais, religiosas, raciais) inferiores. (MIGNOLO, 2008, p. 291). Os padrões, as identidades preteridas não são mais pessoas em si, mas línguas e religiões, conhecimentos, regiões do planeta. Essa discussão de Walter Duke Mignolo evi-

dência, portanto que a colonialidade é calcada em práticas de racialização de grupos, seus corpos e saberes: nesse sentido, a raça, enquanto constructo social (SHUCMAN, 2012), passa a ser uma ferramenta de inclusão e exclusão nas formas de se exercer e praticar nossas identidades socio-culturais.

8. Branquidade X negritude e outros caminhos para uma opção des-colonial

Visibilidade e invisibilidade constituem, nesta época, mecanismos de produção da alteridade e atuam simultaneamente com o nomear e/ ou deixar de nomear” (DUCHATZKY & SKLIAR, 2001). O problema em questão não são as dualidades, mas as hierarquizações, as quais tornam a linguagem sujeita a vetores de poder. Impor identidades e diferenças sempre está relacionado à busca de bens de poder. (SILVA, 2009). Assim, a marcação da diferença é o “componente-chave” de qualquer classificação. (WOODWARD, 2009)

A modernidade inventou e se serviu de uma lógica binária, a partir da qual denominou de diferentes modos o componente negativo da relação cultural: marginal, indigente, louco, deficiente, drogado, homossexual, estrangeiro etc. Essas oposições binárias sugerem sempre o privilégio do primeiro termo e o outro, secundário nessa dependência hierárquica, não existe fora do primeiro, mas dentro dele, como imagem velada, como sua inversão negativa. (DUCHATZKY, SKLIAR, 2001)

Quando pensamos nos sujeitos e sua interação, podemos perceber que a maneira com a qual estes se definem/se posicionam linguisticamente também é politicamente motivada. Isso se agrava quando procuramos definir identidades, que nos aproximem ou nos afastem dos objetos do nosso desejo. Assim, ao se (auto)nominar, o sujeito está não só identificando a si e ao Outro, mas expressando um desejo de lugar social, de postura ideológica, de conceitos, de visão de mundo, e de onde e como cada indivíduo se entende frente ao Outro, e ao mundo no qual está inserido e à sociedade. O desejo, nessa perspectiva, busca o lugar assegurado, da identidade preterida, da livre circulação e dos acessos garantidos, mas esses lugares já estão definidos e ocupados.

Na sociedade brasileira, por exemplo, a norma se fundamenta numa narrativa de supremacia branca, cristã, economicamente bem-sucedida, heterossexual, masculina, anglossaxã, fato que amplifica as violências impostas a uma maioria racial negra e indígena, às mulheres, aos movimentos LGBTs, por exemplo. Quanto mais distantes deste padrão

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

imposto, mais somos alijados de direitos, acesso, voz e visibilidade. A esse padrão, dá-se o nome *branquidade*.

Edith Piza (2002) utiliza-se do conceito de branquidade-branquitude da norte americana Ruth Frakenburg (2004) e o define como uma porta de vidro, isto é:

um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê aos outros e a si mesmo: uma posição de poder não nomeada vivenciada em uma geografia social de raça como um lugar confortável e do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não atribui a si mesmo. (PIZA, 2002)

O que Edith Piza (2002) argumenta é que a branquidade-branquitude atua como uma naturalização dos lugares privilegiados que são ocupados por aqueles que correspondem a norma imposta: se sou branca, sou a norma: raça tem os Outros, que são diferentes de mim. Nessa perspectiva, ignora-se que, mesmo aqueles que correspondem à norma, também são racializados, sexualizados e susceptíveis a narrativas e discursos que regulam seus atos, corpos, linguagens, identidades.

Os estudos sobre branquidade-branquitude se formaram como um campo de estudo transnacional e de intercâmbio entre ex-colônias e colonizadores, fato que corresponde à cadeia de fatos históricos iniciados com o projeto moderno de colonização, que desencadeou a escravidão, o tráfico de africanos para o Novo Mundo, a colonização, as formações e construções de novas nações e nacionalidades em toda a América e a colonização da África.

É nestes processos históricos que a branquidade-branquitude começa a ser construída como um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores. Neste sentido, é importante pensar como o conceito de branquidade dialoga inteiramente com o conceito de Colonialidade, pois que esta se fundamenta em estratégias de regulação baseadas em racializações de identidades, espaços, culturas e produções distintas de conhecimento. É por meio do conceito de Colonialidade que culturas nacionais e as identidades brancas e não brancas têm sido historicamente criadas, recriadas, significadas e redefinidas através das trocas circulares de símbolos, ideias e populações entre a África, a Europa e as Américas. (SHUCMAN, 2012)

Os estudos sobre branquidade-branquitude surgem para trazer à tona o branco nas discussões acerca do racismo e suas implicações, pois

estas implicações não recaem apenas a não-brancos. Franz Fanon, em seu texto *Pele negra, máscaras brancas* (FANON, 2008), por exemplo, aborda justamente os danos psicológicos que tanto brancos quanto negros sofrem: enquanto a população negra é feita crer na inevitabilidade de sua posição social subalterna, a população branca também é feita crer na inevitabilidade de sua posição social privilegiada.

Apesar de ser claro que os conflitos com a autoimagem de negros, indígenas, orientais são estimulados com as constantes positivamente das características fenotípicas brancas, na maioria de materiais de formação e informação, tais como cabelos lisos, olhos claros, tidos como padrão de beleza, não é em termos de “brancura” que se discute a branquidade/branquitude. Sabe-se que valores simbólicos distintos atribuem determinado grau de aceitabilidade e acesso a bens diversos e correspondem ao cromatismo brasileiro: quanto mais escura a pele, menor a acessibilidade a bens culturais, e econômicos, mas o racismo não mais se baseia apenas em critérios biológicos de raça. Como exemplo disso temos em 1948 o *Apartheid* sul-africano, cujo critério raça passou a integrar a essencialização histórico-cultural e ao invés de se falar em raça e caracteres biológicos, passou-se a falar sobre etnia e suas especificidades socioculturais. Dessa forma, não há mais somente a hierarquização dos fenótipos humanos, mas de culturas inteiras. (SHUCMAN, 2012)

A branquidade/branquitude é a norma, o padrão estabelecido a ser seguido, pois segui-lo garante acesso e reconhecimento: e quando se instaura a norma, aqueles que são perfeitamente adequáveis a ela, aqueles que atendem a toda sorte de sentidos comuns e crenças sociais, tais como: a força e razão masculina, a saúde plena (que exclui toda sorte de deficiências), a pele alva e nórdica dos países de “primeiro mundo”, o conhecimento ocidental “claramente mais evoluído que o de outras culturas”, a heterossexualidade que “garante a perpetuidade da espécie humana”, as religiões judaico-cristãs que são predominantes (mesmo que sob braços de ferro) em todo o mundo, passam a ser A norma. Todos os que não atendem a, ainda que por um critério apenas, essa norma, são os Outros. Isso traz aos brancos a invisibilidade, uma ideia de neutralidade, como se só os Outros tivessem cor, especificidades, necessidades “especiais” (SHUCMAN, 2012). Então, todas as discriminações sofridas sócio-política e economicamente passam a ser problema e responsabilidade daqueles que são discriminados, garantindo, portanto, a perpetuidade do poder daqueles que não sofrem discriminação alguma.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

É nesse sentido que a branquidade/branquitude atua e passa a ser convite perpétuo para a aceitação social: atua diretamente numa sociedade de que se pretende homogeneizada. É também nesse sentido que se defende ainda o branqueamento da população: não basta ser claro, mas havemos de negar ao máximo qualquer associação às culturas e à imagem dos grupos étnicos e sociais subalternizados. E assim é instaurado um pacto social com a branquidade, que atua nos negros com o sentimento de autorrejeição, evidenciado na preferência pela autodeclaração pardo, moreno, escuro, mulato, escurinho, ao uso da palavra “negro”.

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender que há formas, estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. (SHUCMAN, 2012)

Diante desse quadro deflagrado de desigualdades, também são latentes os movimentos e lutas sociais contra-hegemônicas. Um exemplo desses movimentos se fundamenta no conceito de negritude, o qual, tal como a branquidade, não se limita à questão da coloração da pele, mas apresenta-se como interposição ao discurso hegemônico que prega, a partir do corpo branco, padrões aceitáveis de conduta social e cultural. Os movimentos negros e suas lutas de afirmação e (re)significação do que representa ser negro se fundam não só na cor da pele, ou mesmo na valorização de características fenotípicas – ainda que essas narrativas do corpo também tenham força discursiva relevante sobretudo para deslocar padrões de beleza euro-centrados. Vários outros caminhos foram também tomados por esses movimentos em prol da conquista de direitos: implementação das ações afirmativas, reivindicação das cotas raciais, reivindicação da implementação de temas referentes às culturas e história africana e afro-brasileira em todo ensino formal, por meio da lei 10.639, criminalização do racismo, valorização da cultura negra, reconhecimento das religiões de matriz africana

Afirmar-se negro, como argumenta Odilon Conceição Cuti (2010) não é um retorno a África apenas, um retorno a tradição, a busca a um passado remoto: ainda que seja isso também, afirmar-se como negro é sobretudo um ato político, um posicionamento que gera consequências: como o cerceamento, quando não a violência explícita. Afirmar-se negro é abrir as claras a discussão sobre o racismo, e é expor a farsa da nossa

democracia racial; é também, portanto, um ato de questionamento do poder. (CUTI, 2010)

Um dos caminhos para essas ações contestatórias de que Odilon Conceição Cuti fala tem sido a cultura e suas manifestações, pois a cultura negra é um dos caminhos encontrados para a sobrevivência de narrativas afrocentradas, contranarrativas à história única branca, cristã e ocidental, um caminho de resistência. Mas essa cultura, tal como as identidades, não deve ser concebida sob uma ideia fixa, cristalizada. É o que argumenta Stuart Hall (2011), quando afirma que:

Por definição, a cultura popular negra é um espaço contraditório. É um local de contestação estratégica. Mas ela nunca pode ser simplificada ou explicada nos termos das simples oposições binárias habitualmente usadas para mapeá-la: alto ou baixo, resistência versus cooptação, autêntico versus inautêntico, experiencial versus formal, oposição versus homogeneização. Sempre existem posições a serem conquistadas na cultura popular, mas nenhuma luta consegue capturar a própria cultura popular para o nosso lado e o deles (...) na cultura popular negra estritamente falando, em termos etnográficos, não existem formas puras. Todas essas formas são sempre o produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluências de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação, de significação crítica e do ato de significar a partir de materiais pré-existentes. (HALL, 2011, p. 339)

Mesmo nessa condição de processo, a cultura negra tem apontado caminhos de combate à norma que só autoriza cabelos alisados, peles claras, corpos brancos, culturas eurocentradas, atravessadas pelos conceitos de razão, ciência, beleza, humanidade: narrativas da branquidade e da colonialidade. Elevam-se e projetam-se contra os discursos de branqueamento, e, por consequência, contra o silenciamento imposto pela hegemonia branca: mais que cultura, esses movimentos culturais são resistência.

Afirmar-se negro é lembrar-se do passado, mas não do passado colonial. É lembrar-se daquilo que a história vigente nega, silencia, violenta; é reconhecer o valor nas diferenças; é perceber nuances muito mais profundas do que o simplismo binário de nossa cultura; é por a prova tudo o que foi construído e institucionalizado. É resistir e (re)existir. Nesse contexto de disputa e conflitos, chocam-se as identidades. Em suas interações, as identidades são caminhos para negociar, reinventar, subverter as relações assimétricas de poder; performatizar, agir e reagir por meio da linguagem e das práticas discursivas.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Qual, então, seria o lugar da identidade do *pixador*, nessa perspectiva? Há uma naturalização do corpo do *pixador* ao corpo negro, pois ao corpo negro já há uma narrativa estabelecida pelo discurso hegemônico, o qual justifica hierarquias sociais a partir de uma ideia essencialista de cultura, em que diferenças linguísticas, religiosas, modos de vida de diferentes grupos são consideradas inferiores ou inassimiláveis pela cultura dominante. Esse racismo vem articulado com a associação da pobreza, da marginalização como consequência de um problema cultural, e, portanto, naturalizado – fixando os sujeitos a condições estanques de subalternidade. Ao requerer para si a identidade de *pixador*, os sujeitos e seus corpos trazem para si essa identificação com os discursos simbólicos sobre o que é ser negro, subalternizado, periférico, subalternizado, mas subvertem-nas em suas práticas discursivas: positivam identidades, reivindicam lugares de fala interditos pela sociedade; trazem novos caminhos e perspectivas de utilização da linguagem; compõem-se enquanto discursos anti-hegemônicos e deslocam condições neutralizadas e naturalizadas de poder e privilégio. Nesse sentido, é possível pensar tanto nos movimentos negros, e, no caso dessa pesquisa, o próprio *pixo* como práticas descoloniais.

9. *Considerações finais*

Assim como a linguagem, identidade e diferença são estruturas instáveis, porque a linguagem está o tempo todo, também, em processo, sendo disputada, conduzida, ressignificada, não sendo reflexo do real, mas uma ilusão do real, construída, manipulada, organizada. Este condicionamento e esta imposição escapam de uma ideia de linguagem associada a um sistema restrito e previsível de signos e significações. A própria linguagem transborda este conceito que tenta encarcerá-la, impor-lhe limites e controle, a tal ponto que a própria ideia linguística/extralinguística, ou mesmo linguagem/contexto perde completamente o sentido, se desfaz, pois ao entender a linguagem como discurso e prática social (FAIRCLOUGH, 2001), não há mais como apartá-la de um contexto, pois que ele a atravessa e é atravessada por ele todo o tempo.

(...) o significado – mesmo em seu sentido literal – deriva de uma fusão da forma linguística com o contexto. Nesse sentido, o significado não reside no interior da língua, encapsulado em expressões linguísticas *per se*; ao contrário, o significado é algo que *emerge da interação entre língua e suas circunstâncias*(...) Ou seja, toda forma linguística refere-se tanto às condições envolventes de sua própria produção quanto à ordem macrosocial maior. Os contextos de uso não podem ser vistos como cenas isoladas de um eterno presente (...).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os contextos são, ao contrário, atos históricos e sociais onde dois ou mais agentes sociais interagem por meio da linguagem. (SILVA & ALENCAR, 2014, p. 287, 288)

Os *pixos*, nessa perspectiva, são "atos linguísticos", que, reiterados, condensam em si uma historicidade, assumem significados sociais locais que se relacionam com as estruturas sociais. (LOPES, 2014, p. 240). São performances que revelam escolhas efetuadas pelos sujeitos no interior de significados historicamente demarcados. É por meio dessa identidade performativa de “*pixador*” que os sujeitos se (re)definem, se (re)inventam, e (re)inventam, dialogicamente, sua história na linguagem. (LOPES, 2014, p. 241-242)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil, FERREIRA, Dina Maria Martins (Orgs.). *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 39-60.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BUTLER, Judith. *Exitable speech: politics of performative*. New York: Routledge, 1997.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura popular negra? Estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro N. 13/14, p. 147-159, 2001.

MIGNOLO, Walter Duke. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>>.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. *Lua Nova*, São Paulo, vol. 79, p. 143-162, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a07n79.pdf>>

PINTO, Joana Plaza. *Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem*. 2002. Tese (de doutorado). UNICAMP, Campinas.

PINTO, Joana Plaza. Performatividade. *Revista Cult*, n. 185, 2013. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/11/o-percurso-da-performatividade>>.

PIZA, Edith. Porta de vidro. Entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.). *A psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Marginalidade: Exclusão e identidade autoral. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. (Orgs.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 167-179.

SHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. Tese (de doutorado em psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <file:///C:/Users/Jos%C3%A9Pereira/Downloads/schucman_corrigida.pdf>.

SILVA, Daniel; FERREIRA, Dina; ALENCAR, Claudiana Nogueira (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Tomás Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. (Org.). *Identidade e diferença*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUSA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, HIP-HOP*. São Paulo: Parábola, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Discurso, poder e acesso. In: _____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

**TEORIA E ANÁLISE DO GÊNERO "RESUMO"
EM ARTIGOS CIENTÍFICOS:
UMA ABORDAGEM
A PARTIR DOS MOVIMENTOS RETÓRICOS**

Christine Mello Ministher (UFRJ)
chrisministher@yahoo.com.br

RESUMO

Na contemporaneidade, muitos pesquisadores têm falado e escrito a respeito de gêneros textuais e produção de texto, todavia poucos progressos reais têm sido alcançados nessa área. Docentes e discentes vivem em busca do tão almejado sucesso na produção textual acadêmica. Diante desse panorama, busca-se analisar como está a produção textual dos graduados e pós-graduados Brasil afora. Os objetivos deste trabalho são os de analisar a produção do gênero resumo que integra os artigos científicos de periódicos e propor sugestões que contribuam para uma produção mais consciente e eficaz do gênero em tela. Utiliza-se, como método de análise, o modelo dos cinco movimentos retóricos potencialmente possíveis em um resumo de artigo científico, proposto por John Malcolm Swales & Christine Feak (2009). O *corpus* é composto por resumos de artigos científicos publicados em revistas com Qualis A2 (*on-line*), periódicos muito bem classificados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os resultados encontrados mostram que apenas 13,33% dos resumos analisados possuem quatro dos cinco movimentos possíveis e que nenhum resumo possui os cinco movimentos. Ante os achados, conclui-se que os produtores de resumos de artigos científicos, em sua maioria, parecem não dominar plenamente o gênero ora em foco.

Palavras-chave: Gênero textual. Resumo científico. Movimentos retóricos.

1. Introdução

Após a invenção da escrita, cerca de cinco mil anos atrás, a sociedade, paulatinamente, passou a se organizar influenciada por esta modalidade de linguagem. A escrita torna-se a forma pública de comunicação de maior influência. Diante dessa realidade, não basta saber tão somente se comunicar através da linguagem oral, emerge a necessidade de se ter uma sociedade dotada de pleno domínio da modalidade escrita.

Ante essa necessidade, expõe-se a problematização desenvolvida neste artigo, resumida nas seguintes questões: Como é elaborado o gênero resumo? Como é elaborado o gênero “resumo” que integra o artigo científico? Quais estratégias retóricas estão em jogo quando da produção do resumo de um artigo científico?

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Assim, objetiva-se, precipuamente, analisar como os resumos são produzidos e identificar a macroestrutura retórica que os compõem. Em seguida, busca-se desvendar que movimentos retóricos estão presentes, para, por fim, sugerir critérios que possam contribuir para a construção mais eficiente do gênero “resumo” em artigos científicos.

As hipóteses para os questionamentos anteriormente feitos são:

- a) existe uma superestrutura, uma macroestrutura retórica que norteia o gênero resumo;
- b) a maioria dos produtores de resumos científicos a desconhecem.

A justificativa para o desenvolvimento do tema ora proposto se dá ante a observação das rotineiras situações angustiantes vivenciadas por alunos e professores, quando da produção de um texto. De um lado, há o discente (seja ele do ensino médio, graduando e até mesmo pós-graduando) angustiado por se sentir incapaz de escrever o seu resumo; do outro, há o docente ansioso por não alcançar o tão almejado sucesso escolar/acadêmico pelo seu alunado. Sendo assim, esta pesquisa se faz relevante, uma vez que busca explicitar a superestrutura retórica que há por trás do resumo do artigo científico e sugerir critérios para que sua elaboração seja feita com maior proficiência.

O *corpus* de análise deste trabalho é composto por trinta resumos de artigos científicos, publicados em três periódicos *on-line*, com classificação Qualis A2, distribuídos nas seguintes áreas do conhecimento: dez de urbanismo; dez de direito e dez de artes.

2. *Arcabouço teórico*

Os pressupostos teóricos que norteiam este artigo encontram base na linguística textual, no funcionalismo e na sociolinguística, esta última numa abordagem de fenômenos discursivo-pragmáticos. Nos dizeres de Salí A. Tagliamonte (2012, p. 247): “tem havido, na sociolinguística, uma grande onda de interesse em recursos discursivo-pragmáticos ao longo dos últimos quinze anos”.

Os principais autores que servem de base teórica para esta pesquisa são: Charles Bazerman (2011), Luiz Antônio Marcuschi (2008, 2010a, 2010b), Dominique Maingueneau (2013), Jean-Paul Bronckart (1999) e John Malcolm Swales & Christine Feak (2009).

Segundo Charles Bazerman (2011, pp. 16-17):

[...] Descrições linguísticas da variedade escrita da linguagem procuram grandes padrões de uso linguístico, frequentemente distinguidos por funções amplas – tais como a narrativa, a descrição, o argumento, o relato, independente desses padrões da linguagem serem chamados de texto ou gênero. Outras caracterizações linguísticas da variação (chamados registros) são baseadas nas distinções de agrupamentos e ocasiões sociais. Essas caracterizações funcionais e sociais normalmente se aplicam a sequências de palavras em vez de organizações maiores de documentos, embora alguns trabalhos linguísticos enfoquem o enunciado ou a declaração completa, tais como os trabalhos [...] de Swales [...].

Com base em Charles Bazerman, pode-se asseverar que à sociolinguística cabe não somente analisar sequências de palavras, distinções de agrupamentos e ocasiões sociais, mas também analisar organizações maiores de documentos como John Malcolm Swales & Christine Feak o fazem.

Para Charles Bazerman (2011, p. 17):

[...] A regularidade da variação linguística em vez de ser vista como derivada de funções gerais ou das variáveis sociais presumidas surge da tipificação de circunstâncias e práticas. [...] O foco está no enunciado limitado, reconhecível como um texto completo – uma matéria jornalística, um relatório do governo, um trabalho final em sociologia ou um tratado de vários volumes. [...]

É de acordo com a linguística textual, com o funcionalismo e com uma abordagem sociolinguística, não limitada a funções gerais ou a variáveis sociais presumidas, mas voltada para a tipificação de circunstâncias e práticas, focada num enunciado reconhecível como um texto completo, é que se desenvolvem os pressupostos teóricos deste trabalho.

3. O gênero textual “resumo”

Neste ponto do artigo, busca-se conceituar especificamente o gênero resumo.

Segundo Charles Bazerman (*op. cit.* p. 30):

Uma maneira de coordenar melhor nossos atos de fala uns com os outros é agir de modo típico, modos facilmente reconhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias. Se percebemos que um certo tipo de enunciado ou texto funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma certa maneira, quando nos encontrarmos numa situação similar, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar.

[...]

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Este processo de mover-se em direção a formas de enunciados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações, é chamado *tipificação*.

Charles Bazerman mostra que os gêneros devem seguir determinada padronização e tipificação e é dentro dessa concepção que se vai direcionar o conceito de resumo e seus descritores. O resumo tem de seguir determinada padronização no seu formato e na sua estrutura, de tal forma que seja facilmente reconhecido pelo interlocutor.

Ruqaiya Hasan explicita que um texto e seu contexto se realizam através de algumas metafunções. Interessa para este trabalho a seguinte: “metafunção textual, que expressa a estrutura e o formato do texto, possibilitando, assim, ao sujeito estruturar a experiência em textos coesos e coerentes a partir do sistema da língua”. (HASAN, 1996, p. 39)

Segundo Frederick Wilfrid Lancaster (2004, p. 6), "o principal objetivo do resumo é indicar de que trata o documento ou sintetizar o seu conteúdo. Um grupo de termos de indexação serve ao mesmo propósito".

Segundo o autor, o resumo reúne, informa, de forma sintética, o assunto tratado num documento principal, que pode ser um artigo de periódico, uma tese, uma dissertação, por exemplo. Além de conceituar resumo, o autor menciona termos de indexação, como grupos de termos relacionados ao resumo e ao texto do documento principal, que garantem um panorama geral sobre os assuntos tratados no documento original. Não por acaso, o que o autor denomina termos de indexação coincide com o que a Associação Brasileira de Normas Técnicas, doravante ABNT, chama de “Palavras-chave”.

Mais adiante em seu livro, Frederick Wilfrid Lancaster conceitua resumo nos seguintes termos (*op. cit.* p. 100): “O resumo é uma apresentação sucinta, porém exata, do conteúdo de um documento”.

O autor ainda salienta que se deve diferenciar *resumo* de *extrato*. Ele descreve o que é extrato (*idem*): “[...] é uma versão abreviada de um documento feita mediante a extração de frases do próprio documento”.

Para distinguir *resumo* de *extrato*, esclarece Frederick Wilfrid Lancaster (*idem*): “O verdadeiro resumo, ainda que inclua palavras que ocorram no documento, é um texto criado pelo resumidor e não uma transcrição direta do texto do autor”.

A citação acima é de extrema importância para aqueles que pretendem realizar um resumo. Muitas vezes, o que se vê nos resumos são

meras transcrições de trechos do texto original, o que descaracteriza completamente o gênero resumo. É extremamente importante que o resumidor tenha em mente que o texto resumido deve ser fiel às ideias do texto original, todavia quem resume jamais deve copiar, transcrever trechos do texto original.

4. O gênero resumo segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT (NBR 6028/2003)

A Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, através de sua NBR 6028/2003, que tem o objetivo de padronizar e de estabelecer os requisitos para a redação e a apresentação de resumos, define o que é resumo da seguinte maneira: “apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento”.

A ABNT, ainda na mesma NBR⁴² citada, elenca três tipos de resumo, definindo-os:

- 1.3. Resumo crítico:** Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento.
- 2.5. Resumo indicativo:** indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos, etc. De modo geral não dispensa a consulta ao original.
- 2.6. Resumo informativo:** informa ao leitor finalidades, metodologias, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original.

De acordo com as definições de resumo da ABNT, parece que o resumo indicativo é o tipo de resumo que normalmente precede os artigos científicos e trabalhos acadêmicos de modo geral, como monografias, dissertações e teses, porém a mesma NBR apresenta contradições nas distinções entre resumo indicativo e resumo informativo, conforme será visto nas próximas linhas.

A NBR 6028/2003 ainda estabelece as regras gerais de apresentação dos resumos. Abaixo serão citados e devidamente comentados vários itens dessa NBR:

⁴² Observação: na própria NBR há um salto do item 2.3. para o 2.5., sendo suprimido o item 2.4., possivelmente por erro de digitação da própria NBR. Saliente-se que não foi erro da autora desta dissertação, a autora somente transcreveu conforme consta no texto original.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

- 3.1. O resumo deve ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do documento. A ordem e a extensão destes itens dependem do tipo de resumo (indicativo ou informativo) e do tratamento que cada item recebe no documento original.

No item 3.1, a NBR se contradiz, uma vez que, quando conceitua “resumo indicativo” no item 2.5, não informa que deve constar nele o objetivo, o método, os resultados, as conclusões. Declara que tais informações devem constar no “resumo informativo”, item 2.6. Logo a própria NBR cria situação de embaraço e confusão para aqueles que buscam nela uma diretriz precisa para elaborar o resumo científico. O escritor fica, pois, confuso se o resumo que precede o artigo científico é o “indicativo” ou o “informativo”. Na verdade, parece que o resumo científico seria um misto dos dois tipos descritos nos itens 2.5 e 2.6.

Item “3.3 O resumo deve ser composto de uma sequência de frases concisas, afirmativas e não de enumeração e tópicos. Recomenda-se o uso de parágrafo único”. De acordo com a citação descrita, o resumo deve ser estruturado em parágrafo único, não em tópicos e enumerações. Outro detalhe que merece destaque é que quando esta norma orienta usar frases afirmativas, subentende-se que se deve evitar o uso de negativas e imperativas.

Item “3.3.1 A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento. A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento (memória, estudo de caso, análise da situação etc.)”. De acordo com este item, a primeira frase tem de ser elucidativa, explicitando o tema ao qual o autor se propõe a abordar, podendo até indicar se se trata de um artigo científico, de uma monografia, de uma tese.

No item 3.3.2, a NBR informa que: “Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular”. Neste item, vale ressaltar que o uso das primeiras pessoas do discurso, tanto do singular, quanto do plural, é rechaçado pela ABNT.

O item 3.3.3 informa que: “As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão Palavras-chave; separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto”. De acordo em este item, os resumos, mormente os de trabalhos acadêmicos e os de periódicos, precisam ser sucedidos por palavras-chave. Então, o que seriam palavras-chave? A própria NBR 6028 define palavra-chave da seguinte maneira: “palavra representativa do documento, escolhida, preferencialmente, em vocabulário controlado”.

No item 3.3.4, constam regras do que se deve evitar no resumo:

- a) símbolos e contrações que não sejam de uso corrente;
- b) fórmulas, equações, diagramas etc., que não sejam absolutamente necessários; quando seu emprego for imprescindível, defini-los na primeira vez que aparecerem.

Destaque-se que, neste item, há regras importantes a serem observadas. Por exemplo, há muita terminologia técnica nas diversas áreas dos saberes, muitos símbolos, muitas siglas, inclusive em língua estrangeira, que não devem ser colocados no resumo. São terminologias restritas à determinada área científica, o que tornaria o texto muitas vezes incompreensível, tirando do resumo uma de suas principais características, a de ser um texto objetivo e de claro entendimento, todavia se for imprescindível o uso de símbolos, contrações, siglas, fórmulas etc., é importante defini-los desde o primeiro momento em que aparecem no resumo.

O item 3.3.5 da NBR 6028 normatiza os resumos quanto à extensão que devem ter:

- a) de 150 a 500 palavras os de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros) e relatórios técnicos científicos;
- b) de 100 a 250 palavras os de artigos de periódicos;
- c) de 50 a 100 palavras os destinados a indicações breves.

Os resumos críticos, por suas características especiais, não estão sujeitos a limites de palavras.

Quanto à extensão dos resumos, a NBR 6028 normatiza uma delimitação nos tamanhos, segundo a qual determina-se que o resumo não pode ter menos de 100, tampouco mais de 250 palavras.

5. O resumo de artigos científicos na perspectiva de Swales & Feak

De acordo com John Malcolm Swales & Christine Feak (2009), os resumos podem ser analisados e estruturados de acordo com um potencial máximo de cinco movimentos retóricos. Um movimento retórico é um trecho de texto que faz um trabalho particular. É um termo funcional, não gramatical.

Os referidos autores expõem a existência de dois tipos de resumos científicos: o “resumo tradicional” e o “resumo estruturado”. A diferença entre os dois tipos de resumo está justamente na estrutura. No primeiro, tem-se a estrutura de um único parágrafo dotado de vários períodos con-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tendo os movimentos retóricos; no segundo tipo, o resumo é estruturado em subseções, que intitulam cada um dos movimentos retóricos presentes.

Os autores mencionam algumas construções linguísticas que aparecem nos resumos: “metadiscurso” e “autorreferente”.

Na concepção dos autores, o resumo do artigo de pesquisa não é propriamente um gênero autônomo, mas parte do gênero “artigo científico”. Apesar desse posicionamento dos autores, de que o resumo é parte do gênero “artigo científico”, não um gênero em si, no Brasil há um consenso de que o resumo, mesmo sendo parte integrante de um artigo científico/artigo de pesquisa, é um gênero textual. É esta visão, de resumo como um gênero textual, que é a adotada nesta pesquisa.

6. Metodologia

A metodologia adotada se baseia no modelo dos cinco movimentos retóricos potencialmente presentes nos “resumos” de artigos científicos, postulado por John Malcolm Swales e Christine Feak (2009), conforme o quadro que segue abaixo:

Movimentos retóricos

MOVIMENTOS	RÓTULOS TÍPICOS	PERGUNTAS IMPLÍCITAS
Mov. 1	Antecedentes/ introdução/ situação	O que sabemos acerca do tema? Por que este tema é importante?
Mov. 2	Apresentar a pesquisa/ propósito	O que este estudo aborda?
Mov. 3	Métodos/ materiais/ sujeitos/ procedimentos	Como foi feito o estudo?
Mov. 4	Resultados/ achados	O que foi descoberto?
Mov. 5	Discussão/ conclusão/ implicações/ recomendações	O que os resultados significam?

Para ilustrar como ocorrem esses movimentos retóricos num exemplo prático e como a análise do *corpus* deste trabalho se desenvolveu, segue abaixo um modelo de análise:

Guy Veloso: uma travessia com os irmãos das almas⁴³

⁴³ MORKAZEL, Marisa. Guy Veloso: uma travessia com os irmãos das almas. *Arteriais*. Pará, v. 1, n. 1, p. 67, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ppqartes/article/viewFile/2095/2412> Acesso em: 16-06-2015.

Este artigo analisa fotografias de Guy Veloso pertencentes à série Penitentes: dos Ritos de Sangue à Fascinação do Fim do Mundo que teve início em 2002. Doze dessas imagens foram expostas na 29ª Bienal de São Paulo, realizada em 2010. No processo analítico estão presentes questões específicas da estética fotográfica e concernentes à abordagem sociopolítica. A base teórica foi desenvolvida a partir de Andre Rouillé e Euclides da Cunha.

Descrição:

- 1) Quanto aos movimentos retóricos: presença dos movimentos 2 e 3, ausência dos movimentos 1, 3 e 5;
- 2) Quanto aos tipos de construção de metadiscurso e autorreferente: ocorre exclusivamente a construção de metadiscurso, logo não ocorre a primeira pessoa do discurso, nem do singular, nem do plural;

7. Amostra

A amostra desta pesquisa é composta de trinta resumos de artigos científicos publicados em periódicos (*on-line*) com Qualis A2, conforme o quadro demonstrativo que segue abaixo:

Periódicos utilizados na pesquisa

Área do conhecimento	Periódicos – Qualis A2	Quantidade de resumos
Urbanismo	<i>Revista URBE</i> . Paraná: PUCPR, v.7, n. 1, 2015.	7
	<i>Revista URBE</i> . Paraná: PUCPR, v. 7, n. 2, 2015.	3
Direito	<i>Revista da Faculdade de Direito</i> - UFPR. Paraná: UFPR, v. 60, n. 1, 2015.	7
	<i>Revista da Faculdade de Direito</i> - UFPR. Paraná: UFPR, v. 60, n. 2, 2015.	3
	<i>Revista Moringa</i> – UFPA. Paraíba: UFPA v. 5, n. 2, 2014.	6
Artes	<i>Revista Moringa</i> – UFPA. Paraíba: UFPA v. 6, n. 1, 2015.	4
		Total: 30

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

8. Resultados

Neste ponto do artigo, apresentam-se as tabelas com a distribuição e a frequência dos dados analisados, seguidas de explicitações e discussões dos resultados encontrados.

Movimentos Retóricos	Ocorrências dos movimentos	Porcentagem
Movimento 1	11	37%
Movimento 2	28	93%
Movimento 3	25	83%
Movimento 4	11	37%
Movimento 5	6	20%

Tabela 1: Distribuição dos movimentos retóricos das três áreas do conhecimento que foram analisadas: Urbanismo, Direito e Artes. Quantidade de resumos analisados: 30

De modo geral, os resultados da tabela 1 revelam que os produtores de resumos de artigos científicos tendem a lançar mão em maior escala dos movimentos 2 e 3, preterindo o movimento 5. Estes resultados coincidem em parte com os resultados das pesquisas de John Malcolm Swales e Christine Feak (2009), nas quais os autores afirmam haver uma maior ocorrência dos movimentos 4 e 2, e uma menor incidência do movimento 5.

Movimentos retóricos	Ocorrências dos movimentos	Porcentagem
Movimento 1	8	80%
Movimento 2	8	80%
Movimento 3	8	80%
Movimento 4	4	40%
Movimento 5	5	50%

Tabela 2: Distribuição dos movimentos retóricos por área do conhecimento: Urbanismo. Quantidade de resumos analisados: 10

Movimentos Retóricos	Ocorrências dos movimentos	Porcentagem
Movimento 1	2	20%
Movimento 2	10	100%
Movimento 3	9	90%
Movimento 4	2	20%
Movimento 5	1	1%

Tabela 3: Distribuição dos movimentos retóricos por área do conhecimento: Direito. Quantidade de resumos analisados: 10

Movimentos Retóricos	Ocorrências dos movimentos	Porcentagem
-----------------------------	-----------------------------------	--------------------

Movimento 1	1	10%
Movimento 2	10	100%
Movimento 3	8	80%
Movimento 4	4	40%
Movimento 5	0	0%

Tabela 4: Distribuição dos movimentos retóricos por área do conhecimento: Artes. Quantidade de resumos analisados: 10

Área do conhecimento	Média da quantidade de palavras presentes nos resumos	Quantidade de palavras/caracteres permitidas por resumo, de acordo com cada uma das revistas
Urbanismo	199.2	150 a 250 palavras
Direito	140.4	150 a 250 palavras
Artes	62.4 (407.5 caracteres)	5 linhas ou 460 caracteres

Tabela 5: Média da quantidade de palavras por área do conhecimento

A ABNT, na NBR 6028/2003, determina que os resumos de artigos científicos devem possuir uma quantidade de palavras que pode variar de 100 a 250. Isto significa que a ABNT, como uma Associação reguladora das normas de apresentação dos resumos em artigos científicos, deve ter suas regras respeitadas, tanto pelos periódicos científicos, quanto pelos escritores dos resumos. As equipes editoriais dos periódicos têm de delimitar os tamanhos dos resumos dentro dos parâmetros estabelecidos pela Associação, não de acordo com critérios e regras próprias. Observa-se, na tabela 5, que na área de direito, apesar de o periódico obedecer aos parâmetros estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, a média da quantidade de palavras dos resumos analisados não chega nem ao número mínimo estabelecido pela própria revista, que é de 150 palavras. Na área de artes, o problema é ainda mais grave, uma vez que o próprio periódico ignora que o critério para o estabelecimento dos tamanhos dos resumos é a quantidade de palavras, não a quantidade de linhas ou de caracteres. Quando o periódico estabelece regras próprias, sem embasamento na ABNT, através de número de caracteres, ignorando o critério estabelecido pela NBR 6028/2003, tal periódico cria um problema para os escritores dos resumos e seus potenciais leitores. Como pode ser visto na tabela em tela, os resumos de artes possuem em média 407.5 caracteres, obedecendo à regra arbitrária estabelecida pelo próprio periódico, o que equivale a uma média de 62.4 palavras presentes nos resumos desta revista, o que está muito aquém do número mínimo de palavras estabelecido pela ABNT, ou seja, 100 palavras. O critério particular e arbi-

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

trário de delimitação do tamanho dos resumos da tal revista da área de Artes pode implicar num problema para o produtor do resumo, que se vê preso a um número muito reduzido de palavras, para poder elaborar o seu resumo de forma adequada. Além de ser um problema para o produtor do resumo, pode acabar por se tornar também um problema para o leitor. Ao ler o resumo, o leitor pode não conseguir encontrar as informações minimamente necessárias para decidir se vale a pena ler ou não o artigo na íntegra, dessa forma o leitor pode deixar de ler um artigo útil por não ter encontrado no resumo as informações necessárias que o fariam ler e conhecer o artigo integralmente.

Apesar de a revista de artes analisada estabelecer normas de tamanho dos resumos contrárias às regras da NBR 6028/2003, não parece ser essa delimitação arbitrária de tamanho o que impede os escritores de elaborarem seus resumos com um número adequado de movimentos. Os resumos do periódico de direito, aqui analisados, que estabelece o número de palavras de acordo com a NBR citada, também não possuem uma quantidade significativamente maior de movimentos que os de artes. Os dois periódicos possuem praticamente a mesma quantidade de movimentos. Por conseguinte, a existência de um número pequeno de movimentos retóricos presentes nos resumos aqui analisados não se deve à delimitação da quantidade de palavras estar ou não de acordo com as regras da ABNT, mas sim ao desconhecimento ou à falta de treinamento por parte dos produtores de resumos de artigos científicos.

Área do conhecimento	Quantidade de movimentos retóricos presentes	Média
Urbanismo	33	3.3
Direito	25	2.5
Artes	23	2.3
	Média geral	2.7

Tabela 6:
Distribuição da quantidade de movimentos retóricos por área do conhecimento

Quantidade de movimentos presentes	Percentual
1 movimento	0%
2 movimentos	43.33%
3 movimentos	43.33%
4 movimentos	13.33%
5 movimentos	0%

Tabela 7: Distribuição percentual da quantidade de movimentos retóricos presentes nos resumos

Diante do que foi exposto nos argumentos da tabela 5, poder-se-ia depreender, equivocadamente, que a quantidade pequena de movimentos estivesse relacionada ao critério estabelecido arbitrariamente pela revista de artes aqui analisada, contudo a quantidade pequena de movimentos presentes nos resumos não se deve exclusivamente ao fato de a referida revista de Artes utilizar critérios particulares e arbitrários, antes pode ter a ver com a falta de conhecimento ou habilidade do escritor do resumo. Os discentes brasileiros, de modo geral, possivelmente não foram ensinados desde cedo a produzir resumos, tampouco resumos de artigos científicos. Isso pode ser comprovado ao se comparar a média da quantidade de movimentos retóricos entre as áreas de direito e artes. Ao cotejar a quantidade de movimentos presentes nos resumos das duas áreas, artes e direito, verifica-se que, mesmo o periódico de direito estabelecendo uma quantidade de palavras de acordo com as regras da ABNT, a quantidade de movimentos é praticamente a mesma dos resumos da revista de Artes: enquanto esta tem a média de 2.3 movimentos retóricos presentes em seus resumos, aquela tem uma média de 2.5, uma diferença irrisória. Isto comprova que a quantidade pequena de movimentos retóricos presentes tanto na área de artes, quanto na de direito se deve ao fato de certa dificuldade ou falta de conhecimento prévio dos produtores de resumos e não encontra justificativa nas peculiaridades dos campos do conhecimento.

A análise dos dados da tabela 7 revela que 0% dos resumos possui somente um movimento e também 0% possui os cinco movimentos potencialmente possíveis. Percebe-se ainda que 86.66% dos resumos possuem de 2 a 3 movimentos e somente 13.33 % possuem 4 movimentos.

Metadiscorso	Autorreferente
90% - 27	10% - 3

Tabela 8: Frequência das construções *metadiscursivas* e *autorreferentes*

Quanto às construções *metadiscursivas* e *autorreferentes*, verificase, na tabela 8, o alto percentual de resumos que usam metadiscorso, 90%, em oposição à pequena percentagem, apenas 10%, que usam a autorreferência. Há de se destacar que os poucos resumos que usaram a primeira pessoa do discurso, tanto do singular, quanto do plural, não preencheram foneticamente o sujeito, o que reforça a tese de que a variante formal escrita continua fortemente marcada pela desinência número pessoal do verbo.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A predominância de metadiscurso revela que os escritores de resumos de artigos científicos, em sua maioria, estão alinhados à normatização da ABNT, que determina que os resumos têm de ser escritos em 3ª pessoa.

Vale destacar que houve uma grande dificuldade em segmentar os movimentos retóricos nos resumos que compõem o *corpus* desta pesquisa, uma vez que os escritores, em sua maioria, talvez por não terem conhecimento do modelo de movimentos retóricos pertinentes aos resumos, escrevem de modo que fica quase impossível segmentar, identificar exatamente onde começa e onde termina cada movimento.

Uma sugestão de solução para evitar um resumo mal estruturado, em que não se consegue delimitar claramente onde começa e onde termina cada movimento, seria a difusão e o ensino do “resumo estruturado”, que quase não é conhecido e é muito pouco usado no Brasil. Se o “resumo estruturado” fosse ensinado em larga escala no Brasil, talvez houvesse menos problemas no que tange à produção textual dos resumos científicos. O “resumo estruturado”, como o próprio nome já diz, estabelece uma estrutura prévia, um esquema para direcionar o escritor, fazendo com que o resumidor não se perca quanto aos movimentos retóricos relevantes e imprescindíveis a um bom resumo.

O “resumo estruturado” é bastante similar ao resumo tradicional no que se refere ao conteúdo e à organização. O que os distingue é que no estruturado cada movimento retórico vem explicitamente precedido pelo seu rótulo/título, o que não ocorre no tradicional. Abaixo segue um exemplo de “resumo estruturado”, extraído da Revista da Escola de Enfermagem da USP:

RESUMO⁴⁴

OBJETIVO

Validar tecnologia assistiva para mulheres com deficiência visual aprenderem a utilizar o preservativo feminino.

MÉTODO

Estudo de desenvolvimento metodológico, realizado em página da *web*, com coleta de dados entre maio e outubro de 2012. Participaram 14 juízes, sendo sete juízas em saúde sexual e reprodutiva (1ª etapa) e sete em educação especial (2ª etapa).

⁴⁴ Revista da Escola de Enfermagem - USP. São Paulo: USP, v. 48, n. 6, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/reuus>> . Acesso em: 20-06-2015.

RESULTADOS

Todos os itens atingiram o parâmetro adotado de 70% de concordância. Na 1ª etapa foi acrescentada a representação do colo do útero com novos materiais e na 2ª incluiu-se que as instruções devem ser ouvidas duas vezes.

CONCLUSÃO

A tecnologia foi validada e está adequada quanto aos objetivos, estrutura/apresentação e relevância. É um instrumento de promoção da saúde válido, inovador e de baixo custo, que poderá auxiliar mulheres com deficiência visual a utilizar o preservativo feminino.

Saliente-se que o potencial máximo de movimentos retóricos presentes nos resumos de artigos científicos é de cinco movimentos, sendo o movimento 1 pouquíssimo utilizado e o seu teor relativamente dispensável. Um resumo bem elaborado deve possuir os quatro movimentos presentes no resumo acima, isto é, do movimento 2 até o 5.

Conforme já dito, o resumo estruturado é bastante similar ao tradicional no conteúdo e na organização. Dessa forma, o resumidor que tenha de redigir no formato tradicional, pode previamente elaborar o resumo estruturado, a fim de criar o esqueleto do resumo tradicional, para depois retirar os “rótulos/títulos” (objetivo, método, resultados, conclusão) e tornar o texto em parágrafo único, conforme deve ser o resumo tradicional. Nesse caso, ao retirar os rótulos e transformar o “resumo estruturado” em “tradicional” com um único parágrafo, o resumidor deve atentar para o fato de que o texto pode ficar sem coesão, logo deverá fazer as adaptações necessárias, utilizando conectivos e construções gramaticais adequados, a fim de tornar o resumo coeso e coerente.

Em suma, se o “resumo estruturado” for difundido e ensinado nas escolas/universidades brasileiras, talvez se diminuam os problemas relacionados à produção textual do gênero “resumo de artigo científico”.

9. Considerações finais

Com base nas análises e nos resultados obtidos nesta pesquisa, percebe-se que os resumos de artigos científicos, mesmo os bem qualificados pela CAPES, como os da amostra aqui analisada, não possuem uma quantidade suficiente de movimentos retóricos que os classifique como resumos eficientes, do ponto de vista para o qual eles devem servir. O papel primordial do resumo é o de conter as informações mínimas imprescindíveis para que o leitor possa ter a clara noção se o artigo aborda ou não o assunto de seu interesse. Para obterem-se as informações im-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

prescindíveis a um bom resumo, é necessário que o resumo tenha em média quatro dos cinco movimentos potencialmente possíveis, sendo o segundo movimento indispensável, visto que é nele que o resumidor informa o objetivo do artigo científico.

Em suma, esta pesquisa pretendeu verificar numa amostra, composta por resumos de artigos científicos bem qualificados pela CAPES, com Qualis A2, se os resumos são eficientes ou não, a partir da análise da presença ou ausência dos movimentos retóricos postulados por John Malcolm Swales e Christine Feak (2009). Verificou-se nesta amostra que os resumos não são tão eficientes, uma vez que se registra ausência significativa de movimentos retóricos essenciais a um bom resumo. Os resultados encontrados nesta pesquisa, provavelmente se devem ao fato de a cultura escolar brasileira não disseminar, não ensinar, de forma adequada, como deve ser elaborado um resumo eficiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 6028/2003. *Informação e documentação – resumo – apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Language, Context, and Text: aspect of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oup, 1989.

HASAN, Ruqaiya. What's go on: a dynamic view of context in language. In: CLORAN, Carmel; BUTT, David; WILLIAMS, Geoffrey. (Orgs.). *Ways of saying of meaning*. Selected papers of Ruqaiya Hasan.,p. 37-50.

HYLAND, Ken; SALAGER-MEYER, Françoise. Scientific writing. *Annual Review of Information Science and Technology*. S.l.: s.n. 2008.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. *Indexação e resumos: teoria e prática*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. Cortez: São Paulo, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2010b. p. 19-38.

MORKAZEL, Marisa. Guy Veloso: uma travessia com os irmãos das almas. *Arteriais*, Pará, vol. 1, n 1, p. 67, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes>>. Acesso em: 16-06-2015.

REVISTA da Faculdade de Direito – UFPR. Paraná: UFPR, vol. 60, n. 1, 2015. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito>>. Acesso em: 18-06-2015.

REVISTA da Faculdade de Direito – UFPR. Paraná: UFPR, vol. 60, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito>>. Acesso em: 18-06-2015.

REVISTA Moringa – UFPB. Paraíba: UFPB, vol. 5, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/index>>. Acesso em: 18-06-2015.

REVISTA Moringa – UFPB. Paraíba: UFPB, vol. 6, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/index>>. Acesso em: 18-06-2015.

REVISTA Urbe. Paraná: PUCPR, vol. 7, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/urbe?dd99=about>>. Acesso em: 18-06-2015.

REVISTA Urbe. Paraná: PUCPR, vol. 7, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/urbe?dd99=about>>. Acesso em: 18-06-2015.

SWALES, John Malcolm. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: CUP, 1990.

_____; FEAK, Christine. *Abstracts and the writing of abstracts*. United States of America: University of Michigan, 2009.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

_____; FEAK, Christine. *Academic writing for graduate students: essential tasks and skills: a course for non native speakers of English*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.

TAGLIAMONTE, Sali A. Discourse/Pragmatic Features. *Variationist Sociolinguistics: Change, Observation, Interpretation*. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2012.

SUMÁRIO⁴⁵

0. Apresentação –	5
<i>José Pereira da Silva</i>	
1. A construção subjetiva promovida pela revista <i>Capricho</i> em 2013 sob um olhar bakhtiniano	9
<i>Olivaldo da Silva Marques Ferreira</i>	
2. Análise da campanha publicitária “contos de fadas” dO Oticário	19
<i>Édina de Fatima de Almeida e Dircel Aparecida Kailer</i>	
3. Dialogismo bakhtiniano e suas interfaces com a sociopragmática	30
<i>Bruno Gomes Pereira</i>	
4. Discurso jocoso em músicas que incitam a violência contra a mulher: materialidade linguística	44
<i>Claudete Carvalho Canezin e Edina Regina Pugas Panichi</i>	
5. Embates discursivos no Congresso Nacional a respeito da implementação (ou não) do novo conceito de família: um olhar midiático	55
<i>Fernanda Pinheiro de Souza e Silva</i>	
6. Gêneros textuais/discursivos e ensino: uma análise de atividades com gêneros orais em coleções didáticas do ensino fundamental II	74
<i>Gilvan Mateus Soares</i>	
7. Lendo o vampiro na contemporaneidade: uma perspectiva <i>queer</i>	85
<i>Elio Marques de Souto Junior</i>	
8. O funk consciente de Mc Garden	95
<i>Leonardo Gomes de Souza, Lídia Maria Nazaré Alves, Vithor Pierkaski Maia Alves e Ivete Monteiro de Azevedo</i>	

⁴⁵ Os primeiros doze trabalhos relacionados neste sumário foram publicados na primeira edição, no mês de agosto de 2016. Os seguintes, são acréscimos da segunda edição.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

9. **Reflexões sobre a representação de gênero no conto “Imitação da Rosa” de Clarice Lispector e “Uma Carta” de Machado de Assis** 116
Lorena da Fonseca Cavoli e Lídia Maria Nazaré Alves
10. **Representação do ator social Xuxa em uma reportagem da revista *Contigo! Marketing* na linguagem publicitária** 128
Bruno Gomes Pereira
11. **Um pequeno esboço a partir do Samba de Uma Nota Só: da metalinguagem da Bossa Nova e seu arquétipo estético** 148
Manuela Chagas Manhães
12. **“Você não imagina do que uma Duloren é capaz”: um estudo de caso** 161
Rodrigo Cristiano Alves, Larissa Rodrigues Natalino e Sônia Maia Teles Xavier
13. **Dito e não dito, imagens de sujeito e discursividade: significados possíveis em uma peça publicitária da Vivo** 180
Edna Pereira da Silva, Lucilene Vieira Gomes Santos e Renato Pereira Aurélio
14. **Educação escolar indígena: opressão e resistência** 200
Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi e Marlon Leal Rodrigues
15. **Formações discursivas em torno da relação sexualidade e gravidez na adolescência** 218
Renato Pereira Aurélio, Alcinea Mascarenhas da Silva, Eliane Pereira Soares Lisboa e Sofia de Oliveira Gangá Viana
16. **Edgard Navarro e as fronteiras entre público e privado**..... 234
Maiara Bonfim Barbosa
17. **Analisando discursos criticamente: empoderando a formação de professores de língua inglesa para um ensino inclusivo** ... 249
Amanda de Oliveira Lopes, Cecília Leal, Cláudia Cristina Mendes Giesel, Fernanda Santarelli e Rayza Loureiro
18. **Análise da construção identitária por meio da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, lançado em 1960** 261
Caroline Fernandes

19. **Atividades de referência: o uso de marcadores temporais em narrativas afiliadas ao lendário amazônico** 270
Heliud Luis Maia Moura
20. **De Heloísa para Abelardo: cenografias no gênero epistolar** 286
Josenéia Silva Costa
21. **Efectos de discurso y reformulación** 299
Marcia Arbusti
22. **Mulher negra, cabelo e empoderamento: uma análise do seriado *Sexo e as Negas*** 311
Natália Godofredo de Oliveira, Maria Anselmo dos Santos e Vanessa Ribeiro Teixeira
23. **O discurso polêmico da subjetivação da mulher nutriz** 329
Criseida Rowena Zambotto de Lima
24. **Pixo: identidades, discursos e performances** 343
Maria Carolina da Silva Araujo
25. **Teoria e análise do gênero "resumo" em artigos científicos: uma abordagem a partir dos movimentos retóricos** 362
Christine Mello Minister